UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

AS NARRATIVAS DO REINO

Análise narrativa de programas televisivos da Igreja Universal nas madrugadas mineiras

Marco Túlio de Sousa

Belo Horizonte
2014

Marco Túlio de Sousa

AS NARRATIVAS DO REINO

Análise narrativa de programas televisivos da Igreja Universal nas madrugadas mineiras

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto de Carvalho

Belo Horizonte
2014

301.16
S725n
2014

Sousa, Marco Túlio de

As narrativas do Reino [manuscrito]: análise narrativa de programas televisivos da Igreja Universal nas madrugadas mineiras / Marco Túlio de Sousa. - 2014.

186 f. : il.

Orientador: Carlos Alberto de Carvalho.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Igreja Universal do Reino de Deus – Teses. 2. Comunicação – Teses. 3. Comunicação de massa – Teses. 4. Religião - Teses. I. Carvalho, Carlos Alberto de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

As narrativas do Reino: Análise narrativa de programas da Igreja Universal nas madrugadas mineiras

Marco Túlio de Sousa

Dissertação defendida e aprovada pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Bruno Souza Leal
(UFMG)

Prof. Dr. Karla Regina Macena Pereira Patriota
(UFPE)

Prof. Dr. Carlos Alberto de Carvalho
(orientador – UFMG)

Programa de Pós-graduação em Comunicação Social
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, 30 de abril de 2014.

AGRADECIMENTOS

Ao lembrar os dois anos de mestrado que resultaram nesta dissertação bate aquele sentimento bom de saudade e alegria pelas experiências vividas, pelo crescimento pessoal e acadêmico nesse período. Ficam também as lembranças das dificuldades que não foram poucas, mas que se tornaram mais suaves com o apoio e carinho daqueles cujas histórias se encontraram com a minha, transformando-a e enriquecendo-a. As palavras que seguem, embora não suficientes, são para expressar a minha gratidão a vocês.

Agradeço a Deus, a quem sempre peço sabedoria e coragem para trilhar os meus caminhos e superar os obstáculos.

Aos meus pais, que sempre me apoiaram nos meus projetos. Ao meu pai pelo apoio e auxílio nas gravações. A ele, minha mãe e ao meu irmão pela paciência, carinho e por sempre acreditarem na minha capacidade.

Ao Carlos, que topou orientar este trabalho. Obrigado pela compreensão, orientações, palavras de incentivos e acompanhamento nos estágios docentes. Termino esse mestrado na certeza de que tenho em você um amigo e uma inspiração para minha vida pessoal e profissional.

Aos amigos da turma do mestrado. Nanda, Campa e Débora, companheiros no café da biblioteca, no lanche da cantina ou na cerveja do Cabral. Ao Alexandre, Gober e à Bárbara, vizinhos no Liberdade, que sempre encontravam um tempinho para uma cerveja gelada e uma boa conversa. À Luizinha, minha companheira de orientação, pelas longas conversas e partilha das alegrias e sofrimentos durante as nossas "dissertações que não acabavam". E aos demais colegas da turma: Bernard, Humberto, Elias, Leandro, Fabíola, Marta, Daniel e Claudia pela companhia nesse período. Nós conseguimos!

Ao Bruno pelos constantes ensinamentos: no Tramas, nas aulas, na qualificação e nas conversas de corredor. Obrigado também por aceitar avaliar este trabalho.

À professora Luciana, pelas valiosas sugestões na qualificação. E à professora Graziela, pelos comentários sobre o projeto.

Aos professores Elton, Vera e Geane, pelo conhecimento adquirido em suas disciplinas, o qual, de alguma maneira, está presente nesse e em outros trabalhos.

À professora Karla Patriota, por ter aceitado o convite para participar da banca e avaliar esse trabalho.

Às secretárias Elaine e Tatiane, sempre solícitas e pacientes com os alunos.

Aos alunos da disciplina Mídia, Religião e Poder com quem tanto aprendi principalmente sobre sentido de ser professor.

Aos amigos do Tramas: Leandro, Joyce, PH, Nuno, Pedro, Bárbara, Pru, Herom, João, Samuca, Marcos, Lívia, Lólis, Laiza, Widller, Luiz, Rafa e Flávio e pelas conversas e críticas nas reuniões. E ao amigo Igor, por toda ajuda e companheirismo nas atividades do Domínio.

Aos amigos do apê e da pensão da dona Ivone: Felipe, Gabriel, Rafa, Marcos, Karina, Alessandra, Valéria, Laryssa e Brenda pela boa convivência.

Aos bons amigos de Juiz de Fora: Cícero, Patológico, João, Jefferson, Weden, Paulo, Cleiton, Ana Cláudia, Rodrigo, Vitor, Rod, Pollyana, Lukasz, Hélio, pelo carinho com que sempre me recebem e por não deixar a distância diminuir nossa amizade.

Às amigas de Pernambuco: Simone e Manu, pelas constantes ligações, conselhos e por sempre me colocarem em suas orações.

A todos os familiares, tios, primos e, em especial, a minha querida avó, pela confiança de sempre e preocupação constante.

Aos amigos do cursilho: Anilson, Walker, Bruna, Weslei, Juliana, Tácio e Wellington pela acolhida e orações.

A todos os amigos palhaços e em especial: André, Keninha, Cássia, Moisés, Fátima e Pedro, por me mostrarem a beleza do ridículo.

Aos amigos da Psicologia: Ana Luiza, Carol, Jeferson, Letícia, Lorena e Thaís pelo apoio constante e pelos momentos de alegria.

Aos demais amigos de Itaúna: Luanna, Renato, Carol, André, Camila, Mariana, Tiago e Saulo pela amizade e companheirismo de sempre.

E à Jênifer, minha menina da Soter, minha amiga, minha revisora, minha namorada, por toda a paciência, carinho, amor e incentivo. Obrigado por me ouvir e acreditar em mim, quando eu mesmo não acreditava. Por ter me aceitado em sua vida e ter entrado na minha vida em um momento tão tenso e intenso e trazer sua doçura e alegria para ela. Essa dissertação é mais um capítulo da história que escrevemos juntos.

RESUMO

Este trabalho trata das narrativas religioso-midiáticas da Igreja Universal do Reino de Deus na Programação IURD mineira, que corresponde a um conjunto de programas televisivos veiculados diariamente pela Record Minas durante as madrugadas. Como recorte, escolhemos algumas edições do mês de julho de 2012, quando a igreja completou 35 anos de existência. Para desenvolver a análise, propomos uma triangulação teórica que contempla os conceitos de dispositivo, narrativa e experiência procurando perceber como estes se afetam mutuamente e se constituem nas suas interconexões. Tendo em vista este aparato conceitual, nosso objetivo consiste em olhar para a Programação IURD procurando identificar nos mundos que suas narrativas deixam ver possíveis pontos de força, de tensão, aspectos que ganham visibilidade, silenciamentos que emergem, bem como o público que se imagina atingir com as mesmas. Dessa forma, também pretendemos analisar o modo como a Universal se narra e por esta mediação narrativa se relaciona com os espectadores e com outros setores da sociedade.

Palavras-chave: Mídia; Religião; Narrativa; Igreja Universal, Programação IURD.

ABSTRACT

This paper is about the mediatic-religious narratives from the Igreja Universal do Reino de Deus at the Programação IURD in Minas Gerais, which corresponds to a set of television programs broadcasted daily by Record Minas during late nights. As a framework, we picked a number of programs from July 2012, when the church completed 35 years of existence. In the developing of the analysis, we propose a theoretical triangulation that features the dispositive, narrative and experience concepts, attempting to realize how they affect each other and how they are constituted in their interconnections. Having in mind this conceptual display, our goal is to look at the Programação IURD seeking to identify, in the worlds that their narratives bring to light, possible points of strength or tension, aspects that gain visibility, silences that emerge, as well as the public imagined to be reached. Thus, we also intend to study how the Universal narrates itself and, through this narrative mediation, how the Universal relates itself with viewers and with other sectors of society.

Keywords: Media; Religion; Narrative; Igreja Universal; Programação IURD.

LISTA DE FIGURAS

1 – FIGURA 1: Esquema sobre dispositivo, narrativa e experiência.....38
2 – FIGURA 2 - Projeto do Templo deSalomão.....80
3 – FIGURA3: Grade de Programação da Record.....101
4 – FIGURA4: Terapia do Amor do dia 10/07/2012.....102
5 – FIGURA5: Ponto de Luz do dia 10/07/2012.....102
6 – FIGURA6: plano mais fechado do bispo Marcio Carotti.....103
7 – FIGURA7: plano mais aberto do bispo Márcio Carotti.....103

LISTA DE TABELAS

1 – TABELA 1: Dias da semana, reuniões, temas principais.....78
2 – TABELA 2: Distribuição dos dias na Semana Falsa.....99
3 - TABELA 3: Dias, reuniões, programas de TV e temas.....111
4 – TABELA 4:Semana Falsa detalhada 112-114
5 – TABELA 5: Dias, reuniões e quantidade de programas direcionados.....115
6 –TABELA6: Pastores, número de participações e programas.....115-116

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

1 – CAPÍTULO I: MÍDIA E RELIGIÃO: MODOS DE SE ESTAR NO MUNDO.....14

1.1 – O que é um dispositivo.....14

1.2 – Foucault e o lugar do dispositivo.....16

1.2.1 - Deleuze e as linhas do dispositivo foucaultiano.....20

1.2.2 – O enunciado e a narrativa como dispositivo.....23

1.3 – Mídia e religião – sentidos sobre o mundo.....29

1.3.1 – O Sagrado como realidade por excelência.....30

1.3.2 – A sociedade midiatizada.....33

2 – CAPÍTULO II: 2 –DISPOSITIVO, NARRATIVA E EXPERIÊNCIA: UMA TRIANGULAÇÃO POSSÍVEL.....36

2.1 – A construção de um olhar sobre a Programação IURD.....36

2.2 – A tessitura da narrativa na visão de Paul Ricoeur.....40

2.3 – Experimentar o narrar, narrar a experiência.....46

2.4 – A dimensão narrativa da TV.....49

3 – CAPÍTULO III: 3 – DA DESSACRALIZAÇÃO DA EXISTÊNCIA HUMANA AO RE-ENCANTAMENTO PENTECOSTAL E MIDIÁTICO.....57

3.1 - A religião como dispositivo.....57

3.2 – A dessacralização da existência humana.....64

3.3 – As origens do pentecostalismo.....68

3.3.1 – As três ondas do pentecostalismo brasileiro.....71

3.3.2 – O neopentecoslismo.....73

3.4 – A Igreja Universal do Reino de Deus: do coreto ao templo de Salomão.....75

3.5 – Mídia e Religião: conceitos e perspectivas.....82

4 –CAPÍTULO IV: AS NARRATIVAS DO REINO.....91

4.1 – Record: entre o religioso e o comercial.....91

4.1.2 – Fala Que Eu Te Escuto.....93
4.2 – Metodologia e Procedimentos Metodológicos.....97
4.2.1 - Procedimentos metodológicos.....98
4.3 – A Programação IURD.....100
4.3.1 – O formato dos programas.....106
4.3.2 – Os programas da Programação IURD.....110
4.4 – A arquitetura narrativa da Programação IURD.....118
4.5 – As narrativas do Reino.....125
4.5.1 – O problema médico e a cura pela fé.....126
4.5.2 – O problema judiciário.....129
4.5.3 – O problema financeiro e a teologia da prosperidade.....132
4.5.4 – O problema sentimental e o relacionamento abençoado.....139
4.5.5 – O problema espiritual e a tolerância aparente: a Universal e as outras religiões.....147
4.6 – Pontos de sacralização: a mediação narrativa no ritual religioso-midiático.....152
4.7 – O ao vivo como problema ou como solução.....161
4.8 – Os 35 anos da IURD ou o que a Universal conta de si.....168

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....175

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....180

INTRODUÇÃO

3 horas da madrugada de uma terça-feira. Sem conseguir dormir, dona Maria levanta e vai até a cozinha. Ainda sentindo a dor na perna direita que a incomoda vez ou outra ela vai devagar. Lá toma um copo d'água para depois abrir a lata de biscoitos. Não havia muita coisa. O que tinha ganhado na cesta básica já estava no fim. Enquanto come ela se lembra do filho e olha para o relógio na parede. 3 horas e 5 minutos e nada do menino. A esperança era que chegasse cedo e mais tranquilo do que outras vezes, quando a droga ou a bebida o deixavam nervoso. Dona Maria leva o copo para a sala, pega o controle e liga a TV. Passa por alguns canais até chegar à Record.

Um homem identificado como pastor da Igreja Universal apresenta um programa em que pessoas ligam e contam seus problemas, os quais variam desde a falta de dinheiro, envolvimento com drogas, traição de amigos e do cônjuge a doenças tidas como incuráveis. Dona Maria também assiste outras que relatam emocionadas terem tido problemas como estes, porém encontraram a solução depois de irem a um templo da Universal. O programa volta para o estúdio e o pastor diz: "você que tá aí em casa, o seu presente é o passado dessas pessoas" e faz um convite para a reunião que seria realizada naquele dia. Ele ainda diz que não tem problema nenhum a pessoa ser de outra religião. O programa termina com a benção do copo com água, que dona Maria acompanha atentamente em casa. O programa dá lugar a outro bem parecido, mas com um pastor diferente como apresentador.

A situação acima é fictícia, mas serve para ilustrar os programas que compõem a Programação IURD, bem como o público imaginado pelos pastores quando estes se referem "a quem está em casa". Todos os dias, durante as madrugadas mineiras a Universal coloca no ar por cerca de 5 horas programas que seguem o modelo esboçado. Ao público é apresentado um mundo onde forças sobrenaturais antagônicas duelam pela humanidade. Não há meio termo, ou se está de um lado ou de outro. À influência dos espíritos malignos são atribuídos todos os males, sejam eles físicos, psicológicos, financeiros ou sentimentais. Para não ser afetada pelo mal a pessoa precisaria saber usar a sua fé e ter uma "blindagem" espiritual, algo que poderia ser adquirido em um dos templos da Universal. Com a proteção espiritual viria também a prosperidade e o sucesso em todas as áreas da vida.

Este é um breve resumo do que encontramos nas narrativas da Programação IURD, uma das principais expressões da presença da religião na mídia brasileira.

Assim, nosso esforço consiste em detectar que mundos tais narrativas configuram, o que se procura afirmar e negar, quem são os personagens e a intriga em que estão envolvidos, que tipo de tensões podemos entrever e o modo como se relacionam com o público em casa.

Estruturamos nosso olhar sobre a Programação IURD a partir de uma triangulação teórica que compreende os conceitos de dispositivo, narrativa e experiência, pensando-os não isoladamente, mas nas possíveis interconexões que se estabelecem entre eles. Essa abordagem, embora nos exija um cuidado teórico-metodológico, tem a vantagem de deixar entrever aspectos que poderiam escapar caso essas três instâncias não fossem consideradas de forma conjunta. Possibilita-nos pensar como a narrativa diz tanto de uma experiência dos seres no mundo, como também convoca-os a uma experiência ao travarem contato com ela. Nessa dinâmica o dispositivo é visto não apenas como aquilo que faz as narrativas emergirem, mas, mais do que isso, como o próprio texto, objeto de luta e disputa de sentidos e poderes.

O lugar teórico em que nos inscrevemos, bem como os propósitos analíticos desse trabalho, levou-nos a sistematizarmos esta dissertação em quatro capítulos. Os dois primeiros oferecem um preâmbulo teórico que contempla os conceitos apontados acima. No primeiro damos destaque ao conceito de dispositivo aproximando as abordagens de Foucault (2012), Deleuze (1996) e Agamben (2005) sobre o dispositivo e do próprio Foucault sobre o enunciado, com a visada de Ricoeur (2010a, 2010b, 2010c) no tocante às narrativas. Tendo em vista que as narrativas são uma forma de experiência da realidade, voltamos a nossa atenção no final do capítulo para a mídia e a religião pensando sobre o modo como cada uma enseja diferentes formas de se estar no mundo e que são estruturadas também de forma narrativa.

O segundo capítulo avança a partir do já exposto e procura delinear as relações entre dispositivo, narrativa e experiência, indicando como tal entendimento nos auxilia na construção de um olhar sobre a Programação IURD. Retomamos Ricoeur e apresentamos com mais detalhes sua discussão sobre a narrativa, uma vez que tal dimensão é central para os nossos interesses analíticos. No último tópico do capítulo nosso esforço consiste em abordar a TV tendo como foco a dimensão narrativa que a constitui.

No terceiro capítulo tratamos da Igreja Universal. Mantendo a coerência com a discussão empreendida, procuramos em um primeiro momento pensar a religião como dispositivo para passarmos aos processos de desencantamento do mundo (WEBER,

2006; ELIADE, s.d.), bem como o seu oposto, o re-encantamento (PRANDI, 1996), do qual o pentecostalismo e a própria Universal fazem parte. Apresentamos um histórico do movimento pentecostal a fim de situar a Universal e apontar as características que a definem de acordo com autores da sociologia (MARIANO, 1999; ORO, 2007). Por fim, ao tratarmos das conexões da igreja com a mídia passamos a uma breve abordagem dos conceitos que tem sido empregados para se pensar as relações entre mídia e religião.

O quarto capítulo corresponde à análise propriamente dita. Nele, oferecemos uma descrição detalhada sobre a Programação IURD e apresentamos a metodologia e os procedimentos de análise que adotamos, os quais estão em consonância com o nosso referencial teórico. Em seguida, discorremos sobre as narrativas religioso-midiáticas dos programas buscando em sua diversidade tanto elementos comuns quanto situações desviantes, observando tensões e intenções, afirmações e negações, silêncios e repetições e assim procurando entrever nas relações de sentido as relações de poder que as constituem.

Esperamos que ao investigar as narrativas religioso-midiáticas da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) na sua Programação diária nas madrugadas mineiras possamos auxiliar em um maior entendimento das relações que esta denominação constrói com outros setores da sociedade e questões de importância social, bem como com o seu público alvo. De igual modo, a partir deste estudo de caso específico esperamos ter oferecido alguma contribuição para os estudos em mídia e religião.

1 – MÍDIA E RELIGIÃO: MODOS DE SE ESTAR NO MUNDO

É recorrente encontrarmos o termo "dispositivo" em trabalhos acadêmicos. Muitas das vezes utilizado não como um conceito que problematiza questões, mas com o sentido mais próximo daquilo que já está incorporado ao senso comum, qual seja, como objeto da ordem do universo tecnológico, por exemplo: o celular é um dispositivo móvel. Tal acepção aparece não raro também em artigos que versam sobre os "dispositivos midiáticos" e mesmo em estudos que derivam dele um forte teor explicativo.

Embora reconheçamos que a dimensão da técnica e da "tecnologia" corresponde a propriedades do que se denomina "dispositivo", é preciso frisar que o conceito na forma como foi concebido por Michel Foucault (2012) não se limita a este aspecto. Muito pelo contrário, a técnica ou tecnologia consiste em apenas uma das dimensões envolvidas nas complexas relações de poder que o dispositivo tece ou que nele são tecidas pelos sujeitos em suas experiências.

Por meio de uma revisão de literatura sobre o conceito buscaremos em um primeiro momento dar conta do potencial heurístico que ele nos traz na formulação inicial foucaultiana e nas leituras de Gilles Deleuze e Giorgio Agamben a partir do próprio Foucault. Em seguida, por meio de um esforço analítico-teórico objetivamos mostrar em que medida podemos pensar o enunciado e a narrativa como dispositivos, no que ousamos aproximar a perspectiva de Foucault sobre enunciado e dispositivo ao entendimento de Paul Ricoeur sobre as narrativas. Esta preambulação teórica nos servirá de auxílio para compreendermos como a Programação IURD, ao apresentar narrativas midiático-religiosas, disponibiliza ao público um lugar de experiência no mundo marcado por tensões, disputas de poder e de sentido existentes neste espaço de interconexão entre religião e mídia. Antes, porém, cabe uma breve apresentação do conceito.

1. 1 – O que é um dispositivo

Ao fazer uma consulta no dicionário "Michaelis" em sua versão online[1] pesquisamos pelo termo "dispositivo". Tendo em vista que dicionários são instrumentos

[1]Dicionário Michaelis. Disponível em: http://michaelis.uol.com.br/. Acesso: 10/07/2013

de estabilização de sentidos que têm como funcionalidade informar que entendimento de uma palavra é mais aceitável em determinada época, pensamos ser interessante apresentar a definição tal como exposta nesse contexto a fim de que possamos tanto esclarecer como ela difere da conceituação proposta por Foucault, como também perceber pistas daquilo que o autor compreende enquanto "dispositivo". Desse modo,

> **Dispositivo:**
> *Adj*(*lat dispositu+ivo*)**1Próprio para dispor.2Que contém ordem, prescrição, disposição; determinativo.*SM*1Regra, preceito.2*Dir*Artigo de lei**.**3**Qualquer peça ou mecanismo de uma máquina destinados a uma função especial.**4**Inform. Cada uma das várias peças úteis ou máquinas menores de um equipamento. Exemplos: *controlador de vídeo, leitora de cartão magnético, mouse, etc. D. apontador, Inform:* dispositivo de entrada que controla a posição de um cursor na tela conforme esse é movido pelo usuário.*V* também *mouse*. *D. de apontamento relativo, Inform:* dispositivo de entrada (como um *mouse*). *D. de blocos, Inform:* dispositivo que manipula vários *bytes* de dados de uma vez. Ex: unidade de disco.D. de entrada/saída, Inform: V unidade de entrada/saída. D. multidisco**,** *Inform:*dispositivo que utiliza diversos tamanhos e formatos de discos.*D. MIDI, Inform:*dispositivo que pode receber ou enviar dados MIDI. (MICHAELIS, 2013, grifos nossos)

Nas definições 3 e 4 aparecem sentidos que ressoam amiúde no senso comum, ou seja, dispositivo é "qualquer peça ou mecanismo de uma máquina destinadas a uma função especial" ou consiste em "cada uma das várias peças úteis ou máquinas menores de um equipamento". Tais aspectos, juntamente com os exemplos do excerto, nos informam de uma acepção técnica ou meramente tecnológica, dimensão esta que permanece em alguma medida na conceituação foucaultiana, mas que, no entanto, não se limita à mesma. O próprio termo "mecanismo" sugere certa dureza, ao implicar uma repetição constante e ordenada de uma ação.

Para os nossos propósitos é importante observar que dispositivo corresponde a um "organizar", a um "ordenar". Assim, conforme consta nas definições, a maneira com que o dispositivo "funciona" diz respeito a um "1 - modo próprio para dispor", a algo que "2 – contém ordem, prescrição, disposição; determinativo". As definições 1 e 2 nos dão valiosas indicações. A partir delas podemos nos arriscar a dizer que o dispositivo tem como propriedade **"organizar" algo (ou alguém) de uma determinada forma**. Assim, o dispositivo convoca aquilo (ou aquele) que ele "organiza" a determinadas ações, estabelecendo formas adequadas e inadequadas de agir enquanto se está circunscrito à sua esfera de influência ou, passando à abordagem foucaultiana, enquanto permanece nas teias de **relações de poder** que o dispositivo dá a ver.

Este brevíssimo exercício interpretativo nos mostra que os sentidos do termo em

questão vão muito além de sua designação de âmbito técnico ou tecnológico. Dispositivo diz a respeito a um modo próprio (diferenciado, portanto) de organizar, de dispor (pôr ou colocar de alguma forma). Avançando na discussão e aproximando de Foucault, poderíamos dizer que tem a ver com os indivíduos que se relacionam com esses dispositivos, interferindo em tais modos de organização e sendo organizados por eles. No entanto, como veremos a seguir, a proposição foucaultiana escapa a qualquer determinismo, sendo que as condições de manutenção do poder são dialética e simultaneamente as mesmas das condições de superação do mesmo.

1.2 – Foucault e o lugar do dispositivo

Embora Foucault não tenha se identificado como estruturalista e tampouco tenha aceitado o rótulo de pós-estruturalista, por vezes tem sido colocado nos limites da primeira corrente ou como um dos expoentes da segunda por seus comentadores (CEZAR, 1995). Não entraremos em detalhes dessa polêmica, uma vez que foge ao escopo deste trabalho. O que importa para nós é precisar minimamente o lugar do pensamento de Foucault a fim de pensarmos as implicações daquilo que em alguns raros momentos de sua obra ele chamou de dispositivo.

Em "Estruturalismo e Pós-Estruturalismo na Perspectiva do Conhecimento Histórico" (1995) Temístocles Cezar oferece uma síntese do que foram tais correntes e de que modo elas afetaram a forma como a História é pensada na academia. Ao percorrer autores como Saussure, Lévi-Strauss, Althusser, dentre outros, o autor faz um breve inventário das principais concordâncias e discordâncias de Foucault em relação ao estruturalismo.

> Foucault mantém-se atrelado a certas premissas comuns ao estruturalismo, tais como a ausência do sujeito, a destituição do homem como objeto central das ciências humanas e a descontinuidade histórica; e inversamente àquele paradigma para Foucault a inscrição da historicidade em suas próprias pesquisas é uma premissa inconteste, além de não mostrar-se convencido das **possibilidades formais apresentadas por um sistema como linguagem.** (CEZAR, 1995, pp. 136-137, grifos do autor)

Segundo o referido autor, Foucault procurou se afastar do estruturalismo ao desviar de temas e investigações que poderiam levar a invariantes universais. Deleuze (1996) aponta que em Foucault o conceito de dispositivo surge como uma alternativa aos universais totalizantes que regeram as ciências humanas, como a ideia de uma

Razão consensual e universal que libertaria os homens ou do seu oposto, qual seja, a completa alienação. O caráter universal da noção de dispositivo não trai o projeto de pesquisa do autor, pelo contrário, ao funcionar como um universal não totalizante, o dispositivo faz emergir problemas em vez de sacar uma solução definitiva para questões particulares.

O termo dispositivo só foi aparecer em Foucault tardiamente, mais precisamente na década de 1970. Não obstante, a ideia contida nele perpassa toda a obra do autor. A discussão de Foucault sobre as instituições e a formação da subjetividade do indivíduo se alicerça neste conceito chave, que tem sido retomado constantemente nas mais diversas investigações. Basearemo-nos nas leituras de Agamben (2005) e Deleuze (1996) da obra de Foucault a fim de problematizarmos possíveis atribuições do termo.

Uma das primeiras dificuldades em se falar de dispositivo consiste no fato de Foucault pouco ter utilizado o termo, além de não ter apresentado em nenhum momento uma definição decisiva para ele. Ao realizar uma genealogia do dispositivo, Agamben (2005) aponta que o que mais se aproxima do conceito na obra do autor consiste no termo "positividade". Em "A Arqueologia do Saber", livro de 1969, "positividade" é entendida como algo da ordem de uma historicidade regida por relações de poderes que se presentifica nas enunciações individuais. Assim, "a positividade de um discurso – como o da história natural, da economia política, ou da medicina clínica – caracteriza-lhe a unidade do tempo e muito além das obras individuais, dos livros e dos textos" (FOUCAULT, 2012, p. 154).

A positividade corresponde a um *a priori* histórico, ou seja, uma condição necessária para que alguns enunciados possam ser pronunciados e adquiram certos sentidos em detrimento a outros. Isso está diretamente relacionado com as relações de poder que são tecidas na relação entre indivíduos e dispositivos. Nas palavras de Agamben (2005), podemos dividir "tudo que existe" em dispositivos e seres viventes. Os sujeitos emergem a partir do momento em que indivíduos são interpelados ou, podemos também dizer, são "capturados" pelos dispositivos.

De acordo com o pensador italiano, a palavra "dispositivo" começa a aparecer com mais frequência na obra de Foucault quando o autor francês passa a se dedicar àquilo que chama de "governabilidade" ou governo dos homens. Em uma entrevista no ano de 1977, Foucault chega a sugerir uma caracterização para o que ele chama de dispositivo. Tal caracterização é resumida por Agamben (2005) em três pontos.

> 1) [O dispositivo] é um conjunto heterogêneo, que inclui virtualmente qualquer coisa, linguístico e não-linguístico no mesmo título: **discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança, proposições filosóficas** etc. **O dispositivo em si mesmo é a rede** que se estabelece entre esses elementos.
> 2) O dispositivo tem sempre **uma função estratégica concreta e se inscreve sempre em uma relação de poder**.
> 3) É algo de geral (um *reseau*, uma 'rede') porque inclui em si a episteme, que para Foucault **é aquilo que em uma certa sociedade permite distinguir o que é aceito como um enunciado científico daquilo que não é científico**. (AGAMBEN, 2005, p. 10, grifos nossos)

O dispositivo "funciona" para Foucault como um operativo universal que vai de encontro a proposições filosóficas que dizem de uma universalidade inerente a um sujeito fundador, de uma Razão única que levaria ao consenso e à ordem. Neste sentido, embora o dispositivo tenha o valor de um universal, ele não possui o mesmo caráter totalizante que os conceitos pelo autor criticados, como já citado acima. Pelo contrário, a perspectiva do dispositivo nos diz de um modo de pensar nas bifurcações da Razão ou de uma alienação que se acredita absoluta, oferecendo, portanto, meios de tensioná-las.

Em um exercício interpretativo, Agamben procura avançar na discussão foucaultiana ampliando a aplicação do conceito de dispositivo ao máximo. Assim,

> Generalizando posteriormente a já amplíssima classe dos dispositivos foucaultianos, chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo **a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes**. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o panóptico, as escolas, as confissões, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc, cuja conexão com o poder é em um certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e - porque não - a linguagem mesma, que é talvez o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares e milhares de anos um primata - provavelmente sem dar-se conta das consequências que se seguiriam - teve a inconsciência de se deixar capturar. (AGAMBEN, 2005, p. 13, grifos nossos)

Tendo em vista que os indivíduos se relacionam cotidianamente com vários tipos de dispositivos, isso significa dizer que estão passando por inúmeros processos de subjetivação e se relacionando com diversas instâncias de poder. No tocante à mídia, o autor fala brevemente do celular e da televisão em seu texto. Contudo, para ele, os dispositivos midiáticos apontam não para processos de subjetivação, mas pelo contrário, estes nos levariam a um caminho que corresponderia exatamente ao contrário desse processo.

> Aquele que se deixa capturar no dispositivo "telefone celular", qualquer que seja a intensidade do desejo que o impulsionou**, não adquire, para isso, uma nova subjetividade, mas somente um número através do qual pode ser, eventualmente, controlado; o espectador que passa as suas noites diante da televisão não recebe mais, em troca da sua dessubjetivacão, que a máscara frustrante do *zappeur* ou a inconclusão no cálculo de um índice de audiência**. Daqui a futilidade daqueles discursos bem intencionados sobre a tecnologia, que afirmam que o problema dos dispositivos se reduz àquele de seu uso correto. Esses discursos parecem ignorar que, se todo dispositivo corresponde a um determinado processo de subjetivação (ou, neste caso, de dessubjetivação), é de tudo impossível que o sujeito do dispositivo o use "de modo justo". Aqueles que têm discursos similares são, de resto, a seu tempo, o resultado do dispositivo midiático no qual estão capturados. (AGAMBEN, 2005, p. 15, grifos nossos)

A crítica de Agamben ao dispositivo midiático se expande para outros dispositivos. Neste trabalho não cabe discutir a noção de dispositivo midiático que é cara ao nosso campo e vem sendo discutida por diversos pesquisadores (ANTUNES &VAZ, 2006; BRUCK, 2011; FERREIRA, 2006; KLEIN, 2007; MOUILLAUD, 1997), mas que escapa aos objetivos de nosso trabalho, uma vez que nosso interesse reside, de forma pontual, no entendimento do enunciado em sua dimensão narrativa como dispositivo. Não obstante, cabe assinalar que discordamos da visão apresentada pelo autor sobre o dispositivo midiático.

Agamben nos oferece um valioso ponto de partida para se pensar o dispositivo na sua retomada de Foucault e faz uma importante contribuição ao ampliar a aplicação do conceito para outros domínios. No entanto, na crítica que o autor faz ao dispositivo midiático e que também é feita a outros dispositivos na contemporaneidade, ele acaba se afastando da perspectiva de Foucault. No tocante ao dispositivo midiático, Agamben parece se restringir à esfera da enunciação, sem considerar as complexas dinâmicas de circulação, apropriação e significação dos textos midiáticos pelo público.

Além disso, dizer que os dispositivos midiáticos levam a processos de dessubjetivação implicaria ir na contramão de uma das operações essenciais do dispositivo, qual seja: constituir sujeitos. Logo, não poderíamos considerar os dispositivos midiáticos enquanto dispositivos se seguíssemos esse raciocínio, visto que em vez de fazerem emergir sujeitos eles operariam no sentido contrário. Curioso notar que Agamben critica justamente um discurso que “resume” a mídia a uma mera problemática que consistiria apenas a seu “uso correto”.

Não obstante, ao dizer que os dispositivos midiáticos não fazem emergir novas subjetividades, o que sobra dessa visão de dispositivo é justamente uma compreensão fechada, diferente da perspectiva dialética e dinâmica proposta por Foucault que

percebe no dispositivo um lugar que faz emergir sujeições, mas também subjetividades que permitem, inclusive, tensionarem o dispositivo. Em "Profanações" tal crítica reaparece: "os dispositivos midiáticos têm como objetivo, precisamente, neutralizar esse poder profanatório da linguagem como meio puro, impedir que o mesmo abra a possibilidade de um novo uso, de uma nova experiência da palavra (AGAMBEN, 2007, p. 76)".

A "profanação", termo que dá nome à obra, diz respeito a uma restituição daquilo que foi separado pelos dispositivos ao uso comum. Se a "consagração" remete a um corte, no qual lugares são atribuídos aos seres e modos de agir são autorizados e proibidos, a "profanação" se refere a uma subversão daquilo que foi consagrado, separado, e que é tornado profano, de acesso comum. Na obra referida, Agamben nos incita a "profanar" os dispositivos, ou seja, neutralizá-los e devolver à coletividade o que dela havia sido retirado (AGAMBEN, 2007, p. 68).

Embora o projeto de profanação de Agamben se revele interessante de um ponto de vista político, ou seja, como meio de tensionar relações de poderes estabilizadas, acreditamos que sua visão sobre o dispositivo acaba por se distanciar da perspectiva foucaultiana. Em artigo em que procura pensar a notícia como dispositivo Mozahir Salomão Bruck(2011) apresenta um bom resumo da crítica que estamos fazendo.

> Agamben formula, assim, sua perspectiva própria e quase (?) apocalíptica em torno dos dispositivos. Para ele, as sociedades contemporâneas se apresentam "como corpos inertes atravessados por gigantescos processos de dessubjetivação que não correspondem a nenhuma subjetivação real" (AGAMBEN, 2009, p.49). Pelo que, para o autor, é possível que se explique o eclipse da política, que pressupõe sujeitos e identidades reais (o movimento operário, a burguesia etc.), e o triunfo da *oikonomia*, isto é, de uma mera atividade de governo que visa somente à sua própria reprodução. Agamben não o afirma claramente, mas é evidente que sua percepção de dispositivo, que emerge dos estudos de Foucault se opõe a sua fonte. Poderíamos mesmo considerá-la anti-foucaultiana. Desconhece ou recusa na sua fonte conceitual a percepção autônoma, dinâmica, cinética, deslizante e de interminável devir dos dispositivos. (BRUCK, 2011, p. 13)

Passaremos agora à abordagem de Deleuze, que também retomou este conceito a partir de Foucault, mas que se mantém em uma perspectiva mais próxima à dele.

1.2.1 – Deleuze e as linhas do dispositivo foucaultiano

Enquanto Agamben (2005) realiza uma investigação de caráter genealógico,

indo até a etimologia do termo, mas depois ampliando-o e se distanciando do próprio Foucault, Deleuze centra-se exclusivamente no autor francês. O primeiro dá uma atenção maior à historicidade do conceito e em exemplificar o que pode ser considerado dispositivo, além de propor ações que visem "profaná-lo". Já o segundo preocupa-se em traçar "as linhas" que compõem o que Foucault chama de dispositivo a partir das relações de poder que nele estão implicadas.

Esses distintos olhares não inviabilizam aproximações. Ambos destacam o caráter multifacetário do conceito à medida que podemos considerar desde instituições a edifícios físicos e textos escritos como dispositivos. Outro ponto que adquire um papel central na abordagem dos dois autores consiste na capacidade do dispositivo em "criar" sujeitos (embora, conforme vimos acima, Agamben aponte para uma crise nesse aspecto). É no sujeito (e, portanto, na experiência dos indivíduos) que o dispositivo se individualiza, podendo vir a se transformar e até mesmo se decompor. Segundo Deleuze (1996, p. 2), "podemos nos perguntar se as linhas de subjetivação não são o extremo limite de um dispositivo, e se não esboçam elas a passagem de um dispositivo a outro: neste sentido, elas predispõem as 'linhas de fissura'".

As "linhas de fissura" expõem o dispositivo a fragilidades, podendo levá-lo, inclusive, à sua decomposição. É pela inserção dos sujeitos que o dispositivo mantém a sua força a fim de que se perpetue, mas é também pela ação desses sujeitos que um dispositivo pode vir a se esfacelar. Em Agamben esta instância é abordada de outra maneira, uma vez que ele sugere que os dispositivos instauram processos de subjetivação cada vez mais frágeis, devendo ser a atitude de profanação o que poderia colocá-lo em crise. Em Deleuze, cuja visada é mais próxima à de Foucault, é na formação das subjetividades que residiria o seu potencial transformador.

Além das duas "linhas" citadas ("subjetivação" e "fissura"), Deleuze identifica outras 3 dimensões que constituem o dispositivo. São elas: as "curvas de visibilidade"; as "curvas de enunciação"; e as "linhas de força". Passaremos rapidamente por cada uma das instâncias para entendermos o funcionamento do dispositivo.

A primeira dimensão nos diz de um "regime de luz". As "curvas de visibilidade" tornam certos elementos visíveis, como também apagam outros. Podemos citar como exemplo dado pelo próprio Foucault o panóptico, prisão em formato circular na qual o preso teria em seu centro uma torre bem alta, de modo que qualquer pessoa que estivesse presa não conseguiria ver um possível guarda no topo. Além disso, a distância não o permitiria visualizar o preso à sua frente e a espessa parede entre as celas

impossibilitaria qualquer comunicação. A ideia consiste no fato de que todos se comportariam bem porque se sentiriam vigiados o tempo todo, o que, inclusive, tornaria desnecessária a presença do vigia na torre. Dessa forma, podemos dizer que o panóptico, assim como todo dispositivo, oculta algumas coisas (a comunicação com outros presos e a visão do guarda) como deixa ver outras (a torre). Convoca modos de ver, de agir e, passando à segunda dimensão citada, modos de dizer (o que se permite).

A segunda dimensão que compõe o dispositivo é a das "curvas de enunciação". Na visão foucaultiana, os enunciados emitidos constituem e apresentam, neles mesmos, as regras de enunciação que os configuram. Falar em "curvas de enunciação" indica que os enunciados "remetem para linhas de enunciação sobre as quais se distribuem as posições inferenciais de seus elementos" (DELEUZE, 1996, p. 1).

A tarefa do pesquisador não deve ser a de buscar a origem de cada palavra a fim de uma suposta concepção total que abarque todos os seus sentidos, mas sim verificar em suas regularidades e descontinuidades nos textos que analisa as condições que permitiram com que ela fosse utilizada em determinada ocasião, bem como os sentidos que emergem das relações de poder aí presentes. O pesquisador deve atuar como um cartógrafo, fazendo uma "análise de terreno" em que ao mapear as "curvas de visibilidade" e as "curvas de enunciação" presentes nos textos consiga detectar as "linhas de força" que atravessam os dizeres e sustentam as relações entre os sujeitos envolvidos, bem como possíveis "linhas de fissura" do dispositivo em questão.

Por fim, as "linhas de força" perpassam todos os lugares do dispositivo, atravessando os seus componentes. É a dimensão do poder (e do saber) que é interior ao dispositivo e que tem por função ratificar as linhas das "curvas" que citamos acima, à exceção das "linhas de fissura". Se aquelas tendem a estabilizar as relações de poder inerentes ao dispositivo, estas operam no sentido contrário. Elas podem desestabilizar um dispositivo podendo levar até mesmo ao surgimento de um novo dispositivo. No entanto, essas "linhas de fissura" só são possíveis à medida que há uma individuação do dispositivo pelas "linhas de subjetivação", conforme já explicamos.

Como já tínhamos visto em nosso esforço interpretativo com as definições do dicionário Michaelis, o dispositivo implica um modo próprio de funcionamento. Ele "tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre em uma relação de poder" (AGAMBEN, 2005, p. 10). Ao ordenar os indivíduos, ele os "educa", interpelando-os a um modo de ser, de agir, de dizer, estabelecendo um certo e um errado (um sagrado e um profano, no caso da religião), provendo-os de uma orientação. No

entanto, o dispositivo não apenas ordena, como sugere a definição do dicionário, mas também é (re)ordenado pelos sujeitos, que só são sujeitos pela sua inscrição nos mais diversos dispositivos.

As linhas de subjetivação constituem as "linhas de força" mais poderosas dos dispositivos e ao mesmo tempo as mais frágeis. Não há sujeitos sem dispositivos e não há dispositivos sem sujeitos neles inscritos. Da mesma forma, é pela experiência dos sujeitos, pelo uso, sempre um uso social, que estes dispositivos são tensionados, abrindo margem para suas "linhas de fratura". Estas podem chegar ao extremo de levarem um dispositivo à sua decomposição. A história é rica em exemplos de formas de governos, impérios, sistemas econômicos, prisões, religiões, igrejas e empresas de comunicação que ou tiveram de se transformar para sobreviverem ou não se sustentaram. Dispositivos estes que ao se tocarem também podem dispor um ao outro tanto a linhas de força quanto a linhas de fissura.

Neste trabalho nos restringiremos a pensar as narrativas verbovisuais da Igreja Universal na Programação IURD como dispositivos que permitem entrever em suas "linhas" e "curvas" as relações de poder que as constituem e qual posição (e de que forma) incitam o público a assumir. Ou seja, que tipo de público o programa imagina atingir e que ações este público é estimulado a tomar. Nessa empreitada, cotejaremos a abordagem de Foucault e seus comentadores sobre o dispositivo com a de Ricoeur sobre as narrativas.

1.2.2 – O enunciado e a narrativa como dispositivo

Pensar o enunciado como dispositivo implica não se ater apenas a seu aspecto formal, a começar pelas suas formas de manifestação. O enunciado não possui uma extensão mínima, ou seja, não equivale necessariamente a uma frase. Como nos diz Foucault:

> Quando se quer individualizar os enunciados, não se pode admitir sem reservas nenhum dos modelos tomados de empréstimo à gramática, à lógica ou à "análise". Nos três casos, percebe-se que os critérios propostos são demasiado numerosos e pesados, que não deixam ao enunciado toda a sua extensão, e que se, às vezes, o enunciado assume as formas descritas e a elas se ajusta exatamente, acontece também que não lhes obedece: encontramos enunciados sem estrutura proposicional legítima; encontramos enunciados onde não se pode reconhecer nenhuma frase; encontramos mais enunciados do que os *speechacts* que podemos isolar, como se o enunciado fosse mais tênue, menos carregado de determinações, menos fortemente estruturado,

> mais onipresente, também, que todas essas figuras; como se seus caracteres fossem em número menor e menos difíceis de serem reunidos; mas como se, por isso mesmo, ele recusasse toda possibilidade de descrição. (FOUCAULT, 2012, p. 101)

Fugindo a uma concepção rígida e estanque, o autor propõe que o enunciado seja definido pela sua "função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos" (*idem*, p. 105). Dessa forma, abre-se a possibilidade de pensarmos desde o texto verbal (escrito ou falado) a imagens e sons como enunciados, tendo em vista que eles podem ter materialidades diversas. Foucault denomina enunciado a modalidade que permite: entrever relações com um domínio de outros objetos (outros enunciados); que prescreve um lugar definido aos sujeitos indicando-lhes posições em um determinado discurso; está relacionada a outras performances verbais que acabam por dotá-la de singularidade; e, por fim, tem uma inscrição material, seja ela verbal, visual ou verbo-visual (*idem*, pp. 130-131).

Como podemos perceber, refletir sobre o enunciado implica considerar as relações em que ele se inscreve, bem como as que ele circunscreve. É o que o autor nos indica no capítulo 4 da "Arqueologia do Saber" e de modo mais contundente em "A Ordem do Discurso" (2001), o enunciado é objeto de luta política, materializando em si relações de poder que discriminam posições aos sujeitos, apontando para continuidades, repetições, bem como descontinuidades e silêncios.

Retomando o texto de Deleuze, considerar o enunciado como dispositivo nos exige considerar os seus regimes de visibilidade, as hierarquias que ele estabelece naquilo que ele deixa ver, os silêncios que ele deixa falar. É procurar entrever nas relações de poder que permitiram que aquele enunciado pudesse emergir, a que outros enunciados ele aponta e de que forma o faz, bem como o tipo de orientação que ele sugere aos sujeitos. É considerar suas linhas de força, de subjetivação, bem como possíveis linhas de fratura.

Interessa-nos destacar como o enunciado se apresenta como este lugar de tensão, oriundo das relações de poder que ele deixa ver. Quando observamos as narrativas verbovisuais da Programação IURD que são objeto de análise neste trabalho devemos percebê-las como modalidade enunciativa nos moldes descritos acima. Assim, desde já poderíamos por extensão considerar as narrativas como dispositivos. Não obstante, é importante refletirmos de igual forma sobre suas características próprias, discussão na qual o também pensador francês Paul Ricoeur pode nos ajudar.

Ricoeur (1913-2005) é contemporâneo a Foucault e também costuma ser apontado como um dos expoentes do pós-estruturalismo pelos seus comentadores. Sua obra pode ser dividida, conforme ele mesmo chegou a sugerir em uma entrevista na década de 90, em duas partes:

> a 1ª seria a fase pré-hermenêutica na qual se destaca sua tentativa em empreender uma filosofia da vontade baseada na abordagem fenomenológica. A 2ª seria a fase hermenêutica na qual se inserem suas investigações sobre a psicanálise, a metáfora, a narrativa, a identidade, o justo, e a memória. (MENDES, 2011, p. 162)

Tal como Foucault, Ricoeur reconhece sua dívida com o estruturalismo, bem como critica suas deficiências. No entanto, ele parece ainda preservar algo do modo de olhar estruturalista para as narrativas. Ricouer destaca a importância da análise formal, de identificar as estruturas quase imutáveis presentes nas narrativas, mas, por outro lado, leva a análise para outro nível, interrogando a narrativa pela sua historicidade, pelo modo como ela se relaciona com o passado que a antecede e o futuro que se abre diante dela, além de dar especial destaque aos gestos de leitura como momentos de reconfiguração do que é narrado.

Assim, a análise hermenêutica ricoeuriana leva em conta uma operação dialética que parte de uma "compreensão" primeira, que se refere ao entendimento mais elementar do texto, para passar à "explicação", que consiste na análise estrutural dos elementos que compõem a narrativa e de suas respectivas funções (ex: protagonista, antagonista etc). A espiral analítica se completa com uma segunda compreensão crítica que interroga o texto passando pela sua explicação, mas volta-se para "o seu movimento do sentido para a referência", procurando desvelar o mundo que o texto abre por meio da leitura. Assim, "a atividade de análise aparece, então, como um simples segmento num arco interpretativo que vai da compreensão ingênua à compreensão esclarecida, através da explicação" (RICOUER, 1991, p. 168). Fecha-se, portanto, o "arco hermenêutico", ou seja, uma atividade analítica em que "compreensão" e "explicação" não aparecem como um par antinômico, mas como etapas que levam a uma "interpretação em profundidade" do texto. (RICOEUR, 1991, p. 158).

Embora os autores tenham projetos de pesquisas distintos, podemos entrever pontos de contato. Além do débito e das críticas ao estruturalismo, ambos contribuem de

diferentes formas para uma revolução na historiografia[2]. Nas obras de Foucault encontramos pouquíssimas referências a Ricoeur, conforme destaca Mendes (2011).

> Segundo o levantamento feito por Castonguay há apenas 3 menções nos *Ditos e escritos* foucaultianos: 1) Uma breve menção à uma sessão de debates, a qual se seguiu uma conferência de Canguilhem sobre a língua filosófica, na qual tanto Foucault quanto Ricoeur participaram e discutiram. 2) Uma referência à passagem da fenomenologia rumo ao estruturalismo no contexto filosófico francês. 3) Uma alusão no que diz respeito à origem histórica da consciência e da culpabilidade (Ricoeur consagrou uma obra a este tema: *Finitude e culpabilidade*). (MENDES, 2011, p. 170)

Se Foucault demonstra pouco interesse na obra de Ricoeur, este, pelo contrário, chega a discutir algumas de suas ideias e o elenca ao lado de Michel de Certeau e Norbert Elias como um dos "mestres do rigor" (RICOEUR, 2007, p. 210). Tanto em "Memória, História e Esquecimento" quanto no terceiro tomo de "Tempo e Narrativa" ele discute algumas proposições da "Arqueologia do Saber". Segundo Ricoeur (2010c, p.370), ao discutir a "aparente antinomia entre continuidade e descontinuidade em história" Foucault privilegia a descontinuidade e a associa à arqueologia do saber por ele criada. Por outro lado, Foucault relaciona tal privilégio dado a continuidade pelos historiadores à "ambição de uma consciência constituinte e dona de sentido" (*idem, ibidem*).

Ricoeur discorda do segundo ponto, afirmando que é possível pensar o sujeito descentrado (Marx, Nietzsche e Freud) sem abandonar a ideia de uma consciência que progride. Isso seria possível pela memória histórica que, por meio do lembrar-se, faria o sujeito voltar a si e ao outro percebendo a partir do desvio possibilidades que se abrem no mundo e na história a se fazer. Quanto ao primeiro aspecto, Ricoeur não se opõe à arqueologia, porém a interroga de forma dialética pela "história das ideias" e propõe uma visada própria. Entendamos.

Ricoeur afirma não ter objeções em relação à preferência dada por Foucault à descontinuidade. Porém, diz que a arqueologia não pode abandonar completamente o contexto geral da continuidade temporal no qual se insere; que também deve considerar que há registros, além dos saberes, nos quais podemos perceber uma existência de modo contínua; e que certos ramos do saber podem continuar enquanto outros passam por crises. Partindo de tais críticas, Ricoeur lança mão do conceito de "regra de

---

[2]Em texto publicado na Revista da Teoria da História da UFG, Breno Mendes (2011) apresenta uma boa síntese de tais contribuições. Para mais informações, conferir: http://revistadeteoria.historia.ufg.br/uploads/114/original_Artigo_7._MENDES.pdf?1325210497.

transformação", que recupera a perspectiva continuísta da história das ideias, sem deixar de lado a noção de descontinuidade que é cara à arqueologia. Assim,

> A noção de regra de transformação remete a um dispositivo discursivo caracterizado não só por sua coerência estrutural, mas por potencialidades não exploradas que um novo evento no campo das ideias deve elucidar, ao preço da reorganização de todo o dispositivo; assim entendida, a passagem de uma *epistéme* a outra pode ser aproximada da dialética de inovação e sedimentação mediante a qual caracterizamos várias vezes a tradicionalidade, correspondendo a descontinuidade ao momento da inovação e a continuidade ao da sedimentação. (RICOEUR, 2010c, p. 373, grifo do autor)

A visada ricoeuriana articula dialeticamente as duas perspectivas teóricas e inova pela aproximação das noções de continuidade e descontinuidade com as de sedimentação e inovação. Nessa proposição a ideia de inovação é extremamente interessante, o descontínuo permanece, mas a partir de uma saída tipicamente ricoeuriana, qual seja: pelo eixo da criatividade. Isso fica claro quando ele vai pensar as narrativas que implicam tanto na escrita quanto na leitura uma postura criativa da parte dos sujeitos, visto que são dotados de imaginação.

Outro elemento interessante neste trecho é o uso do termo "dispositivo". Ricoeur fala em um "dispositivo discursivo", o que se aproxima da nossa proposta de considerar a narrativa como dispositivo, e logo em seguida fala em "todo o dispositivo" que parece ter a ver com a noção mais geral, comumente ligada às instituições. As breves menções não permitem uma elaboração mais ampla, porém nos sugerem que o diálogo que propomos entre os dois autores não carece de pontos de contatos. Passemos agora ao conceito de narrativa, que também compreendemos como modalidade enunciativa passível de ser considerada um dispositivo.

Segundo Ricoeur a narrativa articula caracteres temporais que nos informam sobre a experiência do ser no mundo e no tempo. Tempo este que não é o tempo cronológico, passível de ser medido, mas aquele que cada um vivencia em suas experiências particulares e que "passa" de modo diferente para cada pessoa. Apoiando-se em Santo Agostinho, Ricoeur discute as aporias do tempo e não encontra uma solução para as mesmas. No entanto, encontra um caminho possível para entender a nossa experiência do tempo. Segundo o autor as narrativas funcionariam como uma mediação para a nossa experiência temporal.

Nas narrativas podemos observar diferentes recursos e modos de contar que expressam durações de tempos vividos. A alma se estende e se distende configurando no

narrar um modo particular de experimentar o tempo. Neste ponto, Ricoeur vai a Aristóteles para discutir as propriedades das narrativas. Na Poética Aristóteles chega a dois conceitos fundamentais: *mimesis* e *mythos*.

A *mimesis* corresponde a uma cópia criativa da realidade pela qual a ação é representada. As narrativas não são descrições que nos dizem de um estado fixo das coisas. Pelo contrário, compõem-se de deslocamentos, rupturas, movimentos de sujeitos inscritos em uma história organizada, passível de ser entendida. Posteriormente Ricoeur formula a noção de "tríplice mimese", que deixa ainda mais evidente o caráter dinâmico da narrativa. Voltaremos a esta discussão no próximo capítulo, por ora é importante retermos que a narrativa dá a ver que tempo e ação estão articulados no narrar e que o seu caráter processual revela uma série de conflitos. Além disso, é relevante pensarmos que tanto o dispositivo como a narrativa, via mimese, dizem de um modo de os seres estarem no mundo.

As tensões mencionadas acima ficam ainda mais claras se formos ao conceito de *mythos,* que corresponde ao "pôr em intriga". Na tessitura da narrativa os sujeitos amarram uma série de fragmentos dispersos, como eventos, sujeitos, intenções, objetivos, meios, fins em um todo passível de ser entendido. Trata-se de um processo de "concordância-discordante". Segundo Ricoeur (2010a, p. 77 grifos nossos), "a arte de compor [*poiesis*] consiste em fazer **parecer** concordante essa discordância: 'um por causa do outro' prevalece então sobre o 'um depois do outro'. É na vida que o discordante acaba com a concordância, não na arte trágica". Assim, na tessitura da intriga a conexão lógica entre os "discordantes" sobrepõe-se a um simples encadeamento cronológico de fatos.

Dessa forma, se Foucault nos ajuda a compreender como o texto dá a ver relações de poder e disputas de sentido que se materializam no texto e se abrem na leitura, Ricoeur, por sua vez, permite-nos perceber que tais tensões compõem a própria tessitura da narrativa. Tessitura da narrativa que vai desde a experiência de "escrita" ao momento em que os sujeitos a "reconstroem" por meio da experiência de leitura. Além disso, o conceito de mimese permite-nos refletir que ao criar "mundos" que de alguma forma se relacionam com aquele nos quais os sujeitos agem, conflitos e tensões de tal mundo também aparecem. Enfim, são diferentes ordens de tensionamentos, mas que se apresentam em meio a correspondências dialógicas e dialéticas nos enunciados narrativos.

Pensar a narrativa como dispositivo é na nossa visão considerá-la como esse

lugar de instabilidade que mais do que revelar uma série de conflitos em diversas instâncias abre-se aos sujeitos como um *lócus* de experiência dos mesmos, seja pela escrita ou pela leitura. Como todo dispositivo, as narrativas interpelam os indivíduos a assumirem algum tipo de posição diante do que elas enunciam, compreendendo assim ao mesmo tempo sujeições e subjetividades. Se as narrativas não substituem as ações humanas, por outro lado elas, mais do que serem partes constitutivas dessas mesmas ações, constituem a força que permite mantermos vivas nossas experiências, ressignificando-as sempre, o que implica potencialmente na própria modificação dos nossos modos de agir no e sobre o mundo.

Olhar para as narrativas da Programação IURD como dispositivo implica considerarmos o modo como o público é por elas interpelado e como tais se posicionam diante daquilo que dizem; é considerar as outras narrativas que se relacionam a elas; o que elas silenciam; que aspectos ganham visibilidade; que mundos projetam para o telespectador e de que modo estes se relacionam a outros; é, por fim, pensar nas complexas redes de relações de poder que estão envolvidas e que procuram envolver os destinatários, constituindo-os como sujeitos das mesmas e sujeitos às mesmas.

As narrativas religioso-midiáticas se estruturam tendo em vista os modos como os sujeitos se relacionam com a mídia e com a religião, ou seja, os modos como as experimentam em seu cotidiano. Se em Foucault a dimensão da experiência não representa uma preocupação central para seus propósitos metodológicos, em Ricoeur ela adquire importância fundamental para compreendermos a constituição das narrativas. Retomaremos no capítulo seguinte a discussão aqui já feita sobre a narrativa como dispositivo para discutir de modo mais detalhado um terceiro elemento que compõe nossa triangulação teórica: a experiência. Se aqui ele já apareceu de modo marginal, como pressuposto para pensarmos as narrativas, lá ele adquire maior relevância, de modo que procuramos demonstrar como dispositivo, narrativa e experiência estão fortemente interligados.

Antes, porém, devemos voltar nossas atenções para outro aspecto. Ao analisar as narrativas religioso-midiáticas temos de ter em mente que mídia e religião nos dizem de modos próprios de estar no mundo e que têm na dimensão enunciativa/ narrativa a mediação fundamental desse processo.

1.3 – Mídia e religião – sentidos sobre o mundo

Em comum mídia e religião constroem, de diferentes maneiras, sentidos sobre o mundo. Nessa dinâmica, muitas vezes lançamos mãos dos sentidos que nos chegam por meio de tais instâncias e elas não se preocupam apenas em orientar o nosso modo de olhar, mas também a maneira como vivenciamos a nossa realidade. É desse modo que as narrativas, conforme compreende Ricoeur (2010a), ao serem ativadas pelos sujeitos se desdobram no mundo da ação efetiva. No entanto, mídia e religião fazem isso de forma distinta, sendo que na religião encontramos um forte teor determinativo.

1.3.1 – O Sagrado como realidade por excelência

Mircea Eliade é um dos principais expoentes da filosofia da religião, sendo um dos responsáveis por inaugurar a fenomenologia da religião. Em diversas obras, com destaque para "O Sagrado e o Profano", o autor adota procedimento semelhante a Rudolf Otto, que, contrariando as pesquisas que até então se fazia sobre religião, propõe estudar não "as ideias de Deus e da religião" (ELIADE, s.d., p. 23), mas as diversas modalidades da experiência religiosa. Todavia, diferentemente de seu predecessor, Eliade não se concentra apenas no aspecto "místico-irracional" dessa experiência, mas procura abordar o Sagrado de forma integral.

Partindo dessa perspectiva, o autor trabalha com o conceito de hierofania, que nada mais é do que "a manifestação do sagrado[3]" (*idem*, p.25). O sagrado manifesto cria uma divisão no mundo entre o que é sagrado e o que é profano. "A pedra sagrada, a árvore sagrada, não são adoradas como pedra ou como árvore, são-no justamente porque são **hierofanias,** porque mostram qualquer coisa que já não é pedra nem árvore, mas o sagrado*"* (*idem*, p.26, grifos nossos). A demarcação operada pela hierofania entre o que é sagrado e o que é profano ocorre em dois níveis: espaço (templos e igrejas, lugares onde ocorreram milagres etc.) e tempo (festas e celebrações promovidas pelas religiões).

No capítulo 3 aprofundaremos a discussão sobre a rotura operada pela hierofania no espaço e tempo. Neste momento é importante frisar que tal separação cria consigo também uma hierarquia, sendo que o profano se anula diante do sagrado. Como nos diz Eliade:

---

[3] Eliade não se preocupa em definir se as experiências ditas sacras de fato são dotadas de elemento sobrenatural. O que importa ao autor é pensar de que modo supostas manifestações do sagrado, por mais diferentes que sejam, apresentam características comuns na sua configuração.

> A oposição sagrado/profano traduz-se muitas vezes como uma oposição entre **real** e **irreal** ou pseudo-real. (...) É, portanto, fácil de compreender que o homem religioso deseje profundamente **ser**, participar da **realidade**, saturar-se de poder. (*idem,* p.27, grifos do autor)

Tais definições se estruturam tendo por base mitos que informam os seres humanos sobre como realidades puderam vir a existir, além de oferecerem modelos de condutas ao *homo religiosus.*

> o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do "princípio". Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. (...) Os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do "sobrenatural") no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural. Pelo fato de relatar as gesta dos Entes Sobrenaturais e a manifestação de seus poderes sagrados, o mito se torna o modelo exemplar de todas as atividades humanas significativas. (ELIADE, 1972, p. 9)

Estruturam-se dois modos de ser no mundo: o sagrado e o profano. Partindo de outra perspectiva teórica, mas que reafirma essa ideia, Agamben (2007, pp. 65-66) define religião como “aquilo que subtrai coisas, lugares, animais ou pessoas ao uso comum e as transfere para uma esfera separada”. Assim, se de um lado os rituais e, em especial, o sacrifício, marcam a passagem do profano ao sagrado, a profanação restitui ao uso comum o que havia sido separado. Daí a ideia do autor de “profanar” os dispositivos, promovendo uma partilha democrática e uma utilização diferenciada dos mesmos.

Para nossa discussão, importa reter que as mais diversas religiões determinam formas de se experimentar a realidade sacra, de tornar algo sacro e viver uma vida santificada. Assim, passa-se da realidade humana para a realidade sagrada: seja um alimento que se oferece aos deuses, um objeto que a partir de então ganha um suposto poder mágico ou uma cerimônia na qual um membro da comunidade é batizado, passando a ter, portanto, uma “nova vida”.

As situações existenciais assumidas pelo homem em sua história variam de acordo com suas experiências e ações que se articulam ou não com o determinado pela religião. Os comportamentos sagrados mudam bastante conforme o lugar, o tempo e a

religião[4]. Ao analisar diversas religiões no mundo e o modo como atuam na vida humana o estudioso escocês Ninian Smart (1989) apresenta sete dimensões possíveis de serem encontradas em cada religião. São elas: mítica e narrativa; prática e ritual; experiencial e emocional; doutrinal e filosófica; ética e legal; social e institucional; e material.

A dimensão narrativa ou mítica diz respeito às narrativas fundantes de cada religião, as quais contam como o mundo veio a existir e falam da atuação das divindades[5]. As outras dimensões se estruturam a partir desta. A dimensão prática e ritual tem a ver com as preces, orações, liturgia, prostração orientada para Meca. Tais ações estão profundamente relacionadas com as narrativas que permeiam a religião, haja vista, por exemplo, a celebração da santa ceia e o batismo que se estruturam a partir de passagens da Bíblia.

A dimensão experiencial e emocional corresponde ao sentimento manifestado diante do contato com o Sagrado, ou seja, o medo, temor, respeito, júbilo etc[6]. Já o aspecto doutrinal e filosófico consiste em um dos mais polêmicos, gerando disputas muitas vezes acirradas entre as religiões. Ele se refere ao que é considerado "verdade" em cada religião. Exemplos: a doutrina da Santíssima Trindade; Jesus como Filho de Deus; a consubstanciação ou não no sacramento da eucaristia. A dimensão "ética e legal" indica o que deve ser considerado como boa ou má ação para as pessoas, ou seja, atua sobre a conduta moral e ética dos sujeitos informando-os sobre um modo de vida santo e, portanto, agradável à(s) divindades(s).

A dimensão institucional relaciona-se ao modo como as religiões se organizam e

---

[4] De uma forma geral, o que o autor percebe é que o mundo passa por um processo de "dessacralização" da existência humana. Tal processo teria tido início com o monoteísmo no Ocidente, no qual a divindade deixa de ocupar um lugar integrado à natureza. Esse processo se acelera na Idade Moderna com a racionalização do Sagrado promovida pela Reforma Protestante e os constantes avanços da ciência, que muitas vezes colocam em xeque verdades religiosas. Outros autores (FAUSTO NETO, 2003; PRANDI, 1996; MARTÍN-BARBERO, 1995), porém, acreditam que hoje estamos presenciando um retorno do Sagrado, ainda que em outros moldes. No Brasil, exemplos desse processo seriam o crescimento do pentecostalismo e de religiões espiritualistas (Kardecismo, Umbanda, Candomblé, dentre outras) e a aproximação das igrejas cristãs com a mídia, que possibilita a emergência de novas modalidades de experiência religiosa. Nesse cenário vale ressaltar que a separação entre sagrado e profano parece cada vez mais tênue e difícil de se detectar, haja vista, por exemplo, o uso de estratégias mercadológicas pelas igrejas na mídia com intenções proselitistas ou para vendas de seus produtos. Voltaremos a este tópico no capítulo 3, quando discutimos com mais detalhes aspectos do pentecostalismo e sua relação com a mídia.

[5] Importante frisar que nossa percepção de narrativa vai além das narrativas fundantes, abrangendo, assim, outras instâncias enunciativas.

[6] A noção de experiência religiosa do autor é mais parecida com a de Rudolf Otto do que com a de Mircea Eliade. Assim, ela é entendida como algo da ordem do irracional, restrita a momentos de contato direto com o Sagrado que suscitam uma grande carga emocional. Neste aspecto, preferimos a abordagem de Eliade, que expande o campo experiencial do Sagrado para além do irracional, abrangendo outras formas de contato com o Sagrado e de atuação da religião no mundo.

se enraízam em cada sociedade, por meio de igrejas (com ou sem hierarquia eclesiástica), assembleias, seitas e sinagogas. A última dimensão, a material, compõe-se daquilo que representa a expressão física das religiões: edifícios, pedras sagradas, imagens, esculturas, templos, dentre outros. Importante notar que há religiões que não apresentam todas as dimensões descritas (a dimensão material é recusada em religiões místicas como Maniqueísmo, Gnose). As dimensões descritas servem como uma pequena súmula que procura dar conta de características possíveis do fenômeno religioso e não devem ser pensadas isoladas uma das outras, visto que estão profundamente imbricadas.

As dimensões apresentadas por Ninian Smart (1989) nos mostram como a religião convoca as pessoas a modalidades de experiência muito específicas, próprias deste campo. Como vimos em Eliade (s.d), a religião opera um corte na realidade e estabelece hierarquias, constrói sentidos sobre o mundo e, mais do que isso, determina formas adequadas de se viver nele. As narrativas, sejam elas as do texto sagrado ou as proferidas pelos sacerdotes, colocam o público em contato com um mundo textual que diz desse universo religioso.

Tal como a religião, a mídia tem um modo próprio de construir narrativas e significar o mundo, abrindo outro campo de experiência. Atualmente, pesquisadores do campo da comunicação têm utilizado o conceito de "midiatização" para falar das implicações decorrentes da presença da mídia na sociedade. O conceito de midiatização nos leva a pensar que ao se "tocarem" mídia e religião se afetam mutuamente, de modo que as narrativas religiosas e midiáticas se reinventam juntamente com a experiência religiosa e midiática.

1.3.2 – A sociedade midiatizada

O conceito de midiatização tem sido amplamente discutido no campo da comunicação por diversos autores. Nesse trabalho não empreendemos uma discussão exaustiva sobre o termo, mas procuramos indicar de forma pontual como ele nos auxilia a entender a inserção da mídia na sociedade contemporânea. Dessa forma, restringimo-nos às perspectivas de Fausto Neto (2008) e Muniz Sodré (2002).

Em "Fragmentos de uma analítica da midiatização" Fausto Neto (2008) faz uma distinção entre dois tipos de sociedades: a "sociedade dos meios" e a "sociedade da midiatização". A segunda corresponde a um desenvolvimento da primeira. Segundo ele,

> Uma designação econômica para diferenciar a 'sociedade dos meios' da 'sociedade da midiatização' está no fato de que na primeira as mídias estariam a serviço de uma organização de um problema interacional e sobre o qual teriam uma autonomia relativa, face a existência dos demais campos. Na segunda, **a cultura midiática se converte na referência sobre a qual a estrutura sócio-técnica-discursiva se estabelece**, produzindo zonas de afetação em vários níveis da organização e da dinâmica da própria sociedade. (FAUSTO NETO, 2008, p.93, grifos nossos)

A transformação de que nos fala Fausto Neto resulta de um processo pelo qual a mídia deixa de ser apenas um campo dentre outros para se transformar naquele que ao atravessar os demais lhe provém de uma nova configuração. Assim, mais do que "organizar" a interação de outros campos, as mídias "se converteram numa realidade mais complexa em torno da qual se constituiria uma nova ambiência, novas formas de vida" (FAUSTO NETO, 2008, p.92).

Tese semelhante também é defendida por Muniz Sodré (2002), que não faz distinção entre "sociedade dos meios" e "sociedade midiatizada" tal como Fausto Neto (2008). Apenas diferencia sociedade industrial e sociedade pós-industrial, sendo a última decorrente da Revolução da Informação. O autor crítica o termo "revolução", argumentando que não há mudança efetiva nas estruturas de poder. Não obstante, reconhece o que de novidade podemos perceber: possibilidade de estocagem de dados em grande volume e rápida difusão dos mesmos. Assim, "se a [Revolução] Industrial centrou-se na mobilidade espacial, a da Informação centra-se na virtual anulação do espaço e pelo tempo, gerando novos canais de distribuição de bens e ilusão da ubiquidade humana" (SODRÉ, 2002, p.14).

Como podemos perceber os efeitos dessa "revolução" não são meramente técnicos, mas afetam o conjunto social e o modo como se relaciona com instâncias sociais, como por exemplo, a política e a religião. De acordo com o autor, a sociedade pós-industrial "rege-se pela **midiatização**, quer dizer, pela tendência à 'virtualização' ou telerrealização das relações humanas, presente na articulação do múltiplo funcionamento institucional e de determinadas pautas individuais de conduta com as tecnologias da comunicação" (*idem*, p. 21, grifos do autor).

O autor afirma que a "midiatização" se traduz em uma "qualificação particular da vida, um novo modo de presença do sujeito no mundo" (*idem*, p. 25). Aristóteles distinguia três gêneros de existência (*bios*): o *biostheoretikos*, que corresponde à vida contemplativa; o *biospolitikos,* que consiste na vida política; e o *biosapolaustikos*, que consiste em uma dimensão existencial relacionada ao corpo e aos prazeres. Sodré

argumenta que estamos diante de um novo *bios*.

> Partindo-se da classificação aristotélica, a midiatização deve ser pensada como tecnologia de sociabilidade ou um novo *bios*, uma espécie de *quarto âmbito* existencial, onde predomina (muito pouco aristotelicamente) a esfera dos negócios, com uma qualificação cultural própria (a 'tecnocultura'). O que já se fazia presente, por meio da mídia tradicional e do mercado, no *ethos* abrangente do consumo, consolida-se hoje com novas propriedades por meio da técnica digital. (SODRÉ, 2002, p.25)

A mídia não é pensada apenas como um meio que faz ampliar o alcance de uma determinada mensagem interpondo-se entre emissor(es) e receptor(es). Para além de uma ideia "instrumental", o conceito de "midiatização" nos leva a pensar nas mediações midiáticas como estruturantes e constituintes de dinâmicas diferenciadas de experiência e produção de sentido. Sodré (*idem,* 2002, p. 61) exemplifica: "hábitos fortemente arraigados podem mudar: a ordem religiosa das carmelitas, segundo consta, conseguiu associar a seu rígido voto de silêncio o uso dos telefones celulares, então na ordem do dia do consumo".

Outro exemplo que permite perceber como a midiatização afeta dinâmicas de outras instâncias se refere à introdução do microfone nas celebrações litúrgicas. Se antes a atenção se dividia por uma série de elementos dispersos como o cheiro, as imagens, os movimentos etc., com a introdução do microfone há uma ampliação da dimensão auditiva. A relação com a fala do celebrante passa a ser mais imediata e direta do que antes. Isso modifica desde a experiência do público como também as pregações, tendo em vista que a partir de então saber dominar técnicas de oratória se tornou ainda mais importante dada a relevância assumida pela palavra falada (SPADARO, 2012, p. 122).

Tal como a religião, a midiatização nos diz de um modo próprio de estar no mundo. No entanto, se a religião determina um modo sagrado e outro profano, a mídia também como *lócus* de experiência prescreve, mas não determina. Ao se tocarem mídia e religião se afetam mutuamente, de modo que podemos falar de "midiatização da religião" (MARTINO, 2012)[7]. Para os interesses analíticos dessa pesquisa é importante frisar que a presença da religião na mídia remete a construções narrativas que são ao mesmo tempo religiosas e midiáticas, ensejando, da mesma forma, experiências que nos dizem das duas instâncias. Tendo em vista que o foco da nossa pesquisa reside no aspecto narrativo das enunciações da Programação IURD retornaremos a discussão sobre narrativa a partir de Ricoeur, de fundamental relevância para os nossos propósitos.

[7] Retornaremos a essa discussão no capítulo 3, no qual discutimos as relações entre mídia e religião.

2 – DISPOSITIVO, NARRATIVA E EXPERIÊNCIA: UMA TRIANGULAÇÃO POSSÍVEL

No capítulo anterior abordamos o conceito de dispositivo e refletimos de que modo podemos pensar as narrativas como dispositivo. Tendo em vista que para Paul Ricoeur narrativa e experiência estão imbricadas, direcionamos nossa atenção para as especificidades da mídia e da religião enquanto modos de experimentar e ser no mundo. Neste capítulo partimos da discussão realizada no capítulo precedente, mas avançamos a partir dela. Procuramos analisar em um primeiro momento as relações entre narrativa, dispositivo e experiência propondo uma triangulação teórica que nos auxilia a construir nosso olhar sobre o objeto.

Como o nosso foco investigativo reside na tessitura da narrativa religioso-midiática, o conceito de narrativa adquire uma centralidade que demanda uma explicação cuidadosa sobre o mesmo. Para tanto, retomamos Paul Ricoeur (2010a, 2010b, 2010c). Como já dito em outro momento, a visada de Ricoeur é interessante por não restringir a narrativa à esfera da enunciação ou da recepção, devendo ser vista através do aspecto processual que caracteriza a *tríplice mimese*, indo desde um narrar do enunciador à leitura (cri-)ativa do receptor.

Aproximando a discussão do nosso objeto, discorremos brevemente sobre a TV e sua mediação narrativa nas experiências do público que são a um só tempo religiosa e midiática.

2.1 – A construção de um olhar sobre a Programação IURD

Em nossa pesquisa estamos trabalhando com uma triangulação teórica que compreende três conceitos: dispositivo, narrativa e experiência. Como vimos no capítulo anterior, os indivíduos se constituem em sujeitos ao serem capturados pelos processos de subjetivação. Tais processos são dialética e simultaneamente condição de existência (linha de força) e de tensionamento (linha de fissura) do dispositivo.

Os dispositivos não existem soltos no mundo. Para haver dispositivo é preciso que existam indivíduos que se tornem sujeitos ao dispositivo e sujeitos dele. O que estamos dizendo é que tanto subjetividades quanto sujeições estão implicadas em um mesmo processo. Lembremos também por meio de Deleuze e principalmente Agamben que o mesmo indivíduo é afetado por uma diversidade de dispositivos. E não só os seres

são atravessados por diferentes dispositivos, como também os próprios dispositivos se tocam e se cruzam e dão origem a novos dispositivos.

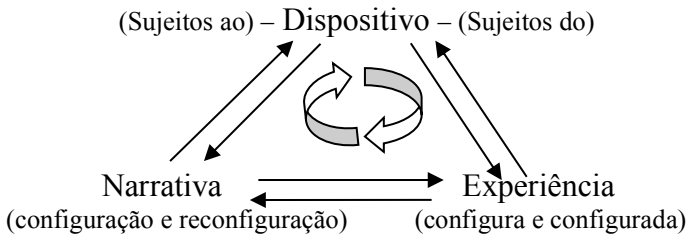
Podemos perceber isso na relação do dispositivo religião com outros dispositivos, tal como as narrativas e os rituais. As narrativas fundantes, conforme vimos com Eliade (s.d) e Smart (1989), estruturam toda a religião, desde a sua dimensão ética-moral a seus rituais. No cristianismo, as orientações para uma vida santificada são inspiradas nos ensinamentos da Bíblia, principalmente do Novo Testamento, no qual se narra a vida de Jesus e de seus discípulos. Algo semelhante ocorre com os rituais.

A fundamentação dos mesmos se encontra na "palavra sagrada", nas narrativas que tratam das ações das divindades. Um bom exemplo é a "Campanha de Israel na Fé de Abraão", a mais importante das realizadas pela IURD. O ritual consiste na realização de um sacrifício, que se materializa na doação de uma quantia em dinheiro à igreja. A fundamentação para a "campanha" se encontra em uma passagem do Gênesis na qual Deus solicita que Abraão sacrifique seu amado filho como prova da sua obediência. No entanto, um anjo aparece e impede o ato. A obediência de Abraão faz com que ele conte com as bênçãos de Deus até o fim de seus dias. Baseada em tal narrativa a IURD estrutura a campanha em questão, que pede um sacrifício que expresse o compromisso com Deus. Assim, este abençoaria a pessoa e a livraria de seus sofrimentos.

Como percebemos no exemplo acima, as religiões lançam mão de vários dispositivos para se sustentarem. A narrativa, seja ela a narrativa fundante ou a dimensão narrativa que recobre pregações, pinturas, dentre outros, é um desses dispositivos que interpela os seres a se constituírem como sujeitos. Assim, o verdadeiro sujeito iurdiano seria aquele que, envolvido nas linhas de força das narrativas religiosas em sua experiência de leitura, participa da campanha e apresenta a oferta solicitada. É possível ver nesse gesto um ato também de assujeitamento, de submissão a uma determinação da igreja que, por meio da promessa de recompensa, mas igualmente do potencial castigo pelo não cumprimento da obrigação para com Deus, se vê sem muitas alternativas, a não ser o questionamento da validade teológica da interpretação bíblica proposta pela IURD.

Dispositivo, narrativa e experiência estão profundamente imbricados de modo que ao construir nosso olhar sobre a Programação IURD não podemos perder de vista que tais instâncias se implicam mutuamente, ainda que a tarefa como analista nos obrigue a focar em algum aspecto específico, como é o nosso com as narrativas religioso-midiáticas. Desse modo, para construir tal olhar elaboramos em um primeiro

momento um pequeno esquema que nos auxilia a entenderas relações entre dispositivo, narrativa e experiência. Em um segundo momento, ao deslocar nossa atenção para o eixo das narrativas, propomos uma inflexão teórica que já sinalizamos no capítulo anterior, qual seja: pensar as narrativas como dispositivos. Vamos ao esquema.



A interação entre dispositivo, narrativa e experiência é dinâmica e de natureza auto-configurante. É por meio das experiências sociais que os dispositivos atuam sobre os indivíduos, constituindo-os enquanto sujeitos. Na perspectiva que temos trabalhado entendemos que as narrativas produzidas pelos dispositivos ativam experiências que instauram processos de subjetivação tendo em vista que as narrativas não são apenas produtos dos dispositivos, mas elas mesmas também podem ser pensadas como dispositivos.

A natureza triangular e ao mesmo tempo circular do esquema proposto revela que os dispositivos não só criam narrativas, mas também são recriados por elas. Assim, as narrativas produzidas pelas religiões não só configuram experiências, mas também reconfiguram as próprias religiões, uma vez que como vimos na abordagem de Eliade (s.d.) e Smart (1989), são elas que fundamentam seu modo de ser no mundo. Da mesma forma, olhando para as narrativas religioso-midiáticas percebemos que elas reconfiguram o dispositivo religião ao instaurarem diferentes práticas religiosas e modalidades de experiência. Se, como mencionamos acima, o microfone deu uma centralidade à palavra falada nos cultos religiosos, os programas religiosos na TV articulam uma linguagem religiosa a uma linguagem midiática. Algo semelhante ocorre com o dispositivo mídia, que também se reconfigura ao ver suas linhas de enunciação se cruzarem com as do dispositivo religião.

Na nossa visão, um objeto que se constitui no entremeio das relações entre mídia e religião pode ser considerado um dispositivo religioso-midiático, uma vez que possui tanto elementos que não são estritamente religiosos, nem tampouco exclusivamente midiáticos. Este raciocínio nos leva a pensar nas propriedades próprias dos dispositivos mídia e religião, que ao se tocarem podem tanto endossar “linhas de força”, como

também predispor a "linhas de fissura". Assim, ao refletir sobre as relações entre mídia e religião é preciso ter em mente que mesmo em conteúdos que são de propriedade das igrejas as linhas de fissura podem vir a emergir. Exemplo: o "ao vivo" e a possibilidade de participação por telefone correspondem a linhas de força da maioria dos programas que compõem a Programação IURD. No entanto, em algumas situações a produção não consegue filtrar de forma adequada os participantes e episódios de trotes ou perguntas não esperadas colocam os pastores em dificuldades, ganhando destaque em jornais, redes sociais etc. Na análise pudemos observar alguns casos, que serão apresentados no capítulo 4. Importa frisar que assim como outros dispositivos, o dispositivo religioso-midiático também é "movido" por forças dialéticas e contraditórias.

Retomando a discussão sobre a triangulação conceitual, podemos dizer que os dispositivos configuram narrativas, ao mesmo tempo em que as narrativas são formas privilegiadas de dispositivos. Da mesma forma, as narrativas despertam experiências e são articuladas segundo as experiências sociais e individuais dos sujeitos em seu gesto de leitura, os quais singularizam a narrativa. Seguindo o mesmo raciocínio, as experiências, sejam elas narrativas ou não narrativas, podem levar os dispositivos a entrarem em crise, darem continuidade às suas ações ou se reconfigurarem a fim de obterem o que se almeja. Assim, um programa que alcançou uma audiência expressiva pode vir a ser repetido e outro que não alcançou o resultado desejado pode sofrer profundas transformações ou mesmo deixar de ser exibido.

Como podemos perceber a natureza das relações entre estas três instâncias é dialética e auto-configurante. O olhar que construímos para o nosso objeto de análise poderia ser útil a diversos estudos e a partir dele poderíamos derivar diversas possibilidades de pesquisa. Como, por exemplo, fazer uma observação participante ou entrevistas em profundidade com pessoas que assistem a Programação IURD[8]. Neste caso, não se perderia de vista as narrativas e o dispositivo que as engendra, mas teríamos como foco as experiências dos sujeitos. Em nosso caso, temos como foco a dimensão narrativa, a qual é configurada pelos dispositivos e experiências e também configuradora dos mesmos.

A ênfase na dimensão narrativa nos permitiu fazer um segundo movimento, de modo que passamos a entender também as narrativas como dispositivos. Isso nos levou

[8] Uma pesquisa deste tipo poderia levar em conta as modalidades da experiência religiosa como as descritas por Rudolf Otto (s.d.) em "O Sagrado", obra em que discute tal experiência a partir do elemento irracional que a constitui.

a cotejar a perspectiva foucaultiana do dispositivo com a visada ricoeuriana sobre as narrativas. Agora, propomos retomar e aprofundar a discussão de Ricoeur sobre as narrativas, uma vez que elas consistem na preocupação central deste trabalho.

2.2. – A tessitura da narrativa na visão de Paul Ricoeur

Na obra de Ricoeur uma das preocupações centrais consiste no sentido do tempo e suas relações com a linguagem, a verdade e o mito. Segundo Constança Marcondes Cesar (1998), podemos perceber três enfoques intimamente interligados na abordagem que o pensador francês confere à temática: epistemológico, ontológico e estético. No primeiro enfoque destaca-se que "toda narrativa é interpretação do vivido, reconstrução, pela inteligência, do nosso ser-no-tempo" (CESAR, 1998, p. 27). Ou seja, a narrativa está alicerçada em uma experiência do ser no mundo, em suas vivências pessoais, no contato que estabelece com outros seres e outras narrativas. Tais experiências são articuladas a uma "inteligência narrativa" capaz de integrar acontecimentos e ações diferenciadas em uma história única, a qual nos diz de um modo do ser no tempo.

O segundo enfoque é de ordem ontológica. Segundo Cesar (1998, p. 27), "do lado ontológico, a meditação de nosso autor evidencia o confronto entre o tempo mortal e a eternidade, ponto de partida para o filosofar em torno da tristeza do infinito do finito, do destino humano". Como veremos a seguir, nessa reflexão Santo Agostinho é de importância fundamental, uma vez que é por meio das aporias do tempo do filósofo que Ricoeur parte para discutir as relações entre tempo e narrativa.

A terceira dimensão conecta as anteriores. É no âmbito da estética que ele propõe uma concepção poética do tempo humano. Não é de um tempo cronológico, medido e datado de que Ricoeur nos fala. Assim, "(...) **o tempo torna-se humano na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa alcança sua significação plenária quando se torna uma condição da existência temporal**" (RICOEUR, 2010a, p. 93, grifos do autor).

A citação acima nos apresenta o argumento nuclear de Ricoeur em "Tempo e Narrativa". Na obra dividida em três tomos o autor trata do caráter temporal da experiência humana por meio de uma análise em que procura identificar propriedades comuns à narrativa de ficção e à narrativa histórica. Para tanto, faz um longo percurso teórico, passando pela historiografia francesa (Le Goff, George Duby) e pela semiótica narrativa (Greimas, Barthes), além de recorrer a muitos outros autores que tratam de

temas relacionados[9]. No entanto, para especificar as dimensões temporais e de construção da intriga na narrativa, Ricoeur recorre a Agostinho e Aristóteles.

A partir do livro XI das Confissões de Santo Agostinho, o filósofo francês vai refletir sobre os paradoxos psicológicos da experiência do tempo. Não é o tempo cronológico, passível de ser medido, que levanta "problemas" para Agostinho, mas aquele que vivenciamos em nossa interioridade. Tais paradoxos "acompanham toda tentativa de elaborar a relação dialética entre passado, presente e futuro, e a relação dialética entre parte e todo temporal" (RICOEUR, 2012, p. 301). Se o passado já não há, o futuro ainda está por vir e o presente desaparece, como sustentar que há um ser no tempo? Não obstante, podemos nos lembrar de nossas experiências, de ter lido um livro, assistido um filme. Pela memória podemos dizer que há um ser no tempo. Esta mesma memória nos permite projetar o futuro com alguma margem de acerto. Ao mesmo tempo podemos dizer que há um "agora" (um momento presente) que vivo e que se esvai.

Diante desta problemática, Agostinho introduz outro paradoxo, o do "tríplice presente". Ou seja, há um presente do passado (que recupero pela memória), um presente das coisas presentes (do que "vejo" e sinto) e um presente do futuro (do que posso esperar, ter expectativas). É um tempo interiorizado, um tempo da alma.

> É neste ponto que Agostinho introduz seu mais audacioso paradoxo, que sublinha o caráter paradoxal inerente à noção de um tríplice presente. Ele precisa admitir que, mesmo não comportando a extensão de um corpo físico, a alma é "distendida" de uma maneira que se aplica somente às almas. A alma, diz ele, se estende, se alonga, de uma maneira que torna possível a comparação entre diferentes lapsos de tempo. Agostinho exclama: 'é em ti, oh minha alma, que eu meço meus tempos'. (RICOEUR, 2012, 302)

A "medição" deste tempo pela alma (*distentio animi*) se dá por intermédio do ato de narrar. É pela narrativa que configuramos nossa experiência temporal. Seja contando uma história para alguém ou recuperando-a pela memória, tecemos narrativas, interligando fatos e dotando-os de sentido. Para dar conta das propriedades que constituem a narrativa Ricoeur recorre a Aristóteles. Da "Poética" extrai duas noções fundamentais que já citamos no capítulo anterior, mas que convém recuperar: *mythos* e *mimesis*.

A primeira pode ser traduzida, segundo palavras do próprio autor, por "fábula"

---

9 No presente trabalho não detalharemos as contribuições destes e de diversos outros autores, devido aos objetivos deste texto, tais como: Gadamer, Heidegger, Koselleck, Kant, Hegel, que foram seminais para o empreendimento filosófico de Ricoeur.

ou “intriga” (RICOEUR, 2012, p. 302). A dupla tradução não é sem razão, uma vez que expressam a união da ficção e da ordem em uma mesma ação. A função da intriga é de um caráter de mediação, ao amarrar fragmentos, acontecimentos dissonantes e atribuir a estes uma ordenação e construindo, assim, uma história. É na tessitura da intriga que eventos, ações, sujeitos, fins, meios, acontecimentos são conectados de modo a formar um todo inteligível. Em relação ao tempo, a narrativa também organiza os modos temporais de narrar, relatar, agrupa os signos a fim de que expressem uma experiência, seja ela mais demorada, mais curta, realiza, portanto, uma “síntese do heterogêneo”.

Fica evidente o caráter dinâmico que o autor atribui à narrativa, uma vez que esta “representa[10]” a ação (via *mimesis*). As narrativas não são descrições que nos dizem de um estado fixo das coisas. Pelo contrário, compõem-se de deslocamentos, rupturas, movimentos de sujeitos inscritos em uma história organizada, passível de ser entendida. Trata-se de um processo de “concordância-discordante”. Vale a pena recuperar esse trecho que utilizamos no primeiro capítulo: “a arte de compor [*poiesis*] consiste em fazer **parecer** concordante essa discordância: 'um por causa do outro' prevalece então sobre o 'um depois do outro'. É na vida que o discordante acaba com a concordância, não na arte trágica” (RICOEUR, 2010a, p. 77 grifos nossos). Assim, na tessitura da intriga a conexão lógica entre os “discordantes” sobrepõe-se a um simples encadeamento cronológico de fatos. Como dissemos anteriormente, tanto o dispositivo como a narrativa são instâncias que emergem de tensões.

Atrelado ao *mythos*, encontramos o conceito de *mimesis*. O termo pode ser traduzido como “imitação”. No entanto, para Aristóteles não se trata de mera “cópia” de algo, mas de uma “imitação criadora”. Percebemos, portanto, uma grande afinidade entre os dois conceitos. Segundo Ricoeur,

> Não é indiferente abordar o par *mímesis-mythos* mediante o termo que ao mesmo tempo lança e situa toda a análise do adjetivo 'poético' (com o substantivo subentendido: 'arte') Só ele já imprime a marca de produção, da construção, do dinamismo a todas as análises: e em primeiro lugar aos dois termos *mythos* e *mímesis*, que devem ser considerados operações e não estruturas. (…) A poética é assim identificada, sem maiores formalidades, à arte de 'compor as intrigas'. A mesma marca deve ser conservada na tradução de *mímesis*: quer se diga imitação ou representação (como os últimos tradutores franceses), o que se deve entender é a atividade mimética, o **processo ativo de imitar ou de representar**. (RICOEUR, 2010a, p. 59, grifos nossos)

10 “Representar” na acepção ricoeuriana não se trata de mera cópia, reprodução do real, mas sim de algo da ordem de uma “imitação criativa”, que envolve a imaginação. Isto ficará mais claro quando tratarmos da *tríplice mímesis*.

Logo, vemos que o conceito de *mímesis* implica uma operação criativa. Não é uma duplicação do real, mas a invenção de um "quase se", um "mundo do texto" que depois vai se revelar na leitura (o que Ricoeur vai chamar de *mímesis* III). "Representar" funciona como uma metáfora da "ação imitada" e posta em intriga no modo narrativo, que organiza as características e acontecimentos do mundo pré-existente. Em Aristóteles a aplicação do conceito se restringe à tragédia e suas diferenças em relação à comédia e à epopeia. Discussão esta que foge ao escopo desse trabalho e da qual o próprio Ricoeur se preocupa essencialmente em reter a noção de *mímesis*. O filósofo francês amplia o conceito aristotélico e afirma que podemos identificar três momentos de *mímesis* na composição narrativa: mimese I, mimese II e mimese III.

A tríplice *mimesis* confere dinamicidade e revela o aspecto de circularidade hermenêutica da narrativa. Desse modo, vai-se de um tempo *prefigurado* (experiência vivida pelo narrador), passando-se pelo tempo *configurado* (marcado pela presença daquele que narra) até o tempo *refigurado* pela narrativa (no qual destaca-se a participação ativa do leitor). Segundo Carvalho,

> Partindo de um mundo pré-configurado, mimese I representa mais concretamente as dimensões éticas, o mundo social em sua complexidade, mimese II é o ato de configuração, a presença marcante de um narrador, mas também a mediação entre mimese I e mimese III, que corresponde à reconfiguração, momento que marca a presença ativa do leitor. (CARVALHO, 2010, p. 6)

Mimese I diz respeito a um mundo pré-configurado a que o sujeito tem acesso a partir da sua experiência no mundo da ação efetiva. Por mais que mimese II tenha um caráter criativo e de inovação semântica, isto se dá tendo em vista algo que lhe é anterior. Ao tratar de mimese I Ricoeur distingue três dimensões implicadas no mundo prefigurado: estruturais, simbólicas e temporais. A primeira refere-se às formas narrativas de uma dada sociedade, ou seja, aos elementos, regras já estabilizadas e que me dizem que recursos narrativos são mais adequados para utilizar em cada situação. A dimensão simbólica congrega valores morais e éticos, os mitos fundantes de uma cultura. Segundo Ricoeur, "as formas simbólicas são processos culturais que articulam toda a experiência" (RICOEUR, 2010a, p.101). A terceira dimensão corresponde aos caracteres temporais que imprimimos às narrativas e nos possibilitam situar os acontecimentos em uma ordem temporal, seja esta cronológica ou psicológica.

Se mimese I se refere a uma pré-compreensão do agir humano que leva em conta sua semântica, seu caráter simbólico e sua temporalidade, mimese II consiste no ato de tecer a intriga, tendo um papel de mediação entre o mundo que precede a narrativa e aquele que se cria quando esta é colocada em circulação. Abre-se o reino do "*como se*", ou seja, de um mundo configurado narrativamente, que se alicerça em uma compreensão do existente e ao mesmo tempo (re-)cria e lhe atribui novos sentidos. Nesse momento, percebemos a importância da "imaginação" em Ricoeur. Conforme afirma o autor,

> Numa veia ainda kantiana, não se deve hesitar em aproximar a produção do ato configurante do trabalho da imaginação produtiva. (…) A imaginação produtiva não só é destituída de regra, como constitui a matriz geradora das regras. Na primeira *Crítica,* as categorias do entendimento são inicialmente esquematizadas pela imaginação produtiva. O esquematismo tem essa capacidade, porque a imaginação produtiva tem fundamentalmente uma função sintética. Ela liga entendimento e intuição, gerando sínteses a um só tempo intelectuais e intuitivas. Também a composição da intriga gera uma inteligibilidade mista entre o que já denominamos a chave de ouro, o tema, o 'pensamento' da história narrada e a apresentação intuitiva das circunstâncias, dos caracteres, dos episódios e das mudanças de fortuna que constituem o desenlace. (RICOEUR, 2010a, pp.118-119, com grifos do autor)

A conceituação de imaginação que Ricoeur busca em Kant e relaciona à composição narrativa nos mostra o caráter duplo da imaginação: ao mesmo tempo que se ancora em um já dado (uma pré-compreensão do mundo narrativo e da realidade) supõe um grau de inventividade. Isso nos faz pensar na operação dialética que envolve a relação entre "sedimentação" e "inovação" e que constituem os equivalentes ricoeurianos às noções de "continuidade" e "descontinuidade" em Foucault. Ou seja, o novo e descontínuo se inserem no dispositivo textual por um indivíduo que constituído como sujeito mobiliza o conhecimento já adquirido em suas experiências anteriores e promove deslocamentos, desvios, portanto, inovações. Se isso não ocorresse, mimese II seria nada mais do que uma cópia idêntica de mimese I e não envolveria nem um traço singular e criativo.

Neste sentido, podemos dizer que toda narrativa, seja ela historiográfica, literária, cinematográfica ou jornalística supõe invenção e criação, uma vez que estão articuladas à imaginação. Com isso, não estamos apontando para uma equivalência desses tipos de narrativas no que tange às suas pretensões ao caráter de verdade de algo acontecido, um evento do mundo real. O que deixamos sugerido é o grau de inventividade inerente à atividade de narrar. Duas notícias diferentes sobre um mesmo

fato podem expressar de maneira satisfatória o que aconteceu de formas bem distintas. Cada repórter, veículo de comunicação tem uma forma própria de narrar, de tecer a intriga e criar um "mundo" que será posteriormente desvelado e recriado por vários leitores (mimese III), o que também poderá levar, via imaginação, a diferentes "mundos".

Com mimese III fecha-se o que Ricoeur denomina "círculo mimético". Se mimese I nos diz de um mundo prefigurado e mimese II do mundo configurado pela narrativa, mimese III nos fala de um mundo re(-con-)figurado da narrativa pela ação do leitor. Abre-se à interpretação, na qual evidencia-se uma participação ativa daquele que "lê". "O ato de leitura é assim o operador que une *mímesis III* a *mímesis II*. É o último vetor da refiguração do mundo da ação sob o signo da intriga" (RICOEUR, 2010a, p. 132). É via mimese III que a narrativa é reintegrada ao mundo no qual a ação efetiva se desdobra. Importante frisar que esse "ciclo mimético" não se trata de um ciclo vicioso.

> Isso seria verdade se *mímesis I* fosse ela própria desde sempre um efeito de sentido de *mímesis III*. Nesse caso, *mímesis II* nada mais faria senão restituir a *mímesis III* o que ela teria pegado de *mímesis I*, uma vez que *mímesis I* já seria obra de *mímesis III*. (RICOEUR, 2010a, p. 127).

Conforme já tivemos ocasião de dizer, o conceito de *mímesis* da forma como é trabalhado por Ricoeur pressupõe imitação e criatividade, ou, se preferirem, "imitação criativa". A narrativa está sempre aberta à inovação semântica. Em mimese III a atividade do leitor não consiste apenas em identificar os signos, caracteres presentes no texto, mas implica uma recriação via imaginação. A leitura supõe um grau de permanência e outro de desvio. Como nos diz Ricoeur,

> É ainda o ato de ler que se junta ao jogo da inovação e da sedimentação dos paradigmas que esquematizam a composição da intriga. É no ato de ler que o destinatário brinca com as exigências narrativas, efetua os desvios, participa do combate entre o romance e o antirromance e experimenta o prazer que Roland Barthes chamava o prazer do texto. (RICOEUR, 2010a, p. 131)

É na operação de leitura que o "mundo do texto" é ativado no encontro com o "mundo do leitor". A obra seria da ordem de uma "*transcendência imanente",* a qual aguarda pela intersecção com o "mundo do leitor" para fazer emergir o "mundo" que ela contém (RICOEUR, 2010b, p.174), mundo este permeado de conflitos e tensões. É preciso que haja esse "confronto de mundos" para que a refiguração ocorra. Novamente, destaca-se o papel ativo do leitor. Assim, a leitura também "tece a narrativa" a seu

modo, fazendo parte do "jogo da sedimentação e da inovação".

Retomando o exercício aproximativo que fizemos principalmente no capítulo anterior, ao considerar narrativas como dispositivos temos de estar atentos para como elas deixam entrever as tensões do mundo social por meio de sua configuração mimética. Outro ponto de contato é que os dois autores veem as possibilidades enunciativas como lugares de deslocamentos, da emergência do "descontínuo" (Foucault) e do novo (Ricoeur). Isso se dá em ambos por meio de operações de caráter dialógico e dialético. A grande diferença talvez resida na forma como Ricoeur lida com os "deslocamentos", vistos por ele sob o signo da criatividade, da inovação semântica.

Partindo dessas considerações sobre a narrativa é que devemos refletir não só pelo que se assemelha com o já dito no tocante ao dispositivo, mas devemos olhar para as narrativas e no mundo que elas nos projetam procurar detectar as linhas de força que as compõem. Ou seja, identificar suas curvas de visibilidade, silenciamentos, o modo como se articulam a outras referências do mundo da ação efetiva, procurando perceber de que maneira as linhas de força e de fissura se mesclam no cadinho do dispositivo textual narrativo que convoca indivíduos a constituírem subjetividades, seja como "enunciadores" ou "destinatários" em suas experiências.

Cabe agora refletir com um pouco mais de cuidado sobre o terceiro termo que integra o triângulo conceitual que elaboramos para pensar as narrativas: a experiência.

2.3 – Experimentar o narrar e narrar a experiência

Conforme vimos na abordagem ricoeuriana, o percurso da tríplice mimese está diretamente relacionado com as experiências dos sujeitos no mundo. Seja esta a daquele sujeito que ao enunciar recupera um mundo pré-existente com valores, temas e uma "gramática" (linguagem) próprias ao dispositivo (mimese I); seja na sua experiência ao tecer a narrativa (mimese II); seja na experiência de refiguração de quem lê e reconstitui a narrativa na conjunção do seu "mundo de leitor" com o "mundo do texto" (mimese III).

Como podemos perceber, para Ricoeur é impossível dissociar a narrativa da experiência. Esta corresponde a uma condição *sine qua non* para a existência daquela. O conceito de experiência abriga múltiplas formulações e aplicações. Poderíamos enveredar aqui pelos meandros da experiência religiosa descrita por Otto, que se refere ao âmbito irracional compreendendo sensações de espanto, medo e admiração do

humano diante do Sagrado manifesto. São experiências que em sua essência são tipicamente não-narrativas, compreendendo quase que exclusivamente o universo sensório. Isso não implica que poderiam vir a ser narradas posteriormente.

Na antropologia, por exemplo, a "experiência" é central, uma vez que o método empregado implica que o investigador lide *in loco* com o grupo pesquisado. Assim, por meio da observação participante das experiências dos sujeitos e das suas, ele procura identificar os signos e normas culturais que organizam o universo em questão dessa sociedade.

Tal como ocorre com o conceito de "dispositivo", o conceito de "experiência" é central em outras pesquisas e possui diversas atribuições a depender do lugar teórico em que é empregado. Destacamos que para a triangulação teórica proposta a "experiência" tem o mesmo peso que os outros dois termos. Não obstante, nossos propósitos analíticos nos levam a focar nas narrativas de modo que recorremos ao conceito de experiência apenas à medida que ele nos ajuda na compreensão das narrativas.

No item anterior, ao apresentarmos a discussão ricoeuriana sobre as narrativas, ficou clara a importância da experiência. Os três momentos miméticos implicam um modo do ser experimentar o mundo. Se mimese I diz da experiência passada que se presentifica na experiência de narrar e que é retomada pelo leitor na experiência de leitura, mimese II corresponderia ao momento de tessitura da narrativa, ao instante da vivência de um presente pelo qual o enunciador "põe em intriga". Já mimese III relaciona-se ao momento em que o ciclo mimético se fecha por meio da experiência de leitura. Ou melhor, o momento em que o ciclo aponta para a sua eterna possibilidade de retorno, pois cada leitura gera, potencialmente, uma nova narrativa, ou um novo olhar sobre a narrativa fruída, alargando, também ao infinito, as potencialidades de experiência das e nas narrativas.

Vemos, portanto, que o narrar está imbricado com a experiência do ser no mundo, no mínimo como a condição privilegiada de dizer quem somos, como nos situamos diante de nós mesmos e dos outros e nos relacionamos com o ambiente que nos circunda, nos afetando e sendo por nós afetado. Interessante notar que tanto a mimese quanto a experiência envolvem, além dos aspectos sociais, culturais e individuais, uma postura ativa e criativa por parte dos sujeitos. Ao analisar a experiência em geral e seu desdobramentos no âmbito da arte John Dewey (1859-1952) chega a proposições semelhantes às de Ricoeur. Assim como fizemos ao aproximar Foucault e Ricoeur, é preciso ter os devidos cuidados teóricos ao pensarmos em possibilidades de

diálogos.

Dewey pertence a outro universo teórico, bem distinto dos colegas franceses. Considerado um dos principais expoentes do Pragmatismo, sua atuação como filósofo se deu em vários campos, sendo considerado uma referência na política, educação e arte. Apesar de pertencerem a horizontes teóricos distintos, podemos perceber tanto em Ricoeur quanto em Dewey uma ênfase na ação enquanto elemento que estrutura nossas experiências no mundo. Além disso, ambos percebem que na experiência os sujeitos participam não apenas de modo passivo, a "receber a experiência", mas também de modo ativo e criativo.

No texto "Ter uma experiência", Dewey (2010) sugere que podemos dividir a experiência em dois tipos: a "experiência em geral" e a "experiência singular". A primeira diz de uma qualidade do ser ao estar no mundo, nesse sentido ela é contínua e ininterrupta. "A experiência é o resultado, o sinal e a recompensa da interação entre organismo e meio que, quando plenamente realizada, é uma transformação de interação em participação e comunicação" (DEWEY, 2010, p. 89). Nesta citação já encontramos um traço que define a experiência singular: a completude. A experiência singular é aquela que se completa e emerge como diferenciada em relação às outras experiências do sujeito.

Na experiência, o indivíduo é visto não apenas enquanto um ser complacente, que "sofre" uma experiência, mas adquire um *status* de agente. Segundo Dewey,

> Uma experiência tem padrão e estrutura porque não apenas é uma artimanha do fazer e do ficar sujeito a algo, mas também porque consiste nas duas coisas relacionadas. Pôr a mão no fogo não é, necessariamente, ter uma experiência. A ação e sua consequência devem estar unidas na percepção. Essa relação é o que confere significado; apreendê-lo é o objetivo e o conteúdo das relações que medem o conteúdo significativo de uma experiência. (DEWEY, 2010, p. 123)

A experiência implica a um só tempo agir e sofrer, as posturas passiva e ativa não estão dissociadas, mas compõem uma unidade por meio da qual algo é organizado em um todo que "faz sentido", ou seja, demanda uma tradução em termos de linguagem do que foi vivenciado. Contar um acidente que presenciamos em nosso cotidiano a um amigo pode ser considerada uma forma de organizar a "experiência" em um todo dotado de sentido. Narramos as nossas experiências com base em experiências anteriores, experimentamos ao narrar e experimentamos o narrado como destinatários. A experiência é condição necessária para a existência das narrativas.

No olhar que estamos construindo para o nosso objeto é preciso ter em mente que as narrativas que consideramos como dispositivos estão implicadas nas relações de poder que compõem o mundo social no qual elas foram gestadas e que afetam os sujeitos em suas experiências cotidianas. E em nossa pesquisa sobre a Programação IURD é preciso considerar que embora o nosso foco esteja no âmbito das narrativas religioso-midiáticas não podemos perder de vista que constituem dispositivos que se geram em outros dispositivos (religião e mídia). Da mesma forma, é impossível pensar as narrativas como dispositivos sem as articular com a noção de experiência, condição fundamental para que elas venham a existir e para que os indivíduos com elas tomem contato.

Após este percurso teórico sobre as questões que envolvem os conceitos de dispositivo, narrativa e experiência voltamos a nossa atenção para uma questão particular que envolve o nosso objeto: o lugar de inscrição de tais narrativas. É fundamental que em algum momento tratássemos da linguagem televisiva, uma vez que ela engendra as narrativas que analisamos. Preferimos tratar neste capítulo, pois além de informações mais gerais sobre a TV objetivamos focar no seu âmbito narrativo, discussão aqui abordada.

2.4 – A dimensão narrativa da TV

A história dos meios de comunicação nos mostra que o surgimento de uma nova mídia afeta as demais, podendo até mesmo as levar a se redefinirem para sobreviverem. Com o surgimento das mídias eletrônicas, os jornais impressos perderam a primazia na oferta da informação, sendo obrigados a repensarem as suas estratégias, sendo que começaram a ser mais frequentes entrevistas exclusivas e matérias que ofereçam uma abordagem mais profunda.

Em relação à TV, que nos interessa diretamente, notamos algumas transformações nas últimas décadas, devido, principalmente, ao surgimento da internet. Muitos chegaram a proclamar o fim da TV, o que, de acordo com François Jost (2011) e Tobby Miller (2009), seria um erro. O primeiro afirma que ainda é cedo para dizer se irá prevalecer no futuro a "TV ligada à internet ou a tela do computador utilizada como televisão" (JOST, 2011, p. 107). O que permanece para ele é a individuação dos conteúdos, bem como a multiplicação das possibilidades dos mesmos por parte do público.

Já Tobby Miller (2009) acredita que a TV continuará a ter um espaço privilegiado na vida das pessoas e que o que estaríamos presenciando é uma mudança significativa no modo como tradicionalmente a conhecemos. Isso nos leva a outra pergunta: que televisão é esta que conhecemos? De acordo com o referido autor,

> Uma lista breve pode incluir diversão, chatice, utilidade pública, lucro, esportes, ação, notícia, homens, os Estados Unidos, filmes, cor, desastre, fumaça venenosa, componentes tóxicos e sensacionalismo barato. A TV é um objeto, produzido em uma fábrica e distribuído fisicamente (através dos meios de transporte) e virtualmente (via propaganda). Nesse ponto, ela se metamorfoseia em uma questão de estilo – uma valiosa (ou maldita) peça de decoração. Por fim, a TV se transforma em sucata, cheia de venenos e poluentes, à espera de um local de despejo. **A televisão possui, em síntese, uma existência física, uma história como objeto de produção material e de consumo, além da reputação de ser um local de produção de sentido.** Todavia, desde sua origem, a TV tem sido, acima de tudo, um **meio de enriquecer e legitimar os seus controladores, e de entreter e civilizar os telespectadores**. (MILLER, 2009, p. 10, grifos nossos)

Segundo Miller (2009), desde o surgimento da TV houve uma preocupação em julgar os benefícios ou malefícios de sua existência, levando muitas vezes a pensamentos maniqueístas. Os pessimistas sugeriam que a TV fosse um veículo de dominação e domesticação de mentes, que não só tornaria as pessoas mais passivas, como também incitaria o ódio religioso e racial. As visadas otimistas destacavam um suposto papel educacional e cultural. Assim, as pessoas, ao tomar conhecimento de outras realidades, tornar-se-iam mais críticas. Por este motivo, até os anos 70 a África do Sul do *apartheid* não permitia a venda de TVs, sob o pretexto de os negros se rebelarem (MILLER, 2009, pp. 13-14).

Não pretendemos aqui esboçar algum tipo de avaliação generalizante que vise classificar a TV como boa ou ruim para a sociedade. Nosso objetivo é buscar um entendimento ainda que mínimo da sua linguagem, o que será de fundamental importância para a nossa análise da Programação IURD. Diferentemente do cinema, que implica uma postura mais ativa e cativa do público, a TV se caracteriza por um outro tipo de experiência.

> ao contrário de um "ver" de imagens em excesso do cinema, um modo de ver indolente, quantas vezes sobredeterminado pela figura da teledependência, ou tão só de um hábito que não é mais do que uma apatia do olhar configurada nas diferentes ordens da imagem televisiva e no contrato de visibilidade que instituem. Imagens há, no entanto, que trabalham na periferia, por assim dizer, da lógica convencional que caracteriza o dispositivo televisivo nomeadamente o *videoclip* (...), imagens que emergem na grelha de programas como uma "imagem-pulsação", imagem saturada, por oposição à

> rarefacção de sentido, mas também em oposição à "imagem-pulsão" do cinema, elaborada numa outra *durée*, feita de um princípio não ritualizado, mas antes de desassossego e de prazer, de apelos, tensões, de excessos interpelantes. (CÁDIMA, 1995, pp. 12-13)

Em vez da experiência imersiva do cinema, pensava-se em um tipo de experiência mais distraída, semelhante à proporcionada pelo rádio. Isso faz sentido se considerarmos que inicialmente parte considerável do público-alvo da TV eram donas-de-casa. Assim, a TV deveria possibilitar um tipo de experiência que fosse possível enquanto as mulheres cuidavam dos afazeres domésticos (MILLER, 1995, pp. 15-16).

Esse aspecto, aliado a transformações no interior do dispositivo televisivo, fizeram com que o entretenimento se tornasse uma marca essencial da TV. Se antes esta característica ficava restrita aos produtos assinalados de forma rigorosa como "ficcionais", as transformações na televisão mostraram que essas classificações eram insuficientes e que o entretenimento também se tornava constitutivo até mesmo de programas informativos.

Umberto Eco (1984), em um dos textos clássicos sobre a TV (tevê: a transparência perdida), nos traz um breve histórico sobre tais mudanças que afetam a estética televisiva. Eco parte de uma discussão de dois modelos de televisão. O primeiro, que ele denomina "paleotelevisão", está alicerçado em uma distinção rígida entre "informação" e "entretenimento".

Na paleotelevisão havia um objetivo explícito de que a TV deveria ter uma função educativa, logo, as diferenças entre "informação" e "ficção" deveriam estar bem claras para o público. É um momento em que a tevê diz ao público muito do mundo e pouco de si, isso também levaria a um efeito de transparência, de modo que o espectador "sentisse" que o que estava ali sendo transmitido era a própria realidade (parte de seu mundo) e não algo construído. Assim, quando microfones e outras câmeras apareciam em uma transmissão isso era considerado um erro gravíssimo.

No entanto, as transformações da TV levaram a questionar tal distinção. Segundo Eco (1984, p. 188), "até a metade da década de 50, o problema complicou-se com o surgimento do mais típico entre os programas de entretenimento que é o de perguntas e respostas. Será que esse programa diz a verdade ou encena uma ficção?" Na nova televisão, ou, para utilizar os termos de Eco (1984), na "neotevê", outro tipo de relação com o público se instaura. A transparência pretendida dá lugar a uma tevê que "passa a dizer menos do exterior e muito mais do mundo criado na interação com o

espectador. Ao invés de uma grade de programação, um fluxo intenso em que programas se misturam e se indistinguem em seu caráter ficcional, informativo ou lúdico" (LEAL, 2008, p. 58).

De acordo com Bruno Leal (2008), a "neotevê" tensiona a forma como a tevê foi entendida até então e traz consigo transformações de caráter estético.

> Se a paleotevê funda-se na "colagem" entre enunciado e referente, ela se apresenta como marcada pelo realismo e pelo esforço de constituir a tevê como um "meio" de transmitir/refletir o mundo. Daí, inclusive sua relação hierárquica, pedagógica, informativa com seu espectador. A "neotevê" por sua vez substitui a referencialidade pelo contato, instituindo-se como espaço fático, de jogo. (LEAL, 2008, p. 58)

O entretenimento passa a ser a característica fundamental que a define. Isso não suprime uma necessidade de se dizer a "verdade" e informar, mas condiciona essa preocupação a um imperativo pelo qual tudo que se transmite deve ser atrativo e não exigir um grande esforço de raciocínio do espectador (DUARTE, 2004, p. 50). Partindo desse pressuposto é que se pensa a programação. De acordo com Elizabeth Duarte (2004), a grade televisiva obedece a seleções estratégicas, adequando-se ao tipo de público.

Outra constatação da pesquisadora é que a TV procura estabelecer uma determinada periodicidade, de modo a manter um determinado programa sempre no mesmo horário. Isso cria um hábito e a tevê passa a regular o tempo dos telespectadores. Reflexo disso são expressões cotidianas como "vou fazer isso depois do jogo" ou "novela das nove", que demonstram a relação indicada entre o tempo e as vivências do público.

> Assim, substitui-se uma relação com base no contrato (cada programa apresenta um contrato comunicacional específico: informativo, ficcional, etc), por outra, marcada pela proximidade, pela convivialidade e pelo contato: o espaço televisual se confunde com o do cotidiano, através da relação afetiva e convivial do espectador. Assim, se num primeiro momento, a televisão se apresentava como hierárquica e contratual, cada vez mais se torna "um lugar de vida" para o espectador. (LEAL, VALLE, 2007, p. 2)

A TV de janela para o mundo se converte em um mundo próprio em que o indivíduo habita. Essa familiaridade que a TV cria com o público também pode ser observada na Programação IURD. A linguagem pelos pastores é marcada por expressões populares, como "você vai arrebentar", "tá vendo?". Além disso, os espectadores e as

pessoas que participam por telefone são quase sempre chamados de “amigos” (as) pelos apresentadores. Nas participações por telefone é criado um ambiente de intimidade, no qual o pastor se coloca no duplo papel de amigo e terapeuta, tratando a pessoa como alguém que lhe é próximo, e depois prescrevendo a solução para os problemas que a pessoa enfrenta (converter-se e ir a um templo da IURD).

Além disso, os vários quadros dos programas (entrevistas, matérias extraídas de jornais da Record ou produzidas pela equipe da IURD em Minas, dramatizações etc.) apresentam situações gerais que podem ser comuns à vida de qualquer pessoa, variando de problemas financeiros a decepções amorosas, doenças incuráveis, dores no corpo etc. Assim, não só os problemas passam a ser familiares, mas a própria TV e os pastores também se tornam familiares ao público, uma vez que apresentam soluções que servem tanto para as dificuldades enfrentadas por aqueles que participam do programa ao vivo quanto para quem assiste em casa.

Como dissemos acima, a tentativa de se criar familiaridade com o espectador obedece a seleções estratégicas. No tocante à grade televisiva, Duarte (2004) nos fala da alternância de programas de gêneros e formatos distintos, que cria uma dinamicidade constitutiva da TV. É importante salientar que na visão da autora, a noção de gênero é fundamental para entendermos a televisão. Assim, “por gênero televisivo, compreende-se uma macro articulação de categorias semânticas capazes de abrigar um conjunto amplo de produtos televisivos que partilham umas poucas categorias comuns” (DUARTE, 2004, p. 67). O gênero não é visto como uma “camisa de força”, mas antes como uma “abstração”, uma vez que pouquíssimos produtos cumpririam integralmente todas as características que comporiam virtualmente um gênero.

É pelo gênero que um programa “promete” algo ao público, criando expectativas. François Jost (2004) propõe a categoria da “promessa” em contraposição a uma ideia de que a tevê estabelece, via gênero, um contrato com o público. Para o autor, trabalhar com a ideia de contrato no âmbito teórico da tevê é problemático, tendo em vista que o contrato pressupõe um acordo entre as partes e pode, durante o processo, ser reformulado, o que, segundo o autor, não ocorre na tevê.

Embora partilhe da noção de promessa, Duarte (2004) discorda que a categoria substitua o contrato. “Pelo contrário, vemo-la como uma estratégia de sedução com vistas à assunção do contrato. (…) o telespectador é convidado a participar de um contrato comunicativo que lhe designa diferentes funções, dentre elas, a de ser testemunha de uma promessa” (DUARTE, 2004, 49). Tal como Jost (2004) nos fala, o

cumprimento desta promessa diz de uma correspondência entre o gênero proposto e o que de fato foi ofertado ao telespectador.

Não obstante, embora as noções de gênero, contrato e promessa ofereçam indicações preciosas para se entender a TV, em alguns momentos elas se revelam problemáticas. No âmbito de nosso interesse de pesquisa, por exemplo, classificar um programa como religioso, ou procurar tipificar um "gênero religioso", apenas informaria do seu conteúdo e não de sua forma, o que é complicado, visto que hoje temos desde documentários e cultos a programas de entrevistas e de humor com conteúdo religioso.

O conceito de contrato também pode se revelar perigoso, pelo fato de, segundo Jost (2004), não implicar que nas emissões televisivas não ocorre reformulação do contrato enunciativo, tal como nas interações interpessoais. A noção de "promessa" nos parece a mais interessante e aberta de modo a abranger a dinamicidade própria dos produtos televisivos. A partir dela, o próprio conceito de gênero ganha maior flexibilidade. Em uma única atração, a "promessa" pode ser refeita e um programa pode migrar sem grandes problemas de um gênero para outro. É o que Jost (2004) propõe ao analisar o *reality show* francês *LoftStory*.

> Se semelhante estratégia de mobilidade é possível, é certo que o produto audiovisual é, de fato, o resultante intermediário e provisório de dispositivos provindos de múltiplos gêneros, de sorte que cada programa é uma espécie de mistura instável de tudo o que o antecipou. (JOST, 2004, p. 66).

A Programação IURD é um bom exemplo de programa que transita em vários gêneros. Conforme já dito, há desde entrevistas em estúdio a matérias extraídas da própria Record, clipes musicais e participações por telefone ao vivo que compõem boa parte dos programas da Universal transmitidos nas madrugadas mineiras. O que constitui o fio lógico que liga a variedade de quadros e formatos são os temas, que tratam de uma forma geral do sofrimento e da solução milagrosa para o mesmo, que consiste em ir a alguma reunião da Igreja Universal. Como podemos ver, a noção de gênero se revela problemática nos moldes em que foi originariamente pensada. Apenas como uma abstração e na relação com o conceito de promessa que pensamos poder preservá-la, mas sem o teor prescritivo que guarda em outras formulações.

As promessas funcionam, portanto, como "etiquetas" que nos preparam para uma determinada experiência que a TV nos oferece por meio de suas narrativas. De acordo com Duarte (2012), o produto televisivo é eminentemente narrativo e se

caracteriza pela articulação de diferentes recursos. Segundo ela,

> Normalmente, o conteúdo dos textos televisuais expressa-se através da articulação de diferentes linguagens, utilizando-se de diversas substâncias de expressão para sua manifestação. De um lado, há os atores, apresentadores, os modos de interpretação, gestos, expressão facial e corporal; a plástica da imagem – estilos de cenário, vestuário, maquiagem, iluminação. De outro, enquadramentos, cortes em cenas, planos, justaposição de cenas em movimento, montagens, edição. Há ainda os elementos sonoros – o verbal, o musical, os variados ruídos, e as mixagens, decorrentes do processo de edição. Mais ainda, nesse contexto, os meios técnicos de produção, circulação e consumo acabam por funcionar como linguagens que sobredeterminam as sonoras e visuais. Ora, todos esses elementos estruturam-se em função do modo de contar a narrativa, respeitadas as lógicas, interesses, possibilidades e restrições do meio, a partir do que selecionam-se as estratégias discursivas e mecanismos expressivos a serem empregados. (DUARTE, 2012, p. 327)

Constituídas a partir de variados recursos, as narrativas, como vimos em Ricoeur (2010a), nos dizem de uma experiência no mundo e projetam uma experiência a ser vivida pelos indivíduos. Baseando-se na conceituação de Dewey sobre a experiência, Eco (1991) defende que as narrativas televisivas propiciam uma experiência do tipo singular, uma vez que selecionam fatos dispersos no mundo e os organizam em uma única história, fornecendo uma experiência completa. O espectador age diante de tal narrativa, interpreta, operando assim uma "mimese de experiências" (ECO, 1991, pp. 187-188).

A experiência que o público tem por meio da narrativa televisionada seria caracterizada por uma segunda mimese. A narrativa ofertada pela mídia já é mimese de acontecimentos do mundo que são organizados de modo a terem sentido e constituírem uma narrativa. Ao travar contato com tal narrativa, que já é fruto de uma interpretação do mundo, o espectador também interpreta e tem uma experiência de mundo por meio dela.

As proposições de Eco (1991) nos fazem lembrar Ricoeur (2010a,b,c), para quem a narrativa institui uma relação circular e dinâmica calcada no modelo da "tríplice mimese", que vai desde as experiências anteriores do sujeito que narra, passando pela própria tessitura da narrativa no seu criar-se e volta ao mundo da ação efetiva por meio da mimese III, ou seja, da experiência interpretativa dos sujeitos a partir de tal narrativa. No tocante ao nosso interesse sobre as narrativas da Programação IURD, podemos dizer que ele consiste em pensar que mundos e formas de estar no mundo tais narrativas dão a ver ao convocarem indivíduos a uma experiência. Assim, observaremos que

tensionamentos elas deixam transparecer, que referências e relações de poder estabelecem com outras instâncias da sociedade e que tipo de postura incitam o público a assumir diante de tais narrativas.

Desse modo, para além de toda a discussão teórica feita sobre o dispositivo, as narrativas e o âmbito narrativo da TV é importante recuperarmos a história da Igreja Universal e do pentecostalismo, que integram os "mundos" ofertados nas narrativas da Programação IURD. Este é o tema do capítulo seguinte.

3 – DA DESSACRALIZAÇÃO DA EXISTÊNCIA HUMANA AO RE-ENCANTAMENTO PENTECOSTAL E MIDIÁTICO

No percurso feito até agora abordamos os conceitos de dispositivo, narrativa e experiência e procuramos indicar como eles se articulam de modo a construir um olhar possível sobre a Programação IURD. Até então fizemos apenas alusões pontuais à religião e à própria Igreja Universal à medida que se mostraram necessárias. Tendo em vista a importância deste aspecto para a compreensão e análise narrativa da Programação IURD, neste capítulo retomamos a discussão já feita, aprofundamos e avançamos a partir dela.

Nesse sentido, propomos em um primeiro momento recuperar as contribuições de Mircea Eliade principalmente em "O Sagrado e o Profano", obra em que trata da presença e interferência da religião na sociedade, bem como do processo de dessacralização na história da humanidade. Alinhando com a perspectiva do dispositivo fundamentada em Foucault (2012) e seus comentadores (Deleuze, 1996; Agamben, 2005) procuramos cotejar com a abordagem de Eliade sobre o fenômeno religioso para pensarmos a religião como dispositivo.

Em um segundo momento, avançamos na discussão sobre a dessacralização da existência humana, passando pelo conceito de "desencantamento do mundo" em Weber e sua visão sobre o protestantismo. Em seguida, nossa atenção se volta ao pentecostalismo. Buscamos suas raízes históricas e o desenvolvimento do movimento pentecostal indo até o surgimento do neopentecostalismo e a história da Igreja Universal, principal expoente desta vertente do pentecostalismo no Brasil. Encerramos o capítulo com uma abordagem sobre as formas como as relações entre mídia e religião têm sido pensadas na academia, os conceitos mais utilizados e aqueles que acreditamos ser os mais apropriados diante da complexidade constitutiva desse fenômeno. Interessante notar que tanto a presença da religião na mídia, como a existência do pentecostalismo são apontados como formas de "re-encantamento". Esta temática também será debatida no presente capítulo.

3.1 - A religião como dispositivo

O dispositivo foucaultiano embora se apresente como um conceito que "tudo abarque", um universal, portanto, tema vantagem de fazer ver as "descontinuidades" em

meio às “regularidades”, as “linhas de força” e as “fissuras”, ou seja, permite entrever as relações de poder que nele estão envolvidas. Assim, conforme já salientado no primeiro capítulo, podemos dizer que se trata de um universal sem caráter totalizante. Na sua relação com os “seres viventes”, o dispositivo captura, enseja experiências e faz emergir sujeitos. Retomando Agamben,

> Generalizando posteriormente a já amplíssima classe dos dispositivos foucaultianos, chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes. (AGAMBEN, 2005, p. 13)

Historicamente as religiões se constituíram lançando mão de outros dispositivos que vieram a intensificar suas “linhas de força”. No entanto, não apenas a religião afeta outros dispositivos, mas também é afetada por eles, podendo tanto fortalecê-la como levá-la a “linhas de fissura”. Um exemplo bem atual são os processos de investigação promovidos pelo Vaticano sobre supostos milagres. Ao mesmo tempo em que se traz a ciência para atestar o caráter sobrenatural de algum fenômeno, revela-se também uma perda de autoridade da igreja, uma vez que a “verdade” do que ela diz passa a ser condicionada a um dispositivo que está fora do plano religioso e que teve uma luta árdua para se estabelecer contra os dogmas religiosos. Dessa forma, se por um lado a ciência se apresenta muitas vezes como condição de superação da religião, nesse caso específico ela pode vir a reafirmar o que é dito por uma igreja e corroborar para a manutenção da crença de um grupo.

Como salientamos no primeiro capítulo, as relações entre os dispositivos podem ser tanto de reforço das “linhas de força” que perpassam as “curvas de visibilidade e de enunciação” e os “processos de subjetivação”, quanto de tensionamento, podendo fazer emergir “linhas de fissura” e até mesmo levar ao esfacelamento de um dispositivo. Quando analisamos o modo como mídia e religião se afetam ao entrarem em contato percebemos que o mesmo ocorre, conforme veremos.

Em relação ao modo como as religiões se estruturaram nas diferentes sociedades, faz-se importante retomar as contribuições de Mircea Eliade, um dos filósofos que inaugura a fenomenologia da religião. Em “O Sagrado e o Profano”, o autor adota procedimento semelhante a Rudolf Otto, que, contrariando as pesquisas sobre religião, propõe estudar não “as ideias de Deus e da religião” (ELIADE, s.d., p. 23), mas sim as diversas modalidades da experiência religiosa. Todavia, diferentemente

de Otto, Eliade não se concentra apenas no aspecto "místico-irracional" dessa experiência, mas procura abordar o Sagrado de forma integral.

Conforme já apontamos em outro momento, o autor parte desta discussão e cunha o conceito de hierofania, que nada mais é do que "a manifestação do sagrado[11]" (*idem*, p.25). O sagrado manifesto cria uma divisão no mundo entre o que é sagrado e o que é profano, sendo que o que é sagrado se apresenta como hierarquicamente superior ao profano, passando a valer como lente pela qual se olha o mundo. A divisão operada pela hierofania entre o que é sagrado e o que é profano ocorre em dois níveis: espaço e tempo.

Segundo Eliade (s.d.), as religiões se constituíram historicamente por meio das hierofanias. Ao se inscrever no mundo, o Sagrado cria consigo um *axis mundi*, um centro, um eixo de orientação para a humanidade. Como diz Eliade (s.d, p. 57), "um Universo origina-se a partir do Centro, estende-se a partir de um ponto central que é como que o seu umbigo". Tal simbologia está presente nas religiões das mais variadas formas:

> a) as cidades santas e os santuários são tidos por situados no Centro do Mundo; b) os templos são réplicas da montanha Cósmica e por consequência constituem a 'ligação' por excelência entre o Céu e a Terra; c) os alicerces dos templos mergulham profundamente nas regiões inferiores. (ELIADE, s.d, p.52)

Em torno desse "eixo cósmico" (Sagrado) é que os outros espaços se constituem. Mercados, escolas, centros de administração do Estado e delegacias são espaços qualitativamente diferenciados de igrejas e santuários. Podemos dizer que a hierofania institui um Cosmos onde antes havia apenas o Caos. Assim, o dispositivo religião organiza o espaço. Ao se colocar no centro, em um espaço de visibilidade ampliada, damo-nos conta das relações de poder que historicamente as igrejas estabeleceram com outras instituições. Aproximando-nos da perspectiva do dispositivo, podemos dizer que a centralidade dos templos nos informa das "linhas de força" que perpassam "curvas de visibilidade" da religião. Da mesma forma, a laicização dos estados e a constituição de outros "centros" que não estejam ligados à presença de um templo nos sugerem "linhas de fissura" desse dispositivo na contemporaneidade.

---

[11] Como dissemos em outra ocasião, Eliade não se preocupa em definir se as experiências ditas sacras de fato são dotadas de elemento sobrenatural. O que importa ao autor é pensar de que modo supostas manifestações do sagrado, por mais diferentes que sejam, apresentam características comuns na sua configuração.

Tais espaços sagrados convocam a ações e experiências diferenciadas. Podemos citar o costume de católicos fazerem o "sinal da cruz" na testa quando passam em frente a alguma igreja e até mesmo o pedido feito pelas mais variadas religiões para os fiéis não utilizarem roupas que exponham muito o corpo quando estiverem no interior do templo. Este corte operado pela hierofania não se restringe apenas na diferenciação entre os espaços sagrados e os espaços profanos[12], o mesmo ocorre em relação à temporalidade.

> Tal como o espaço, o tempo também não é, para o homem religioso nem homogêneo nem contínuo. Há, por um lado, os intervalos do tempo sagrado, o tempo das festas (na sua grande maioria, festas periódicas); por outro lado, há o tempo profano, a duração temporal ordinária na qual se inscrevem os atos privados de significação religiosa. Entre essas duas espécies de tempo, existe, bem entendido, solução de continuidade, mas por meio dos ritos o homem religioso pode 'passar' sem perigo, da duração temporal ordinária para o tempo sagrado. (ELIADE, s.d., p. 81)

O tempo sagrado é qualitativamente diferente do tempo profano. É um tempo reversível, "um tempo mítico primordial tornado presente" (*idem, ibidem*) por meio das festas. A festa implica uma saída do tempo ordinário para um tempo qualificado. Nas festas se retorna ao tempo mítico em uma comunhão com o sobrenatural. Ao instituir tal diferenciação estabelece-se um calendário. A própria palavra calendário vem de "calatio", termo que significa "chamada" e se refere ao tempo quando os sacerdotes chamavam as pessoas a fim de dizerem os dias festivos. Podemos perceber isso tanto na distribuição dos dias da semana (domingo, que é o "dia de descanso", também é para os cristãos católicos o "dia do Senhor") quanto nos meses e feriados, mesmo naqueles que aparentam ser desprovidos de qualquer significado religioso (neste sentido, a passagem de ano é sintomática, as comemorações marcam muitas vezes promessas de mudanças, de renovação, o que casa com o simbolismo religioso de início de um novo ciclo).

Partindo de uma discussão sobre o calendário, Paul Ricoeur (2010c) também nos fornece indicações preciosas sobre os tempos sagrado e profano. De acordo com o autor, o calendário consiste em uma ponte estendida entre o tempo vivido e o tempo cósmico. Assim como Eliade (s.d), Ricoeur (2010c) também estabelece uma relação direta entre a organização do tempo e a constituição dos mitos.

---

12 O termo profano não significa necessariamente "contra-sagrado" (o Diabo, por exemplo), mas sim a uma dimensão diferente do Sagrado. O Sagrado ao se inscrever estabelece uma ordem e organiza o mundo, estabelecendo hierarquias e distinções.

> Ora, o que encontramos na **origem** das regras que presidem à constituição de todo calendário é o tempo mítico. Temos, pois, de remontar para antes da fragmentação entre tempo mortal, tempo histórico e tempo cósmico – fragmentação já consumada quando nossa meditação começa -, para evocar com o mito um 'grande tempo' que **envolve**, segundo a palavra preservada por Aristóteles em sua **Física**, toda realidade. A principal função deste 'grande tempo' é regular o tempo das sociedades – e dos homens que vivem em sociedade – em função do tempo cósmico. (RICOEUR, 2010c, 178, grifos do autor)

Este "grande tempo" atua como princípio organizador dos demais, estabelecendo fluxos, ciclos de duração diferenciada, recorrências biológicas e os ritmos da vida social (*idem, ibidem*). Baseando-se em Benveniste, Ricoeur aponta que existem três aspectos que são comuns a todo calendário, constituindo, assim, a contagem do tempo cronológico, quais sejam:

> - um acontecimento fundador, que supostamente inaugura uma nova era (nascimento de Cristo ou de Buda, Hégira, ascensão de determinado soberano) determina o **momento axial** a partir do qual todos os acontecimentos são datados; é o ponto zero da contagem;
> - com relação ao eixo da referência é possível percorrer o tempo nas **duas direções**, do passado para o presente e do presente para o passado. Nossa própria vida faz parte desses acontecimentos que nossa visão segue tanto numa direção quanto na outra; é por isso que todos os acontecimentos podem ser datados;
> - finalmente, fixa-se 'um **repertório de unidades** de medida que servem para denominar os intervalos constantes entre as recorrências de fenômenos cósmicos'. Esses intervalos constantes é a astronomia que ajuda, não a denominá-los, mas a determiná-los: o dia, com base numa medida do intervalo entre o nascer e o pôr do sol. (BENVENISTE *apud* RICOEUR, 2010c, p.181, grifos do autor)

A contagem do tempo está alicerçada em fenômenos astronômicos, no entanto, o princípio de composição de um calendário escapa à astronomia. O marco zero é uma determinação de outra ordem que remete a uma narrativa fundacional. Além disso, na organização das datas marcações são introduzidas de modo a remeter para o "grande tempo", o tempo mítico, que Eliade chama de "tempo sagrado". Assim como ocorre com o espaço, este aspecto nos permite entrever as "curvas de visibilidade" da religião e as "linhas de força" que as atravessam. Ao ter um significado diferenciado, a religião cria uma hierarquia que subordina o tempo profano ao tempo sagrado na sociedade.

Para realizar a transição entre um tempo e outro os rituais cumprem um papel importantíssimo. Nesse sentido, para os cristãos católicos a quarta-feira de cinzas, que antecede o carnaval, marca a transição de um tempo de festa profana para uma inserção em um período em que se recomenda um comportamento religioso específico (reforço

nas orações, jejum, abstinência de carne etc.) que vai culminar na semana santa. Na data referida, o ritual do recebimento das cinzas simboliza essa passagem de um tempo a outro. Da mesma maneira, na IURD cada dia da semana conta com cultos voltados a temáticas específicas, sendo que periodicamente são realizadas campanhas cuja fundamentação procura-se buscar na Bíblia e que demarcam uma vivência qualificada, diferente das demais.

Assim, é por meio dos ritos e rituais que se dá a passagem da realidade cotidiana a uma realidade sacra. Eles mesmos podem ser vistos como um dispositivo integrado ao "dispositivo religião". Em relação à Universal, destacamos no capítulo anterior a Campanha de Israel na Fé de Abraão, na qual se solicita que o indivíduo faça um sacrifício (uma doação financeira) que expresse o quanto ele confia em Deus. Diante deste sinal de fé, Deus abençoaria o fiel e suas dificuldades seriam superadas. Como podemos ver, o ritual atua como uma "linha de subjetivação" da religião, inserindo o indivíduo em outra temporalidade, diferente da que ele vivencia em seu cotidiano.

Dessa forma, fica clara a proximidade entre a narrativa mítica e o rito. É pelas narrativas que os ritos e rituais se estruturam. Estes, por sua vez, atuam como canal que media a passagem de um tempo ordinário ao tempo sagrado. Segundo Ricoeur,

> Com efeito, é pela mediação do rito que o tempo mítico mostra ser a raiz comum do tempo do mundo e do tempo dos homens. Por sua periodicidade, o rito exprime um tempo cujos ritmos são mais vastos que os da ação corriqueira. Ao escandir desse modo a ação, enquadra o tempo corriqueiro e cada breve vida humana em um tempo de grande amplitude. No caso de opor **mito** e **rito**, poder-se-ia dizer que o mito **alarga** o tempo corriqueiro (bem como o espaço), ao passo que o rito *aproxima* o tempo mítico da esfera profana da vida e da ação. (RICOEUR, 2010c, pp. 179-180, grifos do autor)

Por meio dos rituais e das festas o homem santifica aquilo que se apresentava como profano. No caso do cristianismo, é importante notar que há uma inovação no que tange à experiência e noção de tempo, já que se afirma a historicidade de Jesus Cristo. Em outras religiões, o tempo sagrado é um tempo não datado, enquanto no cristianismo ele é um acontecimento situado no tempo cronológico. Não obstante, isso não modifica drasticamente as relações de espaço e tempo no âmbito de uma ritualística do catolicismo como pudemos ver em alguns exemplos apresentados. Já no protestantismo histórico[13] houve uma racionalização do Sagrado (WEBER, 2006) que acabou

[13] Por protestantismo histórico entendemos as igrejas que tiveram alguma ligação direta com a Reforma, tais como: Luterana, Presbiteriana, Calvinista, Metodista, Anglicana e Batista.

resultando em uma relativização do valor dos rituais e das festas sagradas, bem como do próprio caráter sacro dos templos, apontando para uma desvalorização desses aspectos místicos característicos das religiões cristãs mais antigas.

Não obstante, permanecem alguns elementos básicos que remetem para esse tempo mítico tornado presente por meio dos rituais. A título de exemplo, podemos citar o batismo e a celebração da ceia do senhor (equivalente à eucaristia dos católicos). Estes são indícios claros de uma vivência que remete para um tempo afastado da experiência cotidiana, o "grande tempo" a que Ricoeur (2010c) se referiu ou, para retomar as palavras de Eliade (s.d.), o "tempo sagrado".

No caso do pentecostalismo há uma remagicização do Sagrado e de experiências místicas muitas vezes combatidas no seio das vertentes protestantes mais radicais (como os puritanos). Na IURD, além de uma valorização do aspecto emocional notamos um retorno dessa ênfase no tempo e espaço sagrados. São comuns as peregrinações a Israel onde pastores levam papéis com pedidos dos fieis e abençoam a água e óleos a serem utilizados nas reuniões. No tocante ao tempo, algo semelhante ocorre, visto que cada "reunião" é voltada para questões específicas, sendo que há certa regularidade temporal em relação às datas em que as principais campanhas da igreja são realizadas, a exemplo da Fogueira Santa de Israel e do Jejum de Daniel.

Resumindo, podemos dizer que tal como os rituais, ordenar e qualificar o tempo constituem instâncias por meio das quais as "linhas de força" do dispositivo religião atuam. É nessa relação espaço-temporal que o fiel experimenta o Sagrado pela mediação da religião e, por conseguinte, de suas narrativas. Ao se instituir por meio de uma narrativa mítica que fundamenta sua razão de ser, a religião constitui os rituais e molda as experiências religiosas, das quais, por meio dos "processos de subjetivação", vão emergir os sujeitos.

Como podemos ver brevemente neste item, os modos de se relacionar com o Sagrado passaram por transformações no Ocidente cristão que levaram teóricos a falarem em uma "dessacralização" da existência humana (ELIADE, s.d) ou em "desencantamento do mundo" (WEBER, 2006). Outro sintoma deste processo seria o aumento no número de pessoas que se declaram sem religião (de 0,8% em 1970 para 8,0% em 2010)[14], conforme constata o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010. Em alguns países como República Tcheca,

---

14 Dados do IBGE. Disponível em: http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?busca=1&id=3&idnoticia=2170&view=noticia. Acesso: 01/11/2013.

Dinamarca e Coreia do Sul[15], tal tendência se encontra em um nível mais avançado, de modo que as pessoas de tal grupo constituem a maioria da população.

Essa tendência contrasta com o crescimento substancial de vertentes religiosas que acentuam em suas práticas a expressividade emocional e a manifestação de forças sobrenaturais (curas, exorcismos), caso das pentecostais. No Brasil, tais denominações são as grandes responsáveis pela expansão dos evangélicos[16] (que hoje chegam a 22%) e a consequente queda do número de católicos. O pentecostalismo somado à presença cada vez mais efetiva das diversas religiões na mídia tem levado alguns autores a falar que estamos assistindo a um "re-encantamento" (FAUSTO NETO, 2003; PRANDI, 1996; MARTÍN-BARBERO, 1995), indicando assim não apenas um retorno do Sagrado, mas a configuração de outra modalidade de experiência religiosa. Dedicar-nos-emos a esta discussão nos próximos itens.

3.2 – A dessacralização da existência humana

De acordo com Eliade, o processo de dessacralização da existência humana remonta ao surgimento do monoteísmo. Nas primeiras religiões politeístas, toda a natureza era objeto de culto, uma vez que era considerada morada dos seres divinos. Assim, o ser humano habitava um cosmo totalmente sacralizado. Conforme o referido autor:

> entre os caçadores nômades e os agricultores sedentários, há esta similitude de comportamento, que nos parece infinitamente mais importante do que suas diferenças: **tanto uns como os outros vivem em um cosmo sacralizado**, uns como outros participam de uma sacralidade cósmica, manifestada assim no mundo animal como no mundo vegetal. Basta comparar as suas situações existenciais à de um homem das sociedades modernas, **vivendo num Cosmos des-sacralizado**, para nos darmos imediatamente conta de tudo o que separa este último dos outros. (ELIADE, s.d., p.31, grifos do autor)

Eliade ainda salienta que mesmo as experiências fisiológicas e os órgãos do corpo humano são dotados de significação sacra para estes povos. Todo o cosmo é sacralizado, dotado de uma significação sobrenatural. A "dessacralização" do mundo e da existência humana se instaura a partir do monoteísmo. Com a instituição do culto ao

---

15 Dados: ZUCKERMAN, Phil. **Atheism**: Contemporary Rates and Patterns. Cambridge: Cambridge Press, 2007. Disponível em: http://www.pitzer.edu/academics/faculty/zuckerman/Ath-Chap-under-7000.pdf. Acesso: 01/11/2013.

16 A alcunha "evangélicos" diz respeito tanto a protestantes históricos quanto às denominações oriundas do movimento pentecostal.

Deus único, a divindade passa a ocupar um lugar não integrado à natureza. Apesar de o universo ainda ser visto como criação divina, Deus e a natureza se tornam realidades distintas.

Para os objetivos específicos deste trabalho não nos interessa percorrer a longa discussão sobre o processo de dessacralização nas mais diversas religiões monoteístas. Importa para nós notar que no tocante ao cristianismo, a Reforma Protestante (1517) vem reforçar a "desmagicização" de que Eliade fala, levando-a, inclusive ao próprio plano religioso. Além dela, a revolução científica e filosófica dos séculos XVI e XVII também corrobora para esse processo. De acordo com Alexandre Koyré (2006), a nova concepção astronômica inaugurada por Copérnico e Galileu modificou o entendimento do ser humano sobre si mesmo e sobre o seu lugar no mundo, colocando em questão certezas antes tidas como inabaláveis.

> O homem, como às vezes se diz, perdeu seu lugar no mundo, ou, dito talvez mais corretamente, perdeu o próprio mundo em que vivia e sobre o qual pensava, e teve de transformar e substituir não só seus conceitos e atributos fundamentais, mas até mesmo o quadro de referência de seu pensamento. (KOYRÉ, 2006, p. 5)

A religião passa a ser questionada por uma "*scientia activa et operativa*" (KOYRÉ, 2006, p. 1) que estabelece a demonstração/experimentação como prova de verdade. Conforme afirma o autor, as consequências dessa mudança de perspectiva não ocorrem de imediato, mas são sentidas gradualmente nos séculos seguintes. Quase que simultaneamente ocorre a Reforma Protestante, que também contribui para profundas mudanças na sociedade. Koyré (2006) lista alguns dos efeitos das "revoluções" dos séculos XVI e XVII:

> Alguns historiadores viram seu aspecto mais característico na secularização da consciência, seu afastamento de metas transcendentes para objetivos imanentes, ou seja, a substituição da preocupação pelo outro mundo e pela outra pela preocupação com **esta** vida e **este** mundo. Para outros autores, sua característica mais assinalada foi a descoberta, pela consciência humana, de sua subjetividade essencial e, por conseguinte, a substituição do objetivismo dos medievos e dos antigos pelo subjetivismo dos modernos; outros ainda creem em que o aspecto mais destacado daquela revolução terá sido a mudança de relação entre teoria e práxis, o velho ideal da **vida contemplativa** cedendo lugar ao da **vida activa**. (KOYRÉ, 2006, p.5, grifos do autor)

A Reforma Protestante traz uma série de mudanças que modificam profundamente a relação do ser humano com o sagrado. Nas denominações protestantes

passa a ser permitida a livre interpretação da Bíblia. Ou seja, a palavra sagrada deixa de ficar restrita ao domínio do clero e chega às mãos do povo para livre exame. O entendimento sobre o sagrado muda, pois cada um pode elaborar sua própria visão sobre a "Palavra de Deus". O culto passa a ser celebrado na língua nacional e não em latim, como acontecia até então na Igreja de Roma.

As mudanças também ocorrem a nível teológico. Dos sete sacramentos católicos[17], os protestantes adotam apenas dois: o batismo e a comunhão. A comunhão, no entanto, também guarda algumas diferenças até mesmo entre as denominações protestantes. Enquanto os católicos creem que há transubstanciação, ou seja, transformação material do pão e vinho em corpo e sangue de Cristo, os luteranos defendem a consubstanciação, em que se acredita que há presença do corpo e sangue de Cristo no pão e vinho sem que estes, por sua vez, abandonem sua substância original. Já os demais protestantes creem que Cristo está lá apenas simbolicamente (BAUBERÓT, 1997, p. 183). O papel da religião também muda, já que o fiel não necessita mais da intermediação da igreja para ser salvo.

Na vertente de origem calvinista modifica-se também a visão sobre o trabalho. Baseados na teoria da predestinação, segundo a qual o homem já nasce com seu destino traçado e, consequentemente, com a sua salvação assegurada ou não por Deus, as pessoas devem procurar em suas vidas sinais de que fazem parte do grupo dos "eleitos" por Cristo. Um dos sinais mais significativos corresponde à prosperidade material alcançada pelo indivíduo durante a sua vida[18].

Para Max Weber (2006), tais medidas implementadas pelos reformadores têm consequências determinantes para a história mundial. Na obra "A ética protestante e o espírito do capitalismo", ele discorre sobre duas questões conexas que emergem a partir da Reforma. Após analisar as principais vertentes religiosas oriundas da Reforma Protestante, o sociólogo alemão constata que o protestantismo contribuiu de forma decisiva para a afirmação do capitalismo. Contrapondo-se à preferência do catolicismo pela vida contemplativa, na Reforma encontramos a valorização do trabalho e das atividades mundanas. Apesar de estes aspectos ganharem força com Calvino, alguns traços já podiam ser observados em Lutero.

---

17 Os sete sacramentos católicos são: Batismo, Confirmação (ou Crisma), Eucaristia, Reconciliação (ou Penitência), Unção dos enfermos, Ordem e Matrimônio.

18 Segundo Weber (2006, p. 86-87), o mesmo ocorre nas igrejas de confissão luterana, mas com menor intensidade. A doutrina da predestinação é mais efetiva na vida do fiel nas igrejas que seguem a doutrina de Calvino.

> À medida que [Lutero] se tornou progressivamente mais envolvido nas coisas do mundo, chegou a valorizar bem mais o trabalho mundano. Todavia, a busca do indivíduo no âmbito da profissão concreta foi por ele entendida cada vez mais como um mandamento divino especial, para o cumprimento dos deveres que lhe foram impostos pela vontade divina. (WEBER, 2006, p. 71)

A segunda questão não deixa de estar profundamente associada à anterior e diz respeito ao crescente processo de "racionalização" nas sociedades modernas que, no plano religioso, se traduz num "desencantamento do mundo". O elemento mágico perde seu espaço na religião. Weber exemplifica a partir de um grupo no qual isso ocorre de modo mais intenso, os puritanos.

> O puritano genuíno chegava a rejeitar todos os sinais de cerimônia religiosa no enterro, sepultava seus entes mais queridos e mais próximos sem cânticos ou rituais, para que nenhuma superstição ou confiança nas forças sacramentais de salvação pudesse se insinuar. (…) Juntamente com as rígidas doutrinas da absoluta transcendência de Deus e da corrupção de qualquer coisa que pertencesse à carne, esse isolamento interior do indivíduo contém, por um lado, o motivo da atitude completamente negativa do puritanismo quanto a todos os elementos sensoriais e emocionais na cultura e na religião. (WEBER, 2006, p. 83)

Para o autor, o mundo moderno que emerge não é um mundo sem deuses, mas um mundo racionalizado, regido pela racionalidade científica que suprime a dimensão mágico-religiosa da existência. A própria igreja católica, como já citamos acima, apesar de ter mantido suas doutrinas e crenças, passa a investigar o sagrado, supostamente, pela ótica científica. Exemplo disso são os processos de investigação promovidos pelo Vaticano para identificar se supostos sinais de santidade são legítimos. O sagrado passa a ser sagrado apenas com o aval da ciência e da razão.

Esse processo de racionalização e a consequente secularização afeta diversos domínios da sociedade, como a política (o Estado moderno é um Estado que se propõe secular) e a economia (o impulso no desenvolvimento do capitalismo, um dos efeitos do protestantismo), que não abordaremos neste trabalho por irem além dos objetivos a que nos propusemos. Interessa-nos destacar essa mudança no relacionamento do homem com o sagrado que a modernidade traz.

Se por um lado tal racionalização e desencantamento do mundo podem ser condições necessárias para o aumento do número de ateus e de pessoas que se declaram sem religião, por outro isso não significa o fim da religião. Peter Berger (1996) assinala

que apesar de as religiões passarem por um processo de desvalorização na sociedade e que o elemento sobrenatural acaba por perder um pouco de sua importância no mundo moderno, isso não se traduziria em uma "morte do sobrenatural". De acordo com o autor:

> Há uma forte evidência de que as crenças religiosas tradicionais se tornaram vazias de sentido, não somente em vastos setores da população em geral, mas mesmo entre muita gente que continua, seja por qual motivo for, a pertencer a uma igreja. Tudo isto, naturalmente, deixa em aberto a pergunta se não poderia haver forças genuinamente religiosas fora do quadro tradicional de referência cristão ou eclesiástico. (BERGER, 1996, p.25)

Na contramão dessa tendência, surge no início do século XX o pentecostalismo, movimento que enfatiza elementos como a expressividade emocional, curas e milagres[19]. Essa vertente acaba por trazer de volta à religião aspectos mágicos que teriam sido deixados em segundo plano pelas igrejas antigas. A projeção alcançada pelas denominações pentecostais em pouco tempo faz com que se fale em um novo encantamento, ou, como alguns preferem, em um "re-encantamento" (PRANDI, 1996). Abordaremos essa questão no próximo tópico focando na história e no desenvolvimento do pentecostalismo no Brasil para, então, passarmos à Igreja Universal. Antes, porém, cabe recuperar brevemente as origens de tal movimento.

3.3 – O pentecostalismo

Oficialmente, o pentecostalismo surge no início do século XX com as Assembleias de Deus, primeira denominação que se assume como pentecostal. Contudo, a semente daquilo que se tornaria o movimento pentecostal já está lançada na própria Reforma Protestante. De acordo com Luís de Castro Campos Jr. (1995), grupos anabatistas do século XVII se opunham à ortodoxia racionalista dos calvinistas e pregavam uma teologia mística que valorizava o aspecto contemplativo e espiritual da fé. Esses movimentos foram reprimidos tanto por reformadores como Zwinglio quanto pela Igreja Católica.

Não obstante, suas ideias chegaram à Morávia (Liechenstein) e se espalharam rapidamente, influenciando de forma indireta batistas, quacres e congregacionais

---

19 Algumas dessas características também estão presentes em alguma medida na Umbanda, no Candomblé e no Espiritismo Kardecista. Contudo, devido ao recorte de objeto feito neste estudo nossa atenção se restringirá ao movimento pentecostal.

(CAMPOS JR, 1995, p. 12). Posteriormente, John Wesley, um dos principais nomes do metodismo na Inglaterra, trava contato com grupos de moravianos, o que teria sido fundamental para uma mudança em seu pensamento.

> Os moravianos tiveram influência sobre John Wesley, fundador do metodismo na Inglaterra. Wesley estudou em Oxford, e seria um ministro anglicano 'comum' se não tivesse encontrado grupos moravianos quando empreendeu uma viagem aos Estados Unidos. Desse contato floresceu a ideia da necessidade de uma 'maior santificação'. Após uma fracassada permanência nas então 13 colônias inglesas, ele voltou à Inglaterra, onde iniciou um movimento que possui estreitas ligações com o pentecostalismo do final do século XIX. (*idem, ibidem*)

Assim, Wesley defende a necessidade de uma "maior santificação" para a salvação. Para obtê-la seria "necessário muita oração, algo como um 'dom proveniente de Deus', que a prática diária proporcionava em relação ao próximo" (CAMPOS JR, 1995, 15). Segundo Campos Jr., a preocupação com a questão da santificação "foi passando de movimento a movimento, avançando no tempo, e chegou aos grupos pentecostais, originando sua doutrina básica: o batismo no Espírito Santo" (*idem, ibidem*).

Outro ponto importante é que Wesley propõe uma maior participação de leigos nos ofícios religiosos (um de seus pregadores era pedreiro). Nos Estados Unidos os metodistas fizeram uso dos *camp meetings* (grandes encontros de reavivamento), nos quais os fiéis se reuniam para orar e cantar e onde por vezes ocorriam manifestações de êxtase. A realização de tais encontros, a ênfase mais popular do metodismo de Wesley e o seu caráter pietista influenciaram evangelistas e teólogos integrantes do movimento *holiness* (santificação) nos Estados Unidos. Tal movimento separou-se dos metodistas carismáticos, distinguindo conversão de santificação, passando a chamar a última de "batismo no Espírito Santo".

De acordo com Campos Jr (1995), de 1880 a 1923 surgem cerca de duzentas denominações (grupos de oração) nos EUA. Desta época datam relatos de glossalia (o dom de falar em línguas estranhas) e de manifestações de êxtase, como nas reuniões realizadas na época pelo pastor batista licenciado Richard G. Sperling na Carolina do Norte. Além dele, destacam-se Charles Parham, que aprofunda a discussão sobre o batismo no Espírito Santo, e William J. Seymour, que defende a glossalia como um sinal desse batismo.

As ideias de Seymour e de outros líderes com inclinações pentecostais se

espalham rapidamente, mas sofrem duras críticas no interior das igrejas protestantes tradicionais. Isso faz com que os grupos pentecostais comecem a se associar e realizarem uma primeira convenção em Hot Springs, no estado do Arkansas, em 1914. "Tal convenção favorece a criação das Assembleias de Deus[20], que apresentam um crescimento acelerado" (CAMPOS JR, 1995, p.23). Antes mesmo dessa data missionários já haviam sido enviados a diversas partes do mundo, fazendo com que o pentecostalismo crescesse rapidamente.

Com a constituição e formalização dos primeiros grupos pentecostais, ficam mais claras as diferenças em relação às igrejas protestantes históricas. De acordo com o sociólogo brasileiro Ricardo Mariano,

> o pentecostalismo (...) distingue-se do protestantismo, **grosso modo**, por pregar, baseado em Atos 2, a contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, dos quais sobressaem os dons de línguas (glossalia), cura e discernimento de espíritos. Para simplificar, os pentecostais, diferentemente dos protestantes históricos, acreditam que Deus, por intermédio do Espírito Santo e em nome de Cristo, continua a agir hoje da mesma forma que no cristianismo primitivo, curando enfermos, expulsando demônios, distribuindo bênçãos e dons espirituais, realizando milagres, dialogando com seus servos, concedendo infinitas amostras concretas de Seu supremo poder e inigualável bondade. (MARIANO, 1999, p. 10, grifos do autor)

Tais características acabam devolvendo ao cristianismo o aspecto mágico que perdera seu espaço nas igrejas cristãs mais antigas. Partindo de uma perspectiva semelhante, o também sociólogo Reginaldo Prandi (1995), ao analisar o cenário religioso da sociedade brasileira no século XX e se deparar com o crescimento da Umbanda, do Candomblé, do Kardecista e do pentecostalismo, fala que estamos diante de um re-encantamento da religião. Segundo o autor,

> Cada modalidade oferece para as massas que formam a enorme sociedade pré-ética alternativa sacral diferente, mas com algo em comum: surpreendentemente, o país passou, através dessas religiões, por um amplo processo de remagicização, uma valorização da magia como não se via por muito tempo. Tanto o pentecostalismo como a umbanda e o candomblé apelam direta e constantemente a forças sagradas que são entendidas como capazes de interferir no mundo da natureza e da cultura. A busca massiva de cura religiosa e de soluções sobrenaturais para outros problemas e aflições da vida, bem como a enorme variedade de ofertas de manipulação ritual de

[20]De acordo com Campos Jr. (1995, p. 24) o nome "Assembleia de Deus" só veio a ser escolhido posteriormente. No início o nome adotado era "General Council". Já no Brasil, o surgimento da Assembleia de Deus não tem relação direta e institucional com a homônima americana, tendo sido fundada pelos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg em 1911, chamando-se até então "Missão de Fé Apostólica". A mudança de nome se deu em 1914, inspirada na citada convenção de *Hot Springs* nos Estados Unidos.

> forças sobrenaturais para ministrar o bem-estar almejado são emblemáticas (PRANDI, 1996, p. 96).

O pentecostalismo, que nos interessa de forma mais imediata, espalha-se com notória rapidez pelo mundo. No Brasil, a chegada das denominações pioneiras é registrada nas primeiras décadas do século XX. Durante esse quase um século de existência, o pentecostalismo dá origem a diversas denominações. Tomaremos por base a análise de Ricardo Mariano (1999) a respeito do pentecostalismo para tratarmos do histórico deste movimento no Brasil.

3.3.1 – As três ondas do pentecostalismo brasileiro

É comum no Brasil se utilizar o termo "evangélico" quando nos referimos aos cristãos não católicos. O consagrado termo "protestante" é menos usado e aparece com mais frequência em trabalhos acadêmicos relacionados à religião. Essa peculiaridade brasileira se refere ao modo como as primeiras igrejas protestantes se fixaram no país. De acordo com a pesquisadora Magali Cunha (2007) podemos falar em dois tipos de protestantismo histórico no Brasil: o Protestantismo Histórico de Migração e Protestantismo Histórico de Missão.

Ambos possuem vínculos estreitos com a Reforma Protestante do século XVI. O primeiro chega ao Brasil no século XIX devido ao fluxo migratório e sem pretensões proselitistas. É representado pelas igrejas Luterana, Anglicana e Reformada. O segundo tipo também se estabelece no século XIX graças ao trabalho de missionários norte-americanos e já possuía preocupações conversionistas. Fazem parte desse grupo as igrejas Congregacional, Presbiterianas, Metodista, Batista e Episcopal[21].

Para reforçar sua identidade religiosa e demarcar sua diferença em relação ao catolicismo os missionários presentes em solo brasileiro usavam a expressão "crente em nosso Senhor Jesus Cristo". Tal expressão caracteriza a conversão e os próprios convertidos se auto-identificavam como "crentes". O termo "evangélico" também surge

---

[21]A história registra a presença de representantes das igrejas protestantes no Brasil antes do século XIX. No período colonial isso ocorreu em 1555, quando um grupo liderado pelo francês Nicolas Durand de Villegagnon tentou se fixar em solo brasileiro com vistas a criar um refúgio para os huguenotes. No entanto foram expulsos em 1560 pelos portugueses. Outra ocorrência se dá nos anos de dominação holandesa no nordeste (1630-1645). Tendo em vista que até o século XVIII apenas o catolicismo era permitido não há registros de iniciativas protestantes. Esse cenário passa a se modificar a partir do século XIX com a vinda da família real e as posteriores ondas migratórias para o país (SILVA, 2011, pp. 113-115).

e se populariza devido à ação dos missionários norte-americanos. De acordo com Cunha (2007),

> os missionários norte-americanos também tinham sua identidade, a própria forma de auto-identificarem: eles eram *evangelicals* ou evangélicos, ou seja, adeptos do conservadorismo protestante, que desejavam afirmar a sua fidelidade ao Evangelho e não à Ciência ou à razão humana. Essa corrente protestante promoveu o movimento das Alianças Evangélicas em todo o mundo. (CUNHA, 2007, p. 13)

Além dos protestantes históricos, os pentecostais também são comumente chamados de evangélicos, sendo que muitos chegam a incorporar o termo aos nomes de suas igrejas. O pentecostalismo surge nos Estados Unidos no século XX tendo se ramificado em diversos grupos e denominações e se espalhado pelo mundo rapidamente.

No Brasil, o início de sua trajetória se dá na primeira década do século XX devido à ação de missionários. A maior parte das denominações evangélicas vem dos Estados Unidos e (ou) são influenciadas por movimentos e doutrinas "importadas" de lá. Isso ocorre até mesmo entre as igrejas fundadas no Brasil. Baseado em Paul Freston, Mariano (1999) sistematiza o pentecostalismo brasileiro em três "ondas" de acordo com um critério de antiguidade das denominações. Segundo ele, tal critério se justifica pela dificuldade em se classificar as diversas igrejas a partir de outros critérios (teológicos, doutrinários, sociais etc), tendo em vista a grande variedade e muitas proximidades. As três vertentes são: clássica, deuteropentecostalista e neopentecostal.

As igrejas do pentecostalismo clássico correspondem a, principalmente, Congregação Cristã no Brasil e a Assembleia de Deus. Ambas se instalam no Brasil na primeira década do século passado, tendo como datas de fundação 1910 e 1911 respectivamente (MARIANO, 1999, p. 23). A vertente deuteropentecostalista implanta-se no país na década de 50. O prefixo "deutero" significa "segundo" ou "segunda vez", mantendo a coerência do autor em relação ao critério histórico (ou de periodização). No tocante a esta vertente, o autor aponta que desde o início o uso dos meios de comunicação foi privilegiado.

> A segunda onda teve início nos anos 50 na cidade de São Paulo com o trabalho missionário de dois ex-atores de filmes de faroeste do cinema americano, Harold Williams e Raymond Boatright, vinculadas à *International Church of The Foursquare Gospel.* (...) eles trouxeram para o Brasil o evangelismo de massa centrado na mensagem da cura divina. Difundiram-no por meio do rádio (que, por sectarismo ou por considerá-lo mundano e

> diabólico, até a década de 50, não era usado pela Assembleia de Deus; a Congregação Cristã ainda hoje continua a não fazer uso de qualquer meio de comunicação de massa, nem mesmo de revistas, jornais, folhetos e literatura) e do evangelismo itinerante em tendas de lona. (*idem*, p. 30)

As representantes mais conhecidas do deuteropentecostalismo são as igrejas do Evangelho Quadrangular (São Paulo, 1953), Brasil Para Cristo (São Paulo, 1955), Deus é Amor (São Paulo, 1962) e Casa da Benção (Belo Horizonte, 1964). Em relação às diferenças teológicas, pode-se dizer resumidamente que "as duas primeiras ondas pentecostais apresentam diferenças apenas nas ênfases que cada qual confere a um ou outro dom do Espírito Santo. A primeira [clássica] enfatiza o dom de línguas, a segunda [deuteropentecostalista], o de cura" (*idem*, p.31).

Enquanto a segunda vertente chega ao Brasil, nasce nos Estados Unidos no ano de 1967 a Renovação Carismática Católica (RCC), que incorpora elementos do pentecostalismo (dons de cura, revelações, profecias etc.) e preserva a doutrina católica. Nas protestantes históricas, existe também uma aproximação com as práticas pentecostais, é o chamado "pentecostalismo de renovação" (CAMPOS JR, 1995, p. 48). "Além dos metodistas wesleyanos e dos presbíteros renovados, existem os batistas renovados e até mesmo luteranos" (*idem*, p. 50).

Já a terceira "onda" pentecostal chega ao Brasil nos anos 60 e 70, ganhando força nas décadas de 80 e 90. Esta é classificada como neopentecostal. Dela, surge a Igreja de Nova Vida (Rio, 1960), origem da Universal do Reino de Deus (Rio, 1977). Além destas duas, podemos incluir no grupo das neopentecostais: a Internacional da Graça (Rio, 1980), a Comunidade da Graça (São Paulo, 1979), a Cristo Vive (Rio, 1986), a Comunidade Sara Nossa Terra (Goiás, 1976), a Renascer em Cristo (São Paulo, 1986) e a Mundial do Poder de Deus (São Paulo,1998) no grupo das neopentecostais.

3.3.2 – Neopentecostalismo

O neopentecostalismo dá uma nova "roupagem" ao movimento pentecostal. "O prefixo *neo* mostra-se apropriado para designá-lo tanto por remeter à sua formação recente como ao caráter inovador do neopentecostalismo" (MARIANO, 1999, p. 33). Se as duas vertentes anteriores apresentam diferenças mínimas entre si, justificando o critério de dividi-las a partir de períodos históricos, a terceira onda marca um divisor de águas no movimento pentecostal, chegando a influenciar as igrejas pertencentes às

vertentes mais antigas. Não apenas a ênfase teológica muda, mas também aspectos centrais da doutrina pentecostal.

As neopentecostais preservam algumas práticas das suas predecessoras, tais como: antiecumenismo, uso dos meios de comunicação de massa (que é mais efetivo nas denominações da segunda vertente e adquire ainda mais vigor na terceira), estímulo à expressividade emocional, presença de líderes carismáticos fortes, pregação da cura divina e participação na política partidária.

Contudo, diferenciam-se por três aspectos fundamentais: "1) exacerbação da guerra espiritual contra o Diabo e seu séquito de anjos decaídos; 2) pregação enfática da Teologia da Prosperidade; 3) liberalização dos estereotipados usos e costumes de santidade" (*idem*, p.36). A esses três aspectos, Mariano (1999) acrescenta uma quarta característica que consiste no fato de essas igrejas se estruturarem administrativamente como empresas. Para o autor, esses quatro fatores representam uma cisão profunda em relação às duas outras correntes.

> Resulta destas características a ruptura com os tradicionais sectarismo e ascetismo pentecostais. Esta ruptura com o sectarismo e ascetismo puritano constitui a principal distinção do neopentecostalismo. E isso representa uma mudança muito grande no movimento pentecostal. A ponto de se poder dizer que o neopentecostalismo constitui a primeira vertente pentecostal de afirmação do mundo. *(idem, ibidem*)

Um ponto importante a se destacar é que a Teologia da Prosperidade, característica do neopentecostalismo, não deve ser confundida com o que Weber (2006) chama de "espírito do capitalismo" em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, quando ele se refere às igrejas nascidas diretamente da Reforma Protestante. Segundo Mariano,

> Na ótica weberiana, a acumulação primitiva do capital resultara, entre outros fatores, justamente da ética puritana, que interditava ao fiel qualquer modalidade de consumo supérfluo. No neopentecostalismo, o crente não procura a riqueza para comprovar seu estado de graça. Não se trata disso. Como todos os demais, crentes e incréus, ele quer enriquecer para consumir e usufruir de suas posses nesse mundo. Sua motivação consumista, notadamente mundana, foge totalmente ao espírito do protestantismo ascético, sobretudo de vertente calvinista. (*idem*, p. 185)

Se tanto no protestantismo histórico quanto nos dois ramos anteriores do pentecostalismo há uma postura ascética pela qual o fiel é estimulado a se afastar do que não pertence ao universo religioso, o neopentecostalismo, pelo contrário, apresenta-se

como uma vertente de afirmação do mundo. Ou seja, a prosperidade material vem para atender não apenas as necessidades elementares do fiel, mas também para possibilitar que este usufrua dos prazeres do mundo.

A primeira denominação de caráter neopentecostal implanta-se no Brasil na década de 60. A Igreja da Nova Vida abrigaria Edir Macedo e RR Soares, os principais líderes de duas das maiores igrejas neopentecostais no Brasil: a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Internacional da Graça.

3.4– A Igreja Universal do Reino de Deus: do coreto ao templo de Salomão

A Igreja da Nova Vida é pouco conhecida na maior parte do Brasil, mas desempenha uma função importantíssima para a história do neopentecostalismo no país. Fundada em 1960 pelo missionário canadense Walter Robert McAlister no bairro de Botafogo no Rio de Janeiro, a Nova Vida tem papel fundamental para a formação de Edir Macedo e Romildo Ribeiro Soares, atuais líderes da Universal e da Internacional da Graça. Nela já "encontramos de forma embrionária as principais características do neopentecostalismo: intenso combate ao Diabo, valorização da prosperidade material mediante a contribuição financeira, ausência do legalismo em matéria comportamental" (*idem*, p. 51).

Macedo tornou-se membro da Nova Vida aos 18 anos tendo antes sido católico e também frequentado a Umbanda. Após 12 anos ele se afasta com argumentos de que a igreja era elitista, além de não apoiar suas atividades evangelísticas, consideradas agressivas. Assim, sai juntamente com o cunhado Romildo Ribeiro Soares, Roberto Augusto Lopes e os irmãos Samuel e Fidélis Coutinho e funda com eles a Cruzada do Caminho Eterno. Dois anos depois, divergências levam Macedo, Soares e Lopes a romperem com os irmãos Coutinho e fundarem no dia 9 de julho de 1977 a Igreja Universal do Reino de Deus.

Entre as duas cisões, Macedo já havia pregado nas ruas, de casa em casa, portas de cinema, praças etc. Na edição comemorativa dos 35 anos da IURD a *Folha Universal*, jornal publicado pela IURD, aponta como momento fundador da igreja uma pregação de Macedo em um coreto no Jardim do Meier, bairro da zona norte do Rio de Janeiro (FOLHA UNIVERSAL, 2012, p.11i). No início, Romildo Soares, ou, como gosta de ser chamado, RR Soares, ocupa o posto de líder máximo e principal pregador. Mas rapidamente perde espaço para Macedo. Segundo Mariano,

> Sua liderança, contudo, logo começou a ser atropelada pelo estilo autoritário e centralizador de Macedo, bem como por seu carisma, dinamismo e pragmatismo. Soares aos poucos foi perdendo terreno no controle da denominação por Macedo, seu cunhado, que adquiria crescente destaque entre fieis e pastores da igreja por meio de programa (alugado inicialmente com doações de uma fiel curada na igreja) de 15 minutos que apresentava na Rádio Metropolitana, do Rio. (MARIANO, 1999, p. 56)

No final dos anos 70, os dois chegam a um impasse sobre quem fica no comando da igreja. Para resolver a situação uma eleição é realizada e Macedo ganha. RR Soares é compensado financeiramente e em 1980 funda a Igreja Internacional da Graça de Deus, cuja doutrina e organização se assemelham bastante à sua predecessora. Nesse mesmo ano Macedo implementa um modo de governo eclesiástico episcopal, assumindo o posto de bispo primaz e o cargo vitalício de secretário-geral do presbitério, cargo que renuncia em 1990 a fim de evitar que sanções penais atingissem a igreja (MARIANO, 2004, 125).

Interessante notar que já nessa época Macedo parece ter percebido graças ao curto programa de rádio que mencionamos a importância de dois elementos que seriam fundamentais para a expansão da igreja: a mídia e a rivalidade com as religiões de matriz espiritualista. Por meio do programa ele angariou o apoio necessário para suplantar a liderança de Soares. Além disso, de acordo com a socióloga Clara Mafra (2001, p. 39), seu programa vinha logo após o de uma mãe-de-santo, assim, ele acabava funcionando como uma resposta ao anterior, de modo que procurava convencer que as soluções mágicas ofertadas pela sua igreja eram mais efetivas do que as de outras religiões (Umbanda, Candomblé e Kardecismo) e igrejas (as pentecostais e a Igreja Católica).

Esses dois fatores são fundamentais para compreendermos o modo como a Universal se inscreve em nossa sociedade e, consequentemente, constrói as suas narrativas. O sociólogo Ari Pedro Oro (2007) os inclui nas três características definidoras da IURD, a saber: “igreja reliofágica”; “igreja macumbeira” e “igreja da exacerbação”. Tais aspectos estão profundamente articulados, de modo que não devemos considerá-los separadamente.

O termo “igreja religiofágica” dá conta do modo como a IURD se constitui operando uma “fagocitose religiosa”, ou seja, incorporando crenças e ritualísticas de outras religiões, mesmo das consideradas adversárias, na construção de seu repertório simbólico. Vamos a alguns exemplos. Do catolicismo a Universal toma as noções de

milagre, inferno, pecado, demônio, o uso de água benta e de correntes. No tocante às correntes há correspondência tanto com o catolicismo quanto com as religiões mediúnicas, conforme destaca o antropólogo Vagner Gonçalves da Silva, estudioso do tema:

> As correntes, medidas em ciclos de dias ou semanas (7, 9, 12 ou mais), remetem à visão mágica da segmentação temporal mencionada acima e revelam a absorção no sistema neopentecostal de valores relacionados à prática católica de ritos cíclicos como a reza do terço, as novenas, trezenas etc. Guardam, ainda, semelhanças com os ciclos iniciáticos das religiões afro-brasileiras nos quais o axé (força) cresce à medida que o indivíduo periodicamente reforça seus laços de aliança com as divindades por meio da realização de "obrigações". Começando pelo próprio termo, vemos que *corrente* alude aos léxicos afro-brasileiros: *amarração* e *linha.* O primeiro termo está associado aos cultos de exu e pombagira, os quais, como foi dito, são representados muitas vezes com correntes amarrando suas imagens. De fato, no neopentecostalismo atribui-se a quebra de uma corrente (ciclo específico em que o fiel deve ir à igreja ou cumprir um ritual) à força dos demônios que não querem que a pessoas se "acorrentem" a Deus. Também a expressão "tá amarrado" é frequentemente usada nos rituais de exorcismo para dizer que o demônio está subjugado (Mariano, 1999, p. 145). O termo *linha* está associado à forma como as divindades foram separadas por faixas ou domínios de energia espiritual e serviu, sobretudo na umbanda, como forma de estruturar um panteão diversificado e expressar um conhecimento sobre a potência e o uso dessas energias (SILVA, 2005, p.167)

A citação de Silva (2005) nos leva a outra questão. Quando no início deste capítulo apresentamos a visão de Mircea Eliade (s.d) sobre as religiões antigas indicamos o modo como elas organizam magicamente o tempo e o espaço humano, criando calendários, estabelecendo locais e dias sacros. Ao tratar do processo de dessacralização da existência humana e do desencantamento do mundo (WEBER, 2006) apontamos que o protestantismo histórico, ao racionalizar o Sagrado, relativizou a importância desses aspectos na religião, além de passar a olhar com suspeita possíveis manifestações sobrenaturais, tendência que atinge em alguma medida o catolicismo.

Com o surgimento do pentecostalismo ocorre dentro do universo cristão uma revalorização da dimensão mágica por meio das ênfases na dimensão emocional, nos milagres, exorcismos, curas, glossalia etc. A IURD, além de se apropriar do legado pentecostal, sincretiza elementos do catolicismo, Umbanda, Candomblé e Espiritismo Kardecista. Quando realiza correntes e estabelece um calendário fixo com cada dia da semana dedicado a um culto específico retoma de alguma forma a organização espaço-temporal de que Eliade (s.d) fala e que é característica tanto do catolicismo quanto da Umbanda e do Candomblé. Exemplos:

1) Cada dia da semana conta com um culto temático, cujo foco consiste nas

potenciais adversidades vividas pelas pessoas. Esta é a divisão que encontramos a partir dos próprios programas que constituem o *corpus* desta pesquisa, os quais foram gravados em julho de 2012. Segue a tabela abaixo com os dias das reuniões, os nomes e os principais temas abordados nas reuniões.

Dia da semana	**Reunião**	**Temas Principais**
Domingo	Concentração de Fé e Milagres/ Reunião do Encontro com Deus	Doenças e outros
Segunda	Congresso Empresarial	Problemas financeiros
Terça	Sessão do Descarrego	Males espirituais e outros
Quarta	Noite da Salvação	Diversos
Quinta	Terapia do Amor	Relacionamentos amorosos
Sexta	Grande Desafio da Cruz / Corrente da Libertação	Males espirituais e outros
Sábado	Jejum dos Impossíveis	Curas milagrosas e outros

Tabela 1: Dias da semana, reuniões e temas principais.

2) Conforme já dissemos em outro momento, há também grandes campanhas, sendo a Fogueira Santa de Israel na Fé de Abraão a mais importante delas, bem como reuniões especiais que se espelham em dias sagrados para outras religiões ou que envolvem algum aspecto místico da religiosidade popular. Assim ocorre, por exemplo, com a sexta-feira da Paixão, a sexta feira 13, dia de finados (há pregações nos cemitérios) e o mês de agosto (mês dos orixás de cura, chamado pela Universal de mês dos encostos)[22].
3) No tocante ao espaço, é importante notar que em algumas campanhas os pedidos dos fiéis são levados à terra santa e é comum os pastores argumentarem que o óleo utilizado nas reuniões foi consagrado em um local onde ocorreu algum acontecimento importante narrado na Bíblia. Na Campanha de Israel na Fé de Abraão, também chamada de Fogueira Santa, os fiéis fazem doações durante um período e entregam papéis onde escrevem suas preces. Os pastores estimulam as pessoas a fazerem um sacrifício financeiro que demonstre o total compromisso e confiança em Deus, tal como Abraão, que se dispôs a sacrificar o próprio filho como prova de sua

[22]Silva (2005, p. 167) apresenta uma lista em que sistematiza as correspondências entre datas das religiões afro-brasileiras com a Igreja Católica, bem como o modo como a Universal se apropria de tais datas e as resignifica.

> obediência. Depois os papéis são levados ao Monte Moriá (lugar onde Abraão sacrificaria o filho) e queimados. O Monte Moriá corresponde ao espaço sagrado onde o divino se manifestou (hierofania), criando uma hierarquia espacial segundo a qual esse local é visto como ponto privilegiado de contato do ser humano com Deus.

Os exemplos acima mostram que a IURD não só remagiciza o cristianismo tal como as demais pentecostais, mas vai além ao articular, restaurar e potencializar a cisão entre espaço e tempo sagrado e profano a partir da incorporação de elementos de outras religiões que ganham outra conotação em seus ritos e doutrinas[23]. Outro aspecto que está profundamente relacionado à sua característica "religiofágica" consiste no que Oro (2007) chama de "igreja macumbeira". Com esse termo o autor designa "a metamorfose dessa igreja, sobretudo em determinados rituais, que ao invés de distanciá-la das religiões afro-brasileiras que combate, delas se aproxima" (ORO, 2007, p. 30).

Além dos elementos já citados acima no tocante às correntes, podemos destacar, como Oro aponta, as sessões de descarrego nas quais muitas vezes "ex-pais e mães de santo" são convidados a formar um grande círculo na igreja, chamado de "circulo da divindade", o que remete às "correntes" dos terreiros. Em tais sessões é comum o pastor pedir a algum "ex-pai ou mãe de santo" que explique os comportamentos daqueles que estão possuídos. Importante notar que tanto os pastores, quanto os "especialistas" e obreiros usam vestes brancas, tal como em rituais da Umbanda.

> Também nas sessões de descarrego os pastores podem fazer uso de galhos de arruda, de uso comum nos terreiros, com os quais aspergem seus fieis. Neste caso são 'galhos de arruda, molhados em bacias com água benzida e sal, para que manifestem os demônios e deles sejam libertos' (Mariano, 1995, p. 126). Além disso, em tais sessões (...) são utilizados vários termos empregados nas religiões afro-brasileiras, e nas mediúnicas em geral, como 'trabalho', 'encosto', 'carrego', 'descarrego', 'amarrar', 'amarrado', 'despacho', 'despachar' etc. (ORO, 2007, p. 47)

As constantes referências negativas em relação à Umbanda e ao Candomblé não se restringem ao universo do culto, mas são comuns nos programas de TVs e rádio. Casos de agressão física e invasão a terreiros já ocorreram. Tudo isso tem levado líderes dessas religiões a se posicionarem e acionarem a justiça contra a Universal. Em uma das

---

[23]Há um conjunto amplo de exemplos que Silva (2005) e Oro (2007) apresentam para mostrar como a IURD se apropria de referências do catolicismo (outros exemplos: distribuição de doces no dia de Cosme e Damião, reuniões especiais em feriados católicos), das religiões afro-brasileiras e do Kardecismo. Apresentamos apenas as principais, de modo que retomaremos na análise caso seja necessário.

causas perdidas, programas de TV da IURD em São Paulo foram obrigados a reproduzir o direito de resposta de representantes das religiões afro-brasileiras (SILVA, 2007, p.20). Tais acontecimentos, somados à grande repercussão negativa que a igreja teve pelo episódio "chute na santa[24]" têm feito com que a IURD tenha passado a tomar um pouco mais de cuidado nas críticas endereçadas às outras religiões. Um bom exemplo é que o termo "encosto[25]"oriundo do universo kardecista apareça no lugar das referências às entidades da Umbanda e do Candomblé, principalmente nos meios de comunicação de massa. Assim, são comuns expressões como "pai de encosto", "mãe de encosto", que por não terem associação direta com a tais religiões, evitam ações na justiça.

A "igreja da exacerbação", terceiro aspecto citado por Oro (2007), diz respeito ao fato de se ampliar elementos que vêm de uma herança recebida. O autor cita a presença cada vez mais forte na política, a preferência da IURD por espaços grandes (cinemas, teatros) e suntuosos localizados em pontos estratégicos nas cidades, o que contrasta com os pequenos templos utilizados pelas demais igrejas pentecostais. O maior exemplo disso é a construção do Templo de Salomão em São Paulo, que será o maior templo da denominação e sua futura sede mundial. O custo estimado é de 400 milhões de reais e o espaço pode abrigar 10 mil pessoas sentadas[26].

Figura1: Projeto do Templo de Salomão. Fonte: divulgação.

[24]Um dos episódios mais marcantes da história da Universal foi o do "chute na santa", quando o bispo Sérgio Von Helde da IURD deu alguns chutes na imagem de Nossa Senhora Aparecida em programa transmitido pela Record durante o feriado de 12 de outubro de 1995. Além de críticas incisivas dos outros veículos de comunicação, em especial da rede Globo, a pressão da Igreja Católica e de outras denominações evangélicas levou a justiça a investigar Edir Macedo, que anos antes (1992) ficou preso por onze dias sob a acusação de charlatanismo e curandeirismo.

[25]No espiritismo "encosto" se refere aos espíritos obsessores que se recusam a abandonar este mundo. Na umbanda tal concepção também é assumida, mas associada ao "egun", espírito de pessoa falecida que procura levar outras pessoas com ela. Na IURD os dois sentidos são assimilidos e quase tudo relacionado às forças do mal pode vir a ser rotulado dessa forma.

[26]Fontes: O Projeto – Templo de Salomão. http://www.otemplodesalomao.com/projeto.html. Acesso: 18/02/2014. BATISTA JR, João. Novo templo da Igreja Universal causa imbróglio com a receita federal. Veja Sp. http://vejasp.abril.com.br/materia/construcao-templo-salomao-igreja-universal. Acesso: 18/02/2014.

Outro setor em que a Universal se mostra uma "igreja da exacerbação" consiste na sua presença midiática. No começo deste tópico citamos que desde o início Macedo já percebia a importância de se ocupar espaços na mídia e utilizá-los de forma estratégica. De acordo com Mariano (1999), a Universal costuma enviar pastores para cidades do interior, onde estes compram horários na programação das rádios locais. À medida que a audiência do programa aumenta, o representante da denominação marca encontros em clubes e hotéis. Quando o público das reuniões atinge certo número, procura-se algum espaço físico na cidade para ser transformado em templo da igreja.

Embora a IURD tenha se expandido para além do rádio, ele ainda parece ser fundamental para a denominação, haja vista que a igreja possui 71 emissoras de rádio (AM e FM). No tocante às outras mídias, destacam-se: o portal *Universal.org* (http://www.universal.org/), que oferece conteúdos que vão desde notícias gerais sobre comportamento e economia a temáticas ligadas diretamente a práticas religiosas; a *Folha Universal*, impresso que conta com uma tiragem semanal de 1,5 milhão de exemplares; a gravadora *Line Records*, maior gravadora *gospel* do Brasil (MODESTO, 2012)[27].

No campo televisivo, hoje a Universal é detentora de 23 emissoras, dentre elas o seu maior empreendimento midiático, a *TV Record*. De acordo com Mariano (2012), Macedo, que era conhecedor das ações dos televangelistas americanos, começou logo a investir em produções televisivas. Em 1980, com apenas três anos de existência e pouquíssimos templos, a IURD já fazia incursões na TV com o programa "Despertar da Fé", transmitido pela *Rede Bandeirantes* para alguns estados. Três anos depois, a Universal estendia a abrangência do programa para todo Brasil. Em 1989 a igreja realiza a sua maior façanha no meio televisivo, comprando a *Rede Record de Rádio e TV* pelo valor de 45 milhões de dólares.

> Para comprar a esta tradicional, porém decadente e virtualmente falida rede de televisão – com uma dívida na faixa dos 30 milhões de dólares, posteriormente quitada -, a liderança da igreja oculta na transação, feita por testas-de-ferro, não mediu esforços, ou melhor, sacrifícios. Realizou a campanha 'sacrifício de Isaac', na qual seus pastores doaram cinco salários

[27] Embora nos textos indicados há dados sobre as empresas na mídia que pertencem à Universal, preferimos adotar o texto de Cláudia Figueiredo Modesto por ser mais recente. Algumas informações foram atualizadas, a exemplo do novo *site* da IURD, o www.universal.org, que substituiu em dezembro de 2013 o *Arca Universal* que estava no ar há mais de 12 anos. Outras informações: MODESTO, Cláudia Figueiredo. 34 anos de evangelismo eletrônico. In: Observatório da Imprensa, 15/02/2012. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed694_34_anos_de_evangelismo_eletronico. Acesso: 12/08/2013

> mensais, carros, casas e apartamentos. Com o mesmo espírito de renúncia e despojamento, fieis de todo o país foram convocados a participar do sacrifício, doando, além de dízimos e ofertas, joias, poupança e propriedades. (MARIANO, 2012, p. 66)

Nessa pesquisa tomaremos como objeto de análise a Programação IURD produzida em Minas Gerais e que é veiculada diariamente durante as madrugadas. Antes de passarmos à análise é importante recuperar a discussão teórica sobre mídia e religião que vai nos ajudar a entender em que "lugar" se inscreve a Universal e de que modo podemos olhá-la.

3.5 - Mídia e Religião: conceitos e perspectivas

Pensando na história das relações entre comunicação e religião no Ocidente o pesquisador Leonildo Silveira Campos (2008) sugeriu dividi-la em três fases: fase da oralidade; fase da imprensa; e fase da mídia eletrônica. Importante destacar que a emergência de uma nova fase não implica a anulação de outra, mas sim uma adequação e incorporação da fase anterior de acordo com o novo cenário que se desenha a partir da articulação entre a religião e as técnicas e tecnologias de comunicação.

Segundo o autor, a oralidade foi uma das marcas da comunicação cristã em seus primeiros anos, enquanto se expandia no interior do império romano. O próprio Jesus Cristo foi alguém que não escreveu nada, levando suas ideias para espaços públicos como praças, ruas e estradas, onde sua comunicação com a multidão acontecia. Dessa forma, ele saía dos espaços institucionalizados, considerados sagrados pelas autoridades judaicas, revolucionando o modo de fazer a comunicação religiosa. Isso foi seguido de perto pelos seus discípulos, que se espalharam pelo império expandindo as zonas de influência do cristianismo e consolidando-se com a posterior institucionalização da Igreja Católica.

Ainda em meados do primeiro século, o mártir Inácio de Antioquia anuncia a necessidade de se criar um corpo qualificado de bispos e presbíteros, os únicos que poderiam dirigir os sacramentos do batismo e da eucaristia. O objetivo era que a mensagem de Cristo não se perdesse nas inúmeras interpretações que surgiam sobre a sua figura nos diversos lugares aonde o cristianismo chegava e se mesclava com a cultura local (MATOS, 1987, p. 35). Esse controle se torna mais rígido no século IV com a institucionalização da Igreja Católica no império romano e a escolha dos textos

que comporiam a Bíblia, cujo acesso estava reservado aos membros do clero.

Essas e outras determinações vão ser contestadas pelo monge agostiniano Martinho Lutero, mentor da Reforma Protestante. Lutero já habitava um mundo em que a prensa de Gutemberg era uma realidade. Tal invenção é vista por Campos (2008) como condição necessária para que a Reforma tivesse a dimensão que conhecemos, uma vez que graças a ela os textos de Lutero se espalharam com notória rapidez pelo continente europeu. Além disso, uma das propostas do reformador era de que todos pudessem ter acesso e interpretar a Bíblia livremente em sua língua materna[28]. Assim, a prensa permitiu a reprodução do texto bíblico em uma escala nunca vista até então e, importante destacar, a custos mais razoáveis.

Nessa segunda fase, conforme nos fala Campos (2008), há um deslocamento da ênfase na oralidade para a visualidade. Nas palavras do autor, "a percepção visual começou a predominar sobre a percepção auditiva, os olhos sobre os ouvidos e a boca. Seria, no entanto, nessa 'era da imprensa' que a produção, transmissão e recepção da mensagem religiosa iria sofrer a sua primeira grande transformação" (CAMPOS, 2008, p. 5). Modifica-se, portanto, uma das modalidades da experiência religiosa, que no catolicismo voltava-se para uma leitura compartilhada em comunidade e que no protestantismo histórico abre margem para uma dimensão individual, tornada possível pelo contato direto com o texto sagrado.

O surgimento da imprensa nos mostra como um mesmo dispositivo midiático pode atuar como "linha de fissura" para uma denominação (a Igreja Católica) e como "linha de força" para outra (as igrejas protestantes). A ênfase protestante na Bíblia e a relação que estabelece com a mesma consistem em sinais claros de que estamos diante de outra religiosidade.

> Nesse tipo de religião, em que a comunicação privilegiava e dependia dos textos escritos, a oralidade e a visualidade operantes na missa católica, na qual a eucaristia é o centro do culto, foram substituídas pela oralidade e literalidade do culto protestante. Nele, o dever do pregador seria o de conciliar a oralidade com o texto escrito, atualizando-o e contextualizando-o ao estilo de vida do receptor da comunicação. (CAMPOS, 2008, p. 9)

A terceira fase também trouxe implicações decisivas para a história da comunicação cristã e corresponde à invenção das mídias eletrônicas. O rádio possibilitava que a mesma mensagem fosse transmitida simultaneamente a uma imensa

[28] Só era autorizada pela Igreja Católica a reprodução da mesma em latim.

quantidade de pessoas. O potencial que este novo meio oferece é observado inicialmente tanto por protestantes históricos quanto pela Igreja Católica. De acordo com Luiz Gutiérrez (2006), a primeira transmissão de rádio nos Estados Unidos em dezembro de 1906 contou com apresentação de conteúdo religioso. A primeira rádio exclusivamente religiosa também é americana e surge em 1922, na Califórnia. Um ano mais tarde a BBC de Londres lança uma programação religiosa que conta com a participação de clérigos das igrejas protestantes e católica. O modelo de evangelização que vigora no rádio até então influencia de maneira decisiva o chamado televangelismo, com destaque nos Estados Unidos. Segundo Gutierrez, predominava nas pregações radiofônicas um tom emotivo e fortemente moralista.

> A atmosfera dominante de calvinismo, anglicanismo e metodismo wesleiano propiciaram um grande movimento de renascimento (através das campanhas do 'despertar') da nação americana, num longo percurso que cobre desde 1730 até 1920, dando origem progressivamente ao que seria denominado como 'televangelismo', com inconfundíveis manifestações fundamentalistas e de moralismo vitoriano. (GUTIÉRREZ, 2006, p. 185)

Esse ambiente influenciou o movimento pentecostal que nasce na mesma época (entre as décadas 10 e 50) em que rádio e TV começam a ser utilizados com maior assiduidade por pastores americanos de igrejas protestantes tradicionais. E o uso estratégico das novidades tecnológicas é de grande importância para as pentecostais, já que possibilitava que uma denominação nova e de pequeno porte atingisse um grande número de pessoas, favorecendo assim seu crescimento.

> Durante a década dos anos 60 os contrastes ideológicos da sociedade americana coincidiram também com a diminuição de membros das denominações religiosas tradicionais, isso porque as pessoas começaram a emigrar para tendências de fundamentalismo religioso pentecostal, como forma de refúgio para uma fé ameaçada pelos valores secularizantes e liberais. (*idem*, p. 189)

Interessante notar que cada fase das citadas por Campos (2008) teve como um de seus marcos o surgimento de novas correntes religiosas cujo crescimento afetou suas antecessoras. Assim, se a primeira fase representou a consolidação do cristianismo e da Igreja Católica no Ocidente, a segunda foi marcada pelas igrejas protestantes e a terceira (que acompanhamos atualmente) pela ascensão das pentecostais e neopentecostais.

Na fase eletrônica as igrejas católica e protestantes históricas, embora pioneiras no uso das mídias eletrônicas, acabaram por encontrar uma série de dificuldades para

adaptar sua comunicação religiosa ao contexto das mídias eletrônicas. No caso das denominações protestantes, "o impacto da mídia eletrônica fez voar aos ares as relações entre a pregação e o texto escrito. Esse novo contexto levaria o Protestantismo mais fundamentalista a ter dificuldades no seu ajuste com uma nova sociedade midiática" (CAMPOS, 2008, p. 9).

Ainda que atualmente as igrejas protestantes e católica tenham percebido a importância das mídias eletrônicas[29], as denominações pentecostais (e, principalmente, as neopentecostais) parecem conseguir obter um resultado mais expressivo no uso das mesmas[30]. Uma explicação possível é que tais denominações nasceram em uma sociedade onde a mídia já estava incorporada à cultura. Assim, não tiveram de articular uma tradição a um novo tipo de comunicação.

Como podemos notar, o surgimento de uma nova tecnologia afeta não apenas um modo de a religião se comunicar com os fieis ou de outros setores se referirem a ela, mas também viabiliza todo um contexto de relações de poder, sendo muitas vezes uma condição necessária (mas não suficiente) para que elas venham a existir. Para Campos (2008), as igrejas pentecostais tiveram relativo sucesso porque, dentre outros fatores, recuperaram a ênfase na oralidade e acrescentaram um forte teor emocional a suas práticas. Além disso,

> o Pentecostalismo, na medida em que se expandia pelas camadas pobres, urbanas e operárias - justamente a população mais pobre e menos escolarizada -, incorporou a oralidade, a literalidade e a visualidade nos meios de comunicação de massa. Por exemplo, na televisão estão à venda tanto livros dos teleevangelistas como também seus CDs ou DVDs; um dos livros de Edir Macedo de combate aos cultos afro-brasileiros vendeu mais de três milhões de exemplares. (CAMPOS, 2008, p. 10)

Surge, portanto, um nicho de mercado específico, fruto do que podemos chamar de uma cultura religiosa midiatizada, na qual podemos incluir desde os filmes e CDs do padre Marcelo aos álbuns de cantores *gospels* que mesclam o estilo sertanejo a letras de cunho religioso. O termo "religião midiatizada" nos aparece adequado para dar conta da

---

[29] Há programas de TV dos presbiterianos gerados a partir da Universidade Presbiteriana Mackenzie, fora as inserções da Igreja Batista na mídia que já mostram certo avanço. Os católicos se destacam pela variedade de emissoras de rádios e a existência de canais de TV pertencentes à igreja, como a Canção Nova, Rede Vida e Século XXI. Além disso, há também o sucesso dos "padres cantores", como pe. Fábio de Melo e pe. Marcelo Rossi e sua inserção na grande mídia.

[30] Não estamos afirmando que a expansão dessas denominações se deve exclusivamente à sua presença midiática. A Congregação Cristã, uma das maiores igrejas pentecostais do Brasil, até hoje não possui programas de rádio ou TV e ainda recomenda aos fieis que não utilizem tais mídias. Não obstante, é preciso considerar que a mídia foi fundamental para o crescimento de algumas igrejas, a exemplo da Universal (MARIANO, 1999).

complexidade das relações que envolvem as conexões tecidas entre mídia e religião, ou, se quisermos assim chamar, do dispositivo religioso midiático.

No entanto, esta conceituação surgiu apenas recentemente, à medida que teóricos da comunicação começaram a discutir o que eles chamam de "midiatização". No entanto, outros termos são muito utilizados nos estudos sobre mídia e religião. Em "A igreja eletrônica e seu impacto na América Latina", uma das primeiras e principais obras brasileiras sobre o tema, o teólogo e sociólogo Hugo Assmann (1986) apresenta um breve inventário com os principais conceitos utilizados nos Estados Unidos e suas respectivas atribuições. São eles:

1) Igreja Eletrônica: uma das nomenclaturas mais utilizadas. O termo surgiu nos Estados para caracterizar principalmente a ação dos televangelistas. Segundo Assmann (1986, p. 18), "alguns autores veem um lado positivo nessa terminologia pelo fato de ela, apesar de ser ideológica, insinuar o manejo de técnicas publicitárias como de fato sucede na quase totalidade dos programas religiosos de TV". Outros, porém, criticam tal noção, devido ao uso pouco apropriado do termo igreja, tendo em vista que o que se tem não é exatamente uma igreja, mas sim a presença de representantes das religiões na mídia.
2) Religião Comercial: expressão alternativa para "igreja eletrônica" e defendida por aqueles que acreditam que os "televangelistas não representem autenticamente a Igreja" (ASSMANN, 1986, p. 19) e que acentua o viés comercial dos programas, muitos dos quais pedem doações e vendem produtos. O autor critica esse conceito, uma vez que nem todos os programas religiosos possuem tal característica.
3) Marketing da Fé: sugere que os programas religiosos se pautam pelo modelo publicitário, nos quais a salvação é ofertada como mercadoria seguindo o modelo: "clima de sugestão – Identificação de uma 'necessidade' não suprida – apresentação da 'resposta' – Ato de compra" (ASSMANN, 1986, p. 20). Entendemos que apesar de melhor fundamentado do que o conceito anterior tem a desvantagem de focar em apenas um aspecto que envolve as articulações entre mídia e religião, além de que essa dimensão nem sempre está presente em todos os programas.
4) Messianismo Eletrônico: de acordo com o autor, este termo também surgiu como opção ao de igreja eletrônica. O caráter messiânico diz respeito às

lideranças religiosas na mídia e suas promessas de curas, milagres e salvação. Assmann, porém, critica tal definição, postura que também compartilhamos. Segundo ele, "seria realmente uma pena que o conceito bíblico (e inclusive sociológico) de 'messianismo', tão prenhe de esperança e lutas históricas, ficasse aviltado dessa maneira" (ASSMANN, 1986, p. 21).

5) Assembleia Eletrônica: termo que, diferentemente dos anteriores, não aparece relacionado ao fenômeno nos Estados Unidos e que manifesta uma preocupação bem diferente dos outros. É mais utilizado no meio católico com o objetivo de designar a possibilidade de uma experiência comunitária nas transmissões televisivas e radiofônicas das celebrações litúrgicas.

Como podemos perceber, cada termo contempla dimensões que o outro não incorpora, sendo passíveis de críticas, conforme destaca o autor. O mais recorrente deles, conforme já dissemos, foi o de "igreja eletrônica" e o próprio Assmann (1986) prefere mantê-lo a sugerir outro termo. Em artigo em que reflete sobre tais conceitos, Magali Cunha (2002) vai além dos problemas apontados por Assmann e argumenta que o cenário atual e a configuração histórica das relações entre mídia e religião no Brasil exige outra formulação.

De acordo com a pesquisadora, devido ao próprio contexto em que foi formulado, o termo ficou muito apegado à esfera de atuação dos teleevangelistas americanos. Durante as décadas de 50 e 60, personalidades do mundo protestante, como Billy Graham, Pat Robertson, Oral Roberts (este era pastor de igreja pentecostal), Jerry Falwell e Rex Humbard comandavam programas de sucesso nas TVs americanas. Em comum o eixo "salvação-milagres-coleta de fundos" e interpretações de caráter fundamentalista sobre a bíblia (CUNHA, 2002, p.5). Alguns dos nomes citados tiveram seus programas transmitidos no Brasil.

Diferentemente dos Estados Unidos, onde a TV foi mais procurada, no Brasil o rádio foi adotado como mídia privilegiada pelos religiosos. Isso decorre do fato de inicialmente as igrejas católica e protestantes históricas (de maior poderio econômico) terem demonstrado pouco interesse na mídia, o que contrasta com os pentecostais, principalmente a partir das igrejas que surgiram no país na década de 50 e 60 e que preferiram investir programas de rádio pelo fato de o investimento financeiro ser menor. Outros argumentos apresentados por ela:

1) a presença das igrejas (Universal, Católica, Renascer, dentre outras) nas rádios e TVs tanto como compradoras de espaços pagos, como

detentoras de canais próprios. Além disso, nos programas elas se apresentam como "igrejas", como instituições.

2) Se até as décadas de 60 e 80 os programas de rádio e TV privilegiavam as pregações, hoje o conteúdo se diversificou, com programas de entretenimento, jornais, clipes musicais, debates, entrevistas dentre outros. A mídia impressa também acompanha essa tendência, com revistas de variedades voltadas para o público religioso.

3) Nos anos 60 e 80 os programas centravam-se em uma liderança carismática, hoje há personalidades com alguma fama que apresentam programas voltados para um segmento específico (CUNHA, 2002, pp. 17-18). Concordamos com os argumentos da autora, mas destacamos que nos últimos anos o papel dos líderes parece ter ganhado mais importância. Haja vista a permanência de RR Soares, que se adaptou ao novo contexto inserindo uma variedade de quadros em seu *Show da Fé* (há animações voltadas para o público infantil, apresentações de cantores etc) e a presença intensa de Waldemiro Santiago, Silas Malafaia e os padres Fábio de Melo e Marcelo Rossi na mídia.

Além das críticas acima, Cunha (2002) não concorda com o uso dos termos "igreja" e "eletrônica" para abordar o fenômeno. Segundo ela,

> A "Igreja" e suas lideranças podem estar sendo expostas na propaganda da Rede Gospel ou da Rede Record mas (repetindo-se a crítica feita ao termo no passado) a ênfase da mensagem transmitida não é na "Igreja" e na adesão a ela, mas no cultivo de uma religiosidade que não depende da Igreja, mas que é intimista, autônoma e individualizada. O que se enfatiza não é a Igreja mas a experiência religiosa mediada pelo meio TV ou rádio, isto é, o meio possibilita o cultivo da religiosidade, independente da adesão a uma comunidade de fé. O termo "Eletrônica" também não reflete o processo vivenciado hoje. Esta noção remete à ideia de "massa" centrada no uso do aparato tecnológico oferecido pelos meios de comunicação eletrônicos para disseminação da mensagem religiosa – e aqui poderíamos destacar também a informática com a oferta de uma infinidade de páginas na Internet de cunho religioso. (CUNHA, 2002, p. 18)

Novamente ponderamos que embora concordemos na maior parte do que a autora propõe é preciso lembrar que muitos dos programas têm como objetivo atrair o público para a igreja, o mencionado programa de RR Soares e a própria Programação IURD são exemplos disso. Assim os programas, embora não necessariamente convertam, servem como estímulo para que as pessoas visitem algum templo das

igrejas. Na Programação IURD, por exemplo, repetidas vezes convites são feitos para as pessoas irem a algum templo a fim de que suas vidas possam ser modificadas, tal como ocorre nos testemunhos mostrados nos programas.

Voltando à discussão sobre os conceitos, é importante ressaltar a contribuição de Jesus Martín-Barbero (1995), que apesar de também trabalhar com o conceito de "igreja eletrônica" avança na discussão ao propor que estamos diante de um novo tipo de religiosidade e que a mídia tem um papel relevante na remagicização da religião. De acordo com o autor,

> Iglesia electrónica entonces significa lo siguiente: unas iglesias que no se limitan a utilizar los medios de comunicación para hacer más amplia la audiencia de sus sermones, no se limitan a usar los medios para hacer más ancho el espectro de público al que llegan. A mi ver las iglesias electrónicas son iglesias que se han convertido especialmente al medio radio y al medio TV, haciendo de la TV y de la radio una mediación fundamental de la experiencia religiosa. Es decir**, el medio no es simplemente una ayuda para amplificar la voz sino que es un elemento importante, un elemento fundamental del contacto religioso, de la celebración religiosa, de la experiencia religiosa** (MARTIN-BARBERO, 1995, p. 6, grifos nossos)

Ao considerar a mídia como elemento fundamental da experiência religiosa na contemporaneidade, Barbero (1995) ultrapassa um tipo de visão comum nos primeiros estudos e que ainda encontra alguma ressonância em pesquisas sobre mídia e religião: a de que a mídia só faz ampliar a visibilidade das igrejas ao articular a grande inserção da mídia na sociedade a estratégias mercadológicas. Para o autor, mais do que isso, a mídia vai além, reconfigurando o modo de a religião disponibilizar modalidades de experiência religiosa aos fieis, perspectiva muito próxima da nossa.

Magali Cunha (2002) vai na mesma direção de Barbero e concorda que a mídia interfere na experiência religiosa e contribui para um reencantamento da religião. No entanto, observa que o termo "igreja eletrônica" está ultrapassado conforme os argumentos apresentados acima. Por estes motivos, Magali Cunha (2002) prefere adotar o termo Religiosidade Midiática. O termo está em consonância com o conceito de "midiatização", abordado no primeiro capítulo e que diz respeito a um processo pelo qual as mídias criam um novo modo de ser no mundo, alterando as experiências, dinâmicas de produção de sentido e fundamentando um novo tipo de cultura, nas palavras de Cunha (2002), uma "cultura midiática". Assim, podemos tanto falar em "religiosidade midiática" quanto em "religião midiatizada".

Ambos os termos expressam o que estamos propondo em nossa perspectiva

sobre as relações entre mídia e religião: quando estes se conectam há uma mútua afetação. Assim emergem modalidades narrativas, experiências e ritualidades que antes não estavam dadas e a religião, como indica Luiz Mauro Sá Martino (2012), encontra uma nova porta de entrada na vida das pessoas.

> Midiatizada, a religião tem condições de disputar a atenção do público no mesmo plano das outras mensagens, utilizando-se de elementos conhecidos dos adeptos – nesse sentido, ter a camiseta de um time de futebol, de uma banda de música ou de uma igreja indica articulações diferentes, mas igualmente pautadas na formação de vínculos a partir do consumo de produtos identificados com a marca de um grupo. (MARTINO, 2012, p. 236)

É a partir da perspectiva da "religião midiatizada" que olhamos para as relações tecidas entre estas duas instâncias. O modo como se afetam reconfigura ambas e consequentemente o modo como as pessoas se relacionam com a religião e a mídia. Isso levanta uma questão que deixamos sugerida e que a nossa pesquisa, se não pode dar uma resposta definitiva, deixa indicada um possível caminho a ser trilhado futuramente: se podemos falar em midiatização da religião seria correto também dizermos que há sacralização da mídia? Tal questionamento perpassa a análise que apresentamos no capítulo seguinte.

4 – AS NARRATIVAS DO REINO

No percurso trilhado até agora partimos de uma discussão teórica sobre o conceito de dispositivo em Foucault e seus comentadores (Agamben e Deleuze) para então pensarmos o enunciado e a narrativa como dispositivos. Em seguida, apresentamos o modo como compreendemos as relações entre dispositivo, experiência e narrativa o que orienta a nossa visada sobre a Programação IURD. Ao fim do segundo capítulo procuramos trazer essa discussão sobre as narrativas para o âmbito da TV, que constitui nosso lugar de observação.

Objetivando manter a coerência com a discussão anterior, procuramos problematizar a religião como dispositivo e refletir sobre os processos de desencantamento do mundo e de re-encantamento da religião. Este preâmbulo teórico nos permitiu adentrar na história do pentecostalismo e do neopentecostalismo para, então, situarmos a Universal nesse contexto, definir suas principais características e pensarmos como ela se relaciona a esse re-encantamento. No último tópico nos preocupamos em apresentar os conceitos que têm sido mais empregados nas pesquisas que tratam das relações entre mídia e religião, dos quais optamos por adotar o termo "religião midiatizada" ou "religiosidade midiática", pelas razões já apresentadas.

Os capítulos teóricos constituem a base que nos permitiu construir um olhar sobre a Programação IURD cuja análise expomos neste capítulo. Dividimo-lo em duas partes: a primeira conta com uma abordagem dos programas televisivos da Universal, apresentação detalhada da Programação IURD e breve exposição sobre os procedimentos metodológicos adotados; a segunda parte avança a partir da primeira, ao efetuar uma análise da estrutura comum dos programas que a compõe e em seguida se voltar para as narrativas a partir de seus quadros e temáticas.

4.1 – Record: entre o religioso e o comercial

No ano de 2012 a Igreja Universal completou 35 anos de existência. Nesse curto período de existência impressionou pelo seu crescimento acelerado, tornando-se uma das maiores igrejas pentecostais do Brasil e a neopentecostal mais numerosa. Segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizado em

2010, embora a IURD tenha perdido cerca de 230 mil fieis nos últimos 10 anos[31], ela permanece como uma das principais instituições religiosas do país. Dentre as evangélicas, aparece em quarto lugar no número de adeptos, sendo superada pela Assembleia de Deus (pentecostal clássica), Batista (protestante histórica) e Congregação Cristã do Brasil (pentecostal clássica). Em relação às neopentecostais, continua como a maior do Brasil, tendo também se espalhado por mais de 80 países[32] (CORTON, DOZON, ORO, 2003).

Conforme destacado em outro momento, a breve trajetória da IURD é marcada por um uso intenso de diversas mídias, sendo a mais conhecida a Rede Record de Televisão. Ela constitui o maior investimento financeiro da Universal na mídia e possui, desde o seu início, programas religiosos. Contudo, antes estes tinham mais destaque na programação da emissora. Segundo Mariano (1999, 2005), as necessidades de tornar a *Rede Record* um negócio rentável fizeram com que a cúpula da IURD optasse por uma "programação comercial", ou seja, não-religiosa. Esse caráter ficou mais evidente no decorrer dos anos.

Em 1998, os programas *Gospel Line*, *Santo Culto em Seu Lar* e *ABC em Ação* foram retirados do ar devido à baixa audiência. Certas práticas, como a censura à Igreja Católica e às religiões espiritualistas (Umbanda, Candomblé e Espiritismo) vigentes no início permaneceram em parte. Em relação à Igreja Católica, o tom de crítica parece ter se amenizado, haja vista que em 2013 o noticiário da emissora deu ampla cobertura à vinda do Papa Francisco ao Brasil. No tocante às religiões espiritualistas, a postura intolerante permanece, mas de forma velada devido aos processos já enfrentados pela igreja, como aludimos no capítulo anterior.

A mudança de postura parece ter afetado a lógica de produção dos conteúdos, de

---

[31]De acordo com o pesquisador Faustino Teixeira (2012), a queda da Universal deve-se à concorrência com outras denominações pentecostais e neopentecostais, principalmente a Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD), de Valdemiro Santiago, que foi pastor da IURD e fundou sua própria igreja em 1998. A tensão entre Macedo e o líder da Mundial chegou ao ponto de ambos se pronunciarem publicamente na mídia com críticas mútuas. No dia 18/03/2012, o programa *Domingo Espetacular* da *Rede Record* apresentou reportagem em que acusava o líder da Mundial de enriquecer de forma ilícita com o dinheiro dos fieis. Para mais detalhes conferir: reportagem do Domingo Espetacular sobre Valdemiro Santiago, disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=0-Jhvh8UPD8. Acesso: 12/08/2013. E também: "O campo religioso brasileiro na ciranda dos dados. Entrevista especial com Faustino Teixeira", disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/512819-o-campo-religioso-brasileiro-na-ciranda-dos-dados. Acesso: 12/08/2013.

[32]Os dados são um pouco imprecisos, visto que o livro é do ano de 2003. Em matéria comemorativa sobre os 35 anos da denominação, o *site Arca Universal* (de propriedade da IURD e que hoje deu lugar ao *Universal.org*) apontava que a denominação está presente em quase 200 países. Contudo, não podemos confirmar tal informação. Disponível em: http://www.arcauniversal.com/noticias/brasil/noticias/iurd-35-anos-de-sacrificios-e-uso-da-fe-inteligente-13131.html. Acesso: 12/08/2013.

modo que o que temos visto é a criação de programas que abordam temas religiosos, mas que não estejam diretamente ligados ao nome da instituição. Um bom exemplo são as minisséries baseadas em textos bíblicos, como *A História de Esther* (2010), *Sansão e Dalila* (2011) e *Rei Davi* (2012). A última teve o orçamento estimado em 25 milhões de reais e contou com amplo uso de efeitos especiais. Outro programa que não é apresentado como produto da igreja, mas que toca em temas comumente abordados pela IURD em seus programas é o *The Love School* (*A Escola do Amor*), apresentado pelo casal Renato e Cristiane Cardoso (filha de Edir Macedo) todos os sábados, às 12 horas. Nele, temáticas relacionadas à vida amorosa são tratadas e o público pode participar pelo *skype, facebook* e *twitter*.

No tocante aos programas em que há identificação direta com a denominação, alguns são veiculados por outras emissoras, como a *Rede Bandeirantes* e a *Rede TV*. Na *Record*, a IURD permanece com a programação nas madrugadas. São cerca de 5 horas diárias de segunda a sexta. Aos sábados há um acréscimo de uma hora e no domingo, de duas. Neste horário, figura o *Fala Que Eu Te Escuto*, um dos mais conhecidos (e estudados) programas da Universal. Falaremos brevemente do programa cujo formato é bem semelhante aos outros que integram a Programação IURD.

4.1.2 – Fala Que Eu Te Escuto

O breve histórico apresentado nos mostra que a ligação direta da Universal com a *Record* via seu líder máximo (acionista majoritário) não garantiu que a emissora se tornasse exclusivamente religiosa. As necessidades impostas por uma TV aberta de abrangência nacional e as preocupações decorrentes das estratégias de aumento dos índices de audiência fizeram com que a própria IURD em seus programas modificasse suas estratégias de cunho conversionista. Embora tenhamos destacado uma tendência cada vez mais forte em se criar programas que abordem temáticas religiosas, mas sem se identificarem como programas "da igreja", é válido também pensar naqueles em que há identificação direta e explícita com a denominação.

Um bom exemplo é o *Fala Que Eu Te Escuto*, apresentado por pastores e bispos da IURD. No portal da Universal o programa é descrito como um espaço aberto e imparcial por meio do qual os espectadores podem formar sua opinião, bem como opinar por telefone, *Skype* e pelas redes sociais durante sua transmissão. Eis o pequeno resumo que consta no *site*.

> A discussão dos assuntos mais recentes de relevância social, com participação ativa do público, tem um nome: **Fala que Eu te Escuto**, programa veiculado diariamente, de madrugada, pela **TV Record** para todo o Brasil e outros países, pela **Record Internacional**. Consumo e tráfico de drogas, comportamento, saúde, família e outros assuntos que dizem respeito à vida de todos são temas práticos tratados de forma imparcial todas as madrugadas, com embasamento em entrevistas, pesquisas e opiniões de renomados especialistas, que dão ao público subsídios para formar seu próprio ponto de vista e tirar suas próprias conclusões, podendo participar por telefone, Skype e redes sociais. No ar desde 1997, o Fala que Eu te Escuto põe a realidade em debate e convida o telespectador a fazer parte dela (MÍDIAS DA UNIVERSAL, s.d, grifos do autor)[33].

O *Fala que Eu te Escuto* teve início no ano de 1997 e era transmitido diariamente à 1h, ao vivo. De acordo com Karla Patriota (2008), em um primeiro momento apenas temas religiosos eram abordados, mas desde já ele era estruturado como um programa de debates, no qual o espectador participava por telefone e dava sua opinião. Além de uma triagem feita previamente pela equipe de produção, o rumo que os debates tomavam era definido pelos pastores que procuravam direcionar a discussão de acordo com as declarações dos participantes.

Com o tempo algumas transformações ocorreram. Os temas deixaram de ser exclusivamente religiosos e materiais produzidos pelo noticiário da *Record* passaram a ser utilizados. Segundo Patriota,

> Hoje, o Fala Que Eu Te Escuto privilegia as imagens picantes, e a abordagem insistente sobre temas sexuais está ficando "lugar-comum". Como ressaltou Valladares (2000) ao descrever numa reportagem feita para a Revista Veja que o talk-show religioso resolveu apelar usando fórmulas "profanas" consagradas na televisão: 'Resumindo em três palavras: violência, teledramaturgia e convidados especiais. No gênero e no horário pode ser considerado um sucesso. Chegou a ter um pico de 7 pontos no Ibope'. Como a ênfase é, em grande parte, emocional, vemos o estímulo às reações instantâneas e instintivas, as quais são retroalimentadas com assuntos que abordam, abundantemente, o sexo e a violência. Resultado: com a atual formatação 'espetacular', o programa tem atraído a atenção até de 'noctívagos incrédulos'. (PATRIOTA, 2008, p. 2)

Dessa forma, é comum encontrar temas como alcoolismo, drogas, traição e *bullying*, conforme é destacado no próprio *site* da IURD. As mudanças vão além das temáticas. Se antes era mais comum tratar de um assunto por meio de material produzido por profissionais contratados pela igreja (a exemplo de situações genéricas encenadas por uma equipe de dramaturgia própria ou matérias sobre temas diversos), a

[33]Para mais informações conferir: Mídias da Universal. Disponível em: http://www.universal.org/institucional/midias-da-universal.html. Acesso: 10/12/2013.

partir de determinado momento o programa também passou a exibir material produzido pela equipe de jornalismo da *Record* e incluir a participação de celebridades. Assim,

> Para um debate sobre o tema 'Crimes bárbaros: a causa é espiritual?', incluíram-se trechos do noticioso Cidade Alerta. Em outro, cujo assunto era 'Homens e mulheres que trocam constantemente de parceiros: prostituição ou modismo?', o fofoqueiro profissional Nelson Rubens foi convidado para discorrer sobre o assunto (*idem, ibidem*).

Além disso, ampliaram-se as modalidades de participação do público. Se antes se restringiam ao telefone, hoje a inserção da audiência no programa ao vivo se dá também por mensagens enviadas por *email, facebook* ou pelo *Skype*. O fato de o programa ser ao vivo associado à sua dinâmica interativa cria para o público a impressão de que ele é democrático e de que não tem um roteiro previamente estruturado, bem como uma definição rígida daqueles que podem participar dos debates.

Não obstante, é preciso ressaltar que embora uma triagem seja feita na escolha daqueles que vão entrar no ar, nem sempre esse controle consegue ser pleno. Na edição nacional do dia 30 de julho de 2013 tivemos o "trote da bunda". Enquanto uma garota respondia pelo *Skype* às perguntas do pastor, um amigo dela surgiu, abaixou as calças e deu alguns pulos. Imediatamente, a transmissão voltou para o estúdio. O pastor responsável, visivelmente incomodado com a cena, comentou: "corta aí, por favor. Por gentileza, quem que vê as pessoas que a gente coloca para participar no *facebook* e no *Skype*... tem pessoas que não têm nenhuma vergonha na cara. Nem na cara e... nem na poupança". Na edição do dia 2 de agosto, o bispo Clodomir Santos informou que iria processar os pais da jovem[34].

Este exemplo nos mostra como certo recurso pode ser ao mesmo tempo uma "linha de força" e uma "linha de fissura" de um dispositivo. A possibilidade de se participar ao vivo que passa a impressão de que o programa é democrático por vezes o coloca em situações em que há desgaste da imagem do mesmo. Este fato isolado e as mudanças já realizadas nos mais de 10 anos de história do programa nos mostram algo que já tínhamos indicado na discussão teórica realizada acima, ou seja, que é na experiência cotidiana, ao interpelar o público pelas suas narrativas, que pontos de força e tensões surgem, implicando rearranjos do dispositivo em questão.

A temática polêmica e seu formato heterogêneo que agrega desde pequenos

[34]Paramais detalhes, conferir: "Iurd irá processar menina que passou trote no Fala Que Eu Te Escuto". Disponível em: http://natelinha.ne10.uol.com.br/noticias/2013/08/03/iurd-ira-processar-menina-que-passou-trote-no-fala-que-eu-te-escuto-64383.php. Acesso: 13/08/2013.

filmes dramatizados, participações do público ao vivo mediadas por um pastor/apresentador e matérias jornalísticas parece ter dado certo. Vez ou outra a edição nacional do programa fica em segundo lugar e em 2009 já ocupou o primeiro lugar, vencendo o Programa do Jô[35]. Outro fato que sugere o seu sucesso é a cópia parcial de seus quadros nas edições regionais do *Fala Que Eu Te Escuto* e em outros programas que compõem a Programação IURD de cada estado.

No tocante à Programação IURD mineira notamos nos programas analisados uma diferenciação quanto às temáticas abordadas tanto na edição local do *Fala Que Eu Te Escuto* quanto nos outros programas que a compõem. Os temas são sempre relacionados ao sofrimento pessoal. Assim, é comum encontrar nas legendas frases como "o tema hoje é você! Qual o motivo da sua dor?" e "qual o motivo das suas lágrimas?". Não há debates com o público sobre questões diversas, mas sim entrevistas por telefone que se assemelham a atendimentos psicológicos, nos quais após diversas perguntas o pastor conclui o diagnóstico, qual seja: o sofrimento é ocasionado por forças espirituais malignas. E aconselha a pessoa a ir a algum templo da IURD para ter sua situação resolvida. Apresentam-se testemunhos que comprovam a eficácia das soluções ofertadas pela Universal e mais convites são feitos. Este é o formato básico dos programas que integram a Programação IURD.

Além da temática, há outras diferenças em relação à edição nacional do *Fala Que Eu Te Escuto,* tais como: a participação do público se dá pelo telefone e em raríssimos casos por email, *Skype* e *facebook* não são utilizados; não há entrevistas no estúdio com celebridades, nas raras oportunidades em que as entrevistas ocorreram no estúdio foram com fiéis que contam dramas do passado, bem como as transformações decorrentes da ida a um templo da Universal.

Posteriormente ofereceremos uma apresentação mais detalhada dos quadros e dos programas. Antes, porém, é importante discorrermos brevemente sobre a metodologia e os procedimentos metodológicos que adotamos para a pesquisa. Em seguida, retomaremos a descrição já com alguns elementos oriundos da análise.

---

[35]Para mais informações, ver: "Fala Que Eu Te Escuto vence Globo e fica em primeiro no IBOPE". Disponível em: http://noticias.uol.com.br/ooops/ultnot/2009/05/13/ult2548u732.jhtm. Acesso: 13/08/2013.

4.2 – Metodologia e Procedimentos Metodológicos

Nossa pesquisa tem por base um grande operador conceitual principal que consiste no conceito de narrativa, que por sua vez é pensado de forma conjunto com dois outros conceitos (dispositivo e experiência). Conforme vimos nos capítulos precedentes, nenhum dos três foi originalmente pensado pelos autores de base a que nos referimos para responder questões que envolviam aspectos midiáticos. No entanto, a riqueza de suas contribuições tem levado muitos pesquisadores do campo da comunicação a fazerem um movimento de revisão e aplicação desses conceitos para explicar dinâmicas próprias à mídia.

Na nossa pesquisa propomos partir da triangulação conceitual "dispositivo", "experiência" e "narrativas" e da premissa de que estas instâncias se afetam e se constituem mutuamente para pensar nas narrativas religioso-midiáticas da Igreja Universal na Programação IURD. Não vemos a narrativa de forma isolada ou como um momento distinto e distante do dispositivo e da experiência. Pelo contrário, o desafio é ao colocá-la em contato com os outros dois conceitos perceber de que forma seu potencial heurístico se enriquece e, ao mesmo tempo, ter cuidado com imprecisões teóricas.

Assim, o caminho que propomos trilhar prevê que procuremos compreender como as narrativas religioso-midiáticas do dispositivo religião configuram um mundo textual (*mimese II)* próprio e interpela os indivíduos pelas experiências por elas disponibilizadas a não só reconhecer este mundo, mas também refigurar *(mimese III)* sua própria existência segundo ele, de modo a vir se tornar um sujeito a ele e sujeito dele (um potencial fiel). Tendo em vista que o dispositivo não só produz, mas também se faz e se presentifica nas narrativas, objetivamos nelas entrever as tensões dialéticas e a dialogicidade que as constituem e de que maneira nos dizem do mundo da ação efetiva, cujos conflitos estão para a narrativa como mundo pré-figurado *(mimese I)*.

No tocante aos operadores analíticos, dadas as especificidades do objeto em estudo, será importante identificar como elementos próprios da linguagem televisiva são utilizados nos programas para estruturar as narrativas. Desse modo, atentamos em um primeiro momento para os quadros e para elementos como "dramatizações", matérias jornalísticas, entrevistas, condução dos pastores nas participações por telefone, posições e ângulos de câmeras, se objetos do estúdio de tevê como microfones e *spots* são mostrados, que fazem parte da linguagem televisiva e engendram as narrativas em

questão.

Ainda no tocante às narrativas será importante perceber como instâncias próprias das mesmas se encontram presentes nos programas, quais sejam: quem narra (pastores, atores, pessoas que participam ao vivo por telefone ou no estúdio); as ações dos "personagens" e o modo como estas são articuladas em uma intriga; a interação entre pastores e pessoas que participam por telefone ou estejam no estúdio e com os próprios telespectadores em casa; a forma como o público de casa é incorporado à fala dos pastores por meio de conselhos, advertências, convites etc.

Tendo em vista o mapa teórico-metodológico acima estabelecido, adotamos alguns procedimentos metodológicos que vão nos auxiliar na análise.

4.2.1 - Procedimentos metodológicos

Como já dissemos, a Programação IURD agrega diferentes programas. São cerca de 5 horas diárias durante as madrugadas com conteúdo religioso e sem intervalos comerciais da *Record*. Aos sábados e domingos esse tempo aumenta em média uma hora. Importante salientar que a edição dos programas é regional, sendo que a nossa gravação compreende os programas transmitidos e produzidos em Minas Gerais, escolha que se deve a questões de ordem pragmática.

Em um primeiro momento, havíamos planejado restringir nossa análise a duas semanas inteiras atentando para a edição do dia 9 de julho de 2012, que corresponde à data em que a IURD completou 35 anos. Projetávamos a realização de alguma edição especial ou que houvesse referências contínuas à data comemorativa nos dias que antecedem o aniversário da denominação. Isto não ocorreu em nenhum dos programas e no dia 9 uma pequena chamada sobre a história da Universal foi exibida durante a Programação IURD. Nos jornais impressos da Universal no Brasil e em Portugal (*Folha Universal* e *Folha de Portugal*, respectivamente) houve matérias especiais sobre o fato. Já o *site* da IURD deu ampla cobertura à celebração da data. Não obstante, o grande acontecimento à época foi o lançamento do primeiro livro da biografia de Edir Macedo.

A hipótese que levantamos para explicar o pouco destaque na Programação IURD é que os programas não visam informar, mas sim criar um ponto de vínculo com os espectadores, incitando-os, a partir de promessas de "melhoria de vida", a frequentar alguma das reuniões. Embora o aniversário da IURD tenha perdido a centralidade que ele tinha em um momento inicial, isso não significa que o tema deixará de ser abordado.

Dessa forma, para efeito de uma eventual mudança nos procedimentos metodológicos, gravamos mais 4 edições, até o dia 18/07/2012.

A vasta quantidade de material coletado, que totalizava quase 90 horas de gravação e a necessidade de restringir o *corpus* de análise aliada às características dos programas, que independem uns dos outros para serem entendidos pelo espectador, levaram-nos a criar uma "falsa semana". O procedimento funciona da seguinte maneira: a partir do primeiro dia de gravação, edições correspondentes aos dias das três semanas são colocadas de forma intercalada até constituírem uma semana. Como o dia correspondente à comemoração dos 35 anos da IURD (o 9 de julho) não entrou na "falsa semana", também o agregamos à análise, dada a sua importância no momento da constituição do *corpus* inicial desta pesquisa.

Por fim, feitas algumas adequações, a "falsa semana" ficou assim estabelecida:

FALSA SEMANA							
Dias dasemana	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
Programação IURD/ data	02/07	10/07	18/07	05/07	13/07	07/07*	15/07

Tabela 2: Distribuição de dias na Falsa Semana.

* A semana falsa não ficou perfeita, uma vez que começamos as gravações no dia 2 de julho e encerramos no dia 19, visto que até o momento da gravação dos programas não tínhamos definido com rigor os procedimentos metodológicos. Logo, substituímos aquele que seria o programa do dia 21 pela edição do dia 7.

A "falsa semana" nos permite perceber regularidades em meio à dispersão dos materiais no tempo e tem a vantagem de perceber se as estratégias variam e como, de acordo com o dia da semana. Tendo separado os programas que constituem o *corpus,* fizemos uma decupagem cuidadosa de cada um deles, indicando os quadros, destacando algum aspecto para análise e, quando necessário, transcrevendo palavra por palavra trechos inteiros dos programas. Isso gerou um arquivo de aproximadamente 35 páginas para cada dia.

Visto que uma investigação de cada quadro de todos os programas seria inviável e, acreditamos, até mesmo desnecessária e repetitiva, optamos por uma estratégia analítica que levasse em conta tanto as constantes como elementos desviantes de modo a oferecer tanto uma percepção geral do que é o programa e do que constitui a centralidade de suas narrativas, bem como situações particulares em que outros aspectos, sejam eles dissonantes ou não, pudessem ser observados.

Desse modo, apresentamos no próximo item uma apresentação bem detalhada da Programação IURD já acompanhada de um esforço analítico para compreendê-la. Nessa

exposição abordamos aspectos como: as diferenças entre os programas; os quadros que os compõem; os temas abordados; a quantidade de programas ao vivo; os pastores que os apresentam; a relação com o público.

Ao analisar o material descobrimos que nos diferentes programas há uma estrutura narrativa comum, ainda que seus quadros, temas e apresentadores sejam distintos. Delineamos essa estrutura que constitui a base de cada programa para em seguida partirmos para uma análise narrativa de casos particulares que separamos no nosso *corpus*. Tendo em vista que há um tema principal que consiste no sofrimento e que este se desdobra em outros cinco subtemas (os tipos de problemas, quais sejam: médico, judiciário, espiritual, sentimental e financeiro), selecionamos um ou dois exemplos de cada subtema para analisarmos.

Em seguida, nossa atenção se volta para situações particulares que merecem nossa atenção, tais como: 1) o que a IURD conta de si: chamada sobre os 35 anos da denominação e outra sobre a prisão de Edir Macedo; 2) tensões do ao vivo: momentos em que o ao vivo se torna problema para os pastores; 3) relação com outras religiões: embora já presente em outro tópico, consideramos importante retomá-la dadas as polêmicas em que a IURD sempre esteve envolvida; 4) rituais e pontos de sacralização: orações, benção do copo e exorcismos por telefone e as narrativas que os engendram.

É desta forma que os próximos itens deste capítulo estão organizados. Antes de passarmos à análise das narrativas segue a apresentação mais detalhada da Programação IURD.

4.3 – A Programação IURD

Quando abordamos o *Fala Que Eu Te Escuto* procuramos identificar as principais semelhanças e diferenças em relação aos programas que compõem a Programação IURD, o que nos levou a esboçar algumas características dos mesmos. Neste tópico, oferecemos uma apresentação detalhada da Programação IURD que não se atém a uma mera descrição dos programas e quadros, mas já incorpora um olhar analítico, preparando o caminho para a análise posterior.

Como já salientamos em outros momentos, não encontramos nos *sites* de propriedade da Universal informações sobre a Programação IURD. No portal *R7* podemos encontrar quadros informativos sobre a programação da Record para cada dia da semana, como podemos ver na imagem abaixo.

Figura 2: Grade de Programação da Record. Dia 13/08/2013. Fonte: www.r7.com.br.

Quando se clica no ícone "visite o site", localizado logo abaixo do nome de cada programa, abre-se uma página com informações sobre a atração. No caso da "Programação IURD", o internauta é levado ao portal oficial da Igreja Universal (que antes era a *Arca Universal* e hoje se tornou o *Universal.org*), onde também não encontramos qualquer informação sobre os programas que compõem a madrugada da *Record.* Repetimos a tentativa no *site* da *Record Minas* e o resultado foi o mesmo.

As experiências que tivemos ao acessar os *sites* são sugestivas. Parece-se querer mostrar algum distanciamento da Igreja Universal em relação à *Record* por meio da indicação de que o conteúdo sobre a "Programação IURD" não estaria disponível no espaço da emissora, mas sim da instituição que paga pelo horário. Ao mesmo tempo, outros programas como o *The Love School* e minisséries que apresentam conteúdos religiosos contam com páginas próprias no *R7*. No caso do *The Love School* é curioso notar que o programa também conta com uma página própria no *site* da Universal, indicando que ele consta no *hall* de produtos midiáticos da IURD.

No tocante à Programação IURD, acreditamos que o fato de o *Universal.org* (e anteriormente a *Arca Universal*) não trazer informações sobre os programas pode ter a ver com o fato de as edições serem regionais e que possivelmente não há um controle rígido e uniforme por parte da direção nacional da igreja sobre o que vai ao ar em cada estado. Além disso, parece não haver uma preocupação em manter uma grade fixa dos programas por um período de tempo mais longo. Corrobora para essa hipótese o fato de muitos programas virem "sem nome" e de os pastores que os apresentam serem

transferidos de tempos em tempos para outra localidade, dando lugar a outros pastores no comando dos programas. Essas são apenas hipóteses que aventamos e que não temos condições de confirmar de forma peremptória, dada a escassez de dados disponíveis.

Na semana falsa que criamos identificamos 7 programas diferentes que compõem a Programação IURD além daqueles em que não há nomenclatura específica. São eles: *Nação dos Vencedores*, *Ponto de Luz*, *Fala Que Eu Te Escuto*, *Grande Desafio da Cruz*, *Casos Impossíveis*, *Terapia do Amor* e *Plantão da Fé*. De uma forma geral, os programas que compõem a Programação IURD são muito parecidos. O cenário que compõem os programas também são muito semelhantes. Ambos apresentam um fundo azul e uma tela LCD onde figura o nome do programa ou imagens panorâmicas do templo sede da Universal em Minas lotado.

Figura 3: Terapia do Amor do dia 10/07/2012. Pr Luciano Machado

Figura 4: Ponto de Luz – 10/03/2012. Pr Lopes

Há um ou dois apresentadores nos programas. As câmeras raramente captam os dois juntos no mesmo plano. Assim, eles se revezam na apresentação do programa e na maior parte do tempo um deles é mostrado à frente da tela LCD. O pastor, por sua vez, costuma se movimentar um pouco para os lados, aproximando-se e se distanciando de uma das duas câmeras que se revezam em captá-lo, ora com ângulos mais abertos, ora mais fechados. Nesse aspecto, nota-se uma alternância entre plano americano e primeiro plano, o pastor, por sua vez, sempre olha para a câmera. A exceção ocorre quando há entrevistas no estúdio com convidados, os quais são fiéis da Universal que estão lá para contar seus dramas e a solução dos mesmos a partir do contato com a igreja. Nesses casos, que são raros, é comum a utilização de planos mais abertos. Planos detalhe não são utilizados.

Figura 5: plano fechado do bispo Márcio Carotti.

Figura 6: plano mais aberto do bispo Márcio Carotti.

A preferência por esses planos se articula a falas que são comuns a todos os pastores, tais como: "você aí que está em casa", "sabe, você passa a madrugada acordado, de repente até se drogando", "a senhora que tem problemas no relacionamento", "você que está devendo e não consegue pagar"; pode ter o objetivo de fazer com que o público "sinta" que ele está conversando diretamente com a pessoa que o assiste e criando, dessa forma, uma sensação de intimidade e confiança. A lista de situações dramáticas que a pessoa pode estar eventualmente vivendo é tão geral e abrangente que favorece a identificação.

Outro elemento que não pode escapar à nossa observação corresponde à utilização de legendas, o que é comum a todos os programas. Elas têm uma função importantíssima, uma vez que contextualizam rapidamente o que está acontecendo para um espectador recém-chegado e servem de lembrete das reuniões que a igreja realiza. Tais legendas ocupam a parte debaixo do televisor e mudam constantemente, algumas vezes permanecendo menos de 1 minuto de acordo com o que está sendo mostrado. Alguns exemplos:

> 1 - Está com problemas financeiros? Ligue para 3349-7390. (NAÇÃO DOS VENCEDORES, 09/07/2012, 1h12m)
> 2 - Pastor Everton Mendes atende Jucilene – Serra/BH – Sofre com problema sentimental. (O GRANDE DESAFIO DA CRUZ, 05/07/2012, 4h13)
> 3 - Concentração de Fé e Milagres, neste domingo especialmente às 9h30, av Olegário Maciel, 1329, Lourdes, BH. (PROGRAMA SEM NOME, 15/07/2012, 2h18m)
> 4 - O tema de hoje é você: qual a sua maior dor? 3349-7390 – email: falecom@bispomarcio.com. (FALA QUE EU TE ESCUTO,13/07/2012, 1h13m)[36]

[36]As citações a textos e falas dos programas estão referenciadas da seguinte forma: nome do programa, dia, horário aproximado. Para indicar o horário aproximado somamos 1hora e 10 minutos ao tempo de decupagem, uma vez que os programas começam aproximadamente às 1h10 de cada dia. Logo, a referência é uma estimativa e possui uma pequena margem de erro, uma vez que não nos foi possível registrar a hora exata em que cada programa começou e também devido a eventuais problemas na

Legendas como as apresentadas acima estão articuladas aos quadros do programa e às falas dos pastores. Estes por vezes costumam dizer para as pessoas entrarem em contato com eles pelo *email* ou número de telefone que constam "na parte de baixo da tela". Outro elemento visual que por vezes consta na tela é a indicação se o programa é ao vivo. Para a direção do programa parece ser importante deixar isso claro ao espectador. Nos programas que são ao vivo os pastores fazem questão de mencionar o fato logo no início e na maioria das edições se coloca sobre o canto superior (direito ou esquerdo) as palavras "ao vivo" e logo abaixo dos dizeres o horário.

Na semana falsa que criamos para a análise em apenas um dos sete dias não houve programas ao vivo. Do total de 54 programas presentes nessa "semana", em 24 há alguma indicação de que são ao vivo, o que corresponde a quase 45% do total. No restante não há qualquer menção quanto ao fato de não serem ao vivo, mesmo nas reprises de programas exibidos no mesmo dia. Além disso, fica clara uma preocupação por parte dos pastores em se evitar precisar datas em suas falas, sendo os convites direcionados para a reunião de um determinado dia da semana, mas sem referência ao dia do mês em questão.

Logo, percebemos que mesmo nos programas que não são ao vivo procura-se transmitir ao espectador a sensação de sê-lo. As participações por telefone presentes em quase todos os programas e o modo como os pastores falam ao público corrobora para criar esse sentimento. Exemplos:

> **Pastor Everton Mendes:** Eu me dirijo à senhora esposa que o seu marido está nos braços de outras mulheres, de amantes (...). A minha imagem **chega agora** a um hospital, a uma recepção de hospital, **você** tem um familiar entre a vida e a morte e não sabe mais o que fazer. **Nós estamos aqui prontos para te ajudar** 3349-7390, preverton@me.com. (DESAFIO DA CRUZ, 13/07/2012, 3h34m, grifo nosso).
> **Pastor Luciano Machado:** Eu gostaria de **chamar a atenção a todas as famílias, a senhora, o senhor, que está em casa agora** e sofrem com problemas familiares, principalmente a senhora mãe que **enfrenta** problemas com os filhos nas drogas, talveza sua vida conjugal...a senhora não **está** se entendendo com o seu marido, as brigas são constantes, já até se tornaram agressões físicas.(PROGRAMA SEM NOME, 15/07/2012, 2h13m, grifos nossos)[37].

Nas falas acima observamos marcas temporais que sugerem atualidade, tais

---

decupagem. Assim, serve mais como uma indicação para eventual tentativa de localização do que como um dado exato.

[37] Transcrevemos as falas do modo como foram pronunciadas pelas pessoas a fim de preservar marcas de oralidade. Os negritos indicam os nomes dos apresentadores e eventuais aspectos salientados por nós.

como o uso de verbos no presente e a utilização do advérbio de tempo "agora" que corroboram para criar essa sensação de ao vivo. Cabe-nos perguntar o porquê de se dar importância a este aspecto. A hipótese que sustentamos é de que pela identificação de uma simultaneidade temporal pelo público em relação aos programas busca-se despertar duas sensações que consideramos como essenciais para a estratégia da Programação IURD, quais sejam: 1) realismo: o que está ocorrendo ali é real e, inclusive, passível de erros, como por vezes ocorre em alguns programas, fato que discutimos em um momento posterior; 2) proximidade: a vivência em comum nas madrugadas é um ponto de contato entre pastores e público. A esses dois efeitos que se visa causar acrescentamos um terceiro que está associado às participações por telefone e que corresponde à ideia de que o programa tem um "perfil democrático", ou seja, ao permitir participações ao vivo passa-se a impressão de que o programa é aberto e democrático.

O realismo e a proximidade são buscados também por outros meios. Exemplos: as matérias de jornais da Record ou da própria IURD, os testemunhos e participações ao vivo servem de "prova" de que o que se diz e se propõe é verdade. No tocante à proximidade, é fundamental salientar a linguagem utilizada pelos pastores para com o publico em casa, sempre com a voz emocionada e em um tom afetuoso, referindo-se a quem assiste muitas vezes como "amigo" ou "amiga". Ainda nesse aspecto vale destacar os testemunhos e as situações-problema criadas pelos pastores em suas falas que de tão variadas dificilmente não tocam alguma área da vida do espectador.

Como podemos perceber, as três características citadas não aparecem somente devido ao fato de os programas serem ao vivo ou objetivarem parecer assim. As falas dos pastores e os próprios quadros dos programas estão articulados a essa dinâmica que parece visar estabelecer uma relação de confiança com o público. Deixamos a questão neste ponto para depois retomá-la a partir da análise das narrativas da Programação IURD. Antes, porém de passarmos a esta análise é importante termos uma visão completa dos quadros, programas e pastores que compõem a Programação IURD. Começaremos pelos quadros, tendo em vista que são muito semelhantes.

4.3.1 – O formato dos programas

No tocante à estrutura, há um formato básico que se repete em todos eles: os programas começam com uma saudação dos pastores seguida de falas como as

apresentadas acima, nas quais se interpela o público pelos problemas que este supostamente vivencia. A fala seguinte do pastor Everton Mendes vem logo após a abertura de uma das edições do Desafio da Cruz.

> **Pastor Everton Mendes:** Muita luz para a senhora, para o senhor que está nessa madrugada sofrendo, precisando de socorro, precisando de auxilio, precisando de ajuda. Eu quero dentro desse espaço, nesta programação especial, ajudar a senhora, ajudar o senhor. Você que é uma mãe que o filho está nas drogas, perdido, no tráfico, na marginalidade. (...) Eu me dirijo à senhora esposa que o seu marido está nos braços de amantes, ele está perdido, ele trocou a senhora por outra mulher. (...) Eu me dirijo às pessoas que estão com alguma enfermidade, humanamente falando pra você não tem mais jeito, a minha imagem chega agora a um hospital, a uma recepção de hospital, você tem um familiar entre a vida e a morte e não sabe mais o que fazer. (DESAFIO DA CRUZ, 13/07/2012, 3h44m)

Após a saudação e os exemplos de situações de sofrimento é comum que o pastor convide as pessoas a participarem do programa pelo telefone ou por *email*, dizendo que ele e sua equipe estão dispostos a ajudar. Em todos os programas encontramos tais falas que ilustram problemas possíveis, convites para participar do programa e ir ao templo e também testemunhos gravados no templo maior da Universal em BH. Nesses rápidos depoimentos (a duração média é de menos de 2 minutos) uma pessoa (ou mais) conta ao pastor os problemas pelos quais passou (financeiros, doenças, drogas, dificuldades nos relacionamentos). Enquanto a pessoa fala o pastor faz perguntas de modo a enfocar o que considera mais importante e auxiliá-la na construção da narrativa. As narrativas chegam a um "ápice do fracasso" (o fundo do poço). Nesse momento há uma virada, a pessoa procura a igreja (via amigos ou programas de rádio ou TV) e a partir desse momento sua vida se transforma e ela conta os resultados obtidos (prosperidade financeira, curas milagrosas etc.).

Após o relato, volta-se para o estúdio e o pastor faz algum comentário e diz que o mesmo pode ocorrer com a vida do espectador. Essa disposição de "problemas possíveis (ditos pelo pastor) -> testemunhos (dos fieis) -> comentário seguido de convite (feitos pelo pastor)" consiste na estrutura nuclear de todos os programas que compõem a Programação IURD. Na maioria deles, também há participação por telefone, mesmo nos que não são identificados como "ao vivo". Nesses casos, a pessoa conta seus problemas ao pastor, que faz perguntas até chegar a uma conclusão, que consiste no diagnóstico do caso, qual seja: a causa das dificuldades pelas quais a pessoa passa é "fraqueza espiritual". Em seguida, ele pede para que a pessoa acompanhe um

testemunho em que se narra uma situação semelhante à vivida por ela e sua consequente resolução (ir a um templo da Universal).

Após a exibição do caso, volta-se para o estúdio e o pastor faz algum comentário sobre o testemunho, relacionando-o com a história da pessoa que telefonou, dizendo que o mesmo pode ocorrer na vida dela. Em alguns casos, o pastor pede para que esta pessoa continue na linha durante a exibição do depoimento. Na sequência, ele continua a conversa, a qual também termina com um convite para participar de alguma reunião promovida pela Universal. Abaixo um exemplo do breve diálogo que acontece após a exibição do testemunho.

Hora	Imagem	ÁUDIO
1h26m	**Nação dos Vencedores – 02/07/ 2012** Pastor Marcelo Moraes no estúdio olhando diretamente para a câmera continua conversa por telefone com Wanderson após exibir vídeo com testemunho.	**Pastor Marcelo Moraes (PMM):** acompanhou aí, ô Wanderson? **Wanderson:** Acompanhei. **PMM:** Tá vendo? As portas se abriram. Hoje ele tá trabalhando na Petrobrás, tá vencendo, tá prosperando. O mesmo vai acontecer contigo. Então, cê vem hoje com fé, vem com determinação. E põe no papel, projeta algo pra você nesse mês de julho. E nós vamos te apresentar ao Deus de Abraão, as portas vão se abrir. Tá aí os horários, 6h30, 8, 10, meio dia, 3 da tarde, sete e meia da noite, dez horas. Tá bom? **Wanderson:** Muito obrigado, viu? **PMM:** Um abraço, daqui a pouco vamos fazer oração. Fica com Deus. **Wanderson :**Com Deus também.

Além dos testemunhos seguidos de comentários e das participações por telefone há outros quadros utilizados nos programas que compõem a Programação IURD. Pelo curto período de análise é difícil afirmar com alguma certeza quais são ou não utilizados em cada programa. A seleção de tais quadros parece variar de acordo com a vontade de cada pastor ou alguma necessidade pontual. Como nosso foco analítico está relacionado às narrativas, acreditamos que uma descrição detalhada e analítica de cada quadro não é necessária, visto que nosso foco está mais relacionadoaos "mundos" que tais narrativas fazem emergir do que propriamente em detalhar nuances da linguagem televisiva utilizada. Desse modo, apresentamos apenas um breve resumo dos quadros existentes. Em outro momento recorreremos a alguns exemplos conforme estes se mostrarem necessários. Seguem abaixo os quadros que identificamos na semana falsa que criamos.

1 - vídeos da internet – utilizados apenas na*Nação dos Vencedores.* Na maioria das vezes são vídeos motivacionais em que se contam histórias de superação. Um bom exemplo é o vídeo com a história de Tony Melendez, que não possui os dois braços e

canta, além de tocar violão com os pés.

2 – vídeos rápidos produzidos pela IURD em que há uma mescla de imagens de filmes famosos que mostram situações de sofrimento ou de superação com cenas de casos dramatizados produzidos pela Universal. As cenas vêm acompanhadas de uma música de fundo dotada de algum suspense e as imagens vão surgindo de acordo com o texto narrado por uma voz em *off*. São comuns a todos os programas, mas não são sempre utilizados. Normalmente relatam situações dramáticas e servem como exemplos de situações de sofrimento tal como as que os pastores exemplificam em suas falas.

3 – chamadas para reuniões: pequenos vídeos em que o público é convidado a participar de reuniões. Imagens de filmes famosos são utilizadas juntamente com encenações da equipe de dramaturgia da IURD. Em um programa sem nome do dia 07/07/2012 o pastor Luciano Machado chama um vídeo sobre a importância do sal. Segue o exemplo abaixo:

Hora	Imagem/ descrição	Áudio
1h46	**Programa Sem Nome –07/07/2012** Vídeo sobre o sal – fundo com caracteres que lembram letras egípcias com partes do texto falado pelo locutor em *OFF*. Durante a fala, imagens de filmes, do templo lotado e do próprio sal são mostradas.	***OFF***: o sal para a quebra de todas as maldições. O sal está presente em rituais religiosos de diversas épocas e civilizações. Foi usado por gregos, romanos, asiáticos e árabes. Nas crenças populares ele é um ingrediente obrigatório para afastar energias negativas, mal olhado e quebra de maldições. É a marca da eternidade e da pureza porque jamais apodrece e se corrompe. Da lealdade como se pode ser visto na bíblia. O termo aliança de sal designa uma relação com Deus que não pode ser rompida. Por isso se você deseja quebrar todas as maldições da sua vida siga as seguintes instruções. Separe um pacote de sal fechado, coloque esse sal embaixo do local onde você dorme. Traga o sal neste sábado e receba uma orientação para quebrar a maldição. Às 3 da tarde e especialmente às 7 da noite.

Vale destacar que no período analisado, em todos os programas há vídeos com chamadas para a campanha de Israel na Fé de Abraão, também conhecida como Fogueira Santa. A exceção ficou por conta do programa do dia 17/07, visto que ele ocorreu depois do último dia da campanha. Nas chamadas para a campanha sempre é exibido um testemunho no templo de alguém que diz ter participado da mesma e que após o "sacrifício" teve sua vida transformada.

4 – trechos de filmes: a partir de uma edição prévia, trechos de filmes são exibidos de acordo com o interesse do programa. Uma voz em *off* contextualiza os trechos de acordo com a perspectiva do programa. Durante o programa *Plantão da Fé*

do dia 02/07/2012, cujo foco dos convites era para a reunião sobre prosperidade material, um vídeo com trechos do filme *Fomos Heróis* foi exibido. Nele se falava da importância da liderança e nos trechos escolhidos se exemplifica isso a partir das falas de um comandante do exército a seus subordinados. De modo semelhante, em outra oportunidade, cenas do filme *Gladiador* são utilizadas para se falar das reviravoltas que a vida nos proporciona, do sofrimento e da importância de se acreditar em si mesmo. O uso de vídeos como esses é mais raro.

5 – matérias e reportagens: há vários tipos de matérias e que podem ser utilizadas nos vários programas. Algumas são reaproveitadas de algum telejornal da *Record* (a canopla do microfone é da *Record*) e tratam de temas gerais (uso de drogas e violência contra a mulher etc.) contando com fontes especializadas (médicos, advogados) e também com a participação de pessoas que exemplificam os dramas a partir das histórias que contam. Outras matérias são produzidas pela equipe da própria IURD, não havendo canopla nos microfones. Estas abordam temas que apresentam relação direta com a igreja, tais como: resumos das reuniões realizadas pela igreja (algumas têm os próprios fieis como repórteres) – são utilizadas em quase todos os programas; os perigos do mal (repórter da IURD vai à porta de cemitério com ex-mãe de santo e a entrevista sobre os tipos de trabalhos realizados); e o sucesso das empresas de alguns de seus fieis (usada na Nação dos Vencedores).

6 – casos dramatizados: normalmente antecedem a abertura do primeiro programa da madrugada. Atores representam situações de sofrimento (fim de relacionamento amoroso, maldições lançadas por familiares etc.). As histórias sempre terminam em aberto, sem desfecho. Ou seja, com o personagem em questão vivenciando algum tipo de dificuldade. Tais histórias sempre têm relação com o tema do programa, servindo como um ponto de referência para o mesmo. São mais comuns no *Fala Que Eu Te Escuto* e no *Ponto de Luz*.

7 – testemunhos dramatizados: as pessoas são entrevistadas em algum lugar próximo à natureza. Uma voz em *off* introduz a narrativa e as pessoas vão contando suas histórias enquanto cenas delas sorrindo ou aparentando sofrer são inseridas de acordo com um roteiro. É comum encontrar no *Terapia do Amor*, já que a reunião que dá nome ao programa trata de histórias de casais que passaram por dificuldades e graças à IURD estão bem.

8 – entrevistas no estúdio: pastores/apresentadores entrevistam fieis sobre o antes/depois de suas vidas e a relação da igreja com essa mudança. É um recurso pouco

utilizado. Foi utilizado algumas vezes na Nação dos Vencedores e no Plantão da Fé.

9 – clipes de músicas: são colocados entre um programa e outro. A grande maioria das músicas tem conotação religiosa e os clipes costumam exibir imagens da natureza, cenas de filmes bíblicos, de pessoas em situações diversas e de outras pessoas orando no templo. Após a *Terapia do Amor* é comum exibir clipes de músicas não religiosas que tratam de relacionamentos amorosos. Na *Terapia do Amor* do dia 05/07/2012 exibiu-se o clipe de uma música romântica da cantora australiana ColbieCaillat após o término do programa. Na parte de baixo da tela constava a legenda: "Venha buscar sua felicidade sentimental, participe da Terapia do Amor, hoje às 15h e especialmente às 19h. Avenida Olegário Maciel, 1329, Lourdes – BH".

10 – Benção do copo com água: acontece geralmente no primeiro programa exibido na madrugada, independentemente de qual seja. Em algumas oportunidades também ocorre em programas situados no "meio" da madrugada. Durante todo o programa os pastores pedem para que a pessoa prepare o copo com água para a benção, que ocorre no final da edição. A água abençoada funciona como um paliativo para amenizar o sofrimento, seja ele de origem, espiritual, sentimental etc.

11 – Oração: costuma ocorrer nos finais dos programas ou quando alguma pessoa solicita a oração do pastor durante a participação ao vivo pelo telefone. Na *Nação dos Vencedores* há uma poltrona (o trono) onde são colocados os papéis com os nomes e os problemas de quem ligou para lá. Ao fim do programa, o pastor se ajoelha e faz uma oração para aquelas pessoas.

Voltaremos a alguns destes quadros no decorrer da análise caso se mostrem importantes para a mesma. Cabe agora voltar a nossa atenção para os programas que fazem parte da Programação IURD.

4.3.2 – Os programas da Programação IURD

Destacamos anteriormente que os programas têm como temática comum o sofrimento. Este se divide em cinco tipos, conforme é destacado em um "programa sem nome" apresentado pelo pastor Luciano Machado.

Hora	Imagem/ descrição	Áudio
6h21	**Programa sem nome - 07/07/2012** Cenas de filmes são colocadas de maneira a representar cada um dos problemas citados nas legendas no canto inferior direito da tela. Uma música de suspense acompanha todo o vídeo. Ao final, surge uma voz feminina que faz o convite para a Reunião dos Impossíveis. São mostrados alguns testemunhos no templo e exibidos trechos de um pastor realizando uma oração no templo. O vídeo termina com um convite da voz feminina em *off* e imagens externas do templo maior em BH.	**GCs**: O tipo não importa:/ Médico/ Judiciário/ Financeiro/ Sentimental/ Espiritual. Tratando-se de problemas, só há uma solução! (imagens do templo). Reunião dos Impossíveis, às 15h e às 19h ***OFF***(voz feminina): (faz convite e fala da Reunião dos Impossíveis)

Apesar de o problema espiritual ser apresentado como um dentre outros é preciso salientar que na prática qualquer problema é também um problema espiritual pelo fato de que todos eles são provocados pelos espíritos malignos, os quais conseguem causar danos à vida do indivíduo por ele não ter a proteção espiritual necessária. Em nossa análise observamos que alguns dos programas e das reuniões relacionados têm como temática um problema específico. Pensando nesse aspecto organizamos uma tabela em que procuramos relacionar os dias da semana, as respectivas reuniões, temas e programas de TV. Chegamos ao seguinte resultado.

Dia da semana	Reunião	Programa de TV	Temas Principais
Domingo	Concentração de Fé e Milagres/ Reunião do Encontro com Deus	Vários	Curas milagrosas e outros
Segunda	Congresso Empresarial	Nação dos Vencedores	Problemas financeiros
Terça	Sessão do Descarrego	Vários	Males espirituais e outros
Quarta	Noite da Salvação	Não há	A vida após a morte
Quinta	Terapia do Amor	Terapia do Amor	Relacionamentos amorosos
Sexta	Grande Desafio da Cruz/ Corrente da Libertação	Grande Desafio da Cruz	Males espirituais e outros
Sábado	Jejum dos Impossíveis	Casos Impossíveis	Curas milagrosas e outros

Tabela 3: Reuniões, programas de TV e temas.

Importante notar que embora a maioria dos programas tenha como ênfase apenas uma reunião específica, por vezes também aparecerem chamadas para as outras reuniões. As definições quanto às temáticas são um pouco mais rígidas na *Nação dos Vencedores*, que trata de problemas financeiros e na *Terapia do Amor*, que se concentra

nos relacionamentos amorosos. Nestes programas, os testemunhos, as participações por telefone e demais quadros abordam exclusivamente tópicos específicos. Nos demais, embora haja um foco em determinado tema, há abertura para outras temáticas. Ponto interessante: praticamente não há chamadas para a Noite da Salvação, inclusive na madrugada de quarta. Em apenas um dos 54 programas que compõem a semana falsa houve mais chamadas para esta reunião do que para as demais. Ainda assim não há quaisquer detalhes sobre o que nela ocorre. Curioso notar que é o único dia que não tem como tema um problema pontual a ser resolvido na vida das pessoas.

Na próxima tabela oferecemos uma perspectiva geral da Programação IURD sistematizada a partir da semana falsa. Embora longa, tem a vantagem de sistematizar um bom conjunto de informações, tais como: os programas que entraram no ar em cada dia, o horário, quais são ao vivo, seus respectivos apresentadores e qual dia da semana tem como referência principal para seus convites e chamadas (indicado logo abaixo do nome dos pastores em negrito).

Relação dias/programas						
Domingo 15/07	**Segunda 02/07**	**Terça 10/07**	**Quarta 17/07**	**Quinta 05/07**	**Sexta 13/07**	**Sábado 07/07**
Ponto de Luz (1h10-2h09) **Bp Marcio Carroti** **Domingo**	Naçãodos Vencedores (1h10–2h34) – **Pr Marcelo Moraes** e Pr Lopes **Segunda**	Fala Que Eu Te Escuto – **ao vivo -** (1h10–1h53) **Bp Marcio Carroti** e Pr Marcelo Moraes **Terça**	Fala Que Eu Te Escuto – **ao vivo -** (1h10-1h45) **Pr Everton Mendes** e Pr Gilberto Vidal **Ênfase em vários dias**	Plantão da Fé – **Ao vivo** (1h10–1h43) **Bp Marcio Carroti**e Pr Marcelo Moraes **Domingo**	Fala Que Eu Te Escuto (1h10-1h49) **Bp Marcio Carroti** e Pr Marcelo Moraes **Domingo**	Fala Que Eu Te Escuto (1h10-1h46) **Ao vivo** **Bp Marcio Carroti** e Pr Marcelo Moraes **Domingo**
Programa sem nome (2h13-2h44) **Pr Luciano Machado** **Domingo**	Ponto de Luz (2h38–3h13) **Bp Márcio Carroti** e Pr Everton Mendes **Terça**	Terapia do Amor – **Ao vivo**(1h53 – 2h27) **Pr Luciano Machado** **Quinta**	Terapia do Amor (1h48-2h12) **Pr Luciano Machado** **Quinta**	Terapia do Amor – **Ao vivo** (1h43–2h16) **Pr Luciano Machado** **Quinta**	Programa sem nome (1h49-2h22) **Pr Luciano Machado** **Sábado**	Programa sem nome - **Ao vivo** (1h46-2h17) **Pr Luciano Machado** **Sábado**
Programa sem nome (2h44-3h12) **Pr Everton Mendes** **Domingo**	Plantão da fé – **Ao Vivo** (3h18–4h02) **Pr Diogo Brant** **Segunda**	Ponto de Luz (2h28–2h57) **Bp Márcio Carroti** **Terça**	Ponto de Luz (2h16-2h45) **Bispo Marcio Carroti**e Pastor Everton Mendes **Domingo**	Ponto de Luz – (2h20-2h49) **Bp Marcio Carroti** e Pr Everton Mendes **Domingo**	Ponto de Luz - **Ao vivo** - (2h26-3h57) **Pr Lopes** **Domingo**	Ponto de Luz (2h22-2h51) – **Bispo Marcio Carroti** **Domingo**

Nação dos Vencedores (3h19-3h43) **Pr Marcelo Moraes** e Pastor Lopes **Segunda**	Nação dos Vencedores - Reprisedo Nação dos Vencedores exibido às 1h10 (4h05 – 5h39). **Segunda**	Plantão da Fé (3h01 – 3h55) – **ao vivo - Pr Gilberto Vidal** e Pr Clayton Soares **Terça**	Plantão da Fé – **Ao Vivo** (2h54-3H40) **Pr Adriano Pereira** e Pr Evaldo Pereira **Domingo**	Plantão da Fé – **Ao vivo** (2h52 – 3h39) **Pr Wanderson Ribeiro** e Pr Isaias Ribeiro) **Sexta**	Plantão da Fé – **Ao vivo** – (3h00-3h43) **Pr Daniel Gonçalves** e Pr Valmir Correa **Sexta**	Plantão da Fé – **Ao vivo** - (2h57-3h30) **Pr Claudinei Ostan** **Domingo**
Reprise do Ponto de Luz do início deste dia (às 1h10) – (3h47-4h18) **Bp Marcio Carroti** **Domingo**	Ponto de Luz – Reprise do Ponto de Luz exibido às 2h38 (4h09 – 6h15) **Terça**	Desafio da Cruz (3h55–4h48) – **Pr Everton Mendes** **Sexta**	Desafio da Cruz – **Reprise do dia 05/07** (3h41-4h35) **Pr Everton Mendes** **Sexta**	Desafio da Cruz – (3h42-4h40) **Pr Everton Mendes** **Sexta**	Desafio da Cruz – (3h44-4h37) **Pr Everton Mendes** **Sexta**	Plantão da Fé – **Ao vivo** – (3h40-4h24) **Pr Everton Mendes** **Domingo**
Programa sem nome (4h20-4h48) **Pr Marcelo Moraes** **domingo**		Casos Impossíveis- **Ao vivo** (4h51–5h20) **Pr Rafael Valente** **sábado**	Casos Impossíveis (4h41-5h09) **Pr Rafael Valente** **Sábado**	Casos Impossíveis – **Ao Vivo** – (4h40-5h08) **Pr Rafael Valente** **Sábado**	Casos Impossíveis – **Ao vivo** – (4h40-5h12) **Pr Rafael Valente** **Sábado**	Casos Impossíveis– (4h29-4h59) **Pr Rafael Valente** **Sábado**
Programa sem nome (4h51-5h22) **Pr Rafael Valente** **Domingo**		Nação dos Vencedores (5h22–5h48) **Pr Marcelo Moraes** e Pr Lopes **Segunda**	Nação dos Vencedores- **Ao Vivo** (5h12-5h39) **Pastor Lopes** **Segunda**	Nação dos Vencedores (5h10-5h36) **Pr Marcelo Moraes** e Pr Lopes **Segunda**	Nação dos Vencedores (5h12-5h41) **Pr Marcelo Moraes** e Pr Lopes **Segunda**	Programa Sem Nome (5h04-5H37) **Pr Marcelo Moraes** **Domingo**
Bíblia em Foco (5h28-5h48)* Programa não produzido pela IURD		Reprise do Ponto de Luz (5h48-6h15) exibido às 2h28. **Terça**	Reprise do Ponto de Luz (5h39-6h15) exibido às 2h16 **Domingo**	Reprise do Ponto de Luz (5h40-6h15) exibido às 2h20 **Domingo**	Ponto de Luz (5h12-6h15) **Bispo Marcio Carroti** **Sexta**	Programa Sem Nome (5h44-6h20) **Pr Luciano Machado** **Sábado**
Reprise do Ponto de Luz (reprisado pela segunda vez nesse dia) (5h48-6h16) **Domingo**						Reprise do Ponto de Luz (das 2h22) com continuação diferente) (6h25-7h27) **Domingo**
Desenho*						

Bíblico (produção não é da IURD) (6h18-7h33)						
Eu Creio Em Milagres*						

Tabela 4: Distribuição de programas/ horários/ pastores durante os dias da "falsa semana". Os nomes dos pastores em negrito indicam quais deles têm maior participação no programa, distinguindo-os dos auxiliares.

Importante destacar que os programas com o asterisco (*) não serão analisados. Embora também trabalhem com temas religiosos seu formato é bem diferente dos demais e a produção dos mesmos não é realizada pela Universal. Além disso, no *site* da *Record*, os três programas destacados com o asterisco figuram com os seus nomes próprios, separados, portanto, da Programação, o que reforça nossa opção de não analisá-los.

Em relação à tabela apresentada, podemos perceber que embora haja algumas pequenas variações diárias, há certa constância e correspondência entre horários/pastores/programas em boa parte da semana, principalmente de terça a sábado. Estas informações nos sugerem que há uma organização pré-estabelecida. Supomos que haja um "loteamento" dos horários de acordo com as reuniões e os pastores que as presidem. Reforça essa hipótese o fato de que de terça a sábado a faixa de horário de 2h50-3h30 conta com programas em que os pastores não estão vinculados ao templo maior. Assim, os endereços que figuram nas legendas e nos convites feitos pelos mesmos são das igrejas em que eles atuam, sejam elas em BH ou no interior.

No tocante às reuniões que foram mais enfatizadas nos programas observamos uma predominância de chamadas, convites e programas direcionados à reunião de domingo (a Concentração de Fé e Milagres). Em seguida vem o Congresso Empresarial realizado na segunda, o Desafio da Cruz das sextas e o Jejum dos Impossíveis, que acontece aos sábados. Embora algumas dessas reuniões contem com programas específicos e diários, fica claro na tabela anterior que as chamadas e convites para as reuniões aumentam conforme o dia das mesmas se aproxima. Apenas um programa não teve como ênfase uma reunião específica. A pequena tabela abaixo oferece um panorama completo.

Dia da semana	Reunião	Quantidade de programas em que foi ênfase principal
Domingo	Concentração de Fé e Milagres/Reunião do Encontro com Deus	19
Segunda	Congresso Empresarial	8
Terça	Sessão do Descarrego	6
Quarta	Noite da Salvação	0
Quinta	Terapia do Amor	3
Sexta	Grande Desafio da Cruz/Corrente da Libertação	7
Sábado	Jejum dos Impossíveis	7

Tabela 5: relação dos dias, reuniões e programas direcionados para as mesmas

Em outra tabela procuramos indicar a quantidade de participações dos pastores na Programação IURD. Os que mais apareceram foram o bispo Márcio Carotti e o pastor Marcelo Moraes, justamente aqueles que presidem a Concentração de Fé e Milagres (domingo) e o Congresso Empresarial (segunda), respectivamente. Não obstante, é preciso notar que a mera participação não implica de imediato o convite para a reunião por tal pastor presidida. No caso do bispo Márcio Carotti, por exemplo, há programas em que figuram chamadas para reuniões que não seriam presididas por ele. Segue abaixo mais uma tabela.

Pastor	Participações	Participações nos programas
Bispo Márcio Carotti	18	Ponto de Luz (14), Fala Que Eu Te Escuto (3) e Plantão da Fé (1)
Pr Marcelo Moraes	12	Nação dos Vencedores (6), Fala Que Eu Te Escuto (3), Plantão da Fé (1) e programas sem nome (2)
Pr Everton Mendes	11	Desafio da Cruz (4), Fala Que Eu Te Escuto (1), Ponto de Luz (4), Plantão da Fé (1) programa sem nome (1)
Pr Lopes*	8	Ponto de Luz (1), Nação dos Vencedores (7)
Pr Luciano Machado	7	Terapia do Amor (3), programa sem nome (4)
Pr Rafael Valente	6	Casos Impossíveis (5), programa sem nome (1)
Pr Gilberto Vidal	2	Plantão da Fé (1) e Fala Que Eu Te Escuto (1)
Pr Diogo Brant	1	Plantão da Fé (1)
Pr Clayton Soares	1	Plantão da Fé (1)
Pr Adriano Pereira	1	Plantão da Fé (1)
Pr Evaldo Pereira	1	Plantão da Fé (1)
Pr Wanderson Ribeiro	1	Plantão da Fé (1)
Pr Isaías Ribeiro	1	Plantão da Fé (1)
Pr Daniel Gonçalves	1	Plantão da Fé (1)

Pr Paulo Henrique	1	Plantão da Fé (1)
Pr Claudinei Ostan	1	Plantão da Fé (1)
Pr Valmir Correa	1	Plantão da Fé (1)

*Tabela 6: Relação entre os pastores, participações e programas. * Embora o pr Lopes figure várias vezes na Programação na maioria dos programas que participa atua como um apresentador auxiliar.*

Por fim, embora as tabelas sejam ilustrativas e ofereçam um panorama da Programação IURD elas não são suficientes para o tipo de análise que nos dispomos a fazer, que dedica uma atenção maior às questões de âmbito narrativo. Antes, porém, faremos uma breve apresentação de cada programa que integra a Programação para em seguida passarmos à análise das narrativas.

***Ponto de Luz*:** é o programa que conta com mais edições na Programação IURD. É exibido pelo menos duas vezes ao dia, sendo que uma delas costuma ser reprise do programa já transmitido nesse mesmo dia. Das suas 15 edições (apenas uma ao vivo), 14 tiveram como apresentador principal o bispo Márcio Carotti. É comum que a primeira edição exibida seja reprisada no fim da Programação. Aborda problemas variados e não é direcionado para uma reunião exclusiva, de modo que cada edição trata de um culto aparentemente de acordo com necessidades pontuais.

***Nação dos Vencedores*:** contando com 7 edições (apenas 1 ao vivo), o programa tem como apresentador principal o pastor Marcelo Moraes, sendo comum também a presença do Pastor Lopes em algumas oportunidades. Tem foco exclusivo nos problemas de ordem financeira e enfatiza a reunião promovida pela Universal às segundas feiras, também voltada para este tema e presidida pelo pastor Marcelo Moraes. No programa, todos os testemunhos e participações por telefone estão relacionados a esta temática. É o programa que conta com maior diversidade de quadros. É comum se exibirem vídeos com trechos de filmes e documentários e outros vídeos motivacionais. Entrevistas no estúdio com fiéis também são frequentes. Há um quadro que é exclusivo desse programa, intitulado "seu produto em foco". Nele, uma repórter da Universal vai a algum estabelecimento comercial de um fiel da IURD. A pessoa conta seus problemas anteriores, a mudança de vida ocorrida após o ingresso na Universal, destacando, inclusive, os rendimentos e as propriedades que possui hoje.

***Fala Que Eu Te Escuto*:** figurou 4 vezes na semana falsa (3 ao vivo) sempre como primeiro programa da madrugada. Diferentemente do seu homônimo nacional que trata de temas diversificados e muitas vezes de interesse público, a edição mineira tem como foco o sofrimento pessoal. Não há uma ênfase específica em alguma área da vida, tal como ocorre com a *Nação dos Vencedores*. Como em todos os outros programas que

abrem a Programação IURD, termina com a oração e benção do copo com água. Em 3 das 4 edições teve como apresentador principal o bispo Marcio Carotti, o qual sempre esteve acompanhado do pastor Marcelo Moraes. O programa restante teve como apresentadores os pastores Everton Mendes (principal) e Gilberto Vidal.

***Desafio da Cruz*:** o programa é comandado pelo pastor Everton Mendes, contando com 4 edições (nenhuma ao vivo) nos 7 dias analisados. Tem como ênfase os males espirituais, mas também aborda outros temas. Nele é comum encontrarmos entrevistas e matérias com ex-mães de santo que atuam como especialistas do mundo sobrenatural explicando como os trabalhos são feitos e que problemas podem trazer para a vida das pessoas. O programa é voltado para as reuniões de sexta-feira (Grande Desafio da Cruz/Corrente de Libertação), as quais são ministradas pelo pastor que o apresenta.

Casos Impossíveis: contou com 5 edições no período analisado, sendo 3 delas ao vivo. Tem como foco problemas de saúde e apresenta testemunhos em que se relatam curas milagrosas. Não obstante, também aborda outros temas/problemas. É apresentado pelo pastor Rafael Valente e está diretamente relacionado às reuniões de sábado (*Jejum dos Impossíveis*), também presididas por ele.

***Terapia do Amor*:** encontramos apenas 3 edições do programa nos dias que compõem a semana falsa, sendo 2 ao vivo. O programa é comandado pelo pastor Luciano Machado. Tal como o *Nação dos Vencedores* tem como ênfase um tema exclusivo, qual seja: os problemas nos relacionamentos amorosos. Desse modo, todas as participações por telefone, os testemunhos e quadros exibidos têm alguma relação com este tema. Relaciona-se com a reunião de quinta, que também leva o nome de *Terapia do Amor* e é presidida pelo mesmo pastor.

***Plantão da Fé*:** contou com 8 edições, todas exibidas ao vivo, aspecto que se articula com o nome e com o que presumimos ser a proposta do programa: ser um "lugar" em que as pessoas buscam a solução para seus problemas de ordem espiritual. Diferentemente dos outros programas, não possui um apresentador fixo e tem como uma de suas características o fato de ser um horário reservado prioritariamente para pastores que não atuam diretamente no templo maior em BH. Assim, nas chamadas e convites, os apresentadores convidam o público não só a irem à sede da Universal, mas também aos templos pelos quais eles são os responsáveis. Tal como os outros programas, apresenta depoimentos nos templos e participações ao vivo por telefone, mas possui uma diversidade de quadros que varia de programa para programa, o que

suspeitamos ter a ver com a participação dos pastores convidados. Não há um tema exclusivo ou predominante. A ênfase em uma ou outra reunião da IURD varia de acordo com o dia.

Programas sem nome: 8 edições, sendo apenas uma ao vivo. Não tem um apresentador fixo, mas metade dos programas foi comandada pelo pastor Luciano Machado. Os demais apresentadores são pastores que também apresentaram outros programas (Marcelo Moraes, Everton Mendes e Rafael Valente). O programa espelha a estrutura básica dos demais e não possui alguma uniformidade quanto aos outros quadros exibidos. Assim como o *Plantão da Fé*, não há um tema exclusivo ou predominante. A ênfase em uma ou outra reunião da IURD varia de acordo com o dia.

Estes são os programas que integram a Programação IURD. Neste item oferecemos uma descrição que, ainda que não dê conta de todas as nuances que compõem os programas, serve-nos à medida que, além de já trazer alguns apontamentos críticos, prepara para a análise a seguir. Em nossa análise das narrativas optamos por fazer uma análise narrativa da estrutura nuclear que é comum a todos os programas, tentando perceber o modo como este dispositivo interpela o público a certas ações e interpretações. Na sequência analisamos narrativas que contemplam os temas abordados nos programas, bem como situações particulares que apareceram em nosso percurso investigativo e fizeram emergir questões de outra natureza, mas sempre a partir do olhar narrativo.

4.4 – A arquitetura narrativa da Programação IURD

Alguns dos programas que compõem a Programação IURD possuem aberturas próprias, em outros não há uma abertura, o pastor já aparece no estúdio com uma tela atrás de si onde figura o nome do programa. Naqueles em que não há um nome definido esta tela mostra imagens panorâmicas do templo lotado. Como já dissemos anteriormente, o começo é marcado pelos cumprimentos do pastor, seguidos de exemplos de situações de sofrimentos citados por ele. O exemplo abaixo foi extraído de um programa sem nome do dia 15/07/2012.

Hora	Imagem/ descrição	Áudio
2h13m	**Programa sem nome - 15/07/2012** Pastor Luciano Machado no estúdio – tela ao fundo mostra imagens	**Pastor Luciano Machado**: Olá meus amigos, que Deus abençoe a todos abundantemente. É um prazer estar com você nessa programação. Eu gostaria de

	panorâmicas do templo lotado. Legendas 1 – Pastor Luciano Machado; 2 – Você que está sofrendo ligue (31) 3349-7390	chamar a atenção a todas as famílias, a senhora, o senhor, que está em casa agora e sofrem com problemas familiares, principalmente a senhora mãe que enfrenta problemas com os filhos nas drogas. Talvez a sua vida conjugal... a senhora não está se entendendo com o seu marido, as brigas são constantes, já até se tornaram agressões físicas. E a senhora já não sabe mais o que fazer. Tudo o que a senhora queria e deseja, o seu sonho é que essa situação venha mudar, é que a senhora venha a se entender com o seu marido, que ele possa ser menos agressivo. Enfim, mas para tudo isso mudar, para que tudo isto possa ser diferente, vai depender de uma só coisa: a sua fé. Inclusive, veja esta matéria que fala da violência contra a mulher. Veja, nós já voltamos.

Uma apresentação como esta tem aproximadamente 1 minuto. Neste caso, o pastor cumprimenta e após citar uma série de problemas chama uma matéria que serve como um exemplo das situações a que ele se refere. Em outros programas este exemplo consiste em uma participação por telefone ou um testemunho no templo. No programa acima citado uma matéria é exibida. A reportagem foi produzida pela *Record* (percebe-se pela canopla do microfone) e nela conta-se que um homem matou a namorada a facadas. A delegada fala da lentidão da justiça.

Hora	Imagem/ descrição	Áudio
2h14-2h17	**Programa sem nome - 15/07/2012** 1 – Rostos de mulheres/imagens de mulheres sendo baleadas 2- Durante a matérias são feitas entrevistas com a delegada (em sua sala), com o presidiário (homem preso) e há uma passagem da repórter (em frente a um prédio público). Legenda: 1 – Você que está sofrendo ligue (31) 3349-7390	**Homem preso**: cheguei lá e peguei ela lá... com outro cara, eu tinha ciúme e ela também tinha ciúme. ***OFF***:ciúmes que se transformam em fúria. **Homem preso:** dei umas facada nela. ***OFF***: este rapaz é Hamilton José da Silva de 31 anos. Ele esfaqueou a ex-companheira de 23 com 5 golpes. O crime aconteceu no bairro Taquaril, região leste de Belo Horizonte. E foi o extremo da violência já cometida há vários meses. **Delegada**: ele vivia com a vitima há dez ano, né. E as agressões, a violência doméstica já tem mais tempo. Em novembro, ela veio na delegacia, fez um registro. ***OFF***: de acordo com a delegada, a lentidão da justiça atrapalha providências em casos como esse. **Delegada**: a mulher chega na delegacia relatando um caso de violência. Então, ela solicita medidas protetivas, solicita abertura de inquérito policial ou às vezes é feito um flagrante e encaminhado para a justiça. Agora, quanto ao deferimento ou não das medidas protetivas no judiciário, isso aí não é competência minha falar. **Repórter**: pela sua experiência a senhora acha que demora? **Delegada**: demora, eu acho que deveria ser mais sério. ***OFF***: para ela, novas atitudes devem ser tomadas. **Delegada**: tem que haver, é...todos órgãos que aí, isso eu já falei e falo claramente. Todos os órgãos que

		participam da justiça criminal, desde a polícia militar até o final, o poder judiciário, eles têm que falar a mesma língua. Se não houver isso, a mulher, ela não vai ter aí a satisfação aí do estado, ou seja, o cumprimento da norma. ***OFF***: há ainda aqueles que não respeitam as normas impostas pela lei. **Delegada**: muitos casos nem as medidas protetivas, elas é...inibem o agressor, né. Eu acho que é.., tem uma violência aí que eu falo que é a violência passional que é muito difícil. **Repórter** (passagem): A cada dois minutos, cinco mulheres são agredidas no Brasil. Minas Gerais já é o terceiro estado no *ranking* neste tipo de violência. Somente no ano passado de janeiro a junho foram mais de 300 mil em Belo Horizonte. Os números assustam. Em 2010 a delegacia da mulher registrou 9.427 boletins de ocorrência. Hamilton que agora soma mais um nestas estatísticas guarda as mágoas da vida com a ex-companheira e as incertezas com relação ao futuro **Homem preso**: Eu pretendo de um dia eu voltar a minha vida normal e dá assistência meus fio.

Como dissemos antes, esta "narrativa de fracasso" pode vir de várias formas: uma participação por telefone em que se conta um problema que tem a ver com a temática abordada pelo pastor; uma pequena dramatização com atores; partes de filmes que mostram cenas de tristeza acompanhadas de uma locução em *off* em que se fala de situações de sofrimento; ou exemplos elencados pelo pastor. Não obstante as diferenças, tais narrativas têm em comum o fato de chegarem a um fim em que o futuro dos personagens fica em aberto (mais frequente) ou tem algum desfecho trágico (como exemplificado na matéria acima). Em seguida, o pastor faz um comentário sobre a história e afirma que situações como as referidas são causadas por espíritos malignos e fé fraca, mas também que elas têm solução, a qual está relacionada a uma fé mais forte e ao fato de frequentarem uma determinada reunião da Igreja Universal.

Hora	Imagem/ descrição	Áudio
2h17m	**Programa sem nome - 15/07/2012** No estúdio – Pastor Luciano Machado fala a frente da tela. Legendas: 1 – Congresso para casais, domingo, especialmente, às 9h30. Av. Olegário Maciel, 1,329, Lourdes, BH. – 2 – Concentração de fé e milagres neste domingo especialmente às 9h30, Av. Olegário Maciel, 1329, Lourdes, BH.	**Pastor Luciano Machado:** então, é terrível. Quantas mulheres já sofreram violência dentro de casa, nas ruas. Violência do namorado, violência do marido. Enfim, como está o seu casamento? **De repente você diz: pastor Luciano, não tem problema de violência no meu casamento, mas as palavras que o meu marido desfere contra mim ferem, doem mais que um tapa, do que uma bofetada**! Ele fala coisas para mim que eu me sinto, sabe, a pior pessoa do mundo. Olha, não condene o seu marido e não deixe esse relacionamento chegar ao fim. Vamos lutar, vamos fazer como esse casal que você vai ver agora fez. Siga o exemplo, siga o exemplo do que

		aconteceu na vida desse casal, para que o seu relacionamento venha a ser restaurado. Por que Deus pode mudar essa situação. Agora, como fazer para que o poder de Deus se manifeste? Eu vou falar depois desse testemunho. (grifos nossos)

No comentário retoma-se o caso específico e amplia-se o leque de situações de sofrimento semelhantes (trecho em negrito na fala do pastor). Em seguida, vem a "promessa", ou seja, o pastor diz ao público que tais situações de sofrimento podem ser resolvidas a partir de alguma ação executada pela pessoa, ação esta que tem relação com a vida espiritual. Assim, após a promessa algum testemunho é exibido. Em alguns casos, antes de se chamar o testemunho, o pastor já faz um convite para que a pessoa participe de alguma reunião promovida pela igreja. No programa em questão, após o comentário acima, exibe-se um testemunho[38] de um casal.

Hora	Imagem/ descrição	Áudio
2h18m	**Programa sem nome - 15/07/2012** Testemunho: homem vai contando história com música tensa ao fundo. Ele e a esposa aparecem em momentos diferentes e vão contando o drama vivenciado. No fim eles aparecem juntos conversando e em outra imagem caminhando de mãos dadas. Legendas: 1 – Concentração de Fé e milagres, neste domingo especialmente às 9h30, Av. Olegário Maciel, 1329, Lourdes, BH **- 2**– Congresso para casais, domingo, especialmente às 9h30, Av. Olegário Maciel, 1329, Lourdes, BH – **3** – O fim da humilhação – neste domingo, às 7h, 9h30 15h E 18h, Av. Olegário Maciel, 1329, Lourdes, BH.	**Luiz**: meu nome é Luiz. SOBE BG **Luiz**: tive um início de juventude conturbada porque acabei me envolvendo com as drogas e isso foi me levando à destruição. SOBE BG **Luiz**: a minha vida foi indo pro buraco porque cada dia mais eu queria mais cocaína. Quando não tinha mais cocaína pra consumir o restinho que sobrava no sacolé eu adicionava comprimido de 500, 700 miligramas junto, pra mim consumir diariamente, era o dia todo eu consumindo droga. Minha esposa vinha falar eu agredia ela, eu não dava ouvido a ela. Eu queria viver uma vida de casado mas sendo solteiro. **Mulher**: minha família mandava eu até largar ele porque não tinha mais solução. **Luiz**: quase a matei estrangulada dentro de casa, porque ela também dava o retorno da agressão. **Mulher**: corria com o facão pra matar ele, pra agredir ele. (...) **Luiz**: tinha medo de perder a minha família porque eu tava já ameaçado de morte. **Mulher**: a minha amiga foi e me convidou para mim ir na Igreja Universal pra eu mudar o meu casamento, pra eu mudar e transformar o meu esposo. **Luiz**: eu parado na rua, **de repente do bar o cara saiu com arma na mão pra mim pegar. Veio na minha direção e chegou próximo de mim e falou assim: poxa, eu vim aqui sentindo o gosto do teu sangue na minha boca, eu ia te matar agora, mas**

[38]Embora este testemunho tenha sido gravado fora do templo, é importante notar que a maioria dos testemunhos exibidos na Programação IURD é produzida nas reuniões realizadas na sede da Igreja Universal em Minas Gerais, em momentos em que as pessoas sobem ao altar e são entrevistadas pelo pastor.

		eu não sei porque eu desisti de te matar agora. Minha esposa já estava na igreja, lutando por mim, pedindo pela nossa casa, pela nossa família. Foi Deus agindo na fé da minha esposa. Quando ela menos esperou eu cheguei em casa e falei assim: passa na minha roupa que eu quero ir na igreja contigo. **Mulher** (enquanto fala esposo sai de trás de arvore e quando ela termina ele acaba de chegar perto, beija-a na boca e senta em um banco próximo a ela): Olha a transformação hoje na vida do meu esposo. Deus transformou ele. **Luiz**: é, essa foi com muita luta, né minha filha. **Mulher**: com certeza... e hoje ele não fuma mais, hoje ele não cheira mais, hoje ele não agride mais. **Luiz**: ela acreditou, ela confiou, ela se lançou nos braços de Deus e Deus deu o retorno a ela. **Mulher**: hoje ele é bom marido, um bom pai. Hoje ele chega a gente senta, conversa. **Luiz**: ela é minha amante, ela pra mim é tudo. Hoje eu vivo totalmente pra minha família, pra minha esposa pros meus filhos. Minha filha, te peço perdão por tudo quanto nós passamos. E devo dizer que devo agradecer a Deus por cada momento da nossa vida... estávamos juntos, pela felicidade de te ter ao meu lado. Eu te amo. Música enquanto os dois caminham juntos (grifos nossos)

Em relação aos testemunhos, todos são feitos com membros da igreja, não há atores ou situações interpretadas por outras pessoas. Ou seja, os personagens são reais. Isso corrobora para atestar a veracidade do que é dito. Nas narrativas dos testemunhos, independentemente se são coletados durante as reuniões da igreja (que constituem a maioria) ou se produzidos à parte (como este acima) identificamos uma estrutura comum no âmbito de sua construção narrativa:

1) os narradores são os personagens das histórias contadas (no exemplo, o marido e a esposa contam dramas vivenciados por eles mesmos);
2) as narrativas compreendem 3 momentos, quais sejam: 1) apresentação e histórico do problema (as agressões do marido, seu envolvimento com as drogas); 2) ápice do sofrimento e ponto de virada (traficante desiste de matá-lo – trecho em negrito), em que há uma mudança no rumo da história, o qual está diretamente associado à Igreja Universal (a mulher estava orando na igreja enquanto ele escapava da morte); e 3) vida depois das mudanças das pessoas (ele frequenta a igreja, não usa drogas, é bom pai e bom marido).

Quando são coletados na igreja o pastor que preside a reunião auxilia a pessoa na construção da narrativa, fazendo perguntas que culminam em um "ápice do

sofrimento", para em seguida perguntar como a pessoa saiu dessa situação. Em seguida encerra o testemunho com perguntas sobre como a vida dela está hoje depois de ter conhecido a Igreja Universal. No caso relatado acima, após o testemunho, volta-se para o estúdio e o pastor comenta e convida as pessoas a participem das reuniões a fim de que tenham também suas vidas modificadas.

Hora	Imagem/ descrição	Áudio
1h22m	**Programa sem nome - 15/07/2012** No estúdio – pastor Luciano Machado fala com a tela ao fundo.	**Pastor Luciano Machado:** então, você que tá acompanhando o programa viu aí? Esse casal lutou. Os dois agora estão na presença de quem? De Deus. No altar, falando das maravilhas de Deus**. Mas como que era a vida deles antes? Talvez essa situação do seu casamento hoje. Mas todos os domingos o bispo Marcio, ele realiza uma oração pelos casais diante do altar, ele dá uma orientação, faz um clamor pela sagrada família, é uma reunião realmente extraordinária.** Ela acontece todos os domingos aqui na Olegário Maciel 1329, aqui no bairro de Lourdes, às 9 e meia da manhã. E neste domingo eu gostaria que você viesse com toda a sua família. De repente você, a senhora diz assim: pastor Luciano, olha, se eu chamar meu marido pra ir na igreja, eu tenho medo dele brigar comigo. Então, vem a senhora. Traz uma foto, traz uma peça de roupa, algo que represente o seu marido. Venha lutar, venha orar por ele para que Deus possa reconstruir o seu casamento e não deixar que esse casamento chegue ao fim. Inclusive, eu quero colocar o resumo do que acontece todos os domingos aqui no nosso templo, aqui no nosso cenáculo maior.

No comentário o pastor refere-se ao testemunho e procura associar à vida do espectador. Em alguns programas é recorrente que ele diga frases como: "você viu? O passado dela é o seu presente.". Após fazer tal transposição (da história narrada para a suposta história do espectador) incita a pessoa a fazer o mesmo que os personagens/narradores, ou seja, ir a alguma reunião promovida pela igreja para também ter a vida transformada. Em muitos programas, como este que analisamos, costuma-se colocar logo em seguida uma matéria ou mesmo um vídeo curto em que se fala o que acontece na reunião citada pelo apresentador. Assim, são exibidos trechos das pregações e das partes que mostram os rituais do culto; testemunhos feitos no altar durante a reunião e que também tratam de mudanças de vida; imagens do templo lotado e movimentação na garagem; e depoimentos das pessoas depois da reunião nos quais elas falam dos benefícios em terem participado.

Esta constitui a estrutura nuclear dos programas que integram a Programação

IURD. Conforme já dissemos no decorrer do texto, há pequenas variações, como, por exemplo, o fato de haver uma maior recorrência de testemunhos coletados no templo durante algum culto em vez de testemunhos gravados à parte como exemplificamos. Não obstante, o mais importante a se observar é que a estrutura que os embasa é a mesma. Ela compreende: 1) um caso específico em que há "narrativa de fracasso" (participação por telefone, exemplos do pastor, matérias); 2) um comentário/promessa do pastor que amplia o caso específico, relaciona com os possíveis problemas do espectador e informa-lhe que eles têm solução; 3) um testemunho que corresponde a uma "narrativa de sucesso" na qual a mudança de vida é associada à igreja e que apresenta tanto o fracasso como o posterior sucesso; 4) por fim, um comentário em que novamente se ampliam os problemas expressos no testemunho e se conecta à vida do espectador para enfim convidá-lo a ir ao templo, condição necessária para cumprimento da promessa.

O programa, considerado por nós um dispositivo-religioso midiático, interpela os indivíduos a uma experiência de âmbito narrativo em que se procura promover uma "identificação-projeção" que objetiva capturar o indivíduo e fazer com que este vá ao templo tornando-se, posteriormente, um fiel (sujeito) da Universal. A primeira identificação se daria pela narrativa de fracasso: ao refigurar tal narrativa em sua experiência de "leitura" o indivíduo aproxima os problemas narrados ("mundo do texto") dos seus ("mundo do leitor"), nesse processo ele é auxiliado pelos pastores, que por sua vez ampliam a abrangência dos depoimentos.

A projeção ocorreria por meio das "narrativas de sucesso". A transição entre uma narrativa e outra é feita pela "promessa de solução" proposta pelo pastor ao espectador. Em seguida o espectador toma contato com um testemunho que traz um problema semelhante ao exposto pela "narrativa de fracasso", mas agora com um desfecho distinto. Quando o personagem (que também é o narrador) chega ao ápice de seu sofrimento há o contato com a Universal. A partir daí sua vida se transforma e ele consegue solucionar o problema. A "narrativa de sucesso" funciona como prova de que a promessa do pastor é verdadeira. Ao refigurar a narrativa, o espectador que anteriormente se identificara com o problema narrado pode ser levado agora a acreditar que sua vida também pode ser modificada.

Por fim, o comentário feito pelo pastor no estúdio também procura aproximar o testemunho da realidade do espectador. Assim, após a "narrativa de sucesso", o indivíduo é incitado a tomar a mesma atitude que o narrador/personagem do

testemunho, ou seja, procurar a Igreja Universal.

Esta consiste a arquitetura narrativa da Programação IURD. Agora passaremos a um segundo momento da nossa análise narrativa em que procuramos refletir sobre os mundos que a Universal deixa ver por meio de suas narrativas religioso-midiáticas e como ela mesma se situa nesse mundo. Nossa estratégia de análise compreenderá a apresentação de exemplos relacionados às modalidades de sofrimento que a IURD elencou em um de seus programas, a saber: médico, judiciário, financeiro, sentimental e espiritual. Depois passaremos a situações particulares que despertaram nossa atenção, como: 1) o que a Universal conta de si; 2) tensões do ao vivo; 3) relação com outras religiões; 4) rituais e pontos de sacralização. Nesse percurso é sempre importante perceber que os trechos retirados para análise só podem ser compreendidos na consideração da estrutura narrativa apresentada.

4.5 – As narrativas do Reino

Ao tratar da tessitura da narrativa, Paul Ricoeur (2010c) nos lembra ao abordar a mimese III que o mundo do texto emerge na intersecção com o mundo do leitor. A narrativa dá a ver um mundo textual que diz tanto de um mundo pré-figurado, ou seja, da ordem do "já dado" pela sociedade aos indivíduos em suas experiências e que servem de base estrutural, simbólica e temporal para estes tecerem a narrativa. Não obstante, perceber como a narrativa diz do mundo que forma o sujeito não é suficiente, mimese II avança nesse aspecto dando destaque ao papel do sujeito que narra, tece a intriga e ao fazê-lo exerce um papel de mediador, ao se colocar entre o mundo que precede a narrativa e aquele que se (re-) cria quando esta é colocada em circulação ao ter contato com outros sujeitos que não só leem, mas também interpretam (mimese III).

Cabe a nós questionar: que mundos as narrativas da Programação IURD permitem ao seu público construir? Fica óbvio aqui, até mesmo pela coerência com a leitura ricoeuriana, que não pretendemos (e nem temos condições de) dar uma resposta definitiva a esta questão, visto que no grau de permanência que pode coincidir entre as interpretações há sempre algum desvio, ainda que mínimo. Não obstante, ao analisar a longa Programação e a partir do referencial teórico adotado esperamos fornecer ao leitor indicações de que tipo de mundo a Universal oferta e visa que o seu público não apenas refigure suas narrativas, mas refigure sua própria existência, vindo a se tornar um fiel da igreja.

O mundo que a Universal projeta em suas narrativas é um mundo orientado pelo signo religioso, no qual forças sobrenaturais divinas e malignas se digladiam no nosso dia a dia pelas almas dos seres humanos. Apenas acreditar em Deus e ir à igreja não seria suficiente para se estar protegido, seria preciso saber "usar a fé", é aí que a Universal entra. Os males e problemas provocados pelas forças espirituais do Mal constituem os temas dos programas e das narrativas religioso-midiáticas da IURD em seus programas da madrugada. Elas são de cinco tipos: médico, judiciário, sentimental, financeiro e espiritual. Passemos à análise de exemplos de cada um deles.

4.5.1 – O problema médico e a cura pela fé

> **Voz em off (imagens do templo maior):** Não deixe que o problema de saúde destrua a sua vida. Acredite, você pode ser curado pela fé. Venha participar de uma reunião no Cenáculo Maior do Espírito Santo: avenida Olegário Maciel, número 1329, bairro Lourdes. (PLANTÃO DA FÉ, 05/07/2012, 3h24)

Na divisão temática estabelecida pela própria IURD os testemunhos que tratam de curas milagrosas têm amplo destaque. Se em outros depoimentos a prova da veracidade recai sobre a capacidade de pastores fiéis conseguirem fazer o espectador acreditar no que é dito, nos problemas médicos há um ingrediente extra: a apresentação de documentos que supostamente comprovam a existência da doença, bem como de sua eventual cura. Separamos uma matéria que trata da *Concentração de Fé e Milagres*. Neste tipo de matéria uma repórter conta detalhes da reunião, mostra testemunhos, trechos das pregações dos pastores e, em alguns casos, entrevista pessoas no templo. O trecho que apresentamos logo abaixo foi exibido no início do *Programa Ponto de Luz* após chamada do Bispo Márcio Carotti.

Hora	Imagens/ descrição	Áudio
1h34m	**Ponto de Luz – 15/07/2012** Vídeo sobre a Concentração de Fé e Milagres – Locução da repórter que faz a matéria. 1 – Imagens do templo maior lotado e planos fechados em alguns fiéis. Parte do texto em *off* aparece na tela conforme é falado pela repórter. 2 – Bispo Márcio Carotti prega no	1 - ***OFF***: Concentração de Fé e Milagres: uma reunião para quem tem fé, uma reunião para quem quer começar uma nova vida. Uma reunião de transformação. Todos os domingos a Concentração de Fé e Milagres começa com uma oração pela saúde de todos. Um momento em que curas e milagres acontecem. 2 – **Bispo Márcio Carotti (doravante BMC):** Seja

	altar.	livre, seja livre pelo poder de Deus. Seja livre na autoridade do nome de Jesus.
	3 – Bispo e mulher adulta no altar da igreja. Imagens panorâmicas do templo lotado. Imagens dos exames da mulher. Bispo fala para a fiel andar e ela caminha pelo altar.	3 - **Mulher**: bispo, eu sofri um AVC devido a uma cirurgia no qual houve paralisia por completo do lado direito. A minha boca veio aqui. Eu entrei em coma, fiquei 16 dias em coma sem sinal nenhum de vida, usando fralda. A alimentação era por uma sonda igual... da finura de uma linha porque pra passar nas cordas vocais... e... eu não tinha sinal nenhum de vida e a equipe médica chegou pro meu marido e falou com ele. Falou assim: olha, ô Luiz, se a Tânia sair do quadro em que ela tá, ela não vai mais falar, não vai mais andar, ela vai vegetar em cima de uma cama. **E foi aí que ele foi até a igreja, usou a fé dele, conversou com pastor passou tudo que a equipe médica tinha falado pra ele. E ele falou pra ele: Luiz, agora é você usar a sua fé.** **BMC: E ele não aceitou.** **Mulher: ele não aceitou. Ele falou: da forma que o médico falou pra mim eu não aceito**. Eu quero a minha esposa normal do jeito que ela sempre foi. **BMC: e hoje curada.** **Mulher: e Deus fez um milagre**. **BMC**: tá aqui os exames. **Agora o antes e depois, né**. **O quê que a senhora sentia na paralisia, como que é? A senhora não conseguia falar, andar direito, como é que é?** **Mulher**: na paralisia eu só sentia aquela dor que veio aqui, né, que foi devido à cirurgia que eu tinha feito, alguma coisa... **BMC**: paralisou todo o lado esquerdo... **Mulher**: paralisou todo. Pro senhor ter ideia eu recebi alta da fisioterapia em julho... **BMC**: anda bem, anda aí, anda aqui, venha cá. A senhora tá normal. Não tem nada.
	4 – Imagens de casais se abraçando	4 – ***OFF***: o congresso para casais é um momento de reflexão para casados, noivos e namorados. Tempo de aprender a ter um relacionamento baseado na palavra de Deus.
	5 – Bispo falando no altar.	5 - **BMC**: Deus tem que fazer uma obra na sua vida sentimental, Deus tem que se manifestar, porque se Deus não se manifestar o seu futuro está comprometido. Entende o que eu digo? Sim ou não pessoal?
	6 – A imagem mostra fieis em um momento de oração com os olhos fechados e depois se movimenta até chegar a repórter que fala com o microfone olhando para a câmera.	6- **Repórter** (passagem): este é o momento da busca pelo Espírito Santo, em que cada um busca e agradece a Deus à sua maneira, mas todos em uma única corrente de fé.
	7 – Imagens do bispo cantando no altar e imagens panorâmicas do templo.	7 - **BMC** (pastor canta com fieis): Jesus me doou, já não quero mais nada do mundo, já não quero mais nada do mundo seu amor profundo Jesus me doou.
	8 – Imagens do interior do templo lotado e da fachada do mesmo.	8 – ***OFF***: Concentração de Fé e Milagres todo domingo especialmente às 9 e meia da manhã. O

		endereço é Avenida Olegário Maciel 1329, bairro de Lourdes.

A matéria acima dura aproximadamente 3 minutos e traz uma narrativa sobre uma cura milagrosa, a qual está incorporada a uma narrativa maior que trata do que ocorre na reunião de domingo da Universal. Matérias como estas são recorrentes na Programação IURD e são chamadas pelos pastores que apresentam de "resumo" da reunião. Como podemos perceber a linguagem e a estrutura seguem o modelo de uma reportagem jornalística de TV, contando inclusive com uma passagem da repórter. Em outro "resumo" que acompanhamos durante a Programação duas repórteres se revezaram na matéria e uma delas fez uma passagem em um helicóptero que sobrevoava o templo maior e mostrava imagens do trânsito intenso nas ruas.

O testemunho vem como uma sonora da matéria na qual o próprio bispo torna-se um repórter e em suas perguntas procura descobrir o que aconteceu, bem como verificar se é verdade. Assim, ele mostra os exames que comprovam a doença e a cura e faz diversas perguntas, a maioria em tom de afirmação, de modo a direcionar a construção da narrativa para o aspecto que mais lhe interessa. Podemos perceber que ele procura deixar bem demarcados dois momentos: o antes e depois. A fiel fala da doença e em seguida da cura. Mesmo após mostrar os exames, ele a questiona novamente sobre a doença e pede para que ela ande a fim de comprovar a cura. Essa divisão é possível graças às marcas temporais nas falas que indicam o passado (tais como os verbos no passado: "a senhora não conseguia falar") e o presente ("e hoje curada" e "anda bem, anda aí"), o qual corresponde ao "depois". A passagem de uma condição a outra é dada pelo momento de revolta do marido que busca ajuda na Universal.

Posteriormente temos na matéria a aparição da repórter *in loco*, o que no jornalismo é um recurso que tem como objetivo garantir a autenticidade ao apresentar o repórter (e consequentemente o próprio jornal) como testemunha da realidade. Em seguida o fechamento com a música e o convite para a reunião. Notamos uma forte preocupação da IURD em fazer com que não se levante dúvidas sobre suas práticas. O amparo da linguagem e do formato jornalístico, o testemunho e a apresentação do exame médico são indícios claros disso. Em relação ao exame há algo que devemos observar e que é uma peculiaridade deste tipo de testemunho: a relação ambígua com a ciência.

A ciência é tanto a derrotada que não consegue resolver o problema em questão quanto aquela que vem atestar a autoridade da IURD. Uma ambiguidade sobressai e por

ela a IURD não afirma e nem rejeita a ciência, afinal se de um lado seus métodos são insuficientes para curar, por outro são suficientes para atestar a cura obtida graças à interferência direta da Universal. Ao supostamente se validar a cura como uma realidade, é a Universal que se valida.

Em testemunhos que seguem esta temática e que não são apresentados os exames, outros recursos são utilizados, como o imediatismo. Em um trecho de programa sem nome transmitido nesse mesmo dia às 5h05 o pastor entrevista várias pessoas no altar perguntando seus problemas de saúde. Depois se mostra uma oração feita por esse pastor no dia indicado e em seguida ele entrevista as mesmas pessoas com quem tinha conversado antes. Estas então se diziam curadas, o que serve novamente como prova da eficácia da reunião em questão.

Outro aspecto que vale a pena salientar é que as fronteiras entre o que é considerado médico não são tão rígidas como se parece pretender. O envolvimento com as drogas é tanto visto como problema médico, quanto espiritual e sentimental. Além disso, vale destacar que é comum fazer uso de expressões desse universo para significar as ações da IURD. Alguns exemplos: "tratamento espiritual", "terapia do amor", "fazer um atendimento" (atender alguém por telefone). O próprio programa se assemelha a um consultório no qual aqueles que ligam têm as causas de seus problemas identificados, recebem o diagnóstico (fraqueza espiritual) e a prescrição do que é necessário para combatê-los ("usar a fé", o que se aprende na Universal). Passemos agora a outro tipo de problema que é abordado na Programação IURD: as causas judiciais.

4.5.2 – O problema judiciário

Enquanto os problemas de ordem médica merecem destaque na Programação IURD, aqueles relacionados ao judiciário são raramente abordados. Foram pouquíssimos testemunhos, sendo que o maior deles foi reaproveitado parcialmente em outros programas. Reproduzimos abaixo a chamada do pastor no estúdio e a parte do vídeo em que este depoimento está inserido. O programa em questão é o *Casos Impossíveis*, apresentado pelo pastor Rafael Valente no dia 17/07/2012.

Hora	Imagens/ descrição	Áudio
4h52	**Casos Impossíveis – 17/07/2012** Pastor Rafael Valente no estúdio após ser exibida matéria com o	**Pastor Rafael Valente (doravante PRV):** você pode observar no nosso resumo que **a gente não faz uma oração bonita, é uma oração forte, é uma oração**

	resumo (semelhante à apresentada acima) do Jejum dos Impossíveis, reunião comandada por ele. Ele comenta o resumo e chama testemunhos.	**agressiva**. Não agressiva contra as pessoas que aqui estão. Mas agressiva contra o problema. **Agressiva contra o câncer, agressiva contra o mal espiritual que amarra a causa que você tem na justiça. Você sabe que tem pessoas que elas têm causas na justiça há dez anos. Há 20 anos e a causa está amarrada. Mas por que que tá amarrada? Por detrás desse problema existe uma força das trevas.** Nós estaremos nesse sábado arrancando essa força das trevas. Você que está doente, desenganado pela medicina, **eu quero que você traga o exame que comprova que você tá doente, porque logo depois você vai fazer um exame e esse outro exame vai dar que você vai ser curado**. (...) E falando de resultado, nós temos mais resultado de pessoas que estiveram conosco no sábado participando do jejum das causas impossíveis e Deus se manifestou na vida delas.
4h53	1 – Várias pessoas no altar com o Pastor Rafael Valente. Ele entrevista um casal. 2 – Rápida vinheta com a frase na tela: Lentidão na justiça brasileira. Após a primeira fala da mulher adulta no templo o BG sobe e entram novas mensagens na tela para depois se voltar com o testemunho dela no templo com o pastor Rafael Valente. 3 – Mensagem na tela: O clamor por justiça. Volta para o depoimento. 4 – Mensagem na tela: O resultado. Volta para o depoimento. 5 – Mensagem na tela: Uma semana depois. Volta para o depoimento. 6 - Mensagem na tela: Dias depois. Volta para o depoimento. 7 – Mensagem na tela: Jejum das causas impossíveis. Imagens de	1 – **Casal jovem**: (ele diz que estava com doença de mulher e não aceitava, depois de virem na igreja e estava na cadeira de rodas, chegou à igreja mancando e hoje está curado). **PRV**: (diz que este rapaz enviou *email* contando o que aconteceu com ele, dizendo que está com lúpus e que na cabeça não chegava mais sangue, estava com osso morto. E confirma a cura com a pessoa) 2 - **Mulher adulta**: eu tinha uma causa na justiça, na verdade eu tenho 3. E uma delas... e as três tavam emperradas. Era um dinheiro do... de um trabalho que eu tinha feito pro Estado. E era dinheiro certo, que tinha que vir para as minhas mãos mesmo. **Só que a causa tava emperrada há mais de um ano**. (...) 3 – **Mulher adulta**: há mais ou menos umas**4 semanas atrás você fez uma oração aqui no altar pra gente. Quem tinha causa na justiça... e eu tomei posse daquela palavra** 4 – **Mulher adulta: essa saiu agora e se Deus quiser as próximas estão saindo**, se Deus quiser não, estão saindo daqui apouco. 5 - **Mulher adulta**: (...) E eu comentei que eu tinha três causas na justiça e **enquanto eu falava o meu testemunho aqui eu profetizei que as outras duas já iriam sair. E saiu essa semana**, mais uma já saiu e a próxima tá vindo e eu vou vim dar o testemunho também. 6 - **Mulher adulta**: uma saiu numa semana, a outra saiu na outra semana que eu dei o testemunho aqui. **E tinha uma terceira que era a mais, era a que tava super amarrada** e ela saiu na semana passada. (...) **Enquanto Deus não colocou a mão mesmo e liberou o dinheiro, o dinheiro não saiu.** 7 – ***OFF***: Então, disse: já não te chamarás Jacó e sim Israel, pois como príncipe lutaste com Deus e com os

	estrelas ao fundo e mensagens na tela com trechos da bíblia que são falados em *off*. 8 – Pessoas em situações de sofrimento. Templo lotado. Pastor Rafael valente fala do altar. 9 – Imagens do templo maior	homens e prevaleceste (Genesis, 23.38)/ Nesta semana escreva as lutas que você está enfrentando na sua vida e participe do sétimo sábado da guerra. Jejum dos Impossíveis. Venha participar do forte clamor feito pelo Pastor Rafael Valente e veja a vitória em sua vida. 8 – **PRV** (trecho de pregação) 9 – ***OFF***: (endereço e horários)

Nesse trecho aparece algo que no exemplo anterior não foi citado nominalmente e que embasa as narrativas iurdianas sobre o sofrimento que corresponde ao agente causador do problema na vida da pessoa. Na fala do pastor Rafael Valente diz-se que é "o mal espiritual que amarra a causa que você tem na justiça" e que "por detrás desse problema existe uma força das trevas". Todos os tipos de problemas têm em comum o fato de serem oriundos em alguma medida da ação de espíritos malignos. Logo, o raciocínio é de que se a origem de todo problema é espiritual, a solução também deve ser espiritual. Assim, quanto mais poderosa a ação de tais forças malignas, maior deve ser a reação das forças do bem. Daí a necessidade de se afirmar que na IURD a oração não é "bonita", mas sim "forte" e "agressiva contra o problema", "agressiva contra o câncer, agressiva contra o mal espiritual que amarra a causa que você tem na justiça".

Importante notar que o termo "amarrar" remete ao universo das religiões mediúnicas (ORO, 2007, p. 47). Voltaremos a este aspecto em outro momento. Por ora retenhamos a nossa atenção em outro elemento que pensamos ser de fundamental importância para a Universal: garantir a veracidade do que diz. Posto que a origem dos problemas e os meios de resolvê-los foram expostos ressalta-se a efetividade da "oração agressiva" por meio de promessas de resultados (trazer o exame com a doença e depois voltar com o exame que atesta a inexistência da mesma) e apresentação dos mesmos. Nesse ponto entram os testemunhos.

No tocante ao testemunho sobre o problema judiciário notamos o mesmo modo de se construir a narrativa da situação anterior operando, porém, com recursos diferentes. Enquanto no testemunho referente ao problema médico a narrativa religioso-midiática foi construída com a interferência direta do pastor, nesta, porém, por mais que possamos ver a presença física do pastor ao lado da fiel, sua importância fica em segundo plano, uma vez que cortes são feitos para se mostrar o antes e depois. Suspeitamos que isso ocorra não devido ao tema, mas sim pelo fato de que neste caso

procurou-se dar dinamicidade à narrativa. Por meio deles e das breves falas selecionadas comprime-se um tempo indefinido e dilatado em uma sucessão de conquistas que transmitem ao espectador a impressão de que tudo decorreu muito rápido a partir do momento que a pessoa passou a ir à IURD.

Além disso, diferentemente dos problemas de ordem médica em que a resolução se dá em cima de um problema pontual, neste caso há uma progressão. Quanto mais a pessoa continua na IURD e à medida que "fortalece a sua fé" problemas mais complicados são resolvidos. Este tipo de progressão (escalada) ocorre também em outros testemunhos, nos quais a pessoa relata melhorias em diversas áreas da vida após frequentar determinada reunião. Porém, são mais comuns naqueles relacionados à vida financeira.

4.5.3 – O problema financeiro e a teologia da prosperidade

Os problemas relacionados à vida financeira juntamente com aqueles relacionados à vida sentimental são os mais abordados na Programação IURD. A reunião da segunda feira (*Congresso Empresarial*) e o programa *Nação dos Vencedores* estão diretamente relacionados a esta temática. Além do *Nação dos Vencedores*, outros programas também tocam no tema, porém, este é exclusivamente dedicado a problemas originados pela falta de dinheiro, tais como: dívidas impagáveis, desemprego, pobreza, fome, dentre outros.

Outra peculiaridade consiste no fato do *Nação dos Vencedores* ser o programa que conta com maior diversidade de quadros. Além das entrevistas no estúdio, vídeos retirados da internet, trechos de documentários e filmes, vale destacar um quadro que é exclusivo desse programa e que leva o nome de "o seu produto em foco", no qual se mostra a empresa de um membro da IURD e se enfatiza a prosperidade material alcançada por ele, a qual tem relação direta com a Universal. Posteriormente daremos um exemplo desse quadro. Agora, no entanto, direcionaremos nossa atenção para um breve vídeo em que se listam "10 sintomas de maldição na vida financeira" exibido logo no início de uma de suas edições após fala do pastor Marcelo Moraes. Descreveremos abaixo parte da fala do pastor juntamente com todo o vídeo.

Hora	Imagens/ descrição	Áudio
1h10	**Nação dos Vencedores – 02/07/2012**	**Pastor Marcelo Moraes**: Olá, Deus abençoe, Deus ilumine a todas as pessoas. Estamos aqui à disposição

	Pastor Marcelo Moraes é o apresentador. Atrás dele há uma tela com o nome do programa. Em determinado momento se mostra uma grande cadeira (o trono) que tem uma bolsa sobre a mesma.	para ajudar o senhor, a senhora. Você se encontra endividado? No fundo do poço? Sem força? Sem perspectiva? Não sabe o que fazer? Não tem ânimo para lutar? Então você pode ligar agora pro3349-7390. (...) Acompanhe os 10 sintomas**, se você tem um destes dez sintomas. Então, você precisa ligar urgentemente** porque pela força do seu braço... olha o que eu tô dizendo pro senhor e pra senhora, pela força do seu braço você não vai alcançar e não vai vencer os seus problemas não! **Se você tem passado por isso aí, isso é um sintoma de possessão e realmente mostra que existe alguma coisa espiritual por trás dessa situação**.
1h12	Vídeo – voz masculina em *off* lê o texto. Conforme ele fala os 10 sintomas, atores da IURD aparecem representando as cenas em questão, demonstrando tristeza. Durante todo o vídeo quando o locutor fala o número do sintoma figura na tela um cifrão e o número corresponde a ele.	***OFF**:* existem 10 sintomas que caracterizam a maldição financeira na vida de alguém. Primeiro: o comércio perde o movimento e as vendas param. Segundo: o motivo das brigas em casa é a falta de dinheiro. Terceiro: a pessoa mora de favor. Quarto: vende o patrimônio para pagar dívidas, mas não consegue quitá-las. Quinto: tem insônia por causa das dívidas e da opressão. Sexto: apesar da qualificação, curso superior ou técnico não consegue oportunidades de trabalho. Sétimo: quando procura emprego sofre desprezo por causa da idade ou da falta de experiência. Oitavo: **é vítima de inveja, o concorrente deseja o seu fim**. Nono: seus filhos passam necessidade, mas a pessoa não pode comprar o que eles querem. Décimo: não consegue nem mesmo pagar contas básicas como água, luz e telefone.

Como podemos notar, os 10 sintomas são de uma generalidade tão ampla que alcançam a qualquer pessoa que esteja com algum problema, ainda que mínimo, de ordem financeira. E é bem provável que um espectador nesta situação possa vir a se identificar com mais de um dos sintomas. Além disso, o oitavo sintoma (destacado em negrito) leva a pensar que mesmo aqueles que gozam de um bom emprego e, portanto, não enfrentariam nenhum problema relacionado à falta de dinheiro, podem também ser afetados por maldições nessa área de suas vidas por causa de inveja. A fala do pastor antes da entrada do vídeo atua como um alerta para o perigo do possível problema enfrentado, uma vez que ter "um destes dez sintomas" é sinal de que a pessoa pode estar possessa, "realmente mostra que existe alguma coisa **espiritual** por trás dessa situação". O alerta não é apenas para a gravidade do problema, mas também para a impossibilidade de se enfrentá-lo sozinho, devendo o indivíduo procurar o auxílio que a Universal oferece.

Após a exibição deste vídeo o pastor Marcelo Moraes reafirma a necessidade do

contato imediato com a Universal a fim de que a pessoa se veja livre de tal maldição e, consequentemente, do problema financeiro. Em seguida, chama uma matéria da modalidade "seu produto em foco" na qual um fiel da IURD narra sua trajetória de sucesso e tem os serviços de sua empresa apresentados pela repórter.

Hora	Imagens/ descrição	Áudio
1h15m	**Nação dos Vencedores – 02/07/2012** 1 - Imagens da fachada e do interior de um salão de beleza. Pessoas trabalhando arrumando os cabelos de mulheres. Ao fim da fala mostra-se Nixon arrumando o cabelo de uma cliente. Uma música eletrônica animada acompanha a reportagem em alguns momentos.	1 – ***OFF***: Daqui elas saem como divas do cinema, estonteantes. Tudo graças ao trabalho desses profissionais, mas, sobretudo, deste (Nixon).
	2 – Repórter faz passagem na rua. Imagens da fachada do salão.	2 – **Passagem** (repórter): Hoje nós viemos conhecer um salão de tirar o chapéu. Localizado em um dos pontos mais nobres de Belo Horizonte, o bairro de Lourdes, o metro quadrado aqui é muito caro e o aluguel também.
	3 – Imagens do interior do salão. Mulheres sendo atendidas. Manobrista pegando carro de cliente.	*3* – ***OFF***: portanto não é qualquer pessoa que consegue manter um comércio em um lugar desses não. Mas Nixon conseguiu. O salão dele é referência em Belo Horizonte. Tudo que há de novidade no mercado tem aqui. Os quase 50 funcionários do cabeleireiro são supercompetentes. E o resultado é casa cheia. Clientes em cada cantinho do enorme salão. O tratamento aqui é *vip*, tem até manobrista, coisa de gente chique. Mimos que a mulherada adora.
	4 – Repórter entrevista mulher enquanto um dos funcionários de Nixon está trabalhando em seu cabelo. Após a sonora da cliente, ela fala diretamente para a câmera e leva o microfone para Nixon, que complementa o que foi falado. Depois há um corte e entra outra cliente em situação semelhante à anterior.	4 - **Mulher**: você pode até passar mal no salão que o manobrista te leva pra casa. **Repórter**: que coisa boa né (risos). Ah eu vou começar a frequentar esse salão também viu? **Nixon**: é muito bom aqui, viu? Realmente o serviço é de muita qualidade. **Repórter**: é muito luxo **Mulher 2**: ah, eu me sinto em casa aqui. Eu entrego tudo, cabelo, unha sobrancelha, tudo. **Repórter**: a equipe é maravilhosa. **Mulher 2**: maravilhosa. VINHETA RÁPIDA – IMAGENS DO SALÃO
	5 – Repórter faz passagem dentro do salão seguida de entrevista com uma *designer* que trabalha lá. Mostram-se as joias.	5 - (entrevista com a *designer*)
	6 – Imagens de Nixon caminhando no salão, atendendo clientes e do templo maior lotado.	6 - ***OFF***: Nixon disse que esse **resultado só veio depois que ele conheceu a Nação dos Vencedores**. Porque antes ele tinha um sócio e as coisas não iam nada bem.
	7 – Entrevista com Nixon dentro do	

	salão. 8 – Imagens de Nixon caminhando no salão e atendendo clientes. 9 – Entrevista com Nixon dentro do salão. Imagens da fachada do salão. 10 – Imagens do interior do salão. 11 – Volta a entrevista com Nixon. **Legendas:** 1- Seu produto em foco – Salão do Nixon Hair; 2 – Firme o seu pacto com Deus – Hoje, 6h30, 8h, 10h, 12h, 15h, 19h30e 22h. Av Olegário Maciel, 1329, Lourdes, BH. 3 - Ligue e deixe seu nome para oração no trono de Jerusalém. 12 - Imagens de Nixon com os funcionários do lado de fora.	7 - **Nixon**: Passei por uma sociedade e essa sociedade me... até me lesou um pouco. Aí eu resolvi, por questão de ter uma sociedade com pessoas, ter uma parceria com Deus, o Deus de Abraão. (...) 8 - ***OFF***: Hoje Nixon é um cabelereiro famoso e rico e não tem vergonha em dizer o que já passou para chegar até aqui. 9 - **Nixon**: e minha família toda é de origem muito simples. Eu já cheguei ao ponto assim, quando chegava a estudar, na faixa de 14 anos, o que fazia naquela época era o científico, meu pai não tinha condições de dar dinheiro pra gente lanchar no colégio, né. **E eu nunca permitia isso. Eu sempre tive uma visão muito ampla do que eu queria. Então, eu nunca aceitei a situação na qual a gente passava.** Então, a gente chegou a morar... a casa onde a gente morava... eu dormia no sofá. E eu não aceitava aquilo. (...) **Repórter**: além desse mega salão, **quais são os seus bens?** **Nixon**: eu tenho um sítio em Esmeraldas, que hoje equivale a **700 mil reais**. **Nixon:** É, eu tenho mais ou menos 20 animais. (...) Fora isso também eu tenho dois apartamentos e três carros. E quero conquistar mais. 10 - ***OFF***: assim como a estrutura do salão é de tirar o chapéu, o faturamento também é. 11 - **Nixon**: anual equivale a mais ou menos **2 milhões** de reais. Por semana gira em torno... final de semana na faixa de 20, 25 mil. E semanal na faixa de **10 mil por dia**. **Repórter**: e em quê que você... daqui pra frente, quais são os seus projetos? **Nixon: os** projetos é **chegar no trilhão**. Eu não quero bilhão, eu quero trilhões. Porque hoje meu patrimônio é milhões... né? Só que eu quero trilhões, né? **Repórter**: **firme e forte na Nação.** **Nixon**: com certeza. VINHETA 12 - **Funcionários do Salão**: Nação dos Vencedores. (comemoração)

Após a matéria há uma rápida chamada para a reunião de segunda. O pastor Marcelo Moraes comenta rapidamente e chama uma participação por telefone. O formato da matéria em questão se assemelha em parte às chamadas "matérias pagas" veiculadas diariamente em telejornais e que visam promover uma empresa ou determinada ação promovida pelas mesmas. Também podemos compará-la a vídeos empresariais que possuem o mesmo objetivo. A semelhança não é total porque isso

ocorre apenas na primeira parte da matéria quando se fala da quantidade de funcionários, localização e serviços prestados (manobrista, exposição de joias).

Na segunda parte da matéria (a partir do número 6 assinalado acima) a empresa deixa de ser o destaque e a atenção se volta para o proprietário. Quando sua história é narrada traz-se à tona seu envolvimento com a Universal. A sequência narrativa "fracasso/sucesso" reaparece, mas com ênfase na trajetória de sucesso demonstrada por meio dos valores dos bens que Nixon possui e da rentabilidade do salão. Nos testemunhos no templo que tratam da vida financeira tal procedimento se repete. O pastor sempre faz perguntas sobre os valores dos bens que a pessoa passou a ter depois de ir à Universal, bem como sobre sua renda mensal. Outro aspecto que vale ressaltar é que as narrativas que tratam do sucesso na vida financeira, tal como aquela que analisamos sobre problemas na justiça, apontam sempre para uma progressão contínua. Assim, o personagem da matéria, além de já ter alcançado o sucesso que se expressa nos altos valores de suas posses, enfatiza que pretende chegar a cifras ainda maiores.

O crescimento pretendido pelo empresário se articula com as participações constantes na *Nação dos Vencedores*. Daí a repórter salientar, depois de apresentar a empresa de Nixon, que "esse resultado" só veio em virtudeda participação dele na referida reunião, bem como o fato de ressaltar a importância de se frequentar o culto após ele falar de seu objetivo de chegar aos trilhões. Nesse momento, vale a pena lembrar duas características que definem a IURD: a "teologia da prosperidade" (MARIANO, 1999, p. 185) e o fato de ser uma "igreja da exacerbação" (ORO, 2007). Pensamos poder identificar ambas na narrativa sobre a vida de Nixon.

A primeira dessas características se sobressai na narrativa do proprietário do salão em destacar sem qualquer tipo de constrangimento os bens que possui (três carros, dois apartamentos, um sítio). Como destacamos no terceiro capítulo, diferentemente de uma teologia protestante ascética que por um lado via no acúmulo de bens um sinal de Deus, mas desencorajava o consumo supérfluo, a teologia da prosperidade incentiva não só o acúmulo, mas também o consumo das posses mundanas.

A segunda característica podemos associar à amplitude dos bens e dos rendimentos que Nixon tem e pretende alcançar. Assim, um mesmo discurso de se exacerbar sua grandeza por meio de suas propriedades (a Record, os jornais impressos, o tamanho dos seus templos, sua presença no exterior) que a IURD por vezes faz uso também reaparece nos testemunhos dos fiéis. Ao chamarem a atenção para seus grandes feitos, chama-se a atenção para a "força" da igreja. Essa simbiose entre a vida do fiel

nas narrativas de sucesso e a trajetória da Universal é verificada principalmente quando se trata da história da IURD e de seu líder máximo, como veremos mais adiante no item que trata dos 35 anos da igreja.

Ainda no tocante à vida financeira, separamos outro quadro que também é utilizado apenas em programas que tratam de problemas relacionados a esta área. São vídeos em que trechos de filmes são editados e mesclados com o texto em *off*. Nestes casos inclusive as falas dos personagens são aproveitadas. Na edição do *Plantão da Fé* do dia 09/07/2012 trechos do filme *Gladiador* são aproveitados, cuja descrição apresentamos a seguir.

Hora	Imagem/ descrição	Áudio
3h25m	**Plantão da Fé – 09/07/2012** Todas as imagens foram retiradas do filme *Gladiador*. 1 – Música de Enya que compõe a trilha sonora do filme serve de BG durante todo o vídeo. Imagens de Maximus em posição de liderança.	1 - ***OFF:*** Sucesso, reconhecimento, fama, glória. Muitos de nós lutamos por motivos assim, mas não se constrói um bom nome da noite para o dia. É preciso trabalhar muito, ainda que haja tropeços e quedas**. É preciso superar os obstáculos, é preciso ter motivação, perseverar e insistir**. A vida é uma sucessão de batalhas.
	2 – Imagens de batalha do filme.	2 – Áudio de batalha: gritos, sons de espadas, flechas.
	3 – Mãe com filho. Esta mulher em uma carruagem com o irmão o irmão (imperador).	3 - ***OFF:*** Emprego, família, amigos, todos nós temos no *status* atual.
	4 – Maximus, protagonista do filme, discursa.	4- **Maximus** (protagonista do Gladiador): o que fazemos agora ecoa na eternidade.
	5 – Maximus no campo de batalha discursando para os soldados.	5 - ***OFF***: e temos também expectativa com relação ao futuro.
	6 – Maximus discursa para os soldados no campo de batalha.	6 - **Maximus**: em três semanas estarei fazendo minha colheita, imaginem o que estarão fazendo e assim será.
	7 – Maximus conversa com um homem velho, aquele foi responsável por torná-lo gladiador.	7 - ***OFF***: no entanto as reviravoltas do destino nos surpreendem.
	8 – Irmã do imperador conversa com ele.	8 - **Irmã do imperador**: grandeza é uma visão. **Imperador:** Exatamente.
	9 – Imagens de Maximus em momentos de ação: lutando no Coliseu, vencendo inimigos, provocando o imperador. Cena do início do filme quando ele chora a morte da família. Imagem da esposa	***OFF***: nem sempre dá para se fazer só o que gostamos, mas aquele que gosta do que faz e sente orgulho em fazer melhor a cada dia vai mais longe. Há momentos de calmaria e há momentos agitados, decisivos, em que a boa invenção não basta. É quando a vida nos cobra coragem, arrojo,

	e do filho de Maximus. Pessoas torcendo por Maximus. Ele voltando para casa e encontrando a família. Após a fala a trilha continua com imagens do Coliseu vazio e do nascer do sol.	fidedignidade e um inabalável espírito de luta. (...) **Os guerreiros olham nos olhos do futuro sem medo e sem arrogância, mas com confiança de quem está pronto para o combate.** Viver é também estar preparado a situações difíceis. (...) E mais: como saber a medida exata a ser tomada no momento certo? **O incrível é que juntamente em situações adversas muitos redescobrem o que tem de melhor: a ética, a amizade, a capacidade de criar novas estratégias fundamentadas na experiência, o talento para promover alianças positivas, o espírito de liderança. A consciência da força que reside no verdadeiro trabalho de equipe.** Tudo isso aflora quando as circunstâncias exigem, quando se sabe que existe um motivo maior a ser alcançado. (...) **Mas todo guerreiro sabe que pessimismo e insegurança nessa hora só atrapalham. Ainda que a ameaça venha de vários lados, com agilidade, força e determinação podemos alcançar o resultado.** A combinação de energia e inteligência, assim como o equilíbrio entre a razão e a emoção são fundamentais para o sucesso. (...) Com orgulho de quem viu nos obstáculos a oportunidade de crescer, orgulho de ser um vencedor que não abriu mão de seus valores fundamentais.

O vídeo acima destoa dos exemplificados por nós até o momento. Não se trata de uma narrativa fracasso-sucesso como os exemplos apresentados até agora, ainda que possamos entrever tal característica em alguns momentos. No entanto, o que chama a nossa atenção é o caráter motivacional do quadro que muito se assemelha a vídeos motivacionais produzidos por empresas ou palestras de auto-ajuda. Frisa-se a todo instante que problemas e adversidades sempre aparecem e que os indivíduos têm a força necessária para superá-las. Diferentemente de outros vídeos, os obstáculos não são vistos como "forças demoníacas", mas, pelo contrário, como oportunidades em que redescobrimos a importância da amizade e despertamos talentos e capacidades que desconhecíamos.

A relação da prosperidade financeira com o mundo empresarial é evidente. Isso se reflete inclusive em um dos nomes para a reunião de segunda, que também tem o nome de *Congresso Empresarial*. Isso nos leva a pensar que tal reunião é voltada não apenas para quem é empresário, mas também para quem quer sê-lo. Talvez a ênfase da prosperidade financeira venha do fato de que ser empresário é valorizado socialmente por não implicar qualquer formação acadêmica para sê-lo. Assim, qualquer um pode vir a se tornar empresário e, portanto, rico.

No tocante ao formato, a narrativa se desenrola de acordo com as cenas do filme. As cenas estavam adequadamente sincronizadas com o texto em *off*, de modo que

mesmo quem não tivesse assistido ao filme conseguiria entender o contexto das mesmas. Curioso notar que em nenhum momento o nome da igreja foi citado e nada foi relacionado ao plano religioso. Quando o vídeo termina, o pastor Diogo Brant apenas oferece ajuda e cita situações de desespero que os espectadores poderiam estar enfrentando e os convida para irem ao templo da Universal.

Passemos aos problemas na vida sentimental.

4.5.4 – O problema sentimental e o relacionamento abençoado

Os problemas relacionados à vida sentimental envolvem os relacionamentos do indivíduo com o outro e abrangem situações diversas, como: perturbações na relação entre pais e filhos; pessoas abandonadas pelo (a) marido ou pela esposa; pessoas que foram traídas e pessoas que traem e agora se arrependeram; casamento infeliz por causa das brigas constantes etc. Estes exemplos são os mais comuns quando se trata dos problemas sentimentais. A causa deles é a mesma: a atuação de algum espírito maligno. Selecionamos um quadro exibido no programa *Fala Que Eu Te Escuto*, apresentado pelo bispo Marcio Carotti no dia 10/07/2012. Este quadro consiste em pequenas histórias interpretadas por atores contratados pela Universal. Nos dias em que foi utilizado, figura no primeiro programa da madrugada antecedendo, inclusive, a própria abertura. O programa que se inicia logo depois aborda temas relacionados à história representada, normalmente referentes à vida sentimental. Na edição em questão o quadro retrata o drama de uma mulher que foi abandonada pelo namorado após este a pedir em casamento.

Hora	Imagens/ descrição	Áudio
1h10	**Fala Que Eu Te Escuto – 10/07/2012** A história é representada pela equipe de teledramaturgia da IURD e exibida antes da abertura do Ponto de Luz. 1 - homem e mulher entram em casa, estão em uma sala e ele a convida para se sentar.	1 – **Guto**: tirar isso daqui (tira almofadas do sofá), senta aqui, fica a vontade, senta aqui. **Ana**: será que não tá no quarto? **Guto**: tá no quarto, eu vou dar uma olhadinha. (anda até o corredor, para e volta) eu menti pra você, eu não vou te levar pra jantar. **Ana**: como assim? **Guto**: o jantar vai ser aqui em casa. Eu fiz um jantarzinho pra gente **Ana**: nossa, que lindo. Você me enganou direitinho

		com essa história de vir buscar a jaqueta, né? Você é demais mesmo.
	2 – Ana na loja de roupas em que trabalha e conta para a amiga que encontrou a pessoa perfeita.	2 – **Amiga**: olha Ana essa blusinha, sua cara. Ana? **Ana**: oi **Amiga**: Blusinha? Sua cara? **Ana**: desculpa. **Amiga**: que que te deu hoje? **Ana**: eu tô sonhando ainda. **Amiga**: por quê? **Ana**: amiga, achei o homem dos meus sonhos. **Amiga:** ah, não acredito, me fala. Será que existe outro desse mundo? **Ana**: quer dizer, melhor que dos meus sonhos. **Amiga:** sério, me conta. **Ana**: e nem te contei tudo ainda. **Amiga**: ah, então me conta agora. **Ana**: ele me levou pra casa dele pra jantar. **Amiga**: hummm **Ana**: Jantar que ele mesmo preparou
	3 – Ela com o namorado em casa jantando. Ele a pede em casamento.	3 – **Ana**: tá bom. **Guto**: gostoso né? **Ana**: não sabia que você cozinhava... **Guto**: ah, eu gosto muito de cozinhar. Saúde! (eles brindam) **Guto**: Ana Luiza, a minha vida mudou muito nesses últimos tempos... você trouxe uma razão pra ela. Você é uma mulher muito especial. E eu não consigo enxergar a minha vida sem você. Posso te perguntar uma coisa? **Ana**: claro. (ele pega uma caixinha de alianças) **Ana**: não acredito... (riso) **Guto**: você quer casar comigo? **Ana**: quero.
	4 – Ana na loja com a amiga.	4 – **Ana**: o presentinho, abre. **Amiga**: ah, não me diga... **Ana:** e coloca no meu dedo. **Amiga**: eu não acredito! Ai, tô feliz por você amiga. Parabéns. Ai que lindo! Ai, nossa eu quero ver esse trem ir pra frente, sabe? (somde buzina de carro) Ah, olha o barulho. Ah, olha só quem chegou. Oiê! Vamos lá, venha. Boa sorte. **Ana**: obrigada. **Amiga**: Fiquei feliz por você. **Ana**: obrigada. Tchau.
	5 - Cena no carro: namorado a leva ao teatro e apresenta postura indiferente.	5 – (ela entra no carro e o beija) **Ana**: pensei em você hoje o dia todo, sabia? **Guto**: que bom. E aí, pra onde nós vamos? **Ana**: como? A gente tinha combinado de ir ao teatro, lembra? **Guto**: ah... (expressão que denota cansaço)
	6 - Dentro do carro no estacionamento: ela pergunta o que aconteceu e ele fala que não a quer mais.	6 – **Ana**: nossa, aquela cena da despedida da mãe dela, tão bonito aquilo, tão bom, emocionante né? **Guto**: que cena? **Ana**: como assim que cena? Minha impressão tava

	Legenda: o tema de hoje é você! Qual o motivo de suas lágrimas? 33497390. Falaqueeuteescuto.mg@r7.com	certa Guto. Você não tava lá comigo, não tá comigo agora? Que que tá acontecendo? Aconteceu alguma coisa no escritório? Houve algum problema? Eu posso te ajudar? **Guto**: não. Não aconteceu nada com o escritório. Não tem nada de errado no escritório. **Ana**: o que que é então? **Guto**: sabe, Ana Luiza, é... eu acho que ontem eu me precipitei. Aliás, eu acho que ontem a noite não deveria ter acontecido... Eu acho... melhor a gente parar por aqui antes que seja tarde demais. (Ana respira fundo e fica calada, ele abaixa a cabeça)

Todas as tramas representadas nestes quadros que por vezes abrem a Programação IURD têm em comum o fato de apresentarem uma história que termina com o protagonista vivendo algum tipo de situação de sofrimento e angústia que lhe parece sem solução. A narrativa em questão se encaixa no que chamamos de narrativa de fracasso. A grande diferença para as demais consiste na linguagem televisiva utilizada. Ao fazer uso dos recursos da ficção televisiva, assemelhando-se a um filme, o quadro em questão tem a vantagem de não apenas falar de uma determinada situação (como ocorre quando o pastor cita exemplos ou alguém conta seus problemas quando participa por telefone), mas também mostrar imageticamente como ela ocorreu, fazendo com que os possíveis desvios em relação à interpretação desejada pelos produtores sejam mínimos.

A desvantagem fica por conta da verossimilhança e do grau de alcance. As falas dos pastores são mais abrangentes (dados os inúmeros exemplos que eles apresentam), embora percam em verossimilhança. Já em relação às ligações há um ganho em termos de verossimilhança, dado que quem vivencia o problema é um espectador que ligou e pede ajuda, e a amplitude é variável, uma vez que depende do(s) problema(s) relatado(s).

Em relação à história, não há aparentemente nenhuma ligação direta com a Universal ou com qualquer religião. Esta relação é construída pela legenda que figura na tela e pelos pastores no decorrer do programa. A mensagem "o tema de hoje é você! Qual o motivo de suas lágrimas? - 33497390 - falaqueeuteescuto.mg@r7.com" informa ao espectador por meio do *email* o programa a que tal conteúdo pertence, como também ajuda a criar um ponto de vinculo entre a situação retratada e o que ele vivencia no dia a dia. Se por um lado os problemas possam não coincidir, o sofrimento pode. Ao dizer que o "tema hoje é você" e perguntar "qual o motivo das suas lágrimas" individualiza-se o tratamento e se generaliza o interesse do programa para além do que foi abordado na

história.

A outra relação que se estabelece entre o quadro que antecede a abertura está na fala dos pastores. No decorrer do programa eles se referem ao pequeno filme e interrogam o público com outros exemplos de situações de sofrimento, sempre ressaltando a disponibilidade deles em ajudarem e a eficácia das soluções ofertadas. Assim, chamam os "resultados", que correspondem em sua maioria a testemunhos colhidos no templo (tal como exemplificado no tópico sobre problemas judiciários).

Inseridos na arquitetura narrativa que identificamos e descrevemos no item 4.4 estão as participações por telefone que correspondem a narrativas de fracasso e se articulam aos temas apresentados que posteriormente serão sucedidas por testemunhos e novos convites. No tocante a tais participações, a maior parte delas está ligada a problemas de tipo financeiro, sentimental e espiritual, sendo que é comum que o participante relate ter mais de um deles. Pelo que podemos notar há uma triagem feita pela equipe da Universal. Um bom indício consiste no fato de que na *Nação dos Vencedores* as pessoas que ligam relatam apenas dramas relacionados à vida financeira.

Para a análise transcrevemos uma dessas conversas por telefone que ocorreram na edição do programa *Fala Que Eu Te Escuto* cujo quadro foi apresentado anteriormente. No caso em questão o indivíduo relata que trai a esposa com outros homens. O pastor Marcelo Moraes explica que isso decorre da ação de forças malignas e afirma que ele encontrará a solução ao ir a uma das reuniões da Universal.

Hora	Imagens/ descrição	Áudio
1h32	**Fala Que Eu Te Escuto– 10/07/2012** No estúdio o bispo Márcio Carotti e o pastor Marcelo Moraes apresentam o programa. No meio da conversa do pastor com o "amigo" a imagem se divide em dois quadros: o lado esquerdo fica com o pastor Marcelo Moraes e o da direita mostra imagens do interior do templo maior lotado durante reunião presidida pelo bispo Márcio Carotti. Legenda: 1 - o tema de hoje é você! Qual o motivo de suas lágrimas? 33497390. Falaqueeuteescuto.mg@r7.com. 2 – Pastor Marcelo Moraes atende Amigo – Belo Horizonte, MG.	**Bispo Márcio Carotti (doravante BMC)**: então, nós estamos mostrando que tem solução, tem jeito sim. Então, o rapaz que nós atendemos, o Rodrigo pra você ver e todos que se encontram aqui... **não adianta você pode ir na casa de encosto, você pode procurar encosto, serviço de encosto, o que vai resolver é a fé**. É por isso que eu gostaria que todos que estão nessa situação, você escrevesse o seu problema, você vai escrever a situação que tá vivendo porque nós vamos trabalhar pra sua libertação, pra remover esse encosto, pra remover essa negatividade da sua vida e resolver o problema com a fé**. Independente da sua crença ou da sua religião, porque Deus é poderoso pra mudar toda e qualquer situação que você está vivendo.** E através da fé você vai reverter esse quadro da sua vida. Pastor Marcelo vai conversar com a próxima pessoa, é um amigo que está na linha. **Pastor Marcelo Moraes (doravante PMM)**: amigo, bom dia. **Amigo**: alô bispo, bom dia.

		PMM: pode falar, em que eu posso lhe ajudar? **Amigo**: ô bispo, eu quero uma libertação para a minha vida... porque eu tenho muitos póbremas, né? **Eu sou casado, mas tenho... tenho traído a minha esposa é... nessa área do homossexualismo,** eu queria me libertar. Já pensei em suicidar por causa disso, já pensei em tirar a minha vida, me sinto, me sinto incompleto, me sinto uma pessoa destruída, sem paz. Sou... sou um homem que faz tudo aqui dentro da minha casa, não deixo faltar nada mas me sinto, **quando eu... eu encontro com isso, com essa situação, eu sinto vontade de morrer.** Acho que Deus deveria olhar do céu e pensar: eu não sei porque eu criei uma pessoa dessa, né? (...) **PMM**: deixa eu falar uma coisa pra você. **Não é que Deus criou uma pessoa assim, é você que foi transformado nisso.** Por quê? Porque você não tá sozinho, compreende? Tem uma força maior amigo que lhe domina, você vê que faz coisa que você não quer fazer. **Você trai a esposa com outro homem e não quer trair, quer dizer, é uma coisa que lhe domina**. Essa vontade: ah, eu quero morrer, eu vou tirar minha vida, vou me suicidar**. Quer dizer, é uma força maior do que a sua força humana, e do que a sua capacidade**. Então, o que você precisa sozinho, impossível! O homem, um psicólogo, um psiquiatra, um doutor pode resolver seu problema? Não! **O único que pode resolver seu problema é um especialista que é o próprio Deus.** (...) **PMM**: agora precisa ir até ele. É o que o bispo Márcio acabou de falar aqui: **quando a pessoa está distante de Deus, ela está próxima do mal**. **Amigo**: certo. **PMM**: Se eu estou distante de Deus eu vou estar próximo de alguma coisa ruim. **Quando eu tô próximo de Deus aquilo que é de ruim se afasta de mim. Então, você precisar estar próximo de Deus. Não é uma igreja, não é religião. É buscar o Deus de Abraão**, o Deus que muda, que transforma, que traz a existência o que não existe. Olha, eu vou dizer pra você, esses dias é.. eu conversei... ele me procurou aqui, esse ra... **esse senhor, ele... frequentava casa de encosto e lá dentro ele era um pai de santo.** E ele tá vindo aqui agora. **E ele tava envolvido com tudo isso aí. Ele tá liberto, ele parou, ele largou tudo de errado**. Ele se transformou em outro homem. Domingo eu tava vendo ele aqui no cenáculo, é... ele até com o filho dele. Ele mudou em outra pessoa. Então, eu tenho certeza que o mesmo vai acontecer contigo. Você pode ter certeza disso**. A partir de hoje, Deus já vai começar a agir em você no seu interior, você vai parar de trair a sua esposa e você vai vir buscar esse Deus.** O mesmo Deus que está com a gente vai tá contigo. (...) **Amigo**: tá bom pastor. **PMM:** Levanta a cabeça, elimina esse pensamento:

		ah, eu quero morrer, quero que Deus me mate, que Deus não vai te matar. **Quem quer matar a pessoa é o próprio Mal, Deus quer dar vida**. E ele vai te dar muita vida e muita vitória. Ao decorrer aqui do programa você vai ver mais testemunhos e já deixa preparado o seu copo com água, eu tenho certeza que você vai se sentir bem e você vai ter força para chegar até a gente. Tá bom? **Amigo**: tá bom. **PMM**: um abraço. **Amigo**: outro, obrigado. **BMC**: e muito importante porque **nós estamos provando que tem solução através dos resultados**. (...) Nós temos entrevistado pessoas no altar, inclusive na sessão do descarrego, você vai ver, **trabalhos de libertação que nós fazemos na sessão para as pessoas ficarem livres do vício, da derrota, da amarração, do Mal que atormentam as suas vidas**. (...) **Esse trabalho tem ajudado as pessoas a se libertarem**. (...)

Um primeiro detalhe que observamos nesta participação por telefone consiste no termo "amigo", utilizado quando a pessoa prefere não revelar seu nome e muitas vezes pelos pastores quando estes se referem a quem os assiste. Conforme dissemos em outro momento quando descrevemos a linguagem televisiva, ao ser tratado por "amigo" cria-se um ambiente de intimidade ao se buscar estabelecer uma relação de confiança e proximidade com o público. Esta é uma característica que hoje a TV possui após passar por transformações na sua linguagem e relacionamento com o público (LEAL, VALLE, 2007, p. 2).

Não obstante, essa relação de proximidade que oferece um ganho ao se criar um vínculo afetivo e informal com o espectador, principalmente com aquele que participa pelo telefone, pode se revelar algo perigoso, como veremos no tópico sobre os problemas do ao vivo. O que aqui estamos queremos dizer é que uma vez criada uma relação não hierárquica com o participante abre-se para intervenções que podem escapar ao objetivo do programa. Exemplos: em uma edição uma mulher chama o pastor de "amor" e em outra um senhor o questiona sobre os pedidos por dinheiro feitos nos cultos da Universal. Retornaremos a estas polêmicas em outro momento, por ora vale ressaltar que o tratamento informal se repete na conversa.

Após relatar o problema, o pastor atua como conselheiro e médico. Fala para ele abandonar os pensamentos suicidas e ao analisar os "sintomas" identifica como causa da sua atração por outros homens a perturbação por uma força de origem maligna que o domina. Em seguida, prescreve o que o indivíduo deve ir a um templo da Universal para se "libertar" deste "mal".

Importante observar que nesse processo o pastor não apenas aconselha e sugere soluções, mas dota a história do sujeito de um novo sentido. Diferentemente do que ele pensa não foi "Deus que criou uma pessoa assim, é você [ele] que foi transformado nisso" por forças malignas. A prova disso é que ele faz algo que "não quer fazer". Se a causa é espiritual não adiantaria procurar "um psicólogo, um psiquiatra, um doutor", visto que o único que pode resolver o problema espiritual "é um especialista que é o próprio Deus".

Na fala do pastor e do "amigo" emergem alguns tensionamentos e disputas de sentido. O primeiro tange a sexualidade. É sabido que a Universal, tal como a maioria das igrejas cristãs, vê a homossexualidade como desvio e recomendam o celibato (Igreja Católica) ou procuram transformar os indivíduos em heterossexuais (NATIVIDADE, OLIVEIRA, 2007, p. 298). Algumas denominações evangélicas veem a homossexualidade como sinal de possessão maligna. No caso da IURD, o exemplo apresentado não deixa claro se ela possui essa postura mais agressiva. Não obstante, na edição de 29 de dezembro de 2013 da *Folha Universal* a IURD apresentou três casos de ex-homossexuais relatando a transformação no âmbito da sexualidade após conhecerem a Universal. Edir Macedo, por sua vez, em texto publicado em seu *blog* intitulado "Homossexualismo" condena o tratamento agressivo para com os homossexuais, estimula a acolhida, mas sem deixar de considerar o "homossexualismo" um pecado[39]. Não obstante, vale ressaltar que essa palavra tem conotação de doença, o que reaparece de certa forma na fala do participante, que se considera um rejeitado por Deus.

No caso em questão encontramos apenas alguns indícios que reafirmam a postura de Macedo. A fala do participante parece denotar certa "vergonha" quando ele fala que trai a esposa com homens. No tocante ao pastor, notamos que ele, ao condenar a atitude, ressalta não apena o ato da traição, mas o fato de ser com alguém do mesmo sexo que o participante. Assim, ele diz: "você trai a esposa com outro homem e não quer trair, quer dizer, é uma coisa que lhe domina". Embora cite a homossexualidade, ele não define se a relação com a força maligna está apenas no ato de trair ou no fato de a traição ser com uma pessoa do mesmo sexo. Acreditamos que a postura do pastor é a mesma de Macedo: de considerar a homossexualidade como pecado, mas com o cuidado de não demonificá-la de forma direta, talvez em função de possíveis processos.

---

[39]Para mais informações ver o texto no blog de Macedo. MACEDO, Edir. **Homossexualismo.** Bispo Edir Macedo, 6 fev, 2010. Disponível em: http://www.bispomacedo.com.br/tag/homossexualismo. Acesso: 20/01/2014.

Outros dois tensionamentos atingem o universo da ciência e das outras religiões que rivalizam com a IURD na sociedade brasileira. No que toca à ciência, a relação ambígua que identificamos no item 4.5.1 se repete. Naquela ocasião a ciência surge como derrotada por não conseguir curar e ao mesmo tempo como aquela que possui autoridade para atestar a cura milagrosa. Nesse caso, além de se dizer que "um psicólogo, um psiquiatra, um doutor" não podem resolver o "problema" do rapaz, mostrando a insuficiência do conhecimento científico, o pastor afirma que Deus é o "especialista" que ele deve procurar. O curioso é observar que mesmo ao apontar a superioridade da intervenção divina a figura de Deus é metaforizada como "especialista", sugerindo uma relação com a medicina e, portanto, com a ciência.

Já na referência a outras religiões a crítica é mais direta e agressiva, embora em outros momentos da análise identificamos alguns cuidados, como veremos no próximo item. Aqui, vale destacar o que já tínhamos abordado no terceiro capítulo. A Universal demoniza as religiões mediúnicas, em especial a Umbanda e o Candomblé como podemos ver nas referências às "casas de encosto". Na fala do pastor Marcelo Moraes ele dá exemplo de alguém que "frequentava casa de encosto e lá dentro era um pai de santo". Diz que a pessoa estava envolvida com "tudo isso aí" e que hoje é "outro homem" graças a Universal. As expressões "tudo isso aí" e "outro homem" não deixam claro se ele se refere à ligação com as forças malignas ou se o indivíduo em questão era homossexual e deixou de sê-lo. Na segunda hipótese haveria sim demonização da homossexualidade, além das religiões mediúnicas.

Após o "atendimento" do pastor Marcelo Moraes, o bispo Márcio Carotti também faz referências negativas ao mundo das relações mediúnicas, utilizando o termo "trabalho", que é comum nesse universo religioso. Assim, na lógica da Universal se de um lado tais religiões fariam trabalhos e prestariam serviços às forças malignas, de outro a Universal fornece a solução mágica para livrar a pessoa de tais espíritos a partir do que eles chamam de "trabalhos de libertação".

Ainda no tocante ao relacionamento com outras religiões, notamos um indício de um discurso de relativização da importância das mesmas quando o pastor Marcelo Moraes diz que a pessoa não deve buscar necessariamente uma igreja ou religião, mas sim o Deus de Abraão. Porém, é a Universal que oferece essa alternativa ao indivíduo. Deixaremos essa questão nesse ponto, uma vez que voltaremos a ela no item seguinte, no qual analisamos exemplos de problemas espirituais e o relacionamento da IURD com outras religiões e religiosidades.

Por ora, o que foi apresentado nos revela que os problemas vividos pelos personagens ao tomar forma nas intrigas que eles narram ganham outros sentidos quando suas narrativas se cruzam com as "linhas de força" da IURD. O caso dramatizado que transcrevemos no início do presente tópico nos mostra como uma história sem qualquer tipo de vínculo com alguma religião ou aspecto sobrenatural é resignificada pela Universal, que a insere no mundo narrativo por ela construído, um mundo no qual todo tipo de sofrimento é atribuído à ação de agentes das trevas que ceifam não apenas as almas dos seres humanos, mas também os condenam a uma vida marcada pelas mais diversas intempéries. O espectador tem apenas duas escolhas: continuar sofrendo ou aliar-se àqueles que combatem o Mal e podem tornar sua vida abençoada e feliz, a Igreja Universal.

4.5.5 – O problema espiritual e a tolerância aparente: a Universal e as outras religiões

Conforme afirmamos no fim do tópico anterior, a origem de toda perturbação é atribuída a males espirituais. A Universal lista 5 tipos de problemas que servem de tema para orientar seus programas e suas reuniões. O problema espiritual é ao mesmo tempo raiz dos outros e um problema específico. Em programas que têm como ênfase as reuniões de terça (*Sessão do Descarrego*) e sexta (*Desafio da Cruz*) este costuma ser o problema mais abordado pelos pastores. Também há produção de quadros específicos como matérias com ex-mães de santo que vão com as repórteres da IURD para portas de cemitérios e explicam os sacrifícios realizados nestes locais. Nas explicações sempre atentam para cada item presente nos pratos com as oferendas e falam em detalhes sobre eles, sempre enfatizando que foram preparados para destruir a vida de outra pessoa.

As participações de ex-mães de santo também se dão por meio de entrevistas gravadas nas quais elas realizam rituais. Como exemplo selecionamos um trecho do programa *Desafio da Cruz* exibido no dia 05/07/2012, em que o pastor Everton Mendes procura simular uma entrevista com dona Norma, que era mãe de santo, conforme se afirma em outros programas que contam com a participação dela. Os cortes bruscos e a pouca sintonia entre as falas nos mostram que a entrevista não foi ao vivo e muito menos havia qualquer indicação de que o programa o era. Como dissemos acima, há um grande esforço em se fazer com que os programas pareçam ao vivo. Voltaremos a este aspecto em outro momento.

Hora	Imagens/ descrição	Áudio
3h49	**Desafio da Cruz – 05/07/2012** Pastor Everton Mendes no estúdio. Ao fundo na tela há imagens de um filme sobre a vida de Jesus. Após comentar sobre "atendimento" que fez durante programa apresentado na rádio ele simula uma entrevista ao vivo com uma ex-mãe de santo. Ele pergunta e ela responde em um outro estúdio. **Legendas** – 1 – Você que está sofrendo ligue agora 33497390.	**Pastor Everton Mendes (doravante PEM):** (...) nós vamos agora saber da dona Norma sobre trabalhos que são realizados diariamente para destruições de vidas. **Eu queria que a senhora falasse, dona Norma, a respeito dos trabalhos realizados no rio.** Qual é a consequência? Pra que que ele é realizado nos rios? Queria que a senhora respondesse pra gente.
3h50	1 - Dona Norma é uma mulher adulta, está sentada em uma poltrona branca. Próximo a ela há duas velas brancas. Atrás dela se encontra um fundo em vermelho e negro e uma tela LCD com imagens de rios. Legendas: 1 – Rio: mais um dos pontos de ação do mal 2 – Pastor Everton Mendes no estúdio Legendas: encruzilhada: mais um dos pontos de ação do Mal 3 – Dona Norma responde no mesmo lugar de antes. Na LCD figura agora a imagem de uma encruzilhada. 4 – Pastor Everton Mendes no estúdio.	1- **Dona Norma**: quando o ritual é feito em rios com ondas, que seria um rio caudaloso é justamente isso. É pra que a vida da pessoa viva assim, como as ondas, uma hora está em baixo, outra hora tá em cima, uma hora tá em baixo, outra hora tá em cima. São aquelas pessoas que não têm uma disposição própria, que não têm um objetivo próprio. **Ele sempre está em cima e depois em baixo, ele quer uma coisa e depois não quer mais. São essas pessoas que foram muitas vezes vítimas de um ritual assim**. (...) 2 - **PEM**: Coisa forte heim dona Norma?! Agora, e trabalhos realizados, dona Norma, na cachoeira? E na encruzilhada? **Por favor, fala pra mim da encruzilha, dona Norma, porque às vezes no rio a pessoa não viu o trabalho, né?** Nas encruzilhadas, esquina em esquina você encontra feitiços, aqueles pratos, esses trabalhos da encruzilhada tem efeitos terríveis dona Norma? 3 - **Dona Norma**: numa encruzilhada assim completa, que é uma encruzilhada em cruz, é uma encruzilhada completa. **Existe ali entidades que atuam ali naquele local pra destruição, porque, aliás, todas elas vêm com uma capa de que vão fazer alguma coisa de bom na vida das pessoas, mas, na realidade, não acontece nada de bom. Acontece sim desgraças e desgraças grandes**, principalmente quando é feito alguma coisa numa encruzilhada. Ali, essas pessoas que são colocadas nos nomes ali, geralmente é pra que elas venham a perder a vida numa encruzilhada, numa estrada ou numa praça da direita ou da esquerda ou em frente. É pra que haja um acidente de carro e ali essas pessoas terminam a vida desse jeito**. Ou pra vida financeira, que a pessoa se sente, por muitas das vezes têm muito empresário que está numa verdadeira encruzilhada**. Ele não sabe pra onde ele deve seguir, se ele segue pra direita, pra esquerda, se ele vai adiante. Por quê? Esse trabalho que foi feito ali, esse ritual, foi feito pra deixar a cabeça dele confusa assim mesmo. (...) 4 - **PEM**: tá vendo só? E eu pergunto a você que tá assistindo o programa: quem está protegido? Quem tem a devida proteção? (...)

Após a fala do pastor Everton Mendes entram dois depoimentos em que as pessoas atribuem os males a pragas e trabalhos malignos. As duas mulheres afirmam que depois de fazerem o "tratamento espiritual" suas vidas mudaram para melhor. Quando o programa volta para o estúdio o pastor fala que tais pessoas passaram pelo "trabalho espiritual de libertação" no *Grande Desafio da Cruz* (reunião de sexta).

Interessante notar nesse vídeo o papel que a ex-mãe de santo ocupa. Em outros programas em que ela participa os pastores chegam a chamá-la de "especialista" do mundo sobrenatural, alguém que "já esteve do outro lado" e agora serve a Deus. Do ponto de vista da construção narrativa, dona Norma também ocupa este papel. Em suas intervenções ela não fala em nenhum momento para se procurar a Universal ou uma determinada reunião, apenas atua como uma fonte autorizada sobre as forças espirituais do Mal, atestando não apenas a veracidade dos rituais, mas também explicando detalhes e advertindo sobre os perigos dos mesmos.

Quadros como este acima atuam como um meio de se reforçar que o mundo que a IURD deixa ver em suas narrativas de fato existe. É o mundo das oferendas que todos encontramos no dia a dia nas encruzilhadas e portas de cemitérios, é o mundo das entidades espirituais da Umbanda e do Candomblé que são, como garantem os "especialistas", espíritos demoníacos. Como indicamos na parte teórica deste trabalho, o que ocorre não se trata de um questionamento da existência dos espíritos e entidades das religiões mediúnicas, mas de uma apropriação de elementos dessas religiões no interior da cosmologia iurdiana na qual eles são demonizados. Tal ressignificação vai além de dotá-los de sentido negativo, mas chega aos próprios rituais e termos utilizados pelos pastores e fieis, o que pudemos observar com frequência na Programação IURD, tal como o uso das expressões: "trabalho de libertação", "passe de luz", "passe de fé", "tá amarrado" etc.

No caso do termo "encosto" ele se transforma em um substituo para se referir a essas religiões sem citá-las nominalmente. No programa *Ponto de Luz* do dia 10/07/2012 o bispo Márcio Carotti assim o define durante uma participação por telefone:

> **Bispo Marcio Carotti:** Mas eu posso dizer que existe entre a senhora e seu esposo um encosto. **E quando nós falamos de encosto, se a senhora não sabe eu vou explicar, é um mal espiritual que se encosta** na vida da pessoa e muda a cabeça dela, muda o pensamento dela. O marido que dizia que amava hoje odeia, a esposa que dizia que ele era o mais importante, hoje tem nojo, se afasta, exatamente o que está acontecendo com a senhora. (PONTO

DE LUZ, 10/07/2012, 2h33)

Este "mal" pode se materializar tanto nas entidades da Umbanda e do Candomblé quanto nos espíritos do Kardecismo. Como já nos referimos acima, a utilização desse termo generalizante visa evitar possíveis ações na justiça por parte de membros dessas religiões. Dessa forma, as referências negativas permanecem, mas de forma velada. Nas falas dos pastores eles se propõem tolerantes e propensos a aceitar a diversidade religiosa. Isso fica aparece em uma fala do pastor Marcelo Moraes em uma edição da *Nação dos Vencedores* no dia 02/07/2012.

> **Pastor Marcelo Moraes**: Inclusive, olha só, hoje, ontem... ontem! Eu atendi um rapaz que era pai de santo e que veio aqui, assistiu a gente na madrugada, fez um desafio e veio aqui. **E graças a Deus ele já não é mais pai de santo, nada contra os pais de santos, porque a porta tá aberta pra você que é pai de santo, você que é padre, você que é católico, você que é espírita, você que é evangélico, você que é pastor, num importa**. E eu só tô falando isso porque eu conversei com esse rapaz ontem e ele tá super feliz, deixou de fazer o que ele fazia, largou tudo. Hoje tá começando aí com uma nova vida. Então às vezes você tá assistindo a gente, você quer vir aqui, mas você fica com aquele receio porque tem uma religião, porque você é católico, porque você é espírita, porque você é isso, você aquilo. E nada importa isso. Importa o seguinte: você é gente como a gente e nós queremos te ajudar, tá bom? (NAÇÃO DOS VENCEDORES, 02/07/2012, 1h53m).

O conflito fica marcado na fala do apresentador. Se por um lado ele procura se mostrar como acolhedor ao dizer que não importa a religião e afirmar não ter nada contra os pais de santos, por outro lado ele agradece a Deus pelo fato de a pessoa em questão ter abandonado "esta vida". O que remete a uma estratégia pela qual se procura combater qualquer tipo de resistência do espectador ir à Universal pelo fato de ela ser uma igreja. Isso explica a utilização do termo "reunião" no lugar de "culto" ou "celebração". Esse tipo de postura chega ao extremo em outros países como Portugal e Inglaterra, onde a IURD leva o nome de Centro de Ajuda (ou *Help Centre* no caso inglês), evitando-se, portanto, a palavra "igreja". Nos programas que compõem a Programação IURD, em algumas oportunidades se diz que não se está "apresentando uma igreja ou religião, mas ofertando uma solução". Assim, a IURD se mostra como uma prestadora de serviços espirituais que atende, a cada reunião, necessidades distintas e contrasta com as religiões afro-brasileiras, que na cosmologia iurdiana realizam trabalhos para o Mal. Desse modo, ela parece precisar se desvalorizar como igreja a fim de se buscar a adesão de um futuro fiel.

Ainda no tocante à relação com outras religiões, notamos um grande

silenciamento em relação à Igreja Católica e às demais igrejas evangélicas. Quanto à Igreja Católica, desde o episódio do "chute na santa" a Universal tem adotado uma postura mais comedida e delicada em suas críticas à igreja de Roma. Em relação às evangélicas, há um conflito aberto e declarado com o líder da Igreja Mundial do Poder de Deus, Waldemiro Santiago, mas que não foi mencionado em nenhum programa. Já em relação às religiões de matriz espiritualistas prevalece a posição de se aparentar tolerante, mas ao mesmo tempo condenar e combater. Em edição do *Ponto de Luz* do dia 13/07/2012, o bispo Márcio Carotti adverte que o fato de alguém ser bom não afasta as forças do mal. Assim, utiliza o Espiritismo como exemplo:

> **Bispo Márcio Carotti:** você pode observar que no nosso país as pessoas que fazem mais caridade normalmente vêm de uma descendência espírita. Os espíritas são os que mais fazem caridade no nosso país, você sabia disso? **Quer dizer, ajuda umas pessoas, mas servem os encostos. O mal não se importa de maneira nenhuma se você é uma pessoa boa** e não faz mal a ninguém, por isso que você vê tantas pessoas boas sofrendo. (...) Enquanto não houver essa batalha do bem contra o mal a doença não sara, o espírito do vício não sai, a amarração não é vencida. Você precisa entender isso. (PONTO DE LUZ, 13/07/2012, 5h42m)

Desse modo, faz-se uma concessão e logo em seguida se critica e condena, dizendo que fazer o bem não é suficiente, uma vez que os espíritas "servem os encostos". No que se refere à Umbanda e ao Candomblé as críticas são mais agressivas e recorrentes, mas também tem-se algum tipo de cuidado com os termos. Ao atender interagir com um participante pelo telefone o pastor Wanderson Ferreira diz a ele: "tudo indica que a sua família é muito invejada, quer dizer, entrou o espírito de confusão na família do senhor. Eu até sei o nome da entidade... **mas a gente não pode falar no ar**... que tá destruindo a sua família..." (PLANTÃO DA FÉ, 05/07/2012, 3h).

Os nomes das entidades nas poucas vezes que figuraram nos programas só surgiram na voz de pessoas que participaram ao vivo por telefone. Mesmo quando as pessoas as citam os pastores evitam mencionar os nomes. Por duas vezes na semana falsa que elaboramos ocorreram exorcismos ao vivo durante as participações por telefone, sendo que em uma delas a pessoa declarou que estava possuída pela "pombagira". Voltaremos ao exorcismo no próximo item, quando nossa análise se centra nos rituais.

A análise deste tópico e dos tipos de problemas que servem de temáticas para os programas que integram a Programação IURD nos permitiu perceber de que modo as narrativas se estruturam tendo por fundamento a onipresença do sobrenatural na vida

humana, afetando as diversas áreas de sua vida. As narrativas vistas por nós como dispositivos que fazem ver curvas de visibilidade, linhas de força e fratura nos permitiram perceber que no relacionamento com outras religiões a IURD tem procurado se afastar das polêmicas públicas e atritos com outras religiões, embora não consiga (e acreditamos que nem queira) se livrar completamente de tais conflitos, uma vez que eles formam o amálgama que lhe deu forma e constituiu seu modo de ser no mundo. Isso nos remete ao conceito de "igreja religiofágica" utilizado por Ari Pedro Oro (2007, p.30) para definir esse processo de apropriação de elementos de outras religiões e ressignificação dos mesmos. É uma forma da IURD se incorporar a um universo religioso já estabelecido, mas trazendo um modo próprio de lidar com tais referências, que no caso das religiões mediúnicas implica demonizar suas práticas e crenças.

Ao interpelar os indivíduos visando a constituí-los como sujeitos a Universal desvaloriza a importância das igrejas e procura não se mostrar como uma, mas sim como uma prestadora de serviços que oferece a solução que o indivíduo necessita. Fala-se da solução espiritual, mas não se reflete sobre textos da Bíblia. Estes só figuram quando se quer afirmar a fundamentação de alguma posição ou prática da igreja, como no uso do sal na reunião do *Jejum dos Impossíveis*. Afasta-se do religioso para fazer com que ele entre na vida dos espectadores que assistem. Este modo diferenciado de lidar com a religião também avança para a esfera ritualística e aponta para a reestruturação de rituais e experiências religiosas que em ambiência midiática ganham outra forma, como veremos no item a seguir.

4.6 – Pontos de sacralização: a mediação narrativa no ritual religioso-midiático

Ao fim do item anterior observamos que a Programação IURD muitas vezes busca referências que não estão circunscritas ao universo religioso para estruturar suas narrativas e procurar convencer o espectador a participar das reuniões promovidas pela igreja. O fato de se pouco utilizar a Bíblia nos programas também consiste em um forte indício disso. Aparentemente, isso poderia nos levar a contestar uma hipótese que aventamos no final do capítulo 3 quando questionamos se do mesmo modo que falamos em "midiatização da religião" poderíamos falar em uma "sacralização da mídia". Porém, cabe observar que por mais que a IURD busque referências diversas o religioso nunca é totalmente abandonado. Além das breves passagens do texto bíblico é importante observar a estruturação de rituais religiosos na mídia.

Como vimos anteriormente, Eliade (s.d, p. 81) e Ricoeur (2010c, pp. 179-180) salientam que os rituais religiosos constituem formas de mediação do tempo ordinário com o tempo mítico. É uma forma de contato com o Sagrado, de se passar de uma condição a outra, da realidade profana à realidade sacra. Na Programação IURD destacamos quatro modalidades de rituais que se constroem na intersecção do midiático com o religioso mediados narrativamente pelas falas dos pastores, quais sejam: orações, benção do copo com água, toque na tela da TV e exorcismos.

As orações podem vir separadas ou, como ocorre na maioria das vezes, juntamente com um dos outros rituais. Nelas, o pastor responsável pelo programa pede a Deus que abençoe a vida das pessoas, que as livre do sofrimento e lhes dê forças para ir a algum templo da Universal. Nas oportunidades em que ocorrem figuram no fim dos programas juntamente com a benção da água ou no decorrer dos mesmos quando algum participante por telefone solicita a benção. Apresentamos um exemplo que consta no programa *Plantão da Fé* do dia 05/07/2012. Durante o programa por várias vezes os pastores pediram às pessoas que preparassem seu copo com água para a benção.

Hora	Imagens/ descrição	Áudio
1h40	**Plantão da Fé – 05/07/2012** Bispo Marcio Carotti no estúdio.	**Bispo Márcio Carotti (doravante BMC)**:(...) Vamos agora unir a nossa fé e falarmos com Deus.
1h40	Entra música (letra ao lado) com imagens de pessoas chorando, discutindo, isoladas em meio a crianças brincando, rostos tristes. **Legenda**: oração pelas almas aflitas.	**Letra da música:** há muita dor/ que eu trago aqui/ não sei por onde começar/ vem me ouvir/ eu sou necessitado oh Deus/ ajuda-me/ depois de andar tantos caminhos/ me achego a ti/ eu tenho tanto a lhe falar/ da minha dor...
1h40	Algumas luzes do estúdio se apagam e o Bispo Márcio Carotti no estúdio faz oração com os olhos fechados. Mescla com imagens de cachoeiras.	**BMC**: nós sabemos, meu Deus, que muitas pessoas, elas trazem realmente uma dor. Como vimos aí, a dor da tristeza, a dor da separação, a dor da perda, do fracasso, da derrota. **Estenda a tua mão e liberta esta pessoa desse comodismo, liberta esta pessoa desse desânimo e faz um milagre acontecer.** Ilumina a mente desta pessoa pra que ela possa vencer suas lutas, dificuldades, obstáculos, barreiras e com a fé alcançar o resultado. **Nós abençoamos a todos, católicos, espíritas, evangélicos, essa pessoa, meu Deus, que está pela primeira vez acompanhando essa programação, que ela receba luz, vida e paz e tenha força pra estar conosco neste domingo**, o grande dia da diferença na vida de todos. Amém e graças a Deus.
1h41	Música volta. Imagens de pessoas se casando, sorrindo. Volta para o estúdio. O bispo porta um copo com água em uma de suas mãos e a bebe.Volta a música e imagens de pessoas sorrindo.	**Letra da música**: oh vem senhor meu Deus/ não tenho a quem clamar/ só tenho a ti Jesus **BMC**: vamos participar da água então com toda a nossa fé (bebe o copo d'água). **Letra da música**: escuta este clamor/ que eu faço em seu altar/ senhor vem me ajudar/

Interessante notar que no momento da oração algumas luzes se apagam e o próprio bispo fecha os olhos. Esse procedimento se repete com os outros pastores. Na Nação dos Vencedores os pastores costumam se ajoelhar ao lado de uma grande poltrona (o trono) sobre a qual se encontra uma bolsa com os nomes das pessoas que ligaram para a produção naquele dia pedindo conselhos e bênçãos. No que se refere ao fato de se apagar as luzes acreditamos ser uma marcação pela qual procura-se mostrar que este é um momento diferenciado dos demais, que exige um outro tipo de postura. Com o "fechar dos olhos" essa distinção fica mais explícita, remetendo-se a uma dimensão interior. As palavras do bispo são direcionadas a Deus. Ao "falar com Deus" e pedir que abençoe as pessoas demarca-se não apenas um lugar de autoridade, mas também reafirma-se a preocupação em ajudar a solucionar os problemas das pessoas. Não obstante a força da oração, ele lembra a importância da reunião para quem quer ter sua vida modificada.

Em outros programas em que há a benção da água os pastores pedem a Deus que a água abençoada dê forças às pessoas para que elas possam participar de alguma reunião promovida pela Universal. Em alguns momentos os pastores mencionam a água durante a oração, a qual é realizada nos mesmos moldes que a anterior.

> **Bispo Márcio Carotti:** O Senhor é grande pra resolver o problema. O Senhor é poderoso pra mudar a vida dos que sofrem. **Coloca a tua unção nessa água e a tua benção para que no momento que ela beber, participar, a força do senhor venha nascer no seu interior. Ela tenha disposição para te buscar, ela tenha disposição para lutar.** (,..) Que essa água seja ungida e abençoada e no momento que dela participarmos venhamos receber luz, forças, vida. O Senhor venha resplandecer o seu poder sobre todos aqueles que oram comigo neste instante. Amém e graças a Deus. Participe com toda a sua fé (bebe a água) (PONTO DE LUZ, 15/07/2012, 2h05)
> **Pastor Marcelo Moraes:** (...) coloca o teu poder desta água e ao beber dessa água, ah meu deus essa pessoa receba a vida e amanha senhor, ela vai ter força hoje para poder estar aqui conosco nessa segunda feira, hoje para poder lutar. (NAÇÃO DOS VENCEDORES, 09/07/2012, 2h36)

O ritual da benção do copo com água na mídia eletrônica são práticas comuns há décadas tanto na Igreja Católica, quanto em algumas denominações cristãs evangélicas. De acordo com o pesquisador Celso Alfaro Malheiros (2008), no Brasil o programa de rádio "A Hora da Ave Maria", transmitido nos anos 1954-1955 pelo radialista Pedro Geraldo Costa e que contava com a participação do padre Donizete Tavares de Lima, foi o primeiro de que se tem conhecimento que fez uso da benção do copo com água. Na TV, um dos pioneiros foi o pastor americano RexHumbard, televangelista de sucesso

nas décadas de 70 e 80.

Para nós interessa notar que a oração e a benção do copo com água emergem na Programação IURD como momentos diferenciados que marcam um contato direto com o Sagrado. A oração visa uma transformação imediata via um poder sobrenatural na vida daquele que acompanha o programa. A água, por sua vez, passa por um ritual de sacralização ou, também poderíamos dizer, de consagração, a partir do qual passa a dizer de uma realidade outra, que coloca o sujeito em sintonia com a divindade. No entanto, se antes tal experiência era possível apenas na condição de uma simultaneidade espaço-temporal entre o representante religioso e o fiel, com a mídia tal experiência transcende esta necessidade, conformando novas formas de se experimentar o Sagrado.

O mesmo ocorre quando os pastores estendem a mão em direção à câmera e fazem orações dizendo que o poder espiritual deles vai passar para quem os assiste. Nas participações por telefone se pede para que a pessoa coloque a mão na parte do corpo em que sente dor a fim de que seja curada. Em outras os pastores solicitam às pessoas com quem interagem pelo telefone para colocarem sua mão na tela "junto a dele" a fim de que sejam livres de qualquer sofrimento. Vejamos dois exemplos extraídos de edições do *Plantão da Fé* apresentadas pelo pastor Diogo Brant.

> **Pastor Diogo Brant:** eu queria que você ligasse e falasse comigo, **você vai colocar as suas mãos nas minhas mãos para que juntos eu possa passar pra você daqui do estúdio a energia que há em mim** para que você possa vencer essa situação. (PLANTÃO DA FÉ, 09/07/2012, 3h22)
> **Pastor Diogo Brant:** Estende a mão na minha direção aqui, coloca a mão da senhora na minha mão (estende a mão em direção à câmera), dá pra colocar?
> **Angelina:** dá...
> **Pastor Diogo Brant:** Então... deu pra colocar? Então... feche os olhos da senhora. Meu Deus, eu desbloqueio os caminhos dessa senhora agora e a força do mal que impede (....) eu desbloqueio os seus caminhos em nome de Jesus. Fala assim comigo: meu Deus, **eu recebo essa força, esse desbloqueio dos meus caminhos**. (Angelina repete o que o pastor diz) Amém. Tá? (PLANTÃO DA FÉ, 02/07/2012, 2h24)

O toque de mão através da TV já era utilizado por televangelistas americanos como Oral Roberts, de acordo com Assmann (1986, p.35) um dos primeiros a adotar tal prática. Mais uma vez estamos diante de outra ritualidade que se estrutura quando mídia e religião se atravessam. Ao analisar diversos programas religiosos televisivos, Fausto Neto (2003) observa certa recorrência dessas práticas que envolvem o tocar, seja no copo de água, na parte do corpo doente ou na tela. Em sua análise o autor ressalta que as religiões se organizam midiaticamente como "religiões do contato". Assim, o corpo não

desaparece nas transmissões dos programas religiosos, mas, pelo contrário, é interpelado a todo o momento a mergulhar em uma ambiência que é ao mesmo tempo midiática e religiosa ao executar as ações que lhes são pedidas.

No exemplo apresentado acima o toque na tela é reivindicado como forma de se conectar o espectador que necessita da benção e o pastor que a oferece. A TV se converte em "ponto sacro", em lugar por onde a "energia" que o pastor emana se encontra com as forças malignas que atormentam o indivíduo e a destroem a fim de que ele encontre paz em sua vida. Ao obstáculo imposto pela distância física a IURD e outras igrejas respondem ao configurar midiaticamente uma experiência com o Sagrado que demanda uma intervenção direta sobre o corpo. Este aspecto também pode ser observado nos exorcismos por telefone.

Na semana falsa que construímos eles ocorreram apenas em duas oportunidades, ambas ao vivo, em que as pessoas manifestaram os espíritos enquanto conversavam com os pastores. Em um dos casos o pastor Luciano Machado não conseguiu livrar a pessoa da possessão e pediu para que outro pastor na produção continuasse o atendimento, alegando que no programa era impossível fazer "todo o trabalho de libertação" (PROGRAMA SEM NOME, 13/07/2012, 1h49). Voltaremos a este caso no próximo item quando discutimos as implicações decorrentes do ao vivo. Por ora fiquemos com o outro exemplo ocorrido no dia 05/07/2012 em edição do *Plantão da Fé* que contou com os pastores Wanderson Ferreira e Isaías Ribeiro.

Hora	Imagens/ descrição	Áudio
3h17	**Plantão da Fé – 05/07/2012** No estúdio os pastores Wanderson Ferreira e Isaías Ribeiro se revezam na apresentação do programa. Legendas: Pastor Isaías Ribeiro atende Meire – Contagem – sofre com problemas espirituais.	**Pastor Wanderson Ferreira (doravante PWF)**: olha, vai sim, vai se transformar sim. Nessa sexta-feira em todos os cenáculos do Espírito Santo essa corrente forte de libertação, a quebra de todas as maldições. Nós temos uma pessoa na linha pastor Isaías. **Pastor Isaías Ribeiro (doravante PIR):** vamos atendê-la então. Alô, bom dia... **Meire**: (não dá pra compreender) **PIR**: Com quem eu falo? **Meire**: com a Meire, pastor... (...) **PIR**: ô Meire, em que posso lhe ajudar minha amiga nessa madrugada? **Meire** (enquanto fala podem-se escutar vozes ao fundo): olha, hoje eu manifestei, o obreiro está aqui agora. E eu tava manifestada aqui e eu não sabia o que... (fala algo incompreensível) o obreiro tá aqui. **PIR**: mandou embora? O mal foi embora? (...) **PIR**: muito bem, agora você tem que tomar atitude.

		Meire: tá. **PIR**: Você sabe que o mal... Deixa eu te explicar uma coisa. Você tá me vendo, não tá? **Meire**: tô te vendo. **PIR**: xô te falar uma coisa. Deus trabalha com a fé. A fé... **Voz masculina grita:** tá manifestando pastor! **(Som de alguma coisa caindo)** **PIR**: Alô? **Voz ao fundo**: manifestou. **(Risada feminina debochada)** **PIR**: ô... ô... **Voz masculina**: manifestou aqui pastor. **PIR**: é? deixa ele perto aí da, da, da, da tevê aí... **Voz**: sim, senhor. **PIR**: **deixa ele perto aí, bo... bota o telefone aí no, no, na boca dele, no ouvido da, da pessoa aí. Quem é você que tá aí?** **Meire (voz rouca): a pombagiraaaa** (difícil de compreender). **PIR**: como é que é? **Meire** (voz rouca): a pombagiraaaa... **PIR**: que que você quer fazer na vida dela? **Meire** (voz rouca): eu vou prostituir ela (...). **PIR**: você quer jogar ela na prostituição, é? **Meire** (voz rouca): eu vou... **PIR**: o quê que você ganhou pra entrar na vida dela? **Meire** (voz rouca): muito dinheiro... **PIR**: muito dinheiro, é? Quanto em dinheiro que você ganhou? **Meire** (voz rouca): (incompreensível) mil reais... **PIR**: quanto? **MEIRE**(voz rouca): (fala algo incompreensível) **PIR**: quanto? **MEIRE** (voz rouca): 3 mil reais... **PIR**: 3 mil reais... **Meire** (voz rouca): eu consegui... **PIR**: Aí, Tá vendo ô pastor Wanderson, **depois a gente que é ladrão, heim? Nós que somos ladrões pra tirar dinheiro das pessoas**. **Meire** (Risada debochada) **PIR:** E você tá fazendo o que na vida dela? **Meire** (voz rouca): eu tô colocando casado na vida dela... (difícil de compreender). **PIR**: quem é o mais forte aí no corpo dela? **Meire** (risada) **PIR**: tá amarrado aí**! Mantém o corpo dela amarrado aí, perto ao televisor.** Quem é o mais forte aí que tá no corpo dela? **Meire** (voz rouca): (fala algo difícil de compreender, o que continua durante a fala do pastor). **PIR**: como é que é? **Meire** (voz rouca): é um homem... **PIR**: quem é o mais forte que tá no corpo dela? **Meire** (voz rouca): (falar alto quase gritando). **PIR**: então manifesta o Lúcifer, o mais forte amarrado aí. **Meire** (voz mais masculinizada grita expressando revolta e dor): aaaaaaaaaaaahhhh, ooooooooohhhh **PIR**: **amarrado aí! Ninguém vai tocar nela**. E tá

		amarrado aí. Quem é você que tá aí? **Meire** (continua gritando enquanto ele fala). **PIR:** heim? **Meire** (tom de voz rouca, mas um pouco diferente da anterior): foi você que me chamou, seu fraco... **PIR**: e presta atenção, amarra um no outro aí agora. **Todos os trabalhos que foram feitos sejam, sejam desfeitos aí agora.** Vamos lá, começa a amarrar um no outro aí. **Tem quantos aí no corpo dela?** **Meire**(com tom de voz rouca apenas continua dizendo "ahhh, ahh") **PIR**: Tem quantos no corpo dela? **Meire** (voz rouca): tem dois (incompreensível a continuação). **PIR**: dois? Então amarra um no outro aí. **Amarra um no outro aí que vocês vão pro inferno agora. Amarrado aí!** Meu Deus, em nome do senhor Jesus. **Meire** (começa a gritar mais forte). **PIR**: **Meu Deus penetra o teu fogo aí agora e queima esses bicho ruim aí agora. Todos os trabalhos, toda obra de macumbaria, feitiçaria, inveja, olho gordo, olho branco... amarra tudo aí**. Amarra um no outro. **(gritos ao fundo)** **PIR**: Vai! Amarra um no outro. Em nome do Jesus que te venceu na cruz e no deserto. E você é vencido agora! Em nome de Jesus! Em nome de Jesus! Sem machucar o corpo dela, sem jogar o corpo dela no chão. Vai embora. Em nome de Jesus sui (não dá pra entender – gritos ao fundo cessam quando ele diz isso). Em nome de Jesus sui. Meire? **Meire**(voz normal): oi. (...) **PIR**: Respira fundo aí. **Estenda a mão pra mim aqui, oh** (estende a mão em direção à câmera). Que Deus te abençoe em nome de Jesus. Meire,presta atenção, você tá na fé? **Meire**: tô na fé. **PIR**: Meire, você tá na melhor época da igreja que é a campanha de Israel. Ô, Meire é a tua chance. **Você não pode olhar nem pra direita, nem pra esquerda, você tem que olhar pra Deus**, cê tem que olhar pro altar. **Meire**: ah tah. (...) **PIR**: vai na sua fé porque Deus é contigo. Nessa sexta feira vai de novo na igreja. Você vai no domingo na igreja? **Meire**: vou... (...) **PIR**: Deus te abençoe. Deus abençoe a todos que estão aí, tá bom? **Meire**: tá bom (outras pessoas respondem também mas não dá para compreender). **PIR**: fica com Deus. **Meire**: fica com Deus. **PIR**: tchau. Pastor Wanderson tá aí.

O exorcismo agrega algumas características das modalidades ritualísticas expostas anteriormente, tais como: a ênfase na relação com a tela (estender a mão para onde a mão do pastor está) e a ação direta no corpo, tal como ocorre no ato de tomar a água ou se colocar a mão em alguma parte em que se sente dor. Porém, enquanto na benção do copo com água e na oração todo o público participa dos rituais, no exorcismo a ação é sobre apenas um participante. Não obstante, enquanto nestes dois últimos a comprovação da efetividade do mesmo fica por conta das experiências individuais, no exorcismo todos podem ver o "resultado".

O exorcismo midiático ao mesmo tempo em que "comprova" a existência das forças malignas e demoniza as entidades das religiões afro-brasileiras (caso da pombagira), mostra a força espiritual dos pastores da Universal em livrar as pessoas das mesmas. Estes parecem ser dois objetivos claros, uma vez que o pastor se prolonga na conversa (quase uma entrevista) em vez de simplesmente expulsar de vez o espírito. Desse modo, demonstra-se ao público quem eles são e o que podem provocar na vida da pessoa. Mais um motivo para se aliar à Universal e se afastar de tais perigos.

Por fim, o exorcismo midiático consiste em mais um ponto pelo qual um ritual que antes demandava a presença física se reconfigura. Assim, pede-se à pessoa que acompanha Meire que a coloque próxima à TV e deixar o telefone para que seja exorcizada. Tanto ele como os outros constituem modos de configurar uma experiência religiosa que ganha contornos midiáticos, ainda que na forma de uma religiosidade diferente da tradicional.

Assim, nas narrativas religioso-midiáticas que constituem a mediação entre o público e essa outra religiosidade a TV se converte no ambiente por meio do qual o indivíduo tem acesso a uma realidade superior, sagrada. No entanto, essa sacralização da TV e da mídia é apenas momentânea. Em minutos ou horas volta-se para conteúdos não sacros. Por isso falamos no título desse tópico em pontos de sacralização. Os rituais que observamos na Programação IURD emergem como momentos em que a conexão com o Sagrado se dá a partir de uma estruturação que é simultaneamente midiática e religiosa configurando modalidades de experiência religioso-midiática em que a ênfase no contato vem como uma forma de se suprir o fato do representante religioso e um possível fiel não ocuparem o mesmo espaço.

Isso significa que na midiatização da religião há em alguma medida sacralização da mídia. Neste trabalho preferimos adotar o termo "ponto de sacralização", uma vez que entendemos que esta não se dá por completo. Outros produtos midiáticos podem

revelar construções diferenciadas. Uma missa (ou culto) transmitida ao vivo por completo demanda um tempo de vivência sacra diferenciado daqueles que investigamos aqui. Além de ser mais longa, no caso da missa há muito mais uma adequação da mídia para se midiatizar a missa do que propriamente uma reconfiguração da cerimônia em virtude da presença da TV e do rádio. Outra frente investigativa poderia procurar inferir por meio de pesquisa de campo a experiência de pessoas que acompanham tais programas sobre o modo com elas vivenciam tais cerimônias e rituais e os dotam de sentido. Esta é uma questão que não temos condições de responder no momento e que deixamos para estudos futuros.

Por ora, é importante ressaltar que a dimensão narrativa constitui a mediação necessária para que se deslize dentro da própria Programação IURD de um plano "profano" para outro "sagrado", visto que os programas articulam referências que ultrapassam o estritamente religioso. É pela mediação narrativa que se define a possibilidade de se destacar momentos para modalidades de experiência sagrada que se distinguem dos demais. Ampliando essa discussão, podemos pensar na localização da Programação IURD na inserção da programação habitual como um momento de deslocamento não apenas do "profano" para o "sagrado" mas também da lógica televisiva que prima pela audiência.

Em 2010 a Universal pagou 482 milhões à Record por seus programas nas madrugradas, quantia que corresponde a 25% do faturamento da TV, o que para uma faixa de horário em que a audiência é relativamente baixa consiste em um valor muito elevado[40]. Isso contrasta, por exemplo, com o programa *Show da Fé*, de propriedade da neopentecostal Internacional da Graça, que é veiculado no horário nobre na Rede Bandeirantes. A Band por vezes cogitou retirar o programa do ar devido aos seus baixos índices de audiência e por não ver com bons olhos o fato de se ter um programa vinculado a uma instituição religiosa na sua principal faixa de horário. No entanto, as altas cifras pagas pela Internacional da Graça fizeram-na voltar atrás[41].

Na Record, por outro lado, esse "problema" é evitado pelo fato da emissora estar

---

[40]Fonte: FELTRIN, Ricardo. Universal injetou R$ 482 milhões na Record em 2010. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po1506201116.htm. Acesso: 07/01/2014. Para outras informações consultar também: JORNAL NACIONAL. Emissora de televisão nega superfaturamento. Disponível em: http://jornalnacional.globo.com/Telejornais/JN/0,,MUL1273637-10406,00-EMISSORA+DE+ELEVISAO+NEGA+SUPERFATURAMENTO.html. Acesso: 07/01/2014.

[41]Para mais informações consultar: JÍMENEZ, Keila. Prestes a sair da Band por baixa audiência, RR Soares diz que ibope é coisa do "capeta". Disponível em: http://outrocanal.folha.blog.uol.com.br/arch2011-08-14_2011-08-20.html. Acesso: 05/11/2012.

ligada à Universal via seu acionista majoritário, o bispo Edir Macedo. Parece haver, portanto, duas preocupações: a primeira em se descolar a igreja do canal de TV; e a segunda, em se maximizar os lucros da emissora deixando os horários mais valorizados para outro tipo programação que atraia potencialmente uma audiência maior, reservando-se a faixa da madrugada à Universal, sem que isso implique qualquer tipo de perda financeira, muito pelo contrário, visto que o valor pago é bem superior aos arrecadados por outras emissoras no mesmo horário.

Como podemos ver, o religioso, para figurar na mídia, além de se articular a uma linguagem própria de cada veículo, também deve obedecer a necessidades de ordem financeira e interesses estratégicos. Nessa pesquisa, tais questões não consistem no foco de nossa análise embora perpassem nosso objeto de estudo, conforme indicamos acima. Fechamos este parênteses para voltarmos nossa atenção para outro aspecto que é de fundamental importância para entendermos a Programação IURD: o ao vivo e a sua linguagem.

4.7 – O ao vivo como problema ou como solução

A perspectiva do dispositivo que utilizamos neste trabalho a partir de autores como Foucault (2001) e Deleuze (1996) nos permite perceber como linhas de força se cruzam e se tensionam nos processos de subjetivação a que os indivíduos são interpelados a tomar parte quando em contato com os dispositivos. Agamben (2005), embora avance ao pensar a mídia como dispositivo, apresenta uma perspectiva negativa e a nosso ver um pouco estreita sobre as possibilidades de interferência dos indivíduos nos dispositivos, conclamando-os a profaná-los. Conforme indica Mozahir Salomão Bruck (2001), Agamben acaba por ir de encontro a Foucault nesse aspecto, uma vez que na sua visão do dispositivo "desconhece ou recusa na sua fonte conceitual a percepção autônoma, dinâmica, cinética, deslizante e de interminável devir dos dispositivos" (BRUCK, 2011, p. 13).

Essa discussão que fizemos no primeiro capítulo nos ajuda a refletir sobre o papel do "ao vivo" na Programação IURD e na TV. Como indicamos ao fim do terceiro capítulo o "ao vivo" traz consigo mais do que simplesmente o fato de ser uma transmissão em tempo real, ao implicar um rearranjo da linguagem utilizada e exigir cuidados que os programas gravados não necessitam, já que podem ser posteriormente editados e, assim, qualquer erro eventual pode ser eliminado. Na análise da

Programação IURD notamos que há um esforço no que se refere à inserção do “ao vivo”.

Dos 54 programas veiculados na “semana falsa” que construímos em 24 deles se explicita que se trata de programas ao vivo por meio de legendas na parte superior da tela ou pela fala dos pastores. A quantidade é considerável, tendo em vista as dificuldades de “sustentar” um programa ao vivo por muito tempo. Nos restantes não há qualquer indicação quanto ao fato. Pelo contrário, é notável uma preocupação em fazer com que eles se pareçam ao vivo. Algumas evidências: não se menciona quais são reprises; há atendimentos por telefone naqueles em que inexiste qualquer demarcação se são ao vivo; em nenhum momento os pastores falam em datas ou utilizam advérbios de tempo mais precisos como “hoje” ou “amanhã”, mas apenas falam o dia da semana quando convidam para alguma reunião; no trecho analisado no item 4.5.5 o pastor Everton Mendes simula uma entrevista ao vivo com a ex-mãe de santo dona Norma.

Obviamente, tal preocupação tem a ver com o que o ao vivo propicia, a saber: uma sensação de confiança, proximidade e liberdade. O fato de habitarem o mesmo tempo pode dar uma ideia de maior autonomia por parte daqueles que apresentam, que podem mudar o rumo do programa a qualquer momento, o que faz com que se passe a impressão de que não há um roteiro estruturado. Da mesma forma, os riscos que se correm aproximam a realidade do espectador com a do programa, visto que ambos estão sujeitos a imprevistos e desventuras a qualquer instante. Por fim, a possibilidade de intervenções do público durante o programa passa a sensação de que ele é democrático. Esse conjunto de fatores pode vir a facilitar o estabelecimento de uma relação de confiança do público para com o programa, objetivo que claramente se procura alcançar na Programação IURD visto que seu objetivo maior é convencer as pessoas a irem ao templo.

Logo, poderíamos afirmar que o ao vivo constitui uma linha de força desse dispositivo religioso-midiático. Porém, ele também pode dispor a Programação a linhas de fratura. Casos como o do “trote da bunda” que mencionamos anteriormente fazem com que os programas da Universal se tornem motivo de gozação e crítica na rede. Nos programas analisados não encontramos um exemplo dessa expressão. Não obstante, em alguns momentos pudemos verificar situações de tensão e até mesmo de questionamento de práticas da Universal durante os programas.

Em mais de uma oportunidade o pastor Luciano Machado reclamou da equipe de produção do programa atribuindo problemas na hora de se colocarem VTs ao fato de o

programa ser ao vivo. No início do programa *Terapia do Amor* do dia 10/07/2012 ele reclama estar sem retorno, solicita a entrada de uma chamada e justifica os problemas: "põe uma chamada a gente volta... põe ai... tamo um pouco enrolado, programa ao vivo" (TERAPIA DO AMOR, 10/07/2012, 1h53). Após a chamada ele novamente reclama.

> **Pastor Luciano Machado**: Tá no ponto? Não? Pastor Rafael ajuda aí (...). Tem alguém na linha produção? Não tem nada. Porque não tem nada pra eu chamar, não tem matéria, não tem... ah tem a matéria? Glória a Deus! Vamos à matéria e daqui a pouco nós voltamos! (TERAPIA DO AMOR, 10/07/2012, 1h57).

Na *Terapia do Amor* do dia 05/07/2012 o mesmo problema já tinha ocorrido. As duas edições do programa não possuem abertura e vem logo após outro programa ao vivo, fator que de acordo com o pastor também contribuiu para que as falhas acontecessem.

> **Pastor Luciano Machado:** Eu quero é... **colocar uma matéria, não sei se a produção conseguiu a... no momento que eu tava falando, tava entretido com o outro programa, não colocou no ponto? É simples, aqui, oh. É essa matéria aqui (PEGA PASTA), coloca no ponto aí pra mim.** Nós estamos ao vivo, NPTA, NTPA, é... 202, relacionamento problemático com um final triste. Essa matéria que eu gostaria que você colocasse no ponto. **Eu já tinha pedido antes, mas devido à gente tá ao vivo, ter começado um novo programa, aí veio aqui pra cá... programa... pessoal aí da produção de repente não prestou a atenção na hora que eu pedi**. Mas coloca no ponto aí: relacionamentos que acabam de uma hora pra outra, relacionamentos que chegam ao fim. (...) E agora o seu coração se encontra triste porque deu tudo errado. Tá no ponto a matéria? Pode colocar então produção. (TERAPIA DO AMOR, 05/07/2012, 1h43).

O pastor Luciano Machado atribui a culpa das falhas à produção do programa e ao fato de o programa ser ao vivo. O ao vivo aparece como um fator problema, mas ao mesmo tempo não se deixa de salientar sua importância, dado que a justificativa é de que os erros eventuais são o preço a pagar por ele.

Nos exemplos a tensão emerge devido a um problema de ordem técnica. Em outros momentos as participações por telefone colocam os pastores em situação delicada. Dois exemplos chamaram a nossa atenção. O primeiro diz respeito a um questionamento do espectador sobre os pedidos de dinheiro no templo. O segundo já foi mencionado no item anterior e corresponde a um exorcismo por telefone que foi mal sucedido. Vamos ao primeiro.

Hora	Imagens/ descrição	Áudio
1h53	**Nação dos Vencedores – 02/07/2012** Pastor Marcelo Moraes no estúdio. Durante a conversa ele caminha pelo estúdio. Legendas: 1 – Firme um pacto com Deus. (horários e endereço do templo maior). 2 - Ligue e deixe seu nome para oração no trono de Jerusalém. 3 - Pastor Marcelo atende Eduardo – está sofrendo	**Pastor Marcelo Moraes (doravante PMM)**: fala sô Eduardo, que que eu posso te ajudar? **Eduardo**: sim senhor, tá bom? **PMM**: tudo bem. **Eduardo**: ah, aqui tá muito bão**.** Eu tive aí num dia, é...**até um real cês pediram. Como é que vai ser? Fazer pacto com Deus. Por quê?** **PMM**: que que o senhor deseja? **Eduardo**: **pagar... é... pacto é pagar?** **PMM**: o pacto? **Eduardo**: é... **PMM**: **não... o pacto quando, quando você chegar aqui hoje...** **Eduardo**: peraí, fala um pouco mais alto. **PMM**: você quer fazer um pacto com Deus? **Eduardo**: num sei... talvez. **PMM**: então, o senhor vem aqui hoje que eu vou te explicar como faz um pacto com o Deus de Abraão. **Eduardo**: não, eu num posso andar. Eu quebrei o fêmur. **PMM**: não entendi. **Eduardo**: quebrei o fêmur. **PMM**: quebrou o fêmur? **Eduardo**: é. **PMM**: o senhor não anda? **Eduardo**: não, num posso. **PMM**: há quanto tempo? **Eduardo**: um ano. **PMM**: então o senhor tá sofrendo? (...) **PMM**: além do problema de saúde, o senhor não poder andar, o que mais que acontece com o senhor? **Eduardo**: Não, além do problema de saúde nada. **PMM**: o senhor tá um ano sem trabalhar, o senhor trabalhava fazendo o que antes? **Eduardo**: ah, grande empresa. **PMM**: o senhor quer que eu mande buscar o senhor aí hoje? **Eduardo**: mas não tem como andar. **PMM**: tem problema não, eu mando um carro aí buscar o senhor aí hoje. **Eduardo**: não, quem dera, hoje não posso não. **PMM**: mas então o que senhor deseja então? **Eduardo**: eu queria saber o que que a igreja pode fazer por mim. (pastor começa a falar, mas ele não deixa continuar). Eu já tive aí uma vez... até foi... deixa eu lembrar o nome aqui... foi uma... **PMM**: o senhor teve uma vez e nessa época o senhor tava andando? **Eduardo**: na época tava. **PMM**: o senhor voltou? **Eduardo**: ahn? **PMM**: o senhor voltou ou só veio uma vez? **Eduardo**: não, só fui uma vez. **PMM**: **então, aí é o que acontece.** **Eduardo**: **Não, não aconteceu nada**. **PMM**: o que acontece... **Eduardo:Eu não pude ir de novo.**

		PMM: então, mas o que que acontece. **Eduardo**: Foi oração de não sei o que lá... de... de... descarrego. **PMM**: tá bom, o senhor veio na sessão do descarrego, tá bom. **O senhor veio uma vez só.** **Eduardo**: fui convidado por uma sócia sua. **PMM**: então, olha só. **O senhor veio uma vez e não voltou. Agora o senhor não consegue andar, a sua vida tá destruída, o senhor não anda**... mas o senhor tem 45 e o senhor não pode entregar a vida assim. **Eduardo**: não, fiz 45 sexta. **PMM**: então, o senhor não pode entregar assim os pontos. **Eduardo**: **não entreguei não. Quem falou que eu entreguei?** **PMM**: então, então nós vamos...se o senhor quiser ajuda nós vamos ajudar o senhor. (...) **PMM**: tá bom. Se o senhor quiser, se o senhor quiser, eu posso pedir alguém depois pra buscar o senhor de carro pro senhor vir aqui pra gente fazer uma oração pro senhor ficar liberto, pra Deus curar o senhor, pra Deus dar saúde pro senhor, pro senhor voltar a viver. Tá bom? **Eduardo**: **voltar a viver não, vivo eu tô.** **PMM**: não, eu sei, eu tô falando voltar a viver, é viver sua vida normal, trabalhar... (...) **PMM**: então tá bom, então o senhor não desliga não, que eu vou pedir um pastor para conversar com o senhor, ele vai orientar o senhor direitinho e se o senhor... ele orientando o senhor, se o senhor quiser fazer o que nós vamos te orientar, Deus vai mudar a sua vida, tá bom? **Eduardo**: (fala algo difícil de entender sobre o endereço). **PMM**: oi? **Eduardo**: tá comentando o endereço aí. **PMM**: isso, não desliga não, por favor. **Eduardo**: já conheço aí tudo. **PMM**: tá bom, mas não desliga não que o pastor vai conversar. Conversa com ele lá (fala olhando para o lado), por favor.

Podemos perceber vários pontos de tensão neste diálogo. O primeiro diz respeito ao questionamento de Eduardo sobre os pedidos de dinheiro feitos durante os cultos da Universal. Como se sabe, a Universal sempre esteve envolvida em acusações de exploração financeira da fé tendo enfrentado, inclusive, processos na justiça. Em algumas oportunidades os pastores falam nos programas para as pessoas não terem preconceito para com a igreja. Durante o ritual de exorcismo por telefone ocorrido na edição do *Plantão da Fé* do dia 05/07/2012 (trecho reproduzido no item anterior) o pastor ironiza esse tipo de acusação após a entidade que se manifestou na pessoa dizer

que ganhou 3 mil reais com o trabalho. O pastor Isaías Ribeiro diz: “Aí, tá vendo ô pastor Wanderson, depois a gente que é ladrão, heim? Nós que somos ladrões pra tirar dinheiro das pessoas” (PLANTÃO DA FÉ, 05/07/2012, 3h17).

As referências a esta polêmica surgem de forma pontual sem que os pastores se prolonguem sobre ela. No tocante à fala do pastor Isaías Ribeiro, a forma de defesa consistiu na transferência da acusação para as religiões mediúnicas, em especial a Umbanda e o Candomblé, considerados pela IURD adversários no mundo espiritual. Em relação ao exemplo acima, o pastor Marcelo Moraes adota um tom evasivo diante da pergunta “pacto é pagar?” dizendo que explicaria ao participante quando ele fosse ao templo da Universal. A partir daí a conversa toma outro rumo e eles não voltam a falar sobre o assunto.

Interessante notar que os programas em nenhum momento falam em pedidos de dinheiro, muito menos em compras de produtos da igreja, tal como ocorre nos programas de RR Soares e Waldemiro Santiago. Durante os testemunhos de sucesso os fieis dizem que fizeram o sacrifício e depois prosperaram. Na prática o sacrifício consiste nessa doação financeira. As pessoas entrevistadas nunca falam os valores ofertados, mas apenas o quanto prosperaram financeiramente ou obtiveram milagres depois de realizarem o sacrifício tal como os pastores instruíram.

A nosso ver a postura da Universal na Programação IURD é de evitar esbarrar em temas que poderiam lhe causar algum desconforto ou mesmo gerar ações na justiça (daí o cuidado maior ao se referir à Umbanda, ao Candomblé e ao Espiritismo). Embora este tenha sido o ponto de tensão mais forte neste trecho há outros que também se verificaram. Resumindo-os, o que nos pareceu nessa interação é que a todo instante o pastor procurava tomar as rédeas da conversa, mas sempre era prejudicado pelos questionamentos do participante.

O pastor Marcelo Moraes procura incorporar a narrativa de sofrimento do participante no sistema de significação de mundo da Universal. Assim, ele procura associar o problema de saúde do participante ao fato dele não ter voltado ao templo da IURD, no que é interrompido pelo mesmo. Em seguida tenta ampliar os problemas do interlocutor, mostrando que eles não atingem apenas a saúde, mas também sua vida financeira e colocá-lo na condição de alguém já sem perspectiva. Novamente o participante discorda dizendo que não “entregou os pontos”. Ao fim da conversa, já demonstrando impaciência ele transfere a ligação para os pastores da produção. Este procedimento se repete em um exorcismo mal sucedido comandado pelo pastor Luciano

Machado em um programa sem nome transmitido do dia 13/07/2012.

Hora	Imagens/ descrição	Áudio
1h49	**Programa sem nome – 13/07/2012** No estúdio pastor Luciano Machado. No momento da oração de exorcismo ele estende a mão em direção à câmera. Legendas: 1 – Você que precisa de um milagre urgente ligue 33497390– 2 – Reunião dos Impossíveis: onde o milagre é natural – sábado, (horários)	(...) **Marlúcia**: você pode orar por mim? **Pastor Luciano Machado (doravante PLM)** (fala apontando a mão em direção a câmera): olha, feche os olhos, seja abençoada em nome de Jesus, seja livre de toda. **Marlucia** (grita): Ai! **PLM:** perturbação. Que todo mal some. Amiga? **Marlucia** (voz rouca): que que é? **PLM:** Olha aí, manifestou... em nome de Jesus todo mal some agora! **Marlucia** (voz rouca): o que cê quer com ela? **PLM:** pode sair já mandei... **Marlucia** (voz rouca)**:** que cê quer com ela? **PLM:** já mandei, pode sair, volta a amiga agora! **Marlucia** (voz rouca): o que cê quer com ela? **PLM:** volta amiga, vamo lá. **Marlucia** (voz rouca) o que cê quer com ela? **PLM:** fica na linha aí, ô produção, põe um pastor pra atender ela direitinho, aí na continuidade. Isso produção, muito obrigado. Você pode continuar ligando 33497390. **Veja bem, imagina, a gente tá aqui, aqui não dá para mim, pra gente fazer o programa e fazer todo o trabalho de libertação pelo programa. Mas você imagina, a gente tá aqui e a pessoa só de assistir o programa ela já manifesta.** Imagina o que não acontece quando essa pessoa participa dessa reunião sábado, que acontece a Reunião dos Impossíveis. O impossível pela vida sentimental, o impossível pela saúde, o impossível em todas as áreas. É forte, fala pra um pastor atender essa senhora agora, já cuidar dela porque o programa tem que dar continuidade, põe no telefone continue ligando 33497390. E você que acompanha a programação veja o resumo do que acontece aqui dia de sábado.

A tensão que emerge nesta participação ao vivo é de uma ordem diferente das anteriores. Nas primeiras a tensão relaciona-se à organização profissional e técnica do programa. Na segunda se origina na resistência do participante e recai em alguns momentos sobre o aspecto ético e moral das práticas da IURD. Já nesta última, o que está em xeque é o aspecto espiritual. Após insistentes ordens do pastor Luciano Machado para que o espírito maligno abandone a "amiga", ele desiste e pede a um pastor na produção que continue o "atendimento". Podemos olhar para este fato a partir de duas perspectivas que não necessariamente se anulam.

A primeira nos leva a pensar que o insucesso do pastor pode fazer surgir suspeitas sobre a efetividade das promessas feitas por ele durante o programa. Ou seja,

se não se consegue expulsar o espírito maligno que está na pessoa é porque os poderes que ele possui ou suas orações não seriam fortes o suficiente para combater o Mal. Já a segunda se coaduna com a justificativa do pastor Luciano Machado. Ou seja, vemos no insucesso do pastor um forte argumento para se fazer crer na existência das forças malignas, algo extremamente necessário a fim de que se tenha a adesão que a Universal busca em seus programas. Assim, o não expulsar os espíritos mostraria a força e também a importância de se ir a um templo da Universal. Ademais, é importante notar que o trabalho de exorcismo continuaria, ao menos se efetivada a promessa de que outro pastor assumiria a tarefa. Em termos de compromisso com o fiel, pode ser pouco importante o resultado final, uma vez demonstrado o interesse pelo caso, reafirmando o pressuposto de sempre se encontrar uma solução para os males.

Por fim, os casos apresentados, embora apontem para tensionamentos de ordens distintas, convergem para o fato de que têm no "ao vivo" sua condição de existência. A perspectiva do dispositivo nos leva a ultrapassar um tipo de raciocínio binário pelo qual se procura alocar os fenômenos do mundo em categorias como bom/mau, certo/errado, vantagem/desvantagem. Leva-nos a pensar como em um mesmo elemento se conjugam as "linhas de força" mais poderosas de um dispositivo, como também aquelas que em algum momento vão fazer emergir "linhas de fissura".

Assim, o ao vivo aqui é visto como uma poderosa linha de força do dispositivo religioso midiático que é a Programação IURD, que ao se lançar sobre o público corrobora para os complexos processos de subjetivação que ensejariam uma ida ao templo e possível adesão à Universal. Contudo, é nessa mesma linha de força, essencial para a estratégia iurdiana, que encontramos um possível ponto de fratura que pode vir instaurar crises com efeitos desastrosos para a IURD e o seu dispositivo religioso midiático. Os exemplos acima analisados, apesar de não chegarem à gravidade do "trote da bunda", são indícios claros disso.

Passaremos agora para o nosso último momento de análise, no qual nos debruçaremos sobre dois exemplos que se referem às narrativas que a IURD construiu sobre os seus 35 anos e também sobre seu líder máximo Edir Macedo.

4.8 – Os 35 anos da IURD ou o que a Universal conta de si

No dia 9 de julho de 2012 a Igreja Universal completou 35 anos de existência. Quando a primeira versão do projeto dessa pesquisa surgiu em 2011 cogitávamos a

elaboração de programas especiais à medida que a data se aproximaria, o que não aconteceu. Na *Folha Universal* e na *Folha de Portugal*, jornal impresso da IURD no país ibérico, o fato também não teve grande destaque[42]. Apenas no portal da Universal houve uma série de matérias relacionadas. Além disso, foi lançado o segundo volume da trilogia da biografia de Edir Macedo.

Na Programação IURD mineira nenhum programa especial foi produzido. O fato só foi lembrado na programação do dia 9 de julho nos programas *Nação dos Vencedores* e *Plantão da Fé* por meio de uma pequena chamada para a reunião especial de comemoração dos 35 anos. Abaixo segue a transcrição da chamada e o posterior comentário dos pastores Marcelo Moraes e Lopes, apresentadores da *Nação dos Vencedores*.

Hora	Imagens/Descrição	Áudio
1h39	**Nação dos Vencedores – 09/07/2012** Imagens do céu, globo girando, templo (imagens externa e interna de templo lotado), pastores pregando, pessoas vestidas de terno apertando as mãos. Mensagens que figuram na tela durante o VT: 1 - de um coreto para milhares. 2 - de uma cidade para 180 países. 3 - a grandeza de Deus. 4 - nossa força.	***OFF*** (música de suspense – voz masculina grave): De um coreto para milhares de templos, de uma cidade para 180 países. **Não há como barrar a grandeza de Deus para os que creem. As dificuldades e perseguições só aumentam a nossa força e você faz parte da nossa historia. Sua vitória é a nossa.** Assim como suas lutas e seus desafios também são nossos. Segunda feira, dia 9 de julho, vamos comemorar os 35 anos da Igreja Universal em uma reunião especial, **vamos determinar que esse progresso se estenda à sua vida e atinja com a mesma intensidade sua vida financeira e profissional.**
1h39	No estúdio – Pastor Marcelo Moraes e Pastor Lopes Legenda: 1 – Hoje dia 09/07 a IURD completa 35 anos – av Olegário Maciel, 1329 – Lourdes.	**Pastor Marcelo Moraes (doravante PMM):** olha são 35 anos que a Igreja Universal completa hoje, hoje. E... e 35 anos, quantas lutas nós passamos? Quantas dificuldades! **Pastor Lopes (PL)**: quantos desafios né pastor Marcelo? **PMM**: quantos problemas. **PL**: quantas adversidades levantaram? **Quantas perseguições, quantas pessoas desejaram e tentaram nosso mal, tentaram nos destruir!** **PMM**: quantas injustiças! Mas olha só onde nós chegamos: **de uma cidade para o mundo todo. A Igreja Universal hoje está em 180 países.** No Japão, na África, na China... no Japão, na África, nos Estados Unidos, em todos os países aqui da América. Na Argentina, na Bolívia, no Chile, no Paraguai, sabe? Quer dizer, na Ásia. Como? Nas Filipinas. (engasga) Em 180 países. E só não vamos... e só não estamos em outros países porque somos proibidos de entrar, senão já estaríamos lá também. **Então, o espírito do crescimento está com a gente. Por isso**

[42]Em ambos houve uma matéria sobre os 35 anos da Universal. O periódico português ainda dedicou seu editorial ao fato.

		que as pessoas chegam aqui e elas crescem. Elas chegam aqui no fundo do poço. (...) Uma coisa é certa: a sua vida financeira vai mudar. Você tá no fundo do poço, cê tá endividado, fracassado, falido, sem perspectiva? Hoje pode começar a sua mudança**. Há 35 anos atrás essa obra começou, começou numa praça, num coreto e olha pra onde foi, olha o que que aconteceu. Hoje é um dia especial, hoje não é um dia qualquer pra nós, hoje é um dia muito especial. Acompanhe a dona Vânia.**

O vídeo volta a ser exibido no *Plantão da Fé* e o pastor Diogo Brant faz uma breve alusão aos 35 anos, mas sem se prolongar, dizendo apenas: "35 anos de vitória, de conquista, de vitória e conquista através do sacrifício". Em seguida ele chama um testemunho sobre a campanha de Israel na Fé de Abraão. Não temos condições de afirmar com segurança o porquê de pouco se falar da data na Programação IURD. A hipótese que sustentamos é de que uma matéria longa ou uma edição dedicada ao tema, além de fugir do formato típico dos programas, não se encaixa no objetivo principal dos mesmos que é fazer com que o espectador vá a alguma das reuniões.

A breve chamada e o comentário do pastor pouco informam sobre a história da IURD, mas se encaixam na arquitetura narrativa dos programas constituindo-se como uma narrativa de sucesso tal como as dos testemunhos. Assim, fala-se da origem humilde (o começo no coreto e em apenas uma cidade) e da grandiosidade da IURD hoje (os milhares de templos, a presença em 180 países). Lembra-se das "dificuldades e perseguições" sem, no entanto, apontar-se alguma diretamente. Do mesmo modo, são convenientemente esquecidas as polêmicas que envolvem a IURD em relação a outras denominações religiosas. O mesmo verifica-se na fala dos dois pastores.

Em um comparativo com as demais narrativas de sucesso, a grande diferença é que enquanto nos testemunhos a IURD se narra por meio deles ao mostrar o sucesso alcançado após a ida a alguma reunião, nesse caso ela se torna personagem e narradora da própria história. É ela que testemunha, seja na chamada que é impessoal ou na voz dos pastores. Permanece o foco em se convencer o espectador a ir a algum templo. É o que se percebe na analogia da história da IURD com a de seus fieis, conforme é dito pelo pastor Marcelo Moraes: "o espírito do crescimento está com a gente. Por isso que as pessoas chegam aqui e elas crescem" (NAÇÃO DOS VENCEDORES, 09/07/2012, 1h39). Assim, tal como a IURD e os seus fieis, o espectador também pode ter sua vida modificada caso busque este "espírito do crescimento" que está com ela.

O exemplo acima consiste em um dos poucos casos em que a Universal fala de

sua história em seus programas. Essa prática se repete apenas quando se remete a Edir Macedo. Em todas as edições do programa *Casos Impossíveis* trechos de uma matéria sobre a prisão de Macedo são transmitidos. No dia 13/07/2012 a matéria referida foi exibida por completo. Vejamos abaixo a transcrição de alguns trechos.

Hora	Imagens/ descrição	Áudio
4h40	**Casos Impossíveis – 13/07/2012** Matéria sobre a prisão de Edir Macedo. Voz feminina em *off*. 1 – Fundo preto com luz branca e azul. Mensagem na tela: "a injustiça é um espírito. Ela mata o que fez a injustiça e tira a vida do injustiçado – Bispo Edir Macedo". 2 – Imagens de Edir Macedo pregando no templo. 3- Imagens de simulação que mostra Edir Macedo mais jovem no templo e depois sendo levado pela polícia para a prisão. 4 – Imagens de Viviane, filha de Edir Macedo. 5 – Imagens dos carros de polícia saindo e de Edir Macedo sendo levado preso. 6 – Edir Macedo e a esposa dentro do carro (imagens mais recentes – não é simulação) – Simulação: imagens da política chegando à igreja e de Macedo sendo preso. 7 – Imagens de carros e de Macedo na delegacia. 8 – Imagens de Macedo (recentes) dentro carro com a esposa. 9 – Imagens dos carros de polícia. Imprensa na porta da delegacia. 10 – Mulher idosa fala sobre o caso.	1 - ***OFF***: a injustiça é um espírito: ela mata o que fez a injustiça e tira a vida do injustiçado. O homem dono dessas palavras fala com propriedade sobre injustiça, uma dor que ele próprio sentiu na pele. 2 -**Macedo**: É a chama de Deus, Deus quer fazer coisa grande na sua vida, mas você tem que abrir sua cabeça. 3 – ***OFF***: 24 de maio de 1992, uma tarde de domingo como todas as outras ou, pelo menos, parecia. Edir Macedo tinha acabado de sair de um culto neste templo em Santo Amaro na zona sul de São Paulo. De repente, tudo se transforma. **Uma cena de violência que parecia novela. Edir Macedo, a esposa e a filha estão cercados. Era a prisão do líder da Igreja Universal do Reino de Deus.**. Viviane, a filha mais nova, se emociona ao lembrar daquele dia. 4 – **Viviane**: **a dor é muito grande, muito grande.** Só quem... só quem vive aquilo que sabe o que é realmente. (...) *5* - ***OFF***: o bispo foi levado até o departamento de investigações criminais de São Paulo e depois transferido para a cela de uma delegacia. 6 - **Macedo**: ou melhor, o que **eu senti aquela revolta**, eu senti a revolta. (...) **E eu não sabia porque eu estava sendo sequestrado.** Por quê? Preso não havia razão. 7 - ***OFF***: (...) 8 - **Macedo**: a quem eu ultrajei? A quem eu roubei? A quem eu fiz mal? **A pergunta é essa: a quem eu fiz mal? Quem foi prejudicado através do meu trabalho, do meu ministério.** Quem? A igreja tem... existe há 30 anos. Há 30 ano que a igreja existe. E ela só cresce, só cresce, só cresce, só cresce. Então, se eu... se eu sou uma pessoa que é... que prejudica, que explora o pobre. Então, porque que ela cresce? 9 -***OFF***: A prisão de Edir Macedo foi um acontecimento. O entra e sai de políticos e gente da Universal na delegacia era grande. 10 -**Mulher idosa**: se ele tivesse roubado**, tirado das**

		pessoas assim com as própria mão dele pode ser que ele tivesse culpa.
	11 – Imagens de Macedo atrás das grades na prisão.	11 - ***OFF***: dois dias depois de preso Edir Macedo falou com a imprensa.
	12 – Edir Macedo na prisão atrás das grades (imagens reais).	12 - **Macedo**: estou sendo muito bem tratado melhor do que eu merecia, melhor do que eu mereço. (corte) **Porque eu sinto é justamente isso, é um... eu sinto esse batismo de fogo. Eu me sinto como... eu não mereço, mas eu me sinto como um apóstolo porque estou sentindo o que eles sentiram na sua época**. (corte) Né, no momento a gente pode nem entender a situação, mas... eu tenho certeza que isso aqui é para o bem., é para o bem da igreja, é para o bem da obra que nós abraçamos, é para o bem da fé
	13 – Imagens de Lula na época. E imagens do Maracanã lotado. Pessoas chorando.	13- ***OFF***: naquela época Luiz Inácio Lula da Silva questionou a prisão do bispo Edir Macedo.
	14- Imagens de Lula na época. Maracanã lotado e pessoas chorando.	14 - **Lula**: é... prender sob o argumento de que ele está enganando as pessoas com a sua religião ou coisa parecida **eu acho um absurdo porque as pessoas tem fé naquilo que querem ter fé**. (...)Ou seja, e pode se discutir o critério pelo qual o juiz julga de charlatanismo... (...) o bispo dizia: **bom, e as pessoas que fazem romaria, as pessoas que acreditam em outro tipo de santo, ou seja, também não estão sendo vítimas de charlatanismo?**
	15 – Imagens de carros de polícia.	15 – ***OFF***: o primeiro pedido de *habeas corpus* para Edir Macedo foi negado pela justiça.
	16 – Alguém ligado a Macedo (provavelmente seu advogado) em meio a vários microfones.	16 - **Pessoa ligada a Macedo**: é uma perseguição política, empresarial e religiosa.
	17 –Macedo dentro da cadeia (simulação). Imagem ampliada de trecho de documento sobre a prisão dele.	17 – ***OFF***: No documento o juiz responsável afirma: **convenço-me sobre os nefastos e malsinados efeitos que redundam da eventual liberdade do agente, propagando-se a doutrina e contando com a colaboração de massas enfileiradas de pessoas incautas e incultas, com propósito mercantilista.**
	19 – Pessoas na rua protestam sobre a prisão de Macedo durante o dia e a noite. Simulação com ator na cadeia representando Macedo e ledo a bíblia.	19 – **Pessoas**: queremos justiça! Queremos justiça! ***OFF***: o desejo de justiça não partiu apenas do injustiçado. **Três mil fieis das principais igrejas evangélicas protestaram em frente à Assembleia Legislativa de São Paulo**. Depois de onze dias preso o processo contra Edir Macedo foi arquivado por falta de provas. (...)
	20 – Imagens que ilustram o que é dito em *off:* Macedo pregando; o coreto onde a igreja começou; gráfico que compara a IURD com o McDonalds; Multidão; prédio da Record; Macedo caminhando.	20 – ***OFF***: a popularidade e o sucesso de Edir Macedo chamaram a atenção e a inveja de muitos. Mas o líder da Igreja Universal do Reino de Deus passou a ser respeitado por milhares de fieis e autoridades. É ouvido e lido na internet. **O *blog* de Edir Macedo recebe cerca de 7 milhões de visitas por mês e é traduzido para o inglês e o espanhol. A Igreja Universal nasceu num coreto de praça no Rio de Janeiro onde Edir Macedo fazia pregações há 30 anos. Hoje os templos da Igreja Universal estão espalhados por 172 países, uma presença**

	Legenda: a injustiça sofrida por Bispo Macedo.	**maior do que multinacionais como o McDonalds que abriu lojas em 115 países. E a igreja só faz crescer, em breve São Paulo vai ganhar uma réplica do lendário templo de Salomão com capacidade para 10 mil pessoas sentadas. O faro como empresário também é uma característica marcante. Em novembro de 89, Edir Macedo comprou a TV Record, uma TV a beira da falência que mais tarde se transformaria na segunda maior rede de televisão do país**. Entre glórias e injustiças Edir Macedo sempre tirou grandes lições.
	21 – Foto de Macedo com texto de sua fala surgindo na tela enquanto é dito.	21 - **Macedo**: eu dou graças a Deus pelo que... pelo que está acontecendo comigo. Porque é como o disse o apóstolo Paulo: 'Tudo colabora para o bem daqueles que amam a Deus'. **Então, essa minha prisão preventiva certamente vai colaborar pra alguma coisa grande mais pra frente**. (...)

Nos demais programas em que foi veiculada, a matéria é exibida até a fala de Lula. Em seguida o pastor Rafael Valente faz um breve comentário enfatizando que assim como Edir Macedo passou por um "batismo de fogo" que foi fundamental para a trajetória de sucesso dele e da Igreja Universal os espectadores também poderiam receber o mesmo batismo caso participassem da reunião de sábado. Ao passarem pelo batismo de fogo a promessa é de que eles teriam suas vidas transformadas e alcançariam o sucesso nos mais variados segmentos de suas vidas.

Interessante notar que o acontecimento que fundamenta a realização da cerimônia não vem diretamente de um texto bíblico. Este apenas dá o nome e serve de mecanismo explicativo que dá conta do que aconteceu com Macedo. O acontecimento que fundamenta a reunião não está situado em um tempo longínquo, mas no próprio tempo que o fiel vivencia. As histórias do líder da Universal e da sua igreja (ver o outro exemplo) se transformam em uma narrativa cujas características nos lembram das narrativas sagradas e dos mitos.

Na história da Universal, que se mescla com a de Macedo, a pregação no coreto é o momento fundante. A recorrente comparação com a dimensão da IURD na atualidade mostra o seu crescimento, visto como sinal das bênçãos de Deus, como afirma o pastor Marcelo Moraes no outro exemplo. A prisão de Edir Macedo, por sua vez, ganha os contornos da narrativa de um mito etiológico ao atuar como acontecimento sagrado que funda um determinado ritual da igreja. Além disso, é importante frisar que tal como a chamada para os 35 anos da Universal a matéria acima se encaixa nas narrativas de sucesso pelas quais se busca convencer o público a ir a

algum dos cultos promovidos pela denominação.

No presente caso, Macedo e a Universal se misturam como protagonistas da história narrada. Os conflitos enfrentados, os apoios recebidos tanto da população quanto de personalidades políticas e a posterior liberação de Macedo são as "provas" de sua inocência e de seu sucesso. Ao final da matéria desloca-se o foco no aspecto religioso para outras áreas, haja vista que além da construção da réplica do templo de Salomão, Macedo é uma celebridade na internet e ainda tem "faro empresarial", o que é comprovado pela aquisição da Record e na posterior transformação dessa emissora em uma das principais no país. Esse destaque do lado comercial permanece até mesmo quando se fala da presença internacional da IURD quando é comparada com o McDonalds.

As referências na matéria a dimensões que não são propriamente do universo religioso na tessitura da narrativa que trata de acontecimentos da história da IURD nos remete a outras narrativas que analisamos neste trabalho. Parece haver uma insuficiência do ponto de vista da dimensão religiosa no reconhecimento da grandeza da IURD. Ainda que ela permaneça como o alicerce que sustenta os mundos que as narrativas iurdianas constroem é preciso argumentar com o sucesso em outras dimensões para que o religioso venha a prevalecer posteriormente. Assim, procuram-se no apoio de personalidades do mundo político (Lula), no "faro empresarial" de Macedo (a compra da Record) e em comparações com o McDonalds as provas do sucesso da IURD. Sucesso alcançado graças às bênçãos de Deus, que as narrativas sugerem serem transmissíveis diretamente pela opção em seguir a IURD, adequando-se às suas exigências terrenas, como os sacrifícios financeiros por meio de doações que, afinal, seriam modos de alcançar prosperidade ainda maior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Narrativa, dispositivo e experiência. Três conceitos que colocamos em diálogo a fim de construir um olhar sobre a Programação IURD. Deslocamento esse que buscamos com o objetivo de ir além de uma análise de (possíveis) efeitos da Programação IURD sobre seu público. As histórias de outras donas Maria, personagem fictícia a que fizemos alusão em nossa introdução, continuam no mundo da ação efetiva. Mas essas são narrativas de vidas que o nosso olhar não alcança e qualquer avaliação nesse sentido incorreria em um sério risco de imprecisão. A refiguração das narrativas pelo público é pressuposto teórico, mas não nosso objeto de estudo.

Com perdas e ganhos que a metodologia e o foco analítico implicam debruçamo-nos sobre as narrativas midiático-religiosas da Igreja Universal do Reino de Deus ou, como aludimos no título, às narrativas do Reino. Isto nos levou a um segundo deslocamento. A perspectiva abrangente e multifacetada que a noção de dispositivo oferece, principalmente nas visões de Foucault e Deleuze, permitiu-nos aproximar o conceito ricoeuriano de narrativa ao de dispositivo. Assim, dispomo-nos a analisar as narrativas da Programação IURD procurando observar não apenas as "linhas de força" e "curvas de visibilidade", mas também os silêncios e possíveis "linhas de fratura".

Chamou-nos a atenção o fato de os programas terem diferenças mínimas entre si (temas, apresentadores, um ou outro quadro) e de um mesmo formato básico que leva em conta testemunhos, comentários sobre problemas e (ou) participações por telefones se repetir em todos eles. Embora alguns façam uso de quadros distintos, os programas possuem uma arquitetura narrativa comum em que "narrativas de fracasso" se conjugam a "narrativas de sucesso", promessas e convites para participarem dos cultos. Busca-se, portanto, uma identificação por parte do espectador com os problemas retratados nas "narrativas de fracasso". A promessa situa-se entre as duas narrativas aproximando o público das mesmas. Nela anuncia-se que problemas como aqueles também podem ser superados.

As "narrativas de sucesso" apresentam a história de alguém que passou por situações de sofrimento semelhantes às narradas anteriormente, mas com um desfecho distinto. Após chegar ao "fundo do poço" surge um ponto de virada na história, que corresponde à ida a algum templo da Universal e consequente realização de algum sacrifício. O personagem tem sua vida transformada, os problemas resolvidos e o sucesso alcançado em todas as áreas da sua vida. A relação que procura se instaurar com

o público aqui é de projeção, evidenciando que este também pode ter sua vida modificada caso vá a alguma reunião da IURD. Convite que é feito nas legendas que passam na tela enquanto os testemunhos são exibidos e também pelo pastor após o VT.

Essa "arquitetura narrativa" serve de base para os programas que integram a Programação IURD e podemos vê-la como uma poderosa linha de força que os sustenta. Tais narrativas, sejam elas de um tipo ou de outro, tocam em várias dimensões da vida humana. Assim, problemas financeiros, afetivos, causas emperradas na justiça, doenças e perturbações espirituais constituem as temáticas abordadas nos programas e também das reuniões nos templos. Embora constitua um problema à parte, a dimensão espiritual atua como mecanismo explicativo para as demais.

O que a IURD deixa ver em suas narrativas é um mundo cuja fundamentação se dá na luta constante entre as forças divinas e os espíritos malignos pelos seres humanos. Nessa guerra ou se está de um lado ou de outro. Estar junto à Universal é estar com Deus e participar das batalhas lutando pelo Bem. Os demais estão condenados a serem perturbados pelos espíritos malignos em diversas áreas de suas vidas. Não é apenas a salvação que está comprometida. Salvação que curiosamente não é citada nos programas, ponto a que voltaremos em breve. Por ora, é importante frisar que todos os males vivenciados pelos indivíduos são atribuídos a tais forças, que também são chamadas de "encostos".

Os encostos se personalizam nas entidades das religiões mediúnicas, cujos espíritos se metamorfoseiam em demônios nas narrativas iurdianas. O povo de santo e os espíritas, ainda que bem intencionados, servem na verdade às forças do Mal e além de destruírem a vida alheia trazem desgraças para a sua própria vida. Relacionamentos amorosos que não dão certo, causas na justiça que não saem há anos, doenças incuráveis, vícios e falta de dinheiro são sinais de que tais forças estão atuando na vida de alguém e minando a sua existência.

A solução: procurar um templo da Igreja Universal onde o espectador aprenderia a usar a sua fé. Como é destacado em um dos programas, não basta ter fé, é preciso "saber usá-la". A fé emerge como uma energia mística que criaria uma "blindagem espiritual" contra qualquer Mal. Como podemos ver, as narrativas, bem como as abordagens dos pastores, são fortemente individualizadas e tem um forte tom de culpabilização. O sucesso ou fracasso são de responsabilidade do indivíduo. Ele é quem escolhe sofrer e ser afetado pelos espíritos malignos ou prosperar estando do lado da Universal. Esse aspecto faz mais sentido se considerarmos como esta dimensão está

articulada à teologia da prosperidade da forma como a Universal a absorveu no Brasil. Bastaria o indivíduo fazer seu sacrifício/ oferta e determinar pela palavra que Deus se sentiria na obrigação de atender ao seu pedido.

Esta atitude corresponde a uma das formas pelas quais a IURD ensina os seus fieis a usar a fé de modo a se proteger do Mal e prosperar nas mais variadas áreas de suas vidas. Assim, na guerra espiritual, aos trabalhos dos encostos a Universal responderia com o seu "trabalho de luz", o que caracteriza, juntamente com os outros elementos já apontados, o sincretismo com as religiões mediúnicas. Mas um sincretismo que não apenas absorve práticas, rituais e simbolismos, mas também inverte o seu sinal valorativo, demonizando-os.

Este é um ponto polêmico que identificamos como linha de fratura ao percebermos que a Universal evita fazer referências diretas à Umbanda e ao Candomblé principalmente. Mesmo quando se critica procura-se fazer concessões a exemplo de uma situação em que se diz que "não se tem nada contra os pais de santo", apesar de se exaltar a conversão de um deles ou de quando o pastor Marcelo Moraes se refere aos espíritas dizendo que embora façam "muita caridade" eles servem aos espíritos malignos. Uma hipótese para o cuidado em relação às igrejas cristãs e as incontáveis referências indiretas negativas às três religiões que citamos pode ter como objetivo evitar processos na justiça. Isso explicaria, por exemplo, o fato de um dos pastores dizer que sabia o nome da entidade que possuía a pessoa que participava por telefone, mas que não poderia revelar ao vivo.

Outro ponto de tensão emerge de uma participação ao vivo quando se contestam os pedidos de dinheiro no templo. Nas narrativas em que as pessoas mostram os resultados após terem aprendido a usar a fé elas sempre mencionam os sacrifícios que realizaram para firmar seu pacto com Deus. A lógica, como já dito, consiste no fato de que ao se fazer o pacto e cumprir a sua parte, Deus se veria obrigado a agir e, consequentemente, também fazer a parte que lhe cabe. Assim, mais do que oferecer proteção, Ele faria a pessoa prosperar em todas as áreas de sua vida. Curiosamente, em nenhum momento se fala o que consistiria esse sacrifício. Não obstante, sabe-se que tais pedidos de dinheiro durante os cultos são comuns e consistem no sacrifício falado, daí o participante questionar ao que o pastor não deu seguimento ao assunto.

O silêncio sobre este ponto parece denotar uma tentativa de se procurar evitar, tal como ocorre quando se trata das referências às religiões mediúnicas, tocar em temas que poderiam vir a prejudicar a imagem da IURD e reforçar uma ideia que se tem dela e

que aparece em falas como “e depois a gente que é ladrão”, proferida por um dos pastores. Desse modo, faz-se o possível para se afastar de tais pontos de tensão que poderiam levar a linhas de fissura.

Notamos muitas vezes que as linhas de força vêm a se constituir simultânea e dialeticamente às linhas de fissura desse dispositivo religioso midiático e da própria IURD. Este é um aspecto interessante que a noção de dispositivo nos permite entrever. Assim, se por um lado os pedidos de dinheiro e as referências negativas são, por motivos distintos, importantes para a lógica que sustenta a existência da Universal, por outro eles são pontos que a levam constantemente a sofrer críticas e a se envolver em polêmicas. O mesmo vale para a questão do ao vivo, que tem a vantagem de favorecer o despertar de sensações como as de liberdade, proximidade e confiança, mas ao mesmo tempo pode vir a colocar os pastores em situações delicadas, como a do participante que questionou os pedidos de dinheiro, falhas técnicas, o exorcismo mal sucedido e brincadeiras, como o já citado “trote da bunda”, que diferentemente dos demais, ocorreu na edição paulista do *Fala Que Eu Te Escuto*.

Outro questionamento que emergiu no decorrer da análise diz respeito aos rituais religioso-midiáticos. Na parte teórica ao percorrer os conceitos mais utilizados para dar conta das conexões entre mídia e religião questionamos se da mesma forma que podemos falar em midiatização da religião seria correto utilizar o termo sacralização da mídia. As limitações e o foco do presente estudo não nos autorizam a dar uma resposta definitiva à questão. As referências a outros universos que não os estritamente reconhecidos como religiosos na Programação IURD, bem como o fato de depois da mesma entrar no ar programas não-religiosos, impedem-nos de falar de uma total sacralização da mídia.

O que observamos, portanto, foi a emergência de “pontos de sacralização” nos quais as narrativas religioso-midiáticas medeiam uma experiência que a um só tempo é religiosa e midiática. É uma “religião de contato” (FAUSTO NETO, 2003) que emerge no tomar o copo com água abençoada, no colocar a mão na tela ou observar um exorcismo. Rituais que antes pediam uma simultaneidade espacial e temporal se reconfiguram e a ênfase neste contato a nosso ver atua como um substituto em tais experiências. Não obstante, eles figuram na Programação IURD como um paliativo, uma experiência religiosa insuficiente, visto que o ritual mais importante consiste naquele que ocorre no templo.

Outro ponto importante a se destacar foi o pouco destaque dado à comemoração

dos 35 anos da Universal. As referências ao fato e o tratamento dado a Macedo na matéria sobre sua prisão demonstram que a prioridade do programa é antes tentar convencer o espectador a frequentar uma reunião da IURD do que propriamente informar ou mesmo discutir passagens da Bíblia. Os dois quadros atuam como narrativas de sucesso, inserindo-se na arquitetura narrativa dos programas. Nesse sentido, qualquer ato considerado hostil à Universal e ao seu fundador são narrativamente apresentados como violências injustificáveis que são transformadas em oportunidade de reforçar o poder da fé e os "testes de resistência", como na afirmação de Macedo de que passou por um "batismo de fogo".

De uma forma geral, as narrativas da Programação IURD têm pouca informação sobre a história da Universal. Outras vidas são narradas e é nelas que a Universal se narra. Nas ofertas de curas e milagres, nas batalhas contra os espíritos malignos e nas referências e comparações com o mundo empresarial um aspecto fundamental no discurso religioso cristão fica em segundo plano, qual seja: a preocupação com a salvação. A Universal soluciona problemas pontuais, oferta "trabalhos de luz", presta serviços espirituais, sugerindo, no máximo, que a salvação não constituiria projeto para o futuro, mas soluções para os diversos problemas presentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é um dispositivo?** Outra Travessia, Florianópolis, nº 5, 2005, p. 9-16.

_____, **Profanações.** São Paulo: Boitempo, 2007.

ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo B. Mídia: um aro, um halo e um elo. In: GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera (orgs). **Na mídia, na rua –** narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ARCA UNIVERSAL. IURD: 35 anos de sacrifícios e uso inteligente da fé. Disponível em: http://www.arcauniversal.com/noticias/brasil/noticias/iurd-35-anos-de-sacrificios-e-uso-da-fe-inteligente-13131.html. Acesso: 12/08/2013

ASSMANN, Hugo. **A Igreja Eletrônica e seu impacto na América Latina.** Petrópolis (RJ): Vozes, 1986.

BATISTA JR, João. Novo templo da Igreja Universal causa imbróglio com a receita federal. **Veja Sp**. http://vejasp.abril.com.br/materia/construcao-templo-salomao-igreja-universal. Acesso: 18/02/2014.

BERGER, Peter. **Rumor de Anjos**: A sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. Petrópolis (RJ): Vozes, 1996.

BAUBERÓT, Jean. O Protestantismo. In: DELUMEAU, Jean. **As grandes religiões do mundo.** Trad. Pedro Tamen. Lisboa, Editorial Presença, 1997.

BRUCK, Mozahir Salomão**. A notícia como dispositivo de enunciação contemporâneo**. In: Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho de Estudo do Jornalismo do XX Encontro da Compós. Porto Alegre, 2011.

CÁDIMA, Francisco Rui. O dispositivo televisivo. In: CÁDIMA, Francisco Rui. **O fenômenos televisivo.** Lisboa: Círculo de leitores (1995). Disponível em: http://www.fcsh.unl.pt/cadeiras/httv/artigos/O%20dispositivo%20televisivo.pdf

CAMPOS, Leonildo Silveira. Evangélicos e Mídia no Brasil – Uma História deAcertos e Desacertos. In: **Rever** (Revista de Estudos da Religião). São Paulo, ano 8, set 2008. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv3_2008/t_campos.pdf Acesso: 20/07/2013.

CAMPOS JR, Luís de Castro. **Pentecostalismo**: As Religiões na História.São Paulo (SP): Editora Ática, 1995.

CARVALHO, Carlos Alberto de. **A tríplice mimese de Paul Ricouer como fundamento para o processo de mediação jornalística**. *In*: trabalho apresentado no GT de Estudos do Jornalismo do XIX Encontro da Compós, Rio de Janeiro, 2010.

CORTON, André; DOZON, Jean-Pierre; ORO, Ari Pedro (orgs). **Igreja Universal do Reino de Deus: Os novos conquistadores da fé.** São Paulo, Paulinas, 2003.

CESAR, Constança Marcondes. O problema do tempo. In: CESAR, Constança Marcondes (org). **Paul Ricoeur: ensaios.** São Paulo: Paulus, 1998.

CEZAR, Temístocles. Estruturalismo e Pós-estruturalismo na perspectiva do conhecimento histórico. In: **Anos 90 –** Revista do Programa de Pós-graduação em História/ UFRGS, n 4, v. 3, 1995.

CUNHA, Magali do Nascimento. **O conceito de Religiosidade Midiática como atualização do conceito de Igreja Eletrônica em tempos de cultura gospel**. In: Anais do XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, set, 2002.

_____, Magali do Nascimento. **A explosão gospel:** Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X: Instituo Mysterium, 2007.

DELEUZE, Gilles. O que é dispositivo? In DELEUZE, Gilles. **O mistério de Ariana**. Ed. Vega – Passagens . Lisboa, 1996. Texto disponível em: http://www.ufes.br/ppgpsi/files/textos/Deleuze%20-%20O%20que%20%C3%A9%20um%20dispositivo.pdf . Acesso: 20/07/2012

DEWEY, John. **A arte como experiência.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DOMINGO ESPETACULAR, **Reportagem sobre Valdemiro Santiago.** Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=0-Jhvh8UPD8. Acesso: 12/08/2013

DUARTE, Elizabeth Bastos. **Televisão: ensaios metodológicos.** Porto Alegre: Sulina, 2004.

_____, Elizabeth Bastos. Televisão: novas modalidades de contar as narrativas. In: **Contemporânea.** Vol 10, nº 02. maio-agosto de 2012. Disponível em: http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/viewArticle/6015. Acesso: 01/11/ 2012.

ECO, Umberto. **Viagem na Irrealidade Cotidiana.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____, Umberto. **Obra Aberta.** 8ed.São Paulo: Perspectiva, 1991.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: a essência das religões**. Lisboa (Portugal):Edição Livros do Brasil, s.d.

_____, Mircea. **Mito e Realidade.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 1972.

FAUSTO NETO, Antônio. Religião do contato: estratégias dos novos "templos midiáticos"**.** *In:* **Emquestão** – Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Vol. 2, n 1(jan./jun 2003), p. 163-182.

_____, Antônio**.** Fragmentos de uma analítica da midiatização. *In:* **Revista Matrizes**, nº

2, Abril, 2008 – pp 89-105

FELTRIN, Ricardo. Fala Que Eu Te Escuto vence Globo e fica em primeiro no IBOPE. In: UOL NOTÍCIAS OOOPS Disponível em: http://noticias.uol.com.br/ooops/ultnot/2009/05/13/ult2548u732.jhtm. Acesso: 13/08/2013.

_____, Ricardo. Universal injetou R$ 482 milhões na Record em 2010. In: UOL NOTÍCIAS OOOPS. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po1506201116.htm. Acesso: 07/01/2014

FERREIRA, Jairo. Uma abordagem triádica dos dispositivos midiáticos.In:**Líbero (FACASPER)**, v. 1, p. 1-15, 2006.

FOLHA UNIVERSAL, 2012. Edição nº 1057. Disponível em: http://www.calameo.com/read/00072479775b06cfd1e09. Acesso: 20/09/2013.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 7º ed. São Paulo: Loyola, 2001.

_____, Michel. **A Arqueologia do saber.** 8º ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

GUTIÈRREZ, L. I. S**. Tele-fé: Religião Mediatizada**. Estratégias de Reconhecimentos de sentidos religiosos de telefiéis do canal Rede Vida de Televisão em Porto Alegre, RS. Tese de doutorado apresentada junto ao programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale dos Sinos – UNISINOS. São Leopoldo (RS), 2006.

IBGE. **Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião**. Disponível em:http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2170&id_pagina=1**.** Acesso: 05/11/2012

JÍMENEZ, Keila. Prestes a sair da Band por baixa audiência, RR Soares diz que ibope é coisa do "capeta". In: OUTRO CANAL, blog Folha UOL: Disponível em: http://outrocanal.folha.blog.uol.com.br/arch2011-08-14_2011-08-20.html. Acesso: 05/11/2012.

JORNAL NACIONAL. Emissora de televisão nega superfaturamento. Disponível em: http://jornalnacional.globo.com/Telejornais/JN/0,,MUL1273637-10406,00-EMISSORA+DE+ELEVISAO+NEGA+SUPERFATURAMENTO.html. Acesso: 07/01/2014.

JOST, François. **Seis lições sobre a televisão**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2004.

_____, François. Novos comportamentos para antigas mídias ou antigos comportamentos para novas mídias? In: **MATRIZes**, Ano 4, n 2 jan./ jun. 2011, São Paulo, Brasil. Disponível em: http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/68/102. Acesso: 03/10/2013

KLEIN, Otávio. A gênese do conceito de dispositivo e sua utilização nos estudos midiáticos. In: **Estudos em Comunicação**, n. 1, p. 215-231, abr. 2007. Disponível em: http://www.ec.ubi.pt/ec/01/pdfs/klein-otavio-genese-do-conceito-de-dispositivo.pdf. Acesso: 01/08/2013.

KOYRÉ, Alexandre. **Do mundo fechado ao universo infinito.** 4º edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

LEAL, Bruno Souza. A experiência do telejornal: âncora naturalista. In: **Revista FAMECOS, nº 36.** Porto Alegre: agosto de 2008. Disponível em: http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/4415/3315 Acesso: 05/11/2012.

_____, Bruno Souza; VALLE, Flávio. O telejornalismo entre a paleo e a netovê. In: **Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura**. Vol. 5, n 1, 2 (2007). Disponível em: http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3513/2567. Acesso em 03/10/2013

MACEDO, Edir. **Homossexualismo.** Bispo Edir Macedo, 6 fev, 2010. Disponível em: http://www.bispomacedo.com.br/tag/homossexualismo. Acesso:20/01/2014

MAFRA, Clara. **Os evangélicos.** Coleção Descobrindo o Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

MALHEIROS, Celso A. Religião e TV: um estudo de programas neopentecostais. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2008.

MARIANO, Ricardo. **NeoPentecostais***:* sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.

_____, Ricardo. **NeoPentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2012.

_____, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. In: **Estudos Avançados**, v. 18, n 52, 2004.

MARTIN-BARBERO, Jesus. Secularizacion, desencanto y reencantamiento massmediatico. **Dialogos de lacomunicación**, 41, mar. 1995. p. 71-81.

MARTINO, Luiz Mauro. Mediação e midiatização em suas articulações teóricas e práticas: um levantamento de hipóteses e problemáticas. In: JANOTTI JUNIOR, Jeder, MATTOS, Maria Ângela, JACKS, Nilda (orgs). **Mediação e Midiatização:** livro Compós, Salvador: EDUFBA, 2012, Brasília: COMPÓS, pp. 219-244.

MATOS, Henrique Cristiano José. **Introdução à História da Igreja.** Belo Horizonte: Editora O Lutador, 1987.

MENDES, Breno. Relações de força e relações de sentido. In: Revista de Teoria da

História Ano 2, Número 5, junho/ 2011. Disponível em: http://revistadeteoria.historia.ufg.br/uploads/114/original_Artigo_7._MENDES.pdf?1325210497. Acesso: 26/08/ 2013

MICHAELIS, Dicionário Online. Consulta. Disponível em http://michaelis.uol.com.br/. Acesso: 10/07/2013

MILLER, Toby. A televisão acabou, a televisão virou coisa do passado, a televisão já era. In: FREIRE FILHO, João (org.) A TV em transição. Tendências de programação no Brasil e no mundo. Porto Alegre: Ed. Sulina. 2009. pp. 9-25. Disponível em: http://www.tobymiller.org/images/espanol/A%20TV%20em%20trans%20NOTAS%20AJUSTADAS.pdf. Acesso: 20/05/2013.

MODESTO, Cláudia Figueiredo. 34 anos de evangelismo eletrônico. Observatório da Imprensa, 15/005/2012. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed694_34_anos_de_evangelismo_eletronico. Acesso: 12/08/2013

MOUILLAUD, Maurice. Da forma ao sentido. In: MOUILLAUD, Maurice, PORTO, Sérgio Dayrell. (orgs) **O jornal da forma ao sentido.** Brasília: Paralelo 15, 1997, pp. 29-36.

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro de. Religião e intolerância à homossexualidade: tendências contemporâneas no Brasil. In: In: SILVA, Vagner Gonçalves da (org). **Intolerância Religiosa**: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 2007.

ORO, Ari Pedro. Intolerância Religiosa e Reações Afro no Rio Grande do Sul. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (org). **Intolerância Religiosa**: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 2007.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado.** Lisboa: Edições 70, [s.d.]

PATRIOTA, Karla M.R. **Fala que eu te escuto**: Na era do entretenimento a doutrina é o espetáculo. In: trabalho apresentado na III Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (ECLESIOCOM). São Bernardo do Campo (SP), 2008. Disponível em: http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/d/dc/ECLESIOCOM_-_04_-_Fala_que_eu_te_escuto.pdf. Acesso: 29 de julho de 2013.

PRANDI, Reginaldo. Perto da magia, longe da política. In: PIERUCCI, AntônioFlávio; PRANDI, Reginaldo. **A realidade social das religiões no Brasil.** São Paulo, Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia da HUCITEC Ltda, 1996.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas (SP), Editora da Unicamp, 2007.

_____, Paul. **Do texto a acção:** ensaios de hermenêutica II: Porto, Res, 1991.

_____, Paul. **Tempo e Narrativa:** a intriga e a narrativa histórica – Tomo I. São Paulo, Martins Fontes, 2010a.

_____, Paul. **Tempo e Narrativa:** a configuração do tempo na narrativa de ficção – Tomo II. São Paulo, Martins Fontes, 2010b.

_____, Paul. **Tempo e Narrativa:** o tempo narrado – Tomo III. São Paulo, Martins Fontes, 2010c.

_____, Paul. Entre Tempo e Narrativa: concordância/ discordância. In: Revista **Kriterion,** nº 125**.** Belo Horizonte, pp. 299-310. Jun/ 2012.

SILVA, Mariana Maciel da. A chegada do protestantismo no Brasil imperial. In: **Protestantismo em Revista–** Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos da faculdade EST-EST. São Leopoldo (RS), v.26, set-dez 2011. http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/viewArticle/162. Acesso: 20/10/2013.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Prefácio ou Notícias de uma Guerra Nada Particular: Os Ataques Neopentecostais às Religiões Afro-brasileiras e aos Símbolos da Herança Africana no Brasil. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (org). **Intolerância Religiosa**: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 2007.

_____, Vagner Gonçalves da. Concepções religiosas afro-brasileiras e neopentecostais: uma análise simbólica. In: **Revista USP**, São Paulo, n.67, p. 150-175, setembro/novembro 2005. Disponível em: http://www.usp.br/revistausp/67/11-silva.pdf. Acesso: 15/09/2013.

SMART, Ninian**.The World's Religions**: Old Traditions and Modern Transformations. CambridgeUniversity Press, Cambridge, 1989.

SPADARO, Antônio. **Ciberteologia –** Pensar o Cristianismo nos tempos da rede. São Paulo: Paulinas, 2012.

TEIXEIRA, Faustino. O campo religioso brasileiro na ciranda dos dados. Entrevista especial com Faustino Teixeira", IHU UNISINOS. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/512819-o-campo-religioso-brasileiro-na-ciranda-dos-dados. Acesso: 12/08/2013.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho** – uma teoria da comunicação linear e em rede. Rio de Janeiro: Vozes, 2002

UNIVERSAL, Igreja. Mídias da Universal. Disponível em: http://www.universal.org/institucional/midias-da-universal.html. Acesso: 10/12/2013

WEBER, Max.**A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

ZUCKERMAN, Phil. **Atheism**: Contemporary Rates and Patterns. Cambridge:

Cambridge Press, 2007. Disponível em: http://www.pitzer.edu/academics/faculty/zuckerman/Ath-Chap-under-7000.pdf. Acesso: 01/11/2013